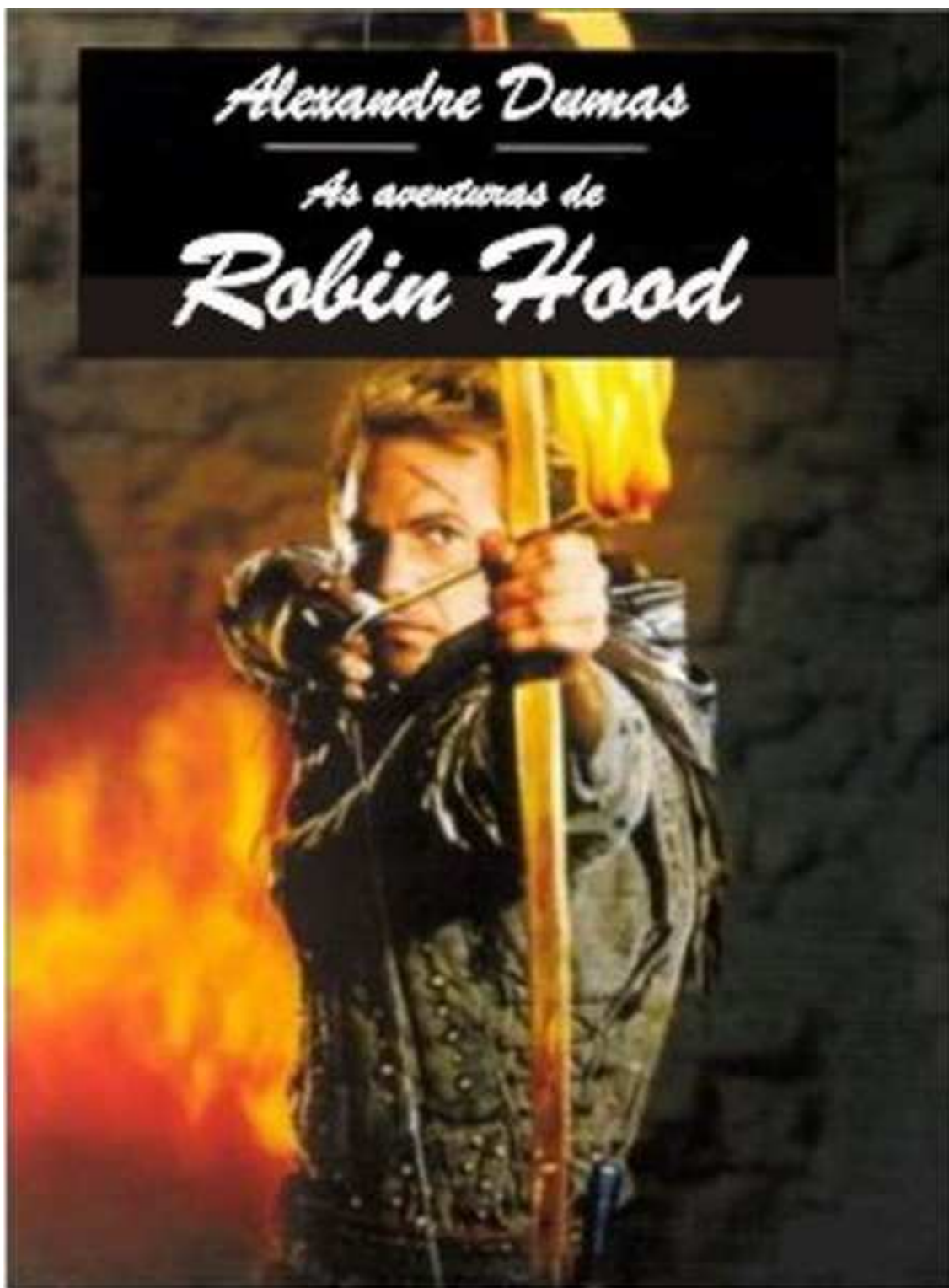




ROMANCES DE ALEXANDRE DUMAS



Volumes Publicados.

SÉRIE D'ARTAGNAN

- 1 — Os Três Mosqueteiros — 1º volume
- 2 — Os Três Mosqueteiros — 2º volume
- 3 — Vinte Anos Depois — 1º volume
- 4 — Vinte Anos Depois — 2º volume
- 5 — Vinte Anos Depois — 3º volume
- 6 — O Visconde de Bragelonne — 1º volume
- 7 — O Visconde de Bragelonne — 2º volume
- 8 — O Visconde de Bragelonne — 3º volume
- 9 — O Visconde de Bragelonne — 4.º volume
- 10 — O Visconde de Bragelonne — 5º volume
- 11 — O Visconde de Bragelonne — **6º volume**

SÉRIE ROBIN HOOD

- 12 — Aventuras de Robin Hood
- 13 — Robin Hood, o Proscrito

SÉRIE MEMÓRIAS DE UM MÉDICO

- 14 — José Bálamo — 1º volume
- 15 — José Bálamo — 2º volume
- 16 — José Bálamo — 3º volume
- 17 — José Bálamo — 4º volume
- 18 — O Colar da Rainha — 1º volume
- 19 — O Colar da Rainha — 2º volume
- 20 — Ângelo Pitou — 1º volume
- 21 — Ângelo Pitou — 2º volume
- 22 — A Condessa de Charny — 1º volume
- 23 — A Condessa de Charny — 2º volume
- 24 — A Condessa de Charny — 3º volume
- 25 — A Condessa de Charny — 4º volume
- 26 — O Cavaleiro da Casa Vermelha



ALEXANDRE DUMAS

AVENTURAS
DE
ROBIN HOOD

Edição Saraiva

Titulo original em francês
LE PRINCE DOS VOLEURS

Tradução de
AUGUSTO SOUSA

Ilustrações de NICO ROSSO

2ª edição

A propriedade literária desta tradução, realizada na íntegra do texto original francês, foi adquirida por
SARAIVA S. A

PREFÁCIO

A vida aventureira do outlaw (fora da lei, proscrito) Robin Hood, transmitida de geração em geração, tornou-se um assunto popular na Inglaterra, e contudo o historiador muitas vezes carece de documentos para retratar a curiosa existência do famoso salteador. Grande número de episódios relativos a Robin Hood apresentam características de verdade e lançam um brilho muito vivo sobre os costumes e hábitos do seu tempo.

Os biógrafos de Robin Hood não estão de acordo sobre a origem do nosso herói. Uns atribuíram-lhe nascimento ilustre, outros contestaram-lhe o título de Conde de Huntingdon, mas o certo é que Robin Hood foi o derradeiro saxão que tentou opor-se à dominação normanda.

Os sucessos integrantes da história que pretendemos contar, por muito plausíveis e admissíveis que pareçam, não passam talvez, por fim, de um resultado da imaginação, pois a prova material da sua autenticidade realmente não existe. A universal popularidade de Robin Hood chegou até nossos dias com toda a frescura e brilho da época em que nasceu. Não há um autor inglês que não lhe consagre algumas palavras amáveis. Cordum, escritor eclesiástico do século quatorze, chama-lhe ille famosissimus sicarius (o celeberrimo bandido), Major qualifica-o de humaníssimo príncipe dos ladrões. O autor de um curiosíssimo poema latino, datado de 1304, compara-o a William Wallace, o herói da Escócia. O célebre Gamden diz, falando dele: “Robin Hood é o mais galante dos bandidos”. Enfim o grande Shakespeare, em Como quisesse, desejando pintar o modo de viver do duque e aludir à sua felicidade, assim se exprime: “Lá está na floresta do Arden (das Arênnas), com um bando de homens joviais, onde vive à maneira do Velho Robin Hood de Inglaterra, deixando correr o tempo, livre de todo o cuidado como na época feliz da idade de ouro.”

Se quiséssemos enumerar aqui os nomes de todos os autores que fizeram o elogio de Robin Hood, cansaríamos a paciência do leitor; basta-nos dizer que em todas as lendas, canções, baladas e crônicas que dele falam, ele é apresentado como homem de fino espírito, de incomparável audácia e coragem. Generoso, paciente e bom, Robin Hood era adorado não apenas pelos seus companheiros (jamais foi traído ou abandonado por qualquer deles), mas também por todos os habitantes ao condado de Nottingham.

Robin Hood oferece o singular exemplo de um homem que, sem ter sido canonizado, dispôs de um dia de festa. Até ao fim do século XVI o povo, os reis, os príncipes e os magistrados, na Escócia e na Inglaterra, celebravam a festa do nosso herói por meio de jogos instituídos em sua honra.

A Biografia universal informa-nos ainda que o belo romance de Ivanhoé, de Sir Walter Scott, tornou Robin Hood conhecido na França. Mas, para apreciar a história dessa quadrilha de bandoleiros é necessário recordar que, desde a conquista de Inglaterra por Guilherme, as leis normandas sobre a caça puniam os caçadores furtivos com a perda dos olhos e a castração. Este duplo suplício, pior que a morte, obrigava os desgraçados que haviam incorrido nele a refugiar-se nos bosques, e a exercerem, como único recurso para viver, o próprio ofício que os colocara fora da lei. A maior parte desses caçadores furtivos pertencia à raça saxônia, esbulhada pela conquista, de modo que assaltar um rico senhor normando equivalia quase a recuperar os bens paternos. Esta circunstância, perfeitamente explicada no romance épico de Ivanhoé e no relato das aventuras de Robin Hood, não permite que se confundam os outlaws com os ladrões comuns.

O PRÍNCIPE DOS LADRÕES

I

ESTAVA-SE no reinado de Henrique II e no ano da graça de 1162. Dois viajantes de roupas imundas por uma longa caminhada e de faces extenuadas por uma longa fadiga, trilhavam certa tarde os exíguos atalhos da floresta do Sherwood, no condado de Nottingham.

Fazia frio, as árvores, nas quais começavam a despontar os débeis rebentos de março, tremiam ao sopro das últimas rajadas do inverno, e um escuro nevoeiro alastrava sobre a terra à medida que os raios do sol poente se apagavam entre as nuvens purpúreas do horizonte. O céu não tardou a enegrecer, e o vento que agitava a floresta parecia pressagiar uma noite tempestuosa.

— Ritson — disse o mais idoso dos viajantes envolvendo--se na sua capa, — está aumentando a violência do vento; será que a tempestade não nos vai surpreender antes da chegada, e estaremos realmente no caminho certo?

— Estamos no bom caminho, milorde — respondeu Ritson, — e se a memória não me falha, antes de uma hora bateremos à porta do guarda florestal.

Os dois desconhecidos caminharam em silêncio durante três quartos de hora, e o viajante a quem o companheiro dera o tratamento de milorde, perguntou impaciente:

— Tardaremos a chegar?

— Dentro de dez minutos, milorde.

— Bem e esse guarda florestal, esse homem a quem chamas Head, será digno da minha confiança?

— Inteiramente digno, milorde; Head, meu cunhado, é um homem rude, franco e honesto; ouvirá com respeito a admirável história inventada por Vossa Senhoria, e acreditará nela; ele não sabe o que é a mentira, nem sequer conhece a desconfiança. Repare, milorde! — exclamou alegremente Ritson, interrompendo o elogio do guarda; — repare naquela luz cujos reflexos douram as, árvores! Pois provém da casa de Gilberto Head. Quantas vezes na juventude saudei com alegria essa estrela do lar, quando à noite regressávamos fatigados da caça!

E Ritson parou um momento, sonhador e de olhos ternamente fixos naquela luz vacilante que lhe fazia evocar as recordações do passado.

— O menino dorme? — perguntou o fidalgo, pouco sensível às emoções do servidor.

— Está profundamente adormecido — respondeu Ritson, cuja face imediatamente assumiu uma expressão de completa indiferença; — e pela salvação da minha alma! Não compreendo como Vossa Senhoria se dá tantos trabalhos para conservar a vida de uma criaturinha tão prejudicial aos seus interesses. Se quer desembaraçar-se para sempre desse menino, porque não lhe enterrar duas polegadas de aço no coração? Estou às suas ordens, é só falar. Prometa-me como recompensa acrescentar o meu nome no seu testamento, e o pequeno dorminhoco nunca mais acordará.

— Cala-te! — atalhou bruscamente o fidalgo; — eu não desejo a morte desta inocente criatura. Posso temer vir a ser descoberto no futuro, mas prefiro as angústias do temor aos remorsos de um crime. De resto, tenho motivos para esperar, e até para crer que o mistério que envolve o nascimento desta criança não será jamais revelado. Se suceder o contrário só pode ser por traição tua, Ritson, e juro-te que todos os instantes da minha vida serão empregados numa rigorosa vigilância dos teus atos e gestos. Educado como um camponês, este menino não sofrerá com a mediocridade da sua condição; criar-se-á uma felicidade de acordo com as suas tendências e os seus hábitos, sem nunca lamentar o nome e a fortuna que hoje perde sem os conhecer.

— Seja feita a sua vontade, milorde! —olveu friamente Ritson; — mas o fato é que a vida deste menino não vale as canseiras de uma viagem de Huntingdonshire a Nottinghamshire.

Enfim, os viajantes apearam-se diante de uma linda casinhola, escondida como um ninho de ave num maciço da floresta.

— Olá, vizinho Head! — gritou Ritson em voz alegre e potente; — olá! abre depressa! Está chovendo a cântaros e vejo daqui arder o lume na tua lareira. Abre logo, amigo, é um parente que te pede hospitalidade!

Os cachorros rosnaram no interior da morada e o cauteloso guarda começou por perguntar:

— Quem bate?

— Um amigo.

— Que amigo?

— Rolando Ritson, teu cunhado. Abre logo, bom Gilberto.

— Rolando Ritson, de Mansfeld?

— Sim, sim, eu mesmo, o irmão de Margarida. Abre logo, com mil diabos! — gritou Ritson impaciente;

— à mesa nos explicaremos.

A porta abriu-se por fim e os viajantes entraram. Gilberto Head apertou cordialmente a mão do cunhado, e disse ao fidalgo, saudando-o com urbanidade:

— Seja bem-vindo, senhor cavaleiro, e não me acuse de ter infringido as leis da hospitalidade, se por alguns instantes mantive fechada a minha porta entre Vossa Senhoria e o meu lar. O isolamento desta casa e a vagabundagem dos fora da lei da floresta obrigam-me a ter prudência, pois não basta ser valente e forte para escapar ao perigo. Aceite portanto as minhas desculpas, nobre estrangeiro, e considere a minha casa como sua. Sentem-se ao lume e tratem de secar as roupas, pois vamos ocupar-nos das montarias. Olá, Lincoln! — berrou Gilberto entreabrindo a porta de um quarto próximo; — leva os cavalos destes viajantes para o telheiro, visto que a cocheira é pequena demais para os acolher, e vigia para que nada lhes falte: manjedoura atulhada de feno e palha até ao ventre.

Um robusto camponês vestido à moda florestal surgiu, logo em seguida, atravessou a sala e saiu sem mesmo relancear um olhar de curiosidade aos recém-chegados; uma linda mulher de trinta anos quando muito, veio depois oferecer as duas mãos e a fronte aos beijos de Ritson.

— Querida Margarida! Querida irmã! — exclamava este redobrando de carinhos e contemplando-a com uma ingênua admiração a que se misturava surpresa; — não mudaste nada! Tens a fronte tão pura, os olhos tão brilhantes, os lábios e as faces tão rosadas e frescas como quando o nosso bom Gilberto te fazia a corte.

— É porque sou feliz — respondeu Margarida lançando ao esposo um terno olhar.

— Podes dizer que somos ambos felizes — acrescentou o honrado guarda florestal; — graças ao teu bom gênio, Maggie, não tem havido amuos nem discussões em nosso lar. Mas agora chega de considerações e cuidemos dos nossos hóspedes... Vamos, cunhado e amigo, tira essa capa, e o senhor cavaleiro sacuda essa chuva que lhe regou a roupa como um orvalho matinal. Cearemos em seguida. Depressa, Maggie, um feixe, dois feixes de lenha na lareira, os melhores pratos na mesa e nas camas os lençóis mais brancos; depressa!

Enquanto a diligente senhora obedecia ao marido, Ritson jogou a capa para as costas e pôs a descoberto uma linda criança envolvida numa pequena manta de casimira azul. Rotunda, viçosa e vermelha, a face do menino de apenas quinze meses anunciava uma saúde perfeita e uma robusta constituição.

Quando Ritson dispôs cuidadosamente as dobras amarrotadas da touca do bebê, aproximou-lhe a linda cabecinha de um raio de luz que lhe revelava toda a beleza e chamou docemente a irmã.

Margarida acercou-se.

— Maggie — disse-lhe ele, — tenho um presente para ti; não poderás acusar-me de ter voltado de mãos

vazias ao fim de oito anos de ausência. Olha, repara o que te trago.

— Santa Maria! — exclamou a jovem senhora juntando as mãos; — Santa Maria, um menino! Mas, Rolando, este anjinho é teu? Gilberto, Gilberto, vem ver este amor de criança!

— Uma criança! Uma criança nas mãos de Ritson! — E longe de se entusiasmar como a mulher, Gilberto atirou um severo olhar ao parente. — Meu cunhado — disse ele num tom grave, — fizeste-te ama-seca de crianças depois que te reformaste como soldado? É muito estranho, meu rapaz, o capricho que te leva a correr através da floresta com um menino debaixo da capa! Que significa isso? Por que vieste aqui? Qual é a história desse pequerrucho? Vamos, fala francamente porque eu quero saber tudo.

— Este menino não me pertence, bom Gilberto; é um órfão, e este fidalgo que aqui está é o seu protetor. Sua Senhoria conhece a família deste anjo e vai dizer-vos porque viemos aqui. Enquanto isso, boa Maggie, encarrega-te do precioso fardo que me pesa no braço há oito dias... Isto é, há duas horas. Já estou cansado do meu papel de ama-seca.

Margarida apoderou-se vivamente do menino adormecido, levou-o para o seu quarto, colocou-o em seu leito, cobriu-lhe as mãos e o pescocinho de beijos, aconchegou-o no seu belo mantelete dos dias de festa e voltou para junto dos hóspedes.

A ceia decorreu alegremente e por fim o fidalgo disse ao guarda:

— O interesse que sua encantadora esposa mostrou pelo menino anima-me a fazer-lhes uma proposta relativa ao seu bem-estar futuro. Mas primeiro seja-me permitido informá-los de certas particularidades concernentes à família, ao nascimento e à situação atual deste pobre órfão de que sou o único protetor. Seu pai, antigo companheiro de armas da minha juventude, passada nos campos, foi o meu melhor e mais íntimo amigo. No começo do reinado do nosso glorioso soberano Henrique II estivemos juntos na França, na Normandia, na Aquitânia e o Poitou, e após uma separação de alguns anos tornamos a encontrar-nos no país de Gales. Meu amigo, antes de deixar a França apaixonou-se perdidamente por uma jovem, casou com ela e levou-a para a Inglaterra, junto de sua família. Infelizmente essa família, altivo e orgulhoso ramo de uma casa principesca e imbuída de tolos preconceitos, recusou admitir em seu seio a jovem senhora, que era pobre e não possuía outra nobreza além da dos seus sentimentos. Essa desfeita atingiu-a no coração, e ela morreu oito dias depois de ter dado ao mundo a criança que desejo confiar aos bons cuidados de ambos, e que já não tem pai, pois o meu pobre amigo tombou ferido de morte em um combate na Normandia, há mais ou menos dez meses. Os derradeiros pensamentos do pobre amigo agonizante foram para o filho; pediu-me que o procurasse, deu-me à pressa o nome e a morada da ama da criança e fez-me jurar em nome da nossa velha amizade que me tornaria o amparo e o protetor do órfão. Jurei e hei de manter o meu juramento, mas trata--se de uma missão bem difícil de desempenhar, mestre Gilberto; ainda sou soldado, passo a vida nas guarnições ou nos campos de batalha e não me é possível vigiar pessoalmente esta frágil criatura. Por outro lado, não tenho parentes nem amigos em cujas mãos possa deixar sem receio este precioso depósito. Não sabia, pois, a que santo me apegar, quando me veio a idéia de consultar Rolando Ritson, seu cunhado, que logo pensou em si, e me disse que, casado há oito anos com uma adorável e virtuosa mulher não tivera ainda a felicidade de ser pai, e que sem dúvida lhe seria agradável, mediante paga, bem entendido, acolher debaixo do seu teto o pobre órfão, filho de um valente soldado. Se Deus conceder vida e saúde a este menino, ele será o companheiro da minha velhice; contar-lhe-ei a história triste e gloriosa do autor dos seus dias, e ensinar-lhe-ei a trilhar com passo firme os mesmos caminhos por onde marchamos juntos, seu valente Pai e eu. Enquanto isso educarão a criança como se ela lhes pertencesse, e juro-lhes que não será gratuitamente. Responda, mestre Gilberto: aceita a minha proposta?

O fidalgo esperou com ansiedade a resposta do guarda florestal, que antes de se comprometer consultou a mulher com o olhar; mas a linda Margarida voltou a cabeça, e estendendo o pescoço para a porta do quarto vizinho, tentava, sorrindo, ouvir o imperceptível murmúrio da respiração da criança.

Ritson, que observava disfarçadamente a expressão da fisionomia da meiga esposa, compreendeu que a irmã estava disposta a ficar com o menino apesar das hesitações de Gilberto, e disse num tom persuasivo: — O riso deste anjinho fará a alegria do teu lar, minha boa Maggie, e por São Pedro! Juro-te que ouvirás ainda um outro ruído não menos alegre, o tinir dos *guinéus* que Sua Senhoria deixará cair todos os anos em tuas mãos. Ah! vejo-te rica e sempre feliz, levando pela mão às festas regionais o lindo bebê que te chamará mamãe: irá vestido como um príncipe, resplandecente como um sol, e tu irradiarás prazer e orgulho.

Margarida nada respondeu mas olhou sorridente para Gilberto, cujo silêncio foi mal interpretado pelo fidalgo.

— Está indeciso, mestre Gilberto? — perguntou este último franzindo o sobrolho. — Não lhe agradou a minha proposta?

— Perdão, senhor, sua proposta é-me muito agradável e nós ficaremos com o menino se minha querida Maggie não vir nenhum inconveniente. Vamos, mulher, dize o que pensas; tua vontade será a minha.

— Este valente soldado tem razão — respondeu a jovem senhora; — é-lhe impossível educar esta criança.

— E então?

— Então, eu serei sua mãe. — E em seguida dirigindo-se ao fidalgo, acrescentou: — E se um dia o senhor quiser retomar o seu filho adotivo, nós o devolveremos com pesar no coração, mas consolar-nos-emos da sua perda pensando que ele será mais feliz junto de si do que sob o teto humilde de um pobre guarda florestal.

— As palavras de minha mulher são um compromisso — disse por sua vez Gilberto, — e pela minha parte juro velar por esse menino e servir-lhe de pai. Senhor cavaleiro, eis o penhor da minha promessa. E arrancando do cinto uma das suas manoplas, jogou-a sobre a mesa.

— Promessa contra promessa e manopla contra manopla — volveu o fidalgo atirando também sobre a mesa a sua manopla. — Precisamos agora entender-nos sobre o preço da pensão do bebê. Olhe, bom homem, aqui tem isto; em cada ano receberá uma quantia igual.

E tirando de sob o gibão uma pequena bolsa de couro, cheia de peças de ouro, fez menção de colocá-la entre as mãos do guarda.

Mas este recusou.

— Guarde o seu ouro, senhor; os carinhos e o pão de Margarida não se vendem.

Longamente a pequena bolsa de couro andou das mãos de um para as do outro. Por fim ficou combinado, conforme a proposta de Margarida, que o montante anual da pensão da criança seria colocado em lugar seguro e devolvido ao órfão quando ele atingisse a maioridade.

Regulado esse assunto com satisfação geral, separaram-se para dormir. Na manhã seguinte Gilberto estava a pé ao romper do dia, examinando com olho entendedor os cavalos dos seus hóspedes, de cujo trato já se ocupava Lincoln.

— Que esplêndidos animais! — dizia ele ao criado; — mal se acredita que eles acabam de trotar durante dois dias, tal é o vigor que aparentam. Pela santa missa! Só príncipes podem montar semelhantes corcéis, que devem valer em prata o peso dos meus dois garranos; e por falar nisso até esqueci esses pobres companheiros! A manjedoura deles deve estar vazia. — Gilberto entrou na cocheira e encontrou-a deserta. — Como! não estão mais aqui? Olá, Lincoln! Já levaste os garranos para o pasto?

— Ainda não, patrão!

— Coisa extraordinária! — murmurou Gilberto; e tomado de secreto pressentimento correu ao quarto de Ritson. Ritson já lá não estava. Mas talvez tivesse ido acordar o fidalgo — pensou Gilberto indo até ao quarto destinado ao hóspede. O quarto também estava vazio. Margarida apareceu trazendo nos braços o menino. — Mulher! — exclamou Gilberto, — Os nossos animais desapareceram!

— Será possível?

— Eles montaram os nossos cavalos e deixaram-nos os deles.

— Mas por que se foram embora desse modo?

— Só adivinhando, Maggie, porque eu nada sei.

— Queriam talvez ocultar-nos a direção que iam tomar.

— Estariam então com algum propósito censurável?

— Não quiseram prevenir-nos de que iam substituir os seus animais estafados pelos nossos.

— Não foi isso, pois até parece que esses cavalos não andam há oito dias, tal a vivacidade e vigor que mostram esta manhã.

— Então não pensemos mais neles! Olha como o menino é bonito, como sorri. Beija-o!

— Pode muito bem ser que esse senhor desconhecido quisesse recompensar a nossa cortesia trocando os seus dois cavalos de preço pelas nossas duas pilecas.

— Talvez; e prevendo a nossa recusa safou-se enquanto dormíamos.

— Se assim é, agradeço-lhe de todo o coração; mas de qualquer modo o cunhado Ritson devia-nos uma palavra de despedida.

— Eh! Não sabes então que desde a morte de tua pobre irmã Annette, sua noiva, Ritson evita estes lugares? O aspecto do nosso lar feliz talvez lhe despertasse tristes recordações.

— Tens razão, mulher — concordou Gilberto soltando um profundo suspiro. — Pobre Annette!

— O mais desagradável do caso — tornou Margarida, — é que ficamos sem o nome e o endereço do protetor da criança. A quem poderemos avisar se ele cair doente? E até, que nome lhe daremos?

— Escolhe um nome, Margarida.

— Escolhe tu, Gilberto; sendo um rapaz, é a ti que isso compete.

— Pois se quiseres, poderemos dar-lhe o nome do irmão que tanto estremece; não posso pensar em Annette sem me lembrar do inditoso Robin.

— Isso mesmo; está batizado e eis aqui o nosso lindo Robin! — exclamou Margarida cobrindo de beijos o rostinho da criança que já lhe sorria, como se a meiga mulher fosse sua mãe.

O órfão chamou-se portanto Robin Head. Mais tarde, e sem que se saiba porque, o nome Head mudou-se em *Hood*, e o seu portador tornou-se célebre sob o nome de *Robin Hood*.

II

QUINZE anos decorreram sobre este episódio; a calma e a felicidade nunca cessaram de reinar sob o teto do guarda florestal, e o órfão sempre se imaginou o filho muito amado de Margarida e de Gilberto Head. Por uma bela manhã de junho, um homem de idade avançada, vestindo como um camponês abastado e montando um vigoroso pônei, seguia o caminho que através da floresta de Sherwood leva à linda aldeia de Mansfeldwoohaus.

O céu estava limpo e o sol levante iluminava aquelas grandes solidões; o nordeste passando entre os matagais arrastava na atmosfera os odores acres e penetrantes da folhagem dos carvalhos e os mil perfumes das flores silvestres; sobre os musgos e as ervas, as gotas de orvalho brilhavam como sementeira de diamantes; nos longes dos bosques cantavam e voltejavam as aves; os gamos bramiam nos cerrados, por toda a parte a natureza acordava e as últimas névoas da noite diluíam-se nas distâncias. A fisionomia do nosso viajante regozijava-se sob a influência de um tão lindo dia; dilatava-se-lhe o peito, respirava a plenos pulmões, e com voz forte e sonora ele lançava aos ecos os estribilhos de um velho hino saxão, um hino à morte dos tiranos.

Subitamente uma flecha passou silvando pela sua orelha e foi cravar-se num ramo de carvalho à orla do caminho.

O camponês, mais surpreso que assustado, pulou do cavalo, escondeu-se atrás de uma árvore, retesou o seu arco e postou-se em defensiva. Mas em vão esquadrinhou o caminho em toda a sua extensão, perscrutou os matagais circunvizinhos, prestou ouvido aos menores rumores da floresta: nada viu, nada ouviu, não soube o que pensar daquele ataque imprevisto.

Talvez o descuidado viajante tivesse sido o alvo involuntário de algum caçador desastrado; mas nesse caso ouviria o ruído dos passos do caçador, os latidos dos cães, veria talvez o gamo em fuga atravessando a passagem.

Talvez fosse um *outlaw*, um proscrito como havia tantos no condado, gente que vive do assassinio e da rapina e passa os dias à espreita dos viajantes. Mas todos esses vagabundos o conheciam, sabiam que ele não era rico e que jamais lhes recusava um pedaço de pão e um copo de cerveja quando batiam à sua

porta.

Teria ofendido alguém que procurava vingar-se? Não, não possuía inimigos num raio de vinte léguas. Que mão invisível quisera então feri-lo de morte?

Sim, de morte! Porque a flecha raspava tão de perto uma das suas têmporas que lhe fizera esvoaçar o cabelo.

Examinando a sua posição, o nosso homem dizia consigo:

— O perigo não é iminente, porque o instinto do meu cavalo não o pressentiu. Pelo contrário, está tão sereno como na sua cocheira, e alonga o focinho para as ramarias como se fosse para a manjedoura. Mas se ficarmos aqui, o meu perseguidor saberá onde me esconde. Vamos, põnei, a trote!

Esta ordem foi dada por meio de um leve assobio em surdina, e o dócil animal, acostumado havia muito àquela manobra de caçador que deseja isolar-se em emboscada, ergueu as orelhas, volveu os grandes olhos coruscantes para a árvore que protegia o seu amo, respondeu-lhe com um ligeiro relincho e afastou-se a trote. Debalde, por mais de um quarto de hora, o camponês esperou, de olho à espreita, um novo ataque.

— Bem — tornou ele; — já que a paciência não dá resultado, experimentemos o ardil.

E calculando, pela direção da plumagem da flecha, o ponto onde o inimigo podia ter-se escondido, disparou uma flecha para esse lado com a esperança de assustar o malfeitor ou provocá-lo pela iniciativa. A seta fendeu o espaço e foi cravar-se na casca de uma árvore, mas ninguém respondeu à provocação. Consegui-lo-ia um novo tiro? A segunda flecha partiu, mas foi detida em seu vôo. Uma flecha despedida por um arco invisível, chocou-se com ela quase em ângulo reto por cima do caminho, fazendo-a tombar, redemoinhando, no chão. O tiro fora tão rápido, tão inesperado, anunciava tanta destreza e tão hábil golpe de mão e de vista, que o camponês maravilhado, esquecido de todo o perigo, pulou do seu esconderijo.

— Que tiro! Que tiro assombroso! — gritou ele correndo para a beira do matagal ao encontro do misterioso arqueiro.

Um riso alegre respondeu aos aplausos, e não longe dali uma voz argentina e suave, como de mulher, cantou:

*Há gamos na floresta e flores na orla dos grandes bosques;
Mas deixa o gamo na sua vida selvagem e a flor na sua haste flexível,
E vem comigo, meu amor, meu querido Robin Hood;
Eu sei que tu amas o gamo nas clareiras e as flores para colmarem a minha frente;
abandona por hoje a caça e a gentil colheita,
E vem comigo, meu amor, meu querido Robin Hood.*

— Oh! É Robin, o desavergonhado Robin Hood quem canta. Vem aqui, maroto! Então ousas atirar setas contra teu pai? Por São Dunstan, pensei que os *outlaws* estivessem cobiçando a minha pele! Ah! Filho ingrato que toma por alvo a minha cabeça grisalha! Aqui está, aqui está o tratante! E cantando a canção que eu compus para os amores de meu irmão Robin... no tempo em que eu fazia canções e o inditoso amigo cortejava a linda May, sua noiva.

— Que é isso, meu bom pai! Que é isso? Minha seta feriu-o raspando pela sua orelha? — gritou do outro lado da mata um lindo moço que recomeçou a cantar:

*Não há uma nuvem sob o pálido ouro da lua, nem rumores
no vale,
Não há outras vozes no ar além da doce sino do mosteiro.
Vem comigo, meu amor, vem comigo querido Robin Hood,
Vem comigo à alegre floresta de Sherwood,
Vem comigo para debaixo da árvore que testemunhou a nossa
primeira jura,
Vem comigo, meu amor, meu querido Robin Hood.*

Os ecos da floresta repetiam ainda o doce estribilho quando um jovem que parecia ter vinte anos, embora na realidade tivesse apenas dezesseis, veio ao encontro do velho camponês em quem decerto todos reconheceram já o valente Gilberto Head do primeiro capítulo da nossa história.

O moço sorriu ao velho, levando respeitosamente a mão ao seu boné verde, enfeitado de uma pena de garça real. Uma densa cabeleira negra, levemente anelada, coroava-lhe a fronte mais branca que o marfim e muito desenvolvida. As pálpebras muito erguidas deixavam jorrar as fulgurâncias de duas pupilas de um azul escuro, cujo brilho se atenuava sob a franja dos longos cílios que projetavam a sua sombra até às róseas maçãs das faces. Seu olhar nadava num fluído que tinha a transparência de um esmalte líquido; os pensamentos, as crenças e os sentimentos de um cândido adolescente, refletiam-se nele como num espelho; os traços do rosto de Robin Hood anunciavam coragem e energia; sua delicada beleza nada tinha

de afeminada, e o seu sorriso era quase o de um homem senhor de si mesmo, quando os lábios, de um vermelho de coral e unidos por uma graciosa curva ao nariz reto e fino, às narinas móveis e transparentes, se entreabriam mostrando uns dentes ebúrneos.

Os ventos tinham crestado aquela nobre fisionomia, mas a cetinosa brancura da carnação reaparecia abaixo da linha do pescoço e acima dos fortes punhos.

Um gorro com pluma de garça por penacho, um gibão de pano verde de Lincoln apertado na cintura, amplas bragas de pele de gamo, um par de *urihcge sceo* (borzeguins saxões) amarrados por sólidas correias acima dos tornozelos, um boldrié tauxiado de aço polido suportando uma aljava cheia de flechas, a pequena trompa e o facão de caça à cinta, o arco na mão, tais eram as peças do vestuário e do equipamento de Robin Hood que apesar da originalidade do conjunto em nada prejudicavam a beleza do adolescente.

— E se tu me tivesses trespassado o crânio em vez de apenas me aflorar a orelha? — perguntou o bom velho repetindo as últimas palavras do filho num tom de fingida severidade. — Cautela com esses raspões, *sir* Robin; mais vezes poderão dar a morte do que tornar-se motivos de riso.

— Perdoe-me, meu bom pai. Eu não tinha a menor intenção de o ferir.

— Por Deus que estou certo disso, querido filho, mas pode acontecer; um desvio no andar do meu cavalo, um passo à esquerda ou à direita da rota seguida, um movimento da cabeça, um tremor da tua mão, um erro de pontaria, um nada, enfim, e a tua brincadeira seria mortal.

— Mas minha mão não tremeu, minha pontaria nunca falha. Não ralhe, pois, comigo, paizinho, e perdoe a minha travessura.

— De boa vontade te perdôo; mas como diz Esopo, cujas fábulas te ensinou o senhor cura, será boa distração para um homem á brincadeira que pode matar outro homem?

— É verdade — respondeu Robin num tom cheio de arrependimento. — Peço-lhe que esqueça a minha levandade, o meu erro, quero dizer, pois foi o orgulho que me levou a cometê-lo.

— O orgulho?

— Sim, o orgulho; o senhor não me disse ontem à noite, ao serão, que eu ainda não era bastante bom arqueiro para roçar o pêlo da orelha de um cabritinho e assustá-lo sem o ferir? Pois... eu quis provar-lhe o contrário.

— Linda maneira de exerceres as tuas habilidades! Mas mudemos de assunto, meu rapaz; perdôo-te, está entendido, não guardo nenhum ressentimento, apenas quero que te comprometas a nunca mais me tratar como um cervo.

— Não tenha receio, pai — voltou o moço enternecido, fique tranqüilo; por muito travesso, muito estouvado e muito amigo de preparar partidas que eu seja, não esquecerei nunca o respeito e a afeição que o senhor merece, e nem em troca da posse de toda a floresta de Sherwood eu consentiria em tocar num só cabelo da sua cabeça.

O velho apertou afetuosamente a mão que lhe estendia o rapaz, dizendo-lhe:

— Deus abençoe o teu bom coração e te dê muito juízo! — Depois acrescentou com um ingênuo sentimento de orgulho que decerto reprimira até então a fim de morigerar o imprudente arqueiro: — E dizer que és meu aluno! Sim, fui eu, Gilberto Head, quem primeiro te ensinou a retesar um arco e a disparar uma flecha! O aluno é digno do mestre, e se ele continuar assim não haverá atirador mais hábil em todo o condado, nem mesmo em toda a Inglaterra.

— Perca o meu braço direito a sua força, meu pai, e que uma das minhas flechas não atinja o seu alvo, se eu algum dia esquecer o seu afeto!

— Menino, já sabes que apenas sou teu pai pelo coração.

— Ora! Não me fale de direitos que não tem sobre mim, porque se a natureza lhes recusou, o senhor adquiriu-os por uma solicitude e um devotamento de quinze anos.

— Pelo contrário, falemos disso — insistiu Gilberto retomando o caminho a pé e arrastando pela brida o pônei que um forte assobio chamara de novo à ordem; — tenho um segredo pressentimento de que desgraças próximas nos ameaçam.

— Que idéia louca, meu pai!

— Tu já és grande, és forte e cheio de energia, graças a Deus; mas o futuro que se abre diante de ti não é o que eu entrevia quando, pequenino e frágil, ora amuado, ora alegre, crescias no colo de Margarida.

— Que me importa! Tudo quanto desejo é que o meu futuro se assemelhe ao passado e ao presente.

— Nós envelheceríamos sem preocupações se se revelasse o mistério que envolve o teu nascimento.

— Então o senhor nunca mais avistou o valente soldado Que me entregou aos seus cuidados?

— Nunca mais o vi, e apenas uma vez recebi notícias suas.

— Quem sabe se morreu na guerra!

— Talvez. Um ano depois de estares conosco, recebi por intermédio de um portador uma bolsa com dinheiro e um pergaminho lacrado, mas cujo sinete não tinha armas. Dei o pergaminho ao meu confessor, que o abriu e me revelou o seu conteúdo, assim concebido, palavra por palavra: “Gilberto Head, há doze

meses confiei um menino à tua guarda, e assumi diante de ti o compromisso de te pagar uma quantia anual pelos trabalhos que tens com ele; aqui a remeto; vou deixar a Inglaterra e ignoro quando poderei regressar. Em consequência, tomei as disposições necessárias para que recebas todos os anos a importância devida. Assim, na época de cada vencimento não terás senão que apresentar-te em casa do xerife de Nottingham, e receberás o teu dinheiro. Educa o menino como se ele fosse teu próprio filho; quando eu voltar irei reclamar-to”. Nenhuma assinatura, nenhuma data; de onde vinha essa mensagem? Ignoro-o. O mensageiro partiu sem querer satisfazer a minha curiosidade. Já te repeti muitas vezes o que o desconhecido fidalgo nos contou a propósito do teu nascimento e da morte de teus pais. Nada mais sei, portanto, acerca da tua origem, e o xerife que me paga a tua pensão responde invariavelmente, quando o interrogo, que não conhece o nome nem a morada de quem o encarregou de me entregar um certo número de *guinéus* por ano. Se agora o teu protetor te chamasse a si, minha boa Margarida e eu nos consolaríamos da tua partida pensando que ias enfim ao encontro das riquezas e honras que te pertencem por direito de nascença; mas se tivermos de morrer antes que o desconhecido fidalgo reapareça, uma grande mágoa perturbará os nossos derradeiros momentos.

— Que grande mágoa, pai?

— A mágoa de te saber sozinho e abandonado a ti mesmo, entregue aos teus instintos justamente quando te vais tornando homem.

— Minha mãe e meu pai ainda viverão por muito tempo.

— Só Deus o sabe.

— Deus há de permiti-lo.

— Que a sua vontade seja feita! Em todo o caso, se a morte em breve nos separar, fica sabendo, meu filho, que és o nosso único herdeiro; a cabana onde cresceste é tua, as lavras que a cercam são propriedade tua, e com o dinheiro da tua pensão, acumulado durante quinze anos, não precisarás temer a miséria e poderás ser feliz se fores ajuizado. Se a desgraça te feriu ao nascer, teus pais adotivos fizeram tudo o que estava ao seu alcance para a reparar; que penses muitas vezes neles é a única recompensa que ambicionam.

O adolescente comoveu-se, grossas lágrimas começaram a escorrer-lhe das pálpebras; mas ele conteve a sua emoção para não aumentar a do velho, voltou a cabeça, limpou os olhos com as costas da mão e disse num tom quase alegre:

— Não toquemos jamais em tão triste assunto, meu pai; a idéia de uma separação, ainda que remota, deixa-me fraco como uma mulher, e a fraqueza não convém a um homem (ele já se considerava homem). Com certeza um dia saberei quem sou, mas ainda que não o venha a saber, essa ignorância nunca me impedirá de dormir tranqüilo ou de acordar alegremente. Por Deus! Se ignoro o meu verdadeiro nome, nobre ou plebeu, sei perfeitamente o que desejo ser... o mais hábil arqueiro que ainda disparou uma seta contra os gamos da floresta de Sherwood.

— Isso já o és, *sir Robin*— voltou Gilberto com orgulho; — não sou eu o teu instrutor? Vamos embora *Gip*, meu bravo pônei — acrescentou o velho trepando para a sela, — preciso apressar-me para ir a Mansfeldwoohaus e voltar, quando não Maggie fará um beijo mais comprido que a mais comprida das minhas flechas. Enquanto isso, meu filho, vai treinando a tua habilidade, e não tardarás a igualar a de Gilberto Head nos seus melhores dias... Até à vista.

Robin divertiu-se durante algum tempo a despedaçar a flechada as folhas que escolhia a olho no cimo das mais altas árvores; depois, cansado da distração estendeu-se na relva à sombra de uma clareira, e recordou uma a uma, em seu pensamento, as palavras que acabava de trocar com o pai adotivo. Ignorando o mundo, Robin nada mais desejava além da felicidade em que vivia sob o teto do guarda florestal, e a suprema felicidade para ele consistia em poder caçar livremente nas solidões povoadas de caça da floresta de Sherwood; que lhe importava, pois, um futuro de nobre ou de vilão?

Um longo atrito de folhagens e bruscos estalidos nos silvados próximos não tardaram a perturbar os devaneios do nosso jovem arqueiro; ele ergueu a cabeça e avistou um gamo assustado que rompia o denso matagal, correu através da clareira e mergulhou precipitadamente nas profundezas da floresta.

Reter o seu arco e perseguir o animal foi o impulso instantâneo de Robin; mas tendo por acaso ou por instinto de caçador olhado o ponto de onde surgira o gamo, avistou a algumas *toesas* de distância um homem agachado atrás de um outeiro que dominava o caminho; assim oculto, aquele homem podia ver sem ser visto tudo o que se passava na vereda, e de olho à espreita, a flecha na corda, esperava.

Pelas roupas que usava tinha-se a impressão de um pacato morador da floresta, bom conhecedor dos movimentos da caça e dando-se ao gosto de uma ociosa tocaia. Mas se ele fosse realmente caçador, e sobretudo caçador de gamos, não teria hesitado em seguir imediatamente a pista do animal. Que significava então aquela emboscada? Seria um salteador à espreita de viajantes?

Robin farejou um crime, e esperando criar-lhe obstáculos escondeu-se atrás de uma moita de faias, observando com atenção as atitudes do desconhecido. Este, sempre agachado no seu outeiro dava as costas a Robin, achando-se desse modo colocado entre ele e o caminho.

De repente o bandido ou caçador disparou uma flecha na direção da vereda, soerguendo-se como para pular sobre a presa visada; mas deteve-se, soltou uma violenta praga e tornou a agachar-se com uma flecha no arco.

Esta nova flecha, quando disparada, foi seguida, como a primeira, de uma horrorosa blasfêmia.

— Que será que ele pretende? — perguntou-se Robin. — Quererá dar em algum dos seus amigos uma penteadela como essa que eu dei esta manhã ao velho Gilberto? A coisa não é das mais fáceis. Mas não vejo ninguém lá em baixo, para onde ele aponta; ele, entretanto, deve estar vendo alguma coisa, visto que prepara uma terceira flecha.

Robin ia deixar o seu esconderijo para travar conhecimento com o atirador desconhecido e desastrado, quando ao afastar casualmente os ramos de uma faia avistou, parados no ponto onde o caminho de Mansfieldwoohaus forma um cotovelo, um cavaleiro e uma dama que pareciam muito inquietos, indecisos entre voltar atrás ou enfrentar o perigo. Os cavalos tinham-se espantado e o homem olhava para todos os lados a fim de descobrir o inimigo e enfrentá-lo, esforçando-se ao mesmo tempo por acalmar os terrores da companhia.

Bruscamente a jovem senhora soltou um grito de angústia e tombou quase desmaiada: uma flecha acabava de cravar-se no arçã da sua sela.

Não havia que duvidar, o homem da emboscada era um covarde assassino.

Tomado de generosa indignação, Robin escolheu no seu carcás uma flecha das mais agudas, retesou o arco e apontou. A mão esquerda do malfeitor ficou pregada na madeira do arco que outra vez ameaçava o cavaleiro e sua dama.

Rugindo de cólera e de dor, o bandido virou a cabeça e tentou descobrir de onde partira aquele ataque imprevisto; mas a esbelteza do nosso jovem arqueiro ocultava-o atrás do tronco da faia, e as tonalidades do seu gibão confundiam-se com as da folhagem.

Robin poderia matar o bandido, mas contentou-se em assustá-lo depois de o ter castigado, despedindo-lhe uma nova flecha que lhe atirou o gorro a vinte passos.

Estonteado e cheio de pavor o ferido endireitou-se, e sustentado com a mão sã a mão ensangüentada, bramiu, tripudiou, girou um momento sobre si mesmo, passeou os olhos esgazeados pelas matas próximas e largou a fugir gritando:

— É o diabo! O diabo! O diabo!

Robin festejou a fuga do bandido com uma alegre gargalhada, e sacrificou uma derradeira flecha que, aumentando-lhe o ritmo da corrida, devia impedi-lo por algum tempo de se sentar à vontade.

Passado o perigo, Robin saiu do seu esconderijo e foi encostar-se negligentemente ao tronco de um carvalho à beira do caminho, preparado para dar as boas-vindas aos viajantes; mas apenas estes, que avançavam a trote, o avistaram, a dama soltou um grande grito e o cavaleiro correu para ele de espada na mão.

— Olá, senhor cavaleiro! — exclamou Robin; — contenha o seu braço e modere o seu furor. As flechas que lhe atiraram não saíram da minha aljava.

— Foste então tu, miserável! Foste então tu! — berrava o cavaleiro tomado da mais violenta cólera.

— Eu não sou um assassino; ao contrário, fui eu que lhes salvei a vida.

— Onde está então o assassino? Fala, ou abro-te a cabeça!

— Preste atenção se deseja sabê-lo — replicou friamente Robin. — E quanto a abrir-me a cabeça não pense nisso, e permita-me observar-lhe, senhor, que esta flecha cuja ponta lhe está dirigida, atravessará o seu coração antes que a sua espada logre arranhar a minha pele. Dê-se por avisado e escute-me em paz, pois direi a verdade.

— Estou escutando — voltou o cavaleiro como fascinado pelo sangue frio de Robin.

— Eu estava ali sossegadamente deitado na relva, atrás daquelas faias; passou um gamo, pensei em persegui-lo, mas no momento em que ia sair no seu encalço, avistei um homem atirando flechas sobre um alvo a princípio invisível para mim. Esqueci então o gamo e fiquei à espreita vigiando aquele homem que me parecera suspeito, e não tardei a descobrir que ele tomava esta graciosa dama como seu ponto de mira. Dizem que eu sou o mais hábil arqueiro da floresta de Sherwood, e quis aproveitar a ocasião para provar a mim mesmo a verdade do que dizem. Ao primeiro disparo, a mão e o arco do bandido ficaram juntamente pregadas pela minha flecha, e ao segundo arranquei-lhe o barrete, que não há de ser difícil de encontrar; enfim, ao terceiro pus o maroto em fuga, e acho que ele ainda está correndo. Aqui está como se passaram as coisas.

O cavaleiro mantinha a espada alta, parecia ainda duvidar.

— E agora, senhor — acrescentou Robin, — olhe-me bem de frente e diga se me acha com cara de bandido.

— Com efeito, com efeito, meu rapaz, confesso que não tens cara de malfeitor — disse por fim o estranho depois de considerar atentamente Robin.

A fronte radiosa, a fisionomia cheia de franqueza, os olhos onde cintilava o ardor da coragem, os lábios

que um sorriso de legítimo orgulho entreabria, tudo naquele nobre adolescente inspirava, impunha, comandava a confiança.

— Dize-me quem és e leva-nos, peço-te, a algum lugar onde as nossas montadas possam descansar e refazer-se — acrescentou o cavaleiro.

— Terei muito gosto; sigam-me.

— Mas antes aceita esta bolsa, até que Deus te recompense.

— Guarde o seu ouro, senhor cavaleiro; o ouro de nada me serve, não tenho precisão dele. Chamo-me Robin Hood, e moro com meu pai e minha mãe a duas milhas daqui, à orla da floresta; venham comigo, em nossa casa encontrarão uma cordial hospitalidade.

A jovem senhora, que até então se mantivera afastada, aproximou-se do seu cavaleiro, e Robin viu reluzir o brilho de dois grandes olhos negros sob o capuz de seda que lhe preservava a cabeça da friagem matinal; notou logo a sua divina beleza, e devorou-a com o olhar inclinando-se gentilmente diante dela.

— Poderemos acreditar na palavra deste jovem? — perguntou a dama ao cavaleiro.

Robin ergueu altivamente a cabeça, e sem dar ao cavaleiro tempo de responder, observou.

— Já não parece haver mais boa-fé sobre a terra.

Os dois estrangeiros sorriram e todas as dúvidas se dissiparam.

III

A PEQUENA caravana empreendeu a marcha, a princípio silenciosamente; o cavaleiro e a jovem pensavam ainda no perigo que haviam corrido, e um mundo de idéias novas parecia surgir na cabeça do nosso gentil arqueiro: pela primeira vez lhe era dado admirar a beleza de uma mulher.

Altivo por instinto de raça, tanto como por temperamento, não queria mostrar-se inferior àqueles que lhe deviam a vida, e afetava, guiando-os, maneiras orgulhosas e cheias de segura; adivinhava que aquelas pessoas modestamente vestidas e viajando sem séquito pertenciam à nobreza, mas considerava-se igual a elas na floresta de Sherwood, e até seu superior perante as emboscadas dos assassinos.

A maior ambição de Robin era ser considerado arqueiro hábil e audacioso guarda das florestas; embora merecesse o primeiro título recusavam-lhe ainda o segundo, aliás desmentido pela sua aparência juvenil. A todos os seus atributos naturais, Robin juntava ainda o encanto de uma voz melodiosa; sabia-o bem e cantava onde quer que lhe desse vontade de cantar; e como quisesse dar aos viajantes uma idéia dos seus talentos, entoou alegremente uma jovial balada; mas logo às primeiras palavras uma extraordinária emoção lhe paralisou a voz, e seus lábios se fecharam tremendo; de novo experimentou, terminando por

emudecer com um fundo suspiro; outra vez que tentou, mesmo suspiro e mesma emoção.

O ingênuo moço experimentava já os constrangimentos do amor; adorava sem o saber a imagem da bela desconhecida que cavalgava atrás de si, e esquecia as palavras das canções perdendo-se a sonhar com os seus olhos negros.

Acabou entretanto por compreender as causas da sua perturbação, e disse consigo recuperando a serenidade:

— Paciência, em breve a verei sem o capuz.

O cavaleiro fez perguntas a Robin a respeito das suas preferências, dos seus hábitos e ocupações, com grande benevolência; mas Robin respondeu friamente, e só mudou de tom quando o seu amor-próprio entrou em causa.

— Não receias então — perguntou o estranho, — que esse miserável fora da lei procure vingar-se em ti do seu malogro? Não temes errar o alvo?

— Por Deus, senhor! Não me é possível acalantar esse temor.

— Não te é possível?

— Sim, o exercício tornou uma brincadeira para mim os tiros mais difíceis.

Havia demasiada boa-fé e nobre orgulho nas respostas de Robin para que o estranho pensasse em zombar dele, de modo que prosseguiu:

— Serás tão bom atirador que atinjas a cinqüenta passos onde consegues acertar a quinze?

— Naturalmente; mas — acrescentou o rapaz em tom de mofa, — eu espero que o senhor não considere como indício de destreza a lição que dei a esse malfeitor.

— Por quê?

— Porque semelhante bagatela nada prova.

— E que melhor prova poderias tu dar-me?

— Apresente-se a ocasião e o senhor verá.

Houve silêncio durante alguns minutos e a caravana chegou à entrada de uma vasta clareira que o caminho cortava em diagonal. No mesmo instante uma grande ave de presa ergueu-se no ar, e um pequeno corço alarmado pelo ruído da passagem dos cavalos, saiu de um matagal vizinho e atravessou o espaço arborizado para se ir esconder no lado fronteiro.

— Agora! — exclamou Robin segurando uma flecha entre os dentes e colocando uma outra no arco; — qual prefere o senhor, a caça de penas ou a caça de pêlo? Escolha!

Mas antes que o cavaleiro tivesse tempo de responder, o corço tombava ferido de morte e a ave de presa descia redemoinhando sobre a clareira.

— Como o senhor não escolheu enquanto eles eram vivos, terá oportunidade de escolher logo à noite, quando eles estiverem assados.

— Admirável! — exclamou o cavaleiro.

— Maravilhoso! — murmurou a jovem.

— Vossas Senhorias não têm senão que prosseguir direto por este caminho, e passado este bosque avistarão a casa de meu pai. Salve! Eu tomo a dianteira para anunciá-los a minha mãe e mandar o nosso velho criado recolher a caça.

E dizendo isso, Robin desapareceu correndo.

— É um nobre moço, não achas, Mariana? — disse o cavaleiro à sua companheira; — um rapaz encantador e o mais gentil caçador inglês que ainda encontrei.

— É muito jovem — respondeu a moça.

— Mais jovem ainda, talvez, do que aparentam a sua delgada estatura e o vigor dos seus membros. Não podes imaginar, Mariana, quanto a vida ao ar livre favorece o desenvolvimento das nossas forças e conserva a saúde; não sucede o mesmo na atmosfera asfixiante das cidades — acrescentou o cavaleiro suspirando.

— Suponho, senhor Allan Clare — tornou a jovem senhora com um fino sorriso, — que os seus suspiros se dirigem menos às verdes árvores da floresta de Sherwood do que à sua encantadora feudatária, a nobre filha do barão de Nottingham.

— Tens razão, Mariana, minha querida irmã, e confesso que preferia, se a escolha dependesse da minha vontade, passar os dias a vagabundear por esta floresta, tendo por morada a cabana de um *yeoman* e Christabel por mulher, a sentar-me num trono.

— Irmão, a idéia é bonita mas um pouco romântica. Consentiria, aliás, Christabel em trocar a sua vida faustosa pela existência mesquinha de que falas? Ah! Querido Allan, não te deixes embalar por doces esperanças; duvido muito de que o barão te conceda jamais a mão de sua filha.

A fronte do cavaleiro tornou-se sombria, mas ele expulsou imediatamente a nuvem de tristeza e disse à irmã num tom calmo:

— Creio que já te ouvi falar com entusiasmo dos atrativos da vida campestre.

— É verdade, Allan, confesso que tenho por vezes gostos estranhos; mas não julgo que Christabel os

tenha semelhantes.

— Se Christabel me ama verdadeiramente, contentar-se-á com minha morada, seja ela qual for. Dizes que pressentes a recusa do barão? Mas se eu quiser direi apenas uma palavra, uma só, e o altivo, o irascível Fitz-Alwine receberá com agrado o meu pedido sob pena de ser proscrito e de ver o seu castelo de Nottingham reduzido a poeira.

— Silêncio! Eis aí a cabana — disse Mariana interrompendo o irmão. — A mãe do rapaz espera-nos à porta. Na verdade, a aparência dessa mulher é das mais agradáveis.

— O filho herdou-lhe essas qualidades — respondeu o cavaleiro sorrindo.

— Oh! Não passa ainda de uma criança — murmurou Mariana com um súbito rubor afogueando-lhe a face.

Mas quando a jovem se apeou com a ajuda do irmão, quando o seu capuz, lançado para trás, lhe descobriu as feições, o rubor dera lugar a um leve matiz rosado. Robin, que se conservava junto da mãe, admirava com radiosa surpresa a primeira mulher que lhe fazia bater o coração, e a emoção do jovem arqueiro era tão viva, tão sincera, tão verdadeira, que ele exclamou sem ter a consciência das suas palavras:

— Ah! Eu tinha a certeza de que tão lindos olhos só podiam iluminar um tão lindo rosto!

Margarida, admirada da ousadia do filho, voltou-se para ele e interpelou-o num tom quase repreensivo.

Allan rompeu a rir, e a bela Mariana tornou-se mais vermelha que o impudente Robin, o qual, para esconder o seu embaraço e a sua vergonha, se lançou ao pescoço da mãe; assim mesmo não deixou de atirar um olhar disfarçado à fisionomia de Mariana, onde não viu vestígios de cólera; ao contrário, um benévolo sorriso que a jovem supunha estar escondendo ao culpado iluminava-lhe o rosto, e o culpado, certo de obter as suas graças, aventurou-se a erguer timidamente os olhos para o seu ídolo.

Uma hora depois, Gilberto Head regressava ao lar trazendo na garupa do seu cavalo um homem ferido que encontrara no caminho; com infinitas precauções ajudou o estranho a descer do seu incômodo assento, e levando-o para a sala chamou Margarida, ocupada a instalar os viajantes nos quartos do primeiro pavimento.

À voz de Gilberto, Margarida ocorreu.

— Olha, mulher, aqui está um pobre homem que necessita muito dos teus cuidados. Um desocupado qualquer cometeu a brincadeira atroz de lhe pregar a mão no arco com uma flecha, no instante em que ele visava um pequeno corço. Vamos, boa Maggie, não percamos tempo: o homem está muito enfraquecido pela perda de sangue. Como te sentes, amigo? — acrescentou o velho dirigindo-se ao ferido. — Coragem! Logo ficarás bom. Vá, levanta um pouco a cabeça e não te deixes abater assim; ânimo, por Deus!

Ninguém morre por causa de uma pontada de prego na mão.

O ferido, curvado sobre si mesmo e com a cabeça enterrada nos ombros, baixava-a parecendo querer furtar aos seus benfeitores a vista do seu rosto.

Nesse momento Robin entrou em casa e correu para junto do pai, a fim de o ajudar a sustentar o ferido, mas logo que demorou um momento os olhos nele, afastou-se e fez sinal ao velho Gilberto para que viesse falar-lhe.

— Pai — disse baixo o rapaz, — trate de esconder aos viajantes lá de cima a presença desse ferido em nossa casa. Mais tarde lhe direi porquê. Tenha cautela.

— E que outro sentimento, que não o da compaixão, poderia despertar em nossos hóspedes a presença deste pobre mateiro banhado em sangue?

— À noite o saberá, meu pai; por enquanto siga o meu conselho.

— Ora! À noite o saberei, à noite o saberei — repetiu Gilberto descontente. — Pois bem! quero sabê-lo imediatamente; acho muito estranho que uma criança como tu se permita dar-me conselhos de prudência. Fala, que relação pode haver entre este mateiro e Suas Senhorias?

— Por favor, tenha paciência; eu lhe direi à noite, quando estivermos sozinhos.

O velho deixou Robin e regressou para junto do ferido, que daí a momentos lançava um tremendo uivo de dor.

— Ah! Senhor Robin, aqui temos mais uma das tuas proezas — berrou Gilberto correndo atrás do filho e alcançando-o justamente quando ele ia transpor o limiar da porta. — Ainda esta manhã te proibi de exercitares as tuas habilidades à custa dos teus semelhantes, e vejo que fui bem obedecido conforme prova este desventurado mateiro!

— Que foi? — replicou o moço tomado de respeitosa indignação; — o senhor pensa que...

— Sim, eu penso que foste tu que cravaste a mão deste homem no seu arco, pois não há ninguém na floresta capaz de semelhante façanha. Aqui está: a ponta da flecha traiu-te; está identificada pela nossa marca... Ah! espero que não tentes negar a tua culpa.

E Gilberto exhibia-lhe o ferro da flecha que havia arrancado do ferimento.

— Pois seja, meu pai! Realmente fui eu que feri esse homem — admitiu Robin com frieza.

Gilberto assumiu uma atitude severa.

— Pois trata-se de uma horrível, de uma criminosa ação; não sentes vergonha de haver ferido

perigosamente, por mera fanfarronice, um homem que não te fazia mal algum?

— Não sinto vergonha nem me arrependo absolutamente da minha conduta — respondeu Robin num tom firme. — A vergonha e o arrependimento competem melhor a quem ataca na sombra viajantes inofensivos e sem defesa.

— A quem cabe então a responsabilidade deste cruel episódio?

— Ao homem que o senhor tão generosamente recolheu na floresta.

E Robin contou ao pai os detalhes do que se havia passado.

— E esse miserável chegou a ver-te? — perguntou Gilberto inquieto.

— Não, porque fugiu quase alucinado, imaginando-se vitimado pela intervenção do demônio.

— Perdoa a minha injustiça, meu filho — disse o velho apertando afetuosamente entre as suas as mãos do rapaz. — Admiro a tua destreza, mas de agora em diante precisamos vigiar com atenção as proximidades da nossa casa. A ferida deste patife não tardará a sarar, e para agradecer os meus cuidados e a minha hospitalidade, ele será capaz de voltar aqui na companhia de outros bandidos como ele a fim de pôr tudo a fogo e sangue. Tenho a impressão — acrescentou Gilberto depois de refletir um instante, — que a fisionomia deste homem não me é desconhecida; mas embora forçando a memória não consigo lembrar-me do seu nome. Deve ter-se modificado a expressão do seu rosto. Quando o conheci ele não apresentava ainda na face essa máscara aviltante da devassidão e do crime.

A conversa foi interrompida pela chegada de Allan e de Mariana, aos quais o dono da casa deu cordialmente as boas-vindas.

Na noite desse dia, a casa do guarda florestal ficou cheia de animação: Gilberto, Margarida, Lincoln e Robin, sobretudo Robin, ressentiam-se vivamente da mudança e da agitação provocadas em sua pacata existência pela chegada dos novos hóspedes. O dono da casa vigiava o ferido com o maior cuidado, sua esposa preparava as refeições; Lincoln, embora ocupando-se dos cavalos fazia guarda atenta, prestando a maior atenção às proximidades da casa. Apenas Robin estava ocioso, mas o seu coração trabalhava ativamente. A presença da bela Mariana despertava nele sensações até então desconhecidas, e o rapaz ficava imóvel, caído em silenciosa admiração, corando, empalidecendo, estremeando, quando a moça se movia, falava ou percorria com os olhos o que a cercava.

Nunca nas festas de Mansfieldwoohaus ele contemplara beleza semelhante; costumava dançar, rir, conversar com as moças de Mansfieldwoohaus, e até mesmo segredara aos ouvidos de algumas, banais palavras de amor, mas no dia seguinte as esquecia inteiramente entre as distrações da floresta; agora seria capaz de morrer de medo se tivesse de aventurar uma palavra à nobre amazona que lhe devia a vida, e sentia que nunca mais a poderia esquecer.

Deixava de ser um menino.

Enquanto Robin, sentado a um canto da sala, adorava Mariana em silêncio, Allan felicitava Gilberto pela coragem e destreza do jovem arqueiro, cumprimentando o velho por ser pai de um tal filho; mas Gilberto, esperançado sempre em receber quando menos o esperasse informação acerca da origem de Robin, nunca deixava de confessar que o moço não era seu filho, repetindo como e em que época um desconhecido lhe trouxera a criança.

Allan inteirou-se pois, com surpresa, de que Robin não era filho de Gilberto, e como este último acrescentasse que o desconhecido protetor do órfão viera provavelmente de Huntingdon, visto que o xerife desse lugar lhe pagava todos os anos a pensão da criança, o cavaleiro observou:

— Huntingdon é o lugar onde nascemos e que deixamos apenas há alguns dias. A história de Robin, valente mateiro, pode talvez ser essa, mas duvido. Nenhum fidalgo de Huntingdon morreu na Normandia na época em que nasceu essa criança, e eu nunca ouvi dizer que qualquer membro das nobres famílias do condado tenha jamais feito uma aliança desigual com uma francesa pobre e plebéia. Além disso, porque motivo teriam trazido a criança para tão longe de Huntingdon? No interesse do seu bem-estar, diz o senhor aceitando a opinião de Ritson, seu parente, que se lembrou de si e se tornou fiador da sua caridade. Não seria antes pelo interesse de esconder o nascimento do menino que se queria abandonar, mas não fazer parecer? O que confirma as minhas suspeitas é que desde então o senhor nunca mais viu seu cunhado. Quando eu regressar a Huntingdon tomarei as informações mais minuciosas e hei de esforçar-me por descobrir a família de Robin; minha irmã e eu devemos-lhe a vida, e praza aos céus que possamos pagar-lhe desse modo a dívida sagrada de um eterno reconhecimento.

Pouco a pouco as amabilidades de Allan e as ternas e familiares palavras de Mariana foram devolvendo a Robin a disposição e a serenidade habituais, e em breve a alegria mais pura, mais sincera e mais cordial reinou em casa do guarda.

— Nós perdemo-nos ao atravessar a floresta de Sherwood a caminho de Nottingham — disse Allan Clare, — para onde conto dirigir-me amanhã pela manhã. Não quererá servir-me de guia, caro Robin? Minha irmã ficará aqui entregue aos bons cuidados de sua mãe e à noite estaremos de volta. Nottingham fica longe daqui?

— Mais ou menos doze milhas — respondeu Gilberto; — um bom cavalo não leva duas horas a fazer a

viagem, e como devo uma visita ao xerife que já não vejo há um ano, também os acompanharei, senhor Allan.

— Tanto melhor! — exclamou Robin; — assim seremos três.

— Não, não! — interveio Margarida; e falando ao ouvido do esposo acrescentou em voz baixa: — Como podes pensar em deixar duas mulheres sozinhas em casa com esse bandido?

— Sozinhas! — voltou Gilberto rindo. — Então não contas para nada, querida Maggie, com o nosso velho Lincoln e o meu fiel cachorro, o valente Lance, que arrancaria o coração a quem ousasse erguer as mãos contra ti?

Margarida lançou um olhar suplicante à jovem estrangeira e Mariana declarou resolutamente que acompanharia o irmão se Gilberto não renunciasse aos prazeres da viagem projetada.

Gilberto cedeu, e ficou combinado que aos primeiros raios do sol Allan e Robin se poriam a caminho. Chegada a noite e fechadas as portas, os nossos personagens foram para a mesa e fizeram honra aos talentos culinários da boa Margarida. O principal acepipe compunha-se de um assado de corço; Robin mostrava-se radiante, pois fora ele quem matara esse corço, e ela dignava-se achar a carne de um sabor delicioso.

Sentadas uma ao pé da outra, as duas encantadoras criaturas conversavam como se conversa entre velhos conhecidos; Allan, por seu lado, comprazia-se em ouvir contar as lendas da floresta, e Maggie velava para que nada faltasse na mesa. O aspecto que então oferecia a morada do guarda florestal, poderia servir de modelo para um desses quadros de interior da escola holandesa, em que o artista poetiza o realismo do lar.

De repente, um longo assobio partido do quarto ocupado pelo doente, atraíu os olhares dos convivas para a escada que levava ao pavimento superior, e mal esse assobio se perdeu no ar uma resposta do mesmo tom e gênero foi ouvida a pouca distância na floresta. Os cinco comensais estremeceram, um dos cachorros de guarda que estavam fora soltou alguns latidos inquietos e o mais completo silêncio reinou outra vez nas proximidades e no próprio interior da casa.

— Qualquer coisa de extraordinário se está passando — disse Gilberto, — e não me admira nada que andem pela floresta certos indivíduos que não têm qualquer escrúpulo em esquadrinhar de preferência as algibeiras alheias.

— O senhor teme realmente a visita de ladrões? — perguntou Allan.

— Nunca se sabe.

— Eu pensei que eles deixassem em paz a morada de um honesto mateiro, que em geral não é rico, e tivessem o bom-senso de atacar apenas as pessoas ricas.

— As pessoas ricas são raras, e os senhores malfeitores têm de contentar-se com pão quando não encontram carne; pode acreditar que os fora da lei não se envergonham de arrancar um pedaço de pão da boca de um homem pobre. Contudo eles deviam respeitar o meu domicílio, bem como a minha pessoa e os meus, pois mais de uma vez lhes permiti aquecerem-se à minha lareira e comer a esta mesa em tempos de inverno e de penúria.

— Os bandidos não sabem o que é a gratidão.

— Conhecem-na tão pouco que muitas vezes pretenderam entrar aqui à força.

A essas palavras Mariana sentiu um arrepio de terror e aproximou-se involuntariamente de Robin. O rapaz quis tranqüilizá-la, mas a emoção cortou-lhe de novo a palavra, e Gilberto tendo notado os temores da jovem, apressou-se a dizer-lhe:

— Fique sossegada, gentil senhorita, pois tem a seu serviço valentes corações e hábeis arqueiros, e se os *outlaws* ousarem apresentar-se poderão dar-se por felizes se puderem fugir como já tantas vezes fugiram, levando apenas consigo alguma flecha espetada no forro da jaqueta.

— Obrigada — respondeu Mariana; e dirigindo ao irmão um olhar significativo, acrescentou: — Então a vida de um guarda florestal não é isenta de inconvenientes e perigos?

Robin iludiu-se a respeito do sentido dessa frase; imaginou-a dirigida a si, sem compreender que a moça aludia aos pretensos gostos do irmão pela vida campestre, e respondeu com entusiasmo:

— Eu por mim não encontro nela senão prazer e felicidade. Passo freqüentemente dias inteiros nas povoações vizinhas, e regresso à minha bela floresta com uma alegria inexprimível, dizendo a mim mesmo que preferiria a morte ao suplício de ficar encerrado entre os muros de uma cidade.

E Robin ia prosseguir no mesmo tom, quando uma violenta batida ressoou à porta exterior da sala; a casa pareceu tremer, os cães que dormitavam à lareira ergueram-se rompendo a latir, e Gilberto, Allan e Robin lançaram-se para a porta enquanto Mariana se refugiava nos braços de Margarida.

— Olá! — gritou o guarda; — quem é o insolente visitante que assim ousa querer arrombar a minha porta?

Uma segunda pancada, mais violenta ainda que a primeira, serviu de resposta; Gilberto repetiu a sua pergunta, mas os furiosos latidos dos cachorros impossibilitaram desde logo o diálogo, e só com grande dificuldade se ouviu enfim, do lado de fora, uma voz potente que dominou o tumulto e pronunciou esta

fórmula sacramental:

— Abra, pelo amor de Deus!

— De quem se trata?

— Somos dois monges da ordem de São Bento.

— De onde vêm e para onde vão?

— Vimos da nossa abadia de Laiton, e vamos para Mansfeldwoohaus.

— Que desejam?

— Uma pousada para a noite e alguma coisa para comer; perdemo-nos na floresta e estamos morrendo de fome.

— Contudo a tua voz em nada se assemelha à de um moribundo; como queres que eu acredite que estás falando a verdade?

— Por Deus! Abra a porta e certifique-se olhando para nós — respondeu a mesma voz num toque que a impaciência tornava já menos humilde. — Vamos, teimoso guarda, abra depressa! As nossas pernas dobram-se e os nossos estômagos roncam.

Gilberto consultava os seus hóspedes e hesitava ainda, quando uma outra voz, a voz tímida e suplicante de um velho interveio:

— Pelo amor de Deus! Abra bom mateiro; juro-lhe pelas relíquias do nosso santo padroeiro que meu irmão disse a verdade!

— Afinal de contas — observou Gilberto de modo a ser ouvido do lado de fora, — nós somos aqui quatro homens, e com o auxílio dos nossos cachorros poderemos manter em respeito essa gente, seja quem fôr. Vou abrir. Robin, Lincoln, conttenham um momento os cães, e soltem-nos se algum malfeitor nos atacar.

APENAS a porta começou a girar em seus gonzos, logo um homem se entremeteu para impedi-la de fechar outra vez e surgiu atravessando instantaneamente a soleira. Esse homem, novo, robusto e de uma estatura colossal, trazia uma longa veste preta de capucho e largas mangas; uma corda atava-lhe a cintura, um imenso rosário pendia-lhe de lado e apoiava a mão num grosso e nodoso bastão de corniso.

Um velho vestido do mesmo modo seguia humildemente o forte e resoluto frade.

Após as costumeiras saudações todos voltaram à mesa na companhia dos recém-chegados, restabelecendo-se a alegria e a confiança. Contudo os donos da casa não haviam esquecido o assobio do andar de cima nem o que lhe respondera da floresta, mas disfarçavam as suas apreensões para não alarmar os hóspedes.

— Bom e valente mateiro, recebe as minhas congratulações; a mesa está admiravelmente servida! — exclamou o enorme frade devorando uma posta de veado. — Se eu não esperei que me convidasses para vir cear contigo, foi porque o meu apetite, tão agudo como a lâmina de um punhal, a isso se recusou. Verdadeiramente as palavras e os modos desse homem convinham mais a um soldado do que a um membro da Igreja. Mas naqueles tempos os frades tinham toda a liberdade de ação, eram numerosos e o vivo sentimento religioso bem como as virtudes da maioria dentre eles atraíam a veneração do povo sobre a espécie inteira.

— Bom mateiro, que a bênção da santíssima Virgem derrame sobre a tua casa a felicidade e a paz! — disse o monge velho cortando um primeiro pedaço de pão, enquanto o seu colega devorava sem parar, absorvendo copos de cerveja atrás de copos de cerveja.

— Os bons irmãos hão de perdoar-me a demora em abrir a porta — desculpou-se Gilberto, — mas a prudência...

— Está claro... a prudência nunca é demais — retrucou o monge mais novo aproveitando para respirar entre duas dentadas. — Um bando de ferozes malfeitores anda rondando pelas cercanias, e não há ainda uma hora que fomos assaltados por dois desses miseráveis que, apesar dos nossos protestos se obstinavam em acreditar que possuíamos em nossos alforjes algumas amostras desse vil metal a que dão o nome de prata. Por São Bento! Vinham bater a boa porta, e eu já me preparava para lhes fazer roncicar o cacete nas costas, quando um longo assobio, ao qual eles responderam, lhes deu o sinal de retirada.

Os convivas olharam-se com ansiedade, só o frade parecia não se inquietar com coisa alguma prosseguindo filosoficamente nos seus exercícios gastronômicos.

— Grande é a misericórdia de Deus! — prosseguiu ele após um instante de silêncio; — se não fossem os latidos dos vossos cães, que os assobios alarmaram, não poderíamos descobrir a vossa morada, e como a chuva começava a cair apenas nos restaria o refrigerio da água pura, conforme determinam as regras da nossa ordem.

Dito isso, o frade tornou a encher e a esvaziar o copo.

— Valente animal — acrescentou o religioso debruçando-se para acariciar com a mão o velho Lance, que por acaso se achava deitado a seus pés; — nobre cachorro!

Mas Lance, recusando corresponder às carícias do frade, ergueu-se nas patas, estendeu o pescoço, farejou o ar e rosnou surdamente.

— Que é isso! Que é isso! Que tens tu, meu bom Lance? — perguntou Gilberto afagando o animal.

Como única resposta o cachorro atirou-se de um salto para a porta, e sem um latido farejou de novo, pôs-se á escuta, virou a cabeça para o lado do dono parecendo pedir-lhe, com os olhos inflamados de cólera, que abrisse a porta.

— Robin, passa-me o meu bordão e apanha o teu — disse Gilberto em voz baixa.

— E eu — acrescentou no mesmo instante o frade moço, — tenho um braço de ferro, um punho de aço armado de um cacete de corniso, e tudo isto está às vossas ordens em caso de assalto.

— Obrigado — respondeu o guarda florestal; — mas pensei que a regra da sua ordem lhe proibisse utilizar as forças em semelhante caso.

— Antes de tudo, a regra da minha ordem determina que eu preste socorro e assistência aos meus semelhantes.

— Tende paciência, meus filhos — interveio o monge velho; — não sejais os primeiros a atacar.

— Seguiremos o seu conselho, meu padre; primeiro nós vamos...

Mas Gilberto foi bruscamente interrompido na explicação do seu plano de defesa por um grito de terror que Margarida soltou. A pobre senhora acabava de avistar no alto da escada o ferido, que todos supunham

moribundo em seu leito, e muda de pavor estendia os braços para a sinistra aparição. Os olhares dos presentes dirigiram-se imediatamente para o mesmo lado, mas a escada já estava vazia.

— Vamos, querida Maggie — disse Gilberto antes de continuar o seu plano de defesa, — não tremas desse modo; o pobre homem lá de cima não pode ter saído da cama, porque está muito fraco, e é pessoa mais para lastimar do que para temer, porque em caso de ataque não poderá defender-se; foste vítima de alguma alucinação, Maggie.

Assim falando o valente mateiro dissimulava os seus temores, pois só ele e Robin conheciam o verdadeiro caráter do ferido. Sem dúvida alguma o bandido estava de cumplicidade com outros do lado de fora, mas era de toda a conveniência, embora vigiando-o, não dar a entender que temiam a sua presença na casa, pois do contrário as mulheres perderiam a cabeça; lançou portanto a Robin um olhar significativo, e este, sem que ninguém o percebesse e sem fazer mais barulho que um gato nas suas rondas noturnas, trepou até ao último degrau da escada.

A porta do quarto estava entreaberta, os reflexos das luzes da sala penetravam no aposento, e ao primeiro golpe de vista Robin pôde ver o “ferido que, em vez de se conservar na cama, debruçava metade do corpo no peitoril da janela escancarada e conversava em voz baixa com alguém que estava do lado de fora.

O nosso herói arrastando-se pelo soalho conseguiu chegar até aos pés do bandido e pôde surpreender este diálogo:

— A jovem senhora e o cavaleiro estão aqui — dizia o ferido; — acabo agora mesmo de os ver.

— Será possível? — exclamou o interlocutor.

— Não há a menor dúvida; eu ia acertar as contas com ele está manhã, mas o diabo parece que veio em sua ajuda. Uma flecha partida não sei de onde veio cravar-se na minha mão e eles escaparam-me.

— Diabos do inferno!

— O acaso quis que se perdessem no caminho e viessem acolher-se de noite na mesma casa para onde me trouxe o bom homem que me encontrou banhado em sangue.

— Tanto melhor; desta vez não nos hão de escapar.

— Quantos são vocês aí fora?

— Sete.

— Eles são apenas quatro.

— Mas o difícil é entrar, porque a porta parece-me solidamente aferrolhada e ouço rosnar uma inteira matilha de cães.

— Não se preocupem com a porta; é preferível que ela fique fechada durante a luta, porque assim a bela e seu irmão não terão oportunidade de fugir outra vez.

— Que tencionas então fazer?

— Ora, que diabo! Ajudar-vos a entrar pela janela. Posso ainda usar uma das mãos, a direita, e vou amarrar à barra do peitoril os meus lençóis e as minhas cobertas. Vamos, preparem-se para a escalada.

— Com efeito! — exclamou de repente Robin; e segurando o bandido pelas pernas dispôs-se a jogá-lo pela janela.

A indignação, o furor, o ardente desejo de afastar os perigos que ameaçavam a vida de seus pais e a liberdade da bela Mariana, centuplicaram as forças do rapaz. Em vão o bandido tentou resistir àquele impulso tão bruscamente dado; teve de ceder, e perdendo o equilíbrio desapareceu no espaço para ir cair, não na terra estreme, mas no tanque cheio de água que se encontrava por baixo da janela.

Os homens do lado de fora, surpreendidos com a queda imprevista do seu cúmplice, largaram a fugir para a floresta e Robin desceu a contar o sucedido. A princípio ainda riram, mas a reflexão veio logo após o riso; Gilberto garantiu que os malfeitores, refeitos da estupefação, tornariam para assaltar a casa; tomaram-se portanto disposições para os repelir, e o velho monge frei Eldred propôs invocar por meio de uma prece geral a proteção do Altíssimo.

O frade mais novo, cujo apetite enfim se atenuara, não pôs objeções; ao contrário, entoou com voz estentórea o salmo *Exctiudi nos*. Mas Gilberto impôs-lhe silêncio, e quando todos se ajoelharam Frei Eldred pronunciou em voz baixa uma fervorosa oração.

A prece durava ainda quando gemidos entremeados de curtos assobios se ergueram do lado do tanque; a vítima de Robin chamava os fujões em seu socorro. Estes, envergonhados da fraqueza que haviam mostrado aproximaram-se silenciosamente, ajudaram o ferido a sair do banho involuntário e depositaram-no quase morto sob o telheiro, passando a deliberar sobre um novo plano de ataque.

— Mortos ou vivos, precisamos apoderar-nos de Allan Clare e de sua irmã — dizia o chefe daquele grupo de mercenários; — é a ordem do barão Fitz-Alwine, e eu preferia antes ter de enfrentar o diabo em pessoa ou deixar-me estraçalhar por um lobo faminto a voltar à presença do barão de mãos vazias. Se não fosse a estupidez deste imbecil Talhaferro já teríamos entrado na praça.

Nossos leitores adivinharão que o sacripanta tão rudemente tratado por Robin se chamava Talhaferro.

Quanto ao barão Fitz-Alwine, em breve travarão conhecimento com ele; baste-lhes por agora saber que esse vingativo fidalgo jurou a morte de Allan, em primeiro lugar porque Allan ama e é amado por *lady*

Christabel Fitz-Alwine, sua filha, e *lady* Christabel foi prometida a um rico senhor de Londres; e em segundo lugar porque esse mesmo Allan está na posse de certos segredos políticos cuja revelação causaria a morte e a ruína do barão. Ora, nesses tempos do feudalismo, o barão Fitz-Alwine, senhor de Nottingham, dispunha do direito de alta e baixa justiça sobre todo o condado, e era-lhe fácil empregar os seus homens de armas para a satisfação das suas vinganças pessoais. E que homens de armas, Santo Deus! Talhaferro era o seu mais belo ornamento.

— Vamos, meninos, sigam-me de punhal na mão e não poupem ninguém se houver resistência... Primeiro empregaremos a brandura.

E depois de ter assim falado aos sete bandidos alistados ao serviço de lorde Fitz-Alwine, bateu fortemente com o punho da espada à porta da casa, bradando:

— Em nome do barão de Nottingham, nosso alto e poderoso senhor, ordeno-te que abras e nos entregues... — Mas os furiosos latidos dos cães cobriram-lhe a voz e só com muita dificuldade se ouviu o resto da frase: — Ordeno-te que nos entregues o cavaleiro e a dama que estão escondidos em tua casa. Gilberto voltou-se imediatamente para Allan e pareceu perguntar-lhe com o olhar se ele era culpado de alguma coisa.

— Culpado, eu? — respondeu Allan. — Não, meu valente mateiro, juro-lhe que não sou culpado de crime algum, de nenhuma ação desonrosa e punível, e que meus únicos erros, bem o sabe...

— Muito bem. Nesse caso o senhor continua sendo meu hóspede e devemos-lhe ajuda e proteção até ao limite das nossas possibilidades.

— Abres ou não, diabo rebelde! — gritou o chefe dos salteadores.

— Não abrirei.

— É o que vamos ver.

E a golpes de massa o chefe rompeu a abalar a porta que teria cedido se não fosse uma tranca de ferro passada transversalmente pelo lado de dentro.

A intenção de Gilberto era ganhar tempo a fim de terminar os seus preparativos de defesa; não confiava na resistência da porta senão por mais alguns instantes, e queria que quando ele mesmo a fosse abrir os bandidos encontrassem pela frente com quem falar.

Dava desse modo a impressão do comandante de uma cidadela prestes a ser tomada de assalto; distribuía as funções, designava um posto para cada qual, inspecionava as armas e recomendava sobretudo prudência e sangue frio. Mas de coragem nem sequer falava, pois aqueles que o cercavam tinham já dado provas bastantes de a possuir.

— Agora, boa Margarida — disse Gilberto à mulher, — retira-te com esta nobre moça para um dos quartos de cima; as mulheres não são precisas aqui.

Margarida e Mariana obedeceram contrariadas.

— Tu, Robin — prosseguiu o mateiro, — vai dizer ao velho Lincoln que temos aqui serviço para ele, e em seguida irás postar-te a uma das janelas do sobrado para vigiar os movimentos dos bandidos.

— Não me contentarei só com vigiá-los — replicou o jovem que desapareceu brandindo o seu arco. — Apesar da escuridão saberei atingir o meu alvo.

— O senhor Allan tem a sua espada, e o senhor, meu padre, o seu bordão; e visto que a regra da sua ordem não se opõe a isso, faça dele um uso conveniente.

— Ofereço-me para correr os ferrolhos da porta — disse o jovem frade. — Talvez o meu bordão inspire respeito ao primeiro que avançar.

— Pois seja, e agora separemo-nos — respondeu Gilberto; — eu neste canto, de onde farei chover flechas sobre os intrusos; o senhor Allan ali, pronto a movimentar-se para onde quer se torne necessária ajuda; tu, Lincoln...

Nesse momento um velho de colossal estatura e armado de um bordão proporcional ao seu tamanho, entrou na sala.

— Tu, Lincoln, do outro lado da porta, diante do nosso bom frade, empregarás o teu arrocho em concordância com ele; mas primeiro arredemos a mesa e os escabelos, para que o campo de batalha fique desimpedido. Apaguemos também as luzes, a lareira acesa dá muita claridade. E vós, meus valentes cachorros — acrescentou o guarda afagando os seus buldogues, — e tu, caro Lance, atenção para saberdes bem onde é preciso abocanhar. Frei Eldred, que reza agora por nós, não tardará a rezar pelos estropiados e pelos mortos.

Com efeito, frei Eldred mantinha-se fervorosamente ajoelhado a um canto da sala, de costas voltadas para os atores desse drama.

Enquanto se preparava aquela cena de defesa, os assaltantes cansados de martelar inutilmente a porta haviam mudado de tática e a morada do guarda corria agora um grande perigo. Felizmente, do alto do seu ponto de observação Robin vigiava.

— Pai — veio ele dizer em surdina do cimo da escada, pai, os bandidos estão amontoando lenha diante da porta e vão pegar-lhe fogo; são sete ao todo, sem contar o ferido, que há de estar meio morto.

— Pela santa missa! — exclamou Gilberto; — não lhes demos tempo de acender lume; a minha lenha é seca, e num abrir e fechar de olhos a casa toda arderá como uma fogueira de São João. Abra, abra depressa, padre beneditino, e fiquem todos de sobreaviso!

O frade, afastando-se para o lado, estendeu o braço, ergueu a barra de ferro, fez ranger os ferrolhos, e um monte de ramos e cavacos desabou, invadindo a sala através da porta entreaberta.

— Viva! — berrou o chefe dos bandidos, que foi o primeiro a precipitar-se no aposento. — Com a breca! Também não disse mais nada, nem deu mais um único passo; Lance saltou-lhe ao pescoço, e o bordão de Lincoln e o do frade caíram-lhe simultaneamente sobre a nuca. O homem desabou, imóvel, no chão.

A mesma sorte esperava aquele que o seguiu.

O terceiro igualmente, mas os quatro outros bandidos puderam entrar em campo sem ser detidos, como os anteriores, pelos cães que ainda não tinham abandonado as suas presas; travou-se então uma luta em regra, luta que Gilberto e Robin, colocados como estavam, logo poderiam fazer cessar em seu favor, disparando as setas das suas aljavas sobre os inimigos que atacavam com lanças; mas Gilberto, de preferência a derramar sangue queria deixar ao beneditino e a Lincoln a glória de moer um a um com pancadas os esbirros do barão Fitz-Alwine, e contentou-se, bem como Allan Clare, em fazer frente aos golpes de lança.

Ainda não tinha, pois, corrido sangue, a não ser pelas mordidas dos cachorros; Robin, envergonhado da sua inação quis mostrar as suas habilidades, e digno aluno de Lincoln na ciência do bordão como já o era de Gilberto no manejo do arco, apoderou-se de um cabo de alabarda e reuniu os seus golpes aos terríveis sarilhos dos parceiros.

À aproximação de Robin um dos bandidos, um colosso, um Hércules, soltou risotas desdenhosas e ferozes, recuou um passo diante de Lincoln e do frade e deu uma reviravolta ofensiva na direção do adolescente. Mas Robin, sem se impressionar, desviou o golpe de lança que o teria trespassado, e respondendo com uma pancada direta e horizontal em pleno peito fez o bandido estatelar-se ao longo da parede.

— Bravo, Robin! — gritou Lincoln.

— Maldição! — murmurou o bandido vomitando coágulos de sangue e parecendo prestes a expirar. Mas de repente, erguendo-se nos joelhos fingiu cambalear um instante, e louco de furor correu para Robin brandindo o ferro da lança.

Era uma vez Robin! O desgraçado, no seu triunfo não cuidara de se pôr em guarda, e a lança ia trespassá-lo rápida como um raio quando o velho Lincoln, que tudo espreitava, derrubou o assassino com uma bordoadada que perpendicularmente lhe assentou no alto do crânio.

— Quatro! — exclamou então rindo de contentamento. Com efeito, quatro assaltantes estavam já estirados no chão, não restando em luta senão três, que aliás pareciam mais dispostos a empreender a fuga do que a manter a ofensiva.

É que o enorme arrocho de corniso manobrado pelo frade beneditino não cessava de lhes acariciar os membros.

Era um belo espetáculo aquele frade de cabeça descoberta e inflamada de santa cólera, com as mangas arregaçadas até ao cotovelo, o longo hábito repuxado para cima dos joelhos!

O anjo Gabriel combatendo o demônio não teria uma presença mais terrificante.

Enquanto o heróico monge, diante do qual Lincoln se mantinha em respeitosa admiração, continuava a luta de arma em punho, Gilberto ajudado por Robin e Allan, ocupava-se em amarrar solidamente os membros dos vencidos que ainda respiravam. Dois deles imploravam misericórdia, um terceiro estava morto; o chefe, de quem Lance não descravara ainda as mandíbulas, estertorava horivelmente e encontrava por vezes forças bastantes para gritar aos companheiros:

— Mata! Mata! Mata este cão!

Mas os companheiros não o ouviam, e ainda que o tivessem ouvido as preocupações com a defesa própria tê-los-iam impedido de lhe prestar qualquer socorro.

Em todo o caso um homem, com cuja presença ninguém contava, atreveu-se a vir em sua ajuda.

Talhaferro, que estivera quase a afogar-se no tanque, e que os companheiros haviam deposto moribundo sobre o chão do telheiro, reanimado pelos fragores da batalha viera-se arrastando até ao campo da luta e ia apunhalar o valente Lance quando Robin, dando de repente com os olhos nele o segurou pelos ombros, virou-o de costas, arrancou-lhe o punhal das mãos e assentou-lhe os joelhos sobre o peito até que Gilberto e Allan lhe ataram solidamente os braços e as pernas.

Essa tentativa de Talhaferro iria acelerar a morte do seu chefe. Lance tomou-se do acesso de fúria que todos os cachorros experimentam quando se tenta arrancar-lhes um osso da boca, e enterrando cada vez mais os agudos dentes na garganta da sua vítima dilacerou-lhe a artéria carótida e as veias jugulares, de modo que a vida do malfeitor se lhe esvaiu juntamente com o sangue.

Sabedores da morte do chefe, nem por isso os bandidos deixaram de prosseguir na luta; mas esta não podia durar muito mais tempo, e a própria fuga se lhes tornara agora impossível desde que Lincoln,

trancando e aferrolhando a porta, os deixara como presos numa ratoeira.

— Misericórdia! — gritou um deles atordoado, pisado, moído pelas bordoadas do monge.

— Nada de misericórdia! — replicou o frade. — Vocês não queriam carícias? Pois muito bem, aí as têm.

— Misericórdia, pelo amor de Deus!

— Não podemos dar quartel só a um!

E o arrocho de corniso desabava, esbordoava sem cessar, só tornando a erguer-se para recair com mais força.

— Misericórdia! Misericórdia! Misericórdia! — bradaram por fim os três ao mesmo tempo.

— Então, antes de mais nada, abaixo as lanças!

Todos jogaram as lanças por terra.

— Agora de joelhos!

Os bandidos ajoelharam.

— Muito bem! Só me resta enxugar o meu cacete. — Para o jovial religioso, enxugar o seu cacete queria dizer enviar uma derradeira e vigorosa saraivada de pauladas às costas dos vencidos. Feito isso cruzou os braços, e apoiando o cotovelo direito à extremidade da sua arma temível, numa atitude de Hércules triunfante, declarou:

— Agora, é ao dono da casa que compete decidir a respeito da vossa sorte.

Gilberto Head tornava-se senhor da vida daqueles sacripantas; poderia dar-lhes a morte conforme os usos e costumes da época, em que cada qual fazia justiça pelas próprias mãos mas tinha horror ao sangue vertido fora dos casos de legítima defesa; de modo que tomou outro partido.

Começaram por erguer os seis feridos, reanimaram as forças dos mais maltratados, ligaram-lhes as mãos atrás das costas, amarraram-nos em seguida uns aos outros como se fossem grilhetas, e Lincoln, ajudado pelo moço frade, conduziu-os para um ponto algumas milhas distante da casa, num dos mais espessos matagais da floresta, aí os deixando entregues às suas reflexões.

Talhaferro não fazia parte do cortejo.

— Gilberto Head — dissera ele no instante em que Lincoln pretendia amarrá-lo à cadeira dos outros, — Gilberto Head, manda-me pôr numa cama; preciso de falar contigo antes de morrer.

— Não, cachorro ingrato; o que eu devia era enforcar-te numa dessas árvores mais próximas!

— Pelo amor de Deus, escuta-me!

— Não tenho nada que escutar, vais ser remetido juntamente com os outros.

— Escuta-me, o que tenho a dizer-te é da máxima importância.

Gilberto ia recusar mais uma vez, mas pareceu-lhe surpreender na boca de Talhaferro um nome que despertava nele todo um mundo de dolorosas recordações.

— Annette! ele pronunciou o nome de Annette! — murmurou Gilberto subitamente curioso, debruçando-se sobre o ferido.

— Sim, foi justamente o nome de Annette que eu pronunciei — respondeu debilmente o moribundo.

— Fala então! dize-me tudo o que sabes a respeito de Annette.

— Não aqui; lá em cima, quando estivermos sozinhos.

— Estamos aqui sozinhos.

Gilberto assim o pensava, porque Robin e Allan estavam entretidos a cavar, a pequena distância da casa, uma cova para dar sepultura ao morto, e Margarida e Mariana não tinham ainda deixado os seus esconderijos.

— Não, nós não estamos sozinhos — disse Talhaferro indicando o velho monge que rezava junto ao cadáver do bandido.

Em seguida, agarrando-se ao braço de Gilberto, o ferido tentou erguer-se do chão; mas o velho repeliu-o vivamente.

— Não me toques, miserável.

O desgraçado recaiu sobre as costas, e Gilberto, penalizado contra a vontade, ergueu-o brandamente; a recordação de Annette aplacava-lhe a cólera.

— Gilberto — começou Talhaferro numa voz cada vez mais fraca, — tenho-te feito muito mal, mas vou tentar repará-lo.

— Não peço reparação nenhuma; escuto apenas o que tens a dizer-me.

— Ah, Gilberto, pelo amor de Deus não me deixes morrer!... Sufoco... Conserva-me a vida por um instante e eu te direi tudo, mas lá em cima! Lá em cima!

Gilberto ia sair a fim de chamar Robin e Allan para que o ajudassem a transportar o moribundo para uma cama, quando este, supondo que o guarda o deixava ao abandono, fez um novo esforço para se erguer a meio e exclamou em voz alta:

— Não me reconheces então, Gilberto?

— Reconheço-te pelo que és, um assassino, um maldito, um traidor! — gritou Gilberto de pé, já na soleira da porta.

— Sou pior do que tudo isso, Gilberto; sou Ritson, Rolando Ritson, o irmão de tua mulher.
— Ritson! Ritson! Ó virgem santa, mãe de Deus! Será possível?
E Gilberto veio cair de joelhos ao pé do moribundo, que se debatia nas derradeiras vascas da agonia.

V

AQUELE tempestuoso anoitecer sucedeu uma noite de calma e de silêncio. O moço frade e Lincoln haviam regressado da expedição à floresta para enterrar o cadáver do bandido; Mariana e Margarida apenas em sonhos continuavam ouvindo os rumores da luta; Allan, Robin, Lincoln e os dois frades reparavam agora as suas forças num profundo sono; somente Gilberto Head velava ainda. Debruçado sobre a cama de Ritson, que continuava desmaiado, esperava em mortal ansiedade que o agonizante abrisse os olhos, e duvidava... duvidava que aquele homem de face lívida e descomposta, de traços estigmatizados pelo vício e envelhecidos pela libertinagem mais do que pela idade, fosse o alegre e belo Ritson de outros tempos, o bem-amado irmão de Margarida, o noivo da desventurada Annette. E juntando as mãos, Gilberto implorou:

— Permiti, meu Deus, que ele não morra ainda!

Deus permitiu-o, e quando o sol nascente inundou de luz o aposento, Ritson, como se estivesse despertando do sono da morte, estremeceu, teve um longo suspiro de arrependimento, e tomando a mão de Gilberto levou-a aos lábios, balbuciando estas palavras:

— Perdoas-me?

— Primeiro fala — respondeu Gilberto que tinha pressa em receber esclarecimentos a respeito da morte de sua irmã Annette e do nascimento do Robin; — depois te perdoarei.

— Morrerei então menos desgraçado.

Ritson ia começar as suas revelações, quando um rumor de vozes alegres se fez ouvir na sala do rés-do-chão.

— Pai, está dormindo? — perguntou Robin junto aos primeiros degraus da escada.

— É hora de partir para Nottingham se queremos voltar ainda hoje — acrescentou Allan Clare.

— E se o consentis, senhores — interveio o hercúleo frade, — serei vosso companheiro de viagem, pois tenho uma boa obra a realizar no castelo de Nottingham.

— Vamos, pai, desça então para que possamos apresentar-lhe as nossas despedidas.

Gilberto desceu, mas contra a vontade: temia que o moribundo expirasse de um momento para outro, e arranhou as coisas de modo a subir prontamente para junto dele e não mais ser incomodado enquanto durasse essa entrevista solene onde sem dúvida surgiriam revelações importantes.

Despediu-se à pressa de Robin, Allan e do frade; Mariana e Margarida deviam acompanhá-los a certa distância da casa, a fim de se distraírem com um passeio matinal; Lincoln foi mandado com um pretexto qualquer a Mansfieldwoohaus, e o padre Eldred aproveitou a ocasião para ir visitar o povoado próximo; ao fim do dia todos se tornariam a reunir.

— Agora estamos sozinhos; podes falar que te estou escutando — disse Gilberto sentando-se à cabeceira de Ritson.

— Não te irei contar, irmão, todos os crimes, todas as ações monstruosas de que me tornei culpado. Seria um relato demasiado longo. Aliás, de que serviria contar tudo isso? Tu queres saber apenas duas coisas: o que diz respeito a Annette e o que se refere a Robin, não é verdade?

— Justamente; mas fala-me primeiro de Robin — respondeu Gilberto, temeroso de que o moribundo não dispusesse de tempo para fazer todas as suas confissões.

— Como sabes, deixei Mansfieldwoohaus há vinte e três anos para entrar ao serviço de Filipe Fitzooth, barão de Beasant. Esse título fora concedido a meu amo pelo rei Henrique, em recompensa de serviços prestados durante a guerra de França. Filipe Fitzooth era o filho mais novo do velho conde de Huntingdon, que morreu muito tempo antes da minha entrada para essa casa, e deixou os seus bens e título ao filho mais velho Roberto Fitzooth.

“Algum tempo depois dessa herança, Roberto perdeu a esposa nos trabalhos do parto, e concentrou todas as suas afeições no herdeiro que ela lhe deixou, débil e infeliz criança cuja vida só foi preservada à custa de cuidados incessantes e minuciosos. O conde Roberto, já inconsolável pela morte da mulher e desesperando do futuro do filho, deixou-se dominar pela tristeza e morreu confiando a seu irmão Filipe a missão de velar pelo único rebento da sua raça.

“A partir de então o barão de Beasant, Filipe de Fitzooth, tinha um dever imperioso a cumprir. Mas a ambição, o desejo de adquirir novos títulos nobiliárquicos e de herdar uma fortuna colossal levaram-no a esquecer as recomendações do irmão, e após alguns dias de hesitação ele resolveu desfazer-se da criança; mas teve logo de renunciar a esse projeto, porque o jovem Roberto vivia em meio de numerosa criadagem, e os lacaios, guardas e habitantes do condado que lhe eram devotados não deixariam de protestar e até de se revoltar se Filipe de Fitzooth tivesse ousado despojá-lo abertamente dos seus direitos. “Resolveu assim contemporizar, explorando a fraca constituição do herdeiro que, segundo a opinião dos médicos, não tardaria a sucumbir se lhe incutissem o gosto pela libertinagem e pelos exercícios violentos. “Foi com esse intuito que Filipe Fitzooth me tomou ao seu serviço. Já o conde Roberto completara os seus dezesseis anos, e segundo os infames cálculos de seu tio eu deveria tentar a sua perda por todos os meios possíveis, quedas, acidentes, doenças; enfim, tudo devia pôr em prática para que ele morresse depressa, tudo, exceto o assassinato.

“Confesso para minha vergonha, valente Gilberto, que fui um digno e zeloso mandatário do barão de Beasant, o qual não poderia fiscalizar o meu trabalho de corruptor e assassino, visto que o rei Henrique o mandara comandar um corpo de exército em França. Deus me perdoe! Poderia ter aproveitado a sua ausência para desmanchar essa trama odiosa, mas ao contrário, esforcei-me por ganhar a recompensa prometida para o dia em que eu lhe anunciasse a morte de Roberto.

“Mas Roberto à maneira que crescia foi-se tornando forte. A fadiga nada podia contra ele; debalde corríamos de dia e de noite, estivesse bom ou mau tempo, por planícies e florestas, tabernas e lugares escusos, e a maioria das vezes era eu que pedia tréguas! Meu amor-próprio ressentia-se disso, e se o barão me houvesse então escrito uma palavra, uma só palavra que fosse de sentido dúbio a propósito dessa

saúde maravilhosa e invencível, eu não teria hesitado em fazer intervir algum veneno lento para dar fim à minha obra.

“Minha tarefa ia-se tornando cada dia mais penosa, e em vão esgotei todos os recursos da imaginação sem encontrar um meio natural para abalar o estranho vigor do meu pupilo; eu próprio acabei por ficar esgotado e estava a ponto de rescindir o meu contrato com o barão de Beasant, quando por fim julguei notar certas mudanças na fisionomia e nas maneiras do jovem conde; essas mudanças, a princípio quase imperceptíveis foram-se tornando pouco a pouco relevantes, reais, de grande importância; ele foi perdendo a vivacidade e a alegria, ficava triste e sonhador durante horas inteiras, parava imóvel no instante de fazer sair a caça do covil, ou passeava solitariamente enquanto os cachorros forçavam a saída do animal; já não comia, não bebia mais, não dormia, fugia das mulheres e apenas uma ou duas vezes por dia falava comigo.

“Não tendo a esperar qualquer confiança da sua parte, desejei espioná-lo para descobrir as causas de tão surpreendente mudança; mas a espionagem tornava-se difícil porque ele achava sempre pretextos para me mandar para longe.

“Certo dia em que andávamos à caça, alcançamos, perseguindo um cervo, os limites da floresta de Huntingdon; aí o conde deteve-se, e após uns momentos de descanso disse-me num tom breve:

“— Rolando, espera por mim ao pé deste carvalho; regressarei dentro de algumas horas.

“— Perfeitamente, senhor — respondi eu.

“O conde embrenhou-se num matagal. Sem perda de tempo amarrei os meus cachorros a uma árvore e lancei-me na sua pista, acompanhando através dos silvados os vestígios da sua passagem; mas por maiores que fossem os meus esforços ele escapou-me, e eu vagueei tanto tempo, tanto tempo que acabei por me extraviar.

“E enquanto que, muito desapontado por haver perdido aquela ocasião de descobrir o mistério em que se envolvia Roberto, eu tentava reencontrar a árvore junto à qual ele me ordenara que o esperasse, ouvi a alguns passos de distância, por trás de um tufo de arbustos uma doce voz, uma caridosa voz de moça. Detive-me, afastei cuidadosamente alguns ramos, e vi, sentados lado a lado, conversando e sorrindo, de mão entrelaçadas, meu amo e uma formosa jovem de dezesseis ou dezessete anos.

“— Ah! ah! — disse comigo, — eis aqui uma novidade que decerto não espera o senhor barão de Beasant! Roberto está apaixonado; isso explica as suas insônias, a sua tristeza, a sua falta de apetite e especialmente os seus solitários passeios.

“Prestei um ouvido atento às palavras dos dois namorados, esperando surpreender algum segredo, mas não ouvi outra coisa além da linguagem habitualmente usada em semelhantes circunstâncias.

“O dia declinava; Roberto ergueu-se, e tomando o braço da jovem conduziu-a até à orla da floresta, onde a esperava um criado com dois cavalos; acompanhei-os de longe, vi-os despedirem-se e meu amo regressou em largas passadas ao Ponto onde me deixara.

“Mal tive tempo de chegar primeiro, e quando ele apareceu os cachorros estavam desamarrados e eu fazia soar a trompa a trompa a plenos pulmões.

“— Para que tanta algazarra? — perguntou ele.

“— O sol está descendo, senhor conde — respondi, — Eu temia que viesse a perder-se na floresta.

“— Eu não estava perdido — voltou ele com frieza. — Regressemos ao castelo.

“As entrevistas de Roberto e de sua bem-amada repetiram-se por muito tempo. Para as facilitar Roberto confiou-me o seu segredo, e eu só referi o caso ao barão de Beasant depois de me haver informado com detalhes da posição da linda jovem. *Miss Laura* pertencia a uma família menos elevada na hierarquia nobiliária do que a de Roberto, mas cuja aliança não constituía propriamente um desdouro.

“O barão ordenou-me que impedisse a todo o custo o casamento de Roberto com essa *miss Laura*, chegando mesmo a dar-me instruções para sacrificar a jovem.

“Essa ordem pareceu-me demasiado cruel, demasiado perigosa, e sobretudo muito difícil de executar; desejaria recusar-me a obedecer-lhe, mas como o poderia conseguir se vendera alma e corpo ao barão de Beasant?

“Estava sem saber que partido tomar nem a que demônio pedir conselho, quando, confiante e indiscreto como fica todo o homem feliz, Roberto me informou que, desejando ser amado por si mesmo, ocultara a *miss Laura* a sua alta linhagem.

“*Miss Laura* supunha-o filho de um guarda florestal, e consentia, apesar dessa baixa origem, em dar-lhe a sua mão.

“Roberto alugara uma casinhola na pequena cidade de Lookeys, em Nottinghamshire, onde devia refugiar-se com sua jovem esposa, e para que ninguém desconfiasse de nada anunciaria, ao deixar o castelo de Huntingdon, que ia passar alguns meses na Normandia em casa de seu tio o barão de Beasant.

“Esse plano logrou o mais completo sucesso; um sacerdote uniu clandestinamente os dois apaixonados, eu fui a única testemunha do casamento e desde então passamos a viver na casinhola de Lookeys.

“Aí decorreram longos dias de felicidade, a despeito das ordens prementes do barão que eu mantinha ao

corrente de tudo quanto se passava, e que me fulminava com a sua cólera por não ter posto obstáculos a essa união... Deus seja louvado agora! Não tive poderes para o evitar.

“Após um ano de felicidade sem nuvens Laura deu à luz um filho, mas o nascimento desse filho custou-lhe a vida.

— É esse filho — perguntou ansiosamente Gilberto, — esse filho será?...

— Sim, é a criança que há de haver quinze anos te confiamos.

— Robin tem então o direito de usar o título de conde de Huntingdon?

— Sem dúvida; Robin é conde, Robin...

E Ritson que, sustentado pela febre dos remorsos conseguira falar tão longamente, parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro, agora que Gilberto interrompera a sua narrativa.

— Ah! Meu filho adotivo é conde — repetia orgulhosamente o velho Gilberto Head, — conde de Huntingdon! Acaba, irmão, acaba a história do meu Robin.

Ritson reuniu tudo o que lhe restava de forças e prosseguiu deste modo:

— Roberto, louco de dor, repeliu todas as consolações, perdeu a coragem e caiu seriamente enfermo.

“O barão de Beasant, descontente com a minha vigilância havia-me anunciado o seu próximo regresso; eu imaginara agir de acordo com os seus desígnios fazendo sepultar a condessa num convento das vizinhanças, sem revelar a sua qualidade de esposa do conde Roberto, e pus o menino a criar em casa de uma rendeira da minha confiança. Enquanto isso o barão de Beasant voltou à Inglaterra, e achando conveniente para os seus projetos não desmentir a pretensa excursão de Roberto à França, mandou-o transportar para o castelo anunciando que ele adoecera durante a viagem.

“A sorte favorecia o barão de Beasant: ele estava a ponto de realizar enfim as suas ambições, via-se já herdeiro dos títulos e da fortuna do conde de Huntingdon; Roberto ia morrer... Alguns momentos antes de exalar o último suspiro, o desventurado moço mandou chamar o barão à sua cabeceira, contou-lhe o seu casamento com Laura e obrigou-o a jurar sobre os Evangelhos que cuidaria da educação do órfão. O tio jurou... mas o cadáver do infeliz Roberto ainda não tinha arrefecido e já o barão me chamava à câmara mortuária e por sua vez me obrigava a jurar sobre os Evangelhos nunca revelar, enquanto ele vivesse, o casamento de Roberto, o nascimento de seu filho, ou as circunstâncias da sua morte.

“Eu estava profundamente magoado; chorei com saudades de meu amo, ou antes de meu pupilo, meu companheiro, tão meigo, tão bom, tão generoso para mim e para todos; mas era forçoso obedecer ao barão de Beasant.

“Jurei então, e foi quando vos trouxemos a espoliada criança.

— E onde está o barão de Beasant, que se tornou conde e Huntingdon por usurpação? — perguntou Gilberto.

— Morreu em um naufrágio nas costas de França, e era eu quem nessa altura o acompanhava como o acompanhei quando viemos aqui; fui eu que trouxe à Inglaterra a notícia da sua morte.

— E quem lhe sucedeu?

— O rico abade de Ramsey, William Fitzooth.

— Como! É então um sacerdote que despoja em seu benefício meu filho Robin?

— Sim; esse abade tomou-me ao seu serviço, e justamente há poucos dias despediu-me com a maior injustiça, após uma discussão que tive com um dos seus criados. Saí de sua casa com o coração cheio de ódio e jurando vingar-me... E embora a morte me torne impotente, estou seguro de me haver vingado, pois ou conheço muito mal Gilberto Head ou ele não há de permitir que Robin fique por muito tempo privado da herança que lhe compete.

— Não, ele não ficará por muito tempo privado da sua herança — respondeu Gilberto, — ou então eu morreria de desgosto. Que parentes lhe restam do lado da mãe? Eles hão de ter interesse em que Robin seja reconhecido conde de Inglaterra.

— *Sir Guy de Garnwell-Hall* é o pai da condessa Laura.

— Que dizes! O velho *sir Guy de Garnwell-Hall*, esse que mora do outro lado da floresta com seus seis robustos filhos, os valentes caçadores de Sherwood?

— Esse mesmo, irmão.

— Pois bem! Com a ajuda deles comprometo-me a expulsar do castelo de Huntingdon o senhor abade, embora ele seja chamado o rico, o poderoso abade de Ramsey, barão de Broughton.

— Irmão, estarei certo de morrer vingado? — perguntou Ritson mal entreabrindo a boca.

— Pela minha palavra e pelo meu braço juro, se Deus me der vida e saúde, que Robin será conde de Huntingdon embora tenha de lutar contra todos os abades de Inglaterra!... e não há duvida de que eles todos juntos compõem um lindo número.

— Obrigado! Pelo menos assim terei resgatado alguns dos meus grandes erros.

A agonia de Ritson prolongava-se, e de tempos a tempos ele reunia algumas energias para fazer novas confissões. Não tinha ainda dito tudo; seria a vergonha ou as proximidades da morte que lhe obscureciam a memória?

— Ah! — murmurou ele após um longo estertor; — ia-me esquecendo de uma coisa importante... muito importante...

— Fala — disse Gilberto amparando-lhe a cabeça, — fala.

— Esse cavaleiro e essa jovem senhora a quem destes hospitalidade...

— Sim, e então?

— Eu tencionava matá-los. Ontem... o barão Fitz-Alwine pagou-me para cometer esse assassinato, e com receio de que eu os não encontrasse mandou esses homens persegui-los, esses meus cúmplices que vocês desbarataram esta noite. Não sei porque o barão deseja arrancar a vida a essas duas pessoas... mas avisa-os da minha parte para que evitem quanto possível aproximar-se do castelo de Nottingham.

Gilberto estremeceu ao recordar-se de que Allan e Robin tinham partido para Nottingham, mas agora era demasiado tarde para os advertir do perigo que corriam.

— Ritson — disse ele, — eu conheço um frade beneditino que não anda longe daqui; queres que eu o vá procurar para que ele te reconcilie com Deus?

— Não vale a pena; eu estou condenado, condenado, condenado, e além disso ele não chegaria a tempo... sinto-me morrer.

— Coragem, irmão!

— Sinto que vou morrer, e se me perdoas, Gilberto, promete que me sepultarás entre o carvalho e a faia que estão lá em baixo junto à encruzilhada de Mansfeldwoohaus; abrirás a minha cova entre essas duas árvores. Queres prometer-me isso?

— Cumprirei a tua vontade.

— Obrigado, meu bom Gilberto...

Logo em seguida Ritson acrescentou, torcendo os braços com desespero:

— Ah! Tu não conheces todos os meus crimes! Preciso confessar tudo!... Mas se eu confessar tudo, prometes ainda enterrar-me lá onde te pedi?

— Sim, fica prometido, seja o que for que tenhas a dizer-me.

— Gilberto Head, tu tinhas uma irmã! recordas-te dela?

— Oh! — exclamou Gilberto empalidecendo e cujas mãos se uniram convulsivamente; — se me recordo! Que tens tu a dizer-me a respeito de minha pobre irmã, perdida na floresta, raptada por algum fora da lei ou devorada pelos lobos? Anette, a minha doce e linda Annette!

Ritson estremeceu dos arrepios da morte, e numa voz quase extinta acrescentou:

— Tu amavas minha irmã Margarida, Gilberto, eu amava tua irmã Annette; amava-a com loucura, amava-a até ao delírio e todos vós ignoráveis que eu a amasse desse modo. Um dia encontrei-a na floresta, e esqueci que um homem de honra deve respeitar a moça que quer tornar sua esposa. Annette repeliu-me com desprezo e jurou que nunca mais me perdoaria esse atrevimento... Implorei-lhe perdão, caí de joelhos a seus pés, falei-lhe em morrer... Ela enterneceu-se, e lá embaixo, sob as árvores onde desejo ser enterrado, trocamos as nossas juras de amor... Alguns dias depois, enganei-a de um modo indigno e infame: um dos meus amigos, disfarçado de sacerdote casou-nos secretamente.

— Diabos do inferno! — rugiu Gilberto desvairado pela cólera e agarrando-se à madeira do leito para melhor resistir à tentação de estrangular o miserável.

— Sim, mereço a morte e a morte não tardará... Gilberto, não me mates, ainda não te disse tudo... Annette supunha-se portanto minha esposa; era demasiado pura, demasiado inocente para suspeitar a minha perfídia, e dava crédito a todos os motivos que eu inventava para me dispensar de dar a conhecer a nossa união à sua família; eu adiava constantemente o momento dessa revelação, até que por fim ela se tornou mãe. Daí em diante era-lhe impossível continuar a viver na casa de seu pai. Entretanto tu casaste com minha irmã, a ocasião era excelente para tudo confessar e ela implorou-me que o fizesse; mas eu deixara de a amar, não pensava senão nos meios de abandonar a região sem a avisar da minha partida. Uma tarde Annette estava à minha espera sob o carvalho onde eu jurara amá-la eternamente; fui para esse encontro com a cabeça cheia de pensamentos sinistros, e escutei friamente os seus rogos, as suas censuras entremeadas de lágrimas e soluços. Ah! porque não fiquei surdo e indiferente quando desvairada a meus pés e apertando os meus joelhos contra o meu peito ela me declarou preferir que eu a apunhalasse a ser abandonada por mim! Ainda a palavra “Mata-me!” não lhe tinha morrido nos lábios, já um demônio, sim, um demônio! Me levou a segurar o punhal... e eu feri uma vez, duas vezes, três vezes... Estávamos sozinhos, a noite era escura; fiquei ali de pé, imóvel, parecendo inconsciente do meu crime, sem mais me recordar do que havia feito, sem pensar em mais nada, creio eu... quando bruscamente senti nas pernas uma sensação de calor: era o sangue de Annette que jorrava sobre mim!... Despertei então da minha letargia, apercebi-me do crime que cometera e pensei em fugir; mas as suas mãos envolviam os meus pés, ouvi-lhe a doce voz que dizia: “Obrigada, meu Rolando!” Oh! Deus quis então castigar-me para toda a vida, pois no momento em que compreendi a extensão da minha perversidade ele recusou-me a aragem para me apunhalar sobre o corpo exangue da pobre Annette.

— Miserável! Miserável, que mataste minha irmã! — bradava Gilberto cada vez que Ritson parava para

tomar fôlego. — Que fizeste do seu corpo, assassino, infame assassino?

— Enquanto ela assim me agradecia, os raios da lua atravessando a folhagem iluminaram-lhe o pálido rosto e eu pude ler o meu perdão em seus olhos... Em seguida estendeu-me a mão e exalou o último suspiro, murmurando ainda estas palavras entrecortadas: “Obrigada, Rolando, obrigada! Prefiro a morte à vida sem o teu amor! Desejo que para sempre se ignore aquilo em que me tornei... esconde o meu corpo ao pé desta árvore”. Não sei quanto tempo permaneci fulminado, desfalecido junto ao cadáver da infeliz Annette; quando voltei a mim estava sob a impressão de uma vivíssima dor, parecia-me que a carne do meu braço estava sendo dilacerada por agudos dentes; e não me enganava: era um lobo que, atraído pelo cheiro do sangue chegava para a carniça... A luta que tive de sustentar contra esse animal devolveu-me todo o sangue frio; compreendi que se não enterrasse quanto antes o corpo da minha vítima, o meu crime seria descoberto. Cavei, pois, uma tumba entre o carvalho e a faia de que te falei, e depois de aí ter depositado a pobre Annette larguei a fugir; atormentado pelos remorsos, andei vagabundeando pela floresta até ao romper do dia... Foi então que me encontrásteis estendido no chão, coberto de mordeduras e banhado em sangue; os lobos perseguiam-me, queriam devorar-me, e se não fôsseis vós teria recebido logo o castigo do meu crime!... No dia seguinte, quando todos se alarmaram com o desaparecimento de Annette, guardei-me de confessar qualquer detalhe da minha proeza e até mesmo vos auxiliei nas buscas para a descobrir, dando a entender que algum fora da lei a teria raptado, ou que ela tivesse servido de pasto aos animais ferozes...

Gilberto deixou de prestar atenção a Ritson, indo apoiar-se, soluçando, ao rebordo da janela.

Baldadamente o desgraçado lhe gritava: “Eu morro! Eu morro! Não esqueças o carvalho!” Ele ficou imenso tempo no mesmo lugar, imóvel e abismado na sua dor, e quando voltou para junto do leito, Ritson já havia dado o último suspiro.

Durante essa lenta agonia de Rolando Ritson, os nossos três viajantes a caminho de Nottingham, Allan, Robin e o frade, o frade de temeroso apetite, valente coração e membros vigorosos, caminhavam rapidamente através da imensa floresta de Sherwood. Conversavam, riam e cantavam; às vezes era o vasto monge que contava alguma aventura brejeira, outras vezes a voz argentina de Robin iniciava uma balada, ou ainda Allan, que pelas suas reflexões espirituosas cativava a atenção dos companheiros de viagem.

— Mestre Allan — atalhou de repente Robin, — o sol já marca meio-dia e o meu estômago já mal se recorda do almoço desta manhã. Se quiser atender ao que eu digo, alcançaremos às bordas de um regato que corre a alguns passos daqui, e como disponho de víveres em meu alforje poderemos comer enquanto descansamos.

— A proposta que acabas de fazer-nos é cheia de bom-senso, meu filho, — replicou o frade, — e a ela adiro de todo o coração, quero dizer, com todos os meus dentes.

— Também lhe não oponho obstáculos, caro Robin — interveio Allan; — permite-me, porém, observar-te que faço absoluta questão de chegar ao castelo de Nottingham antes do pôr do sol, e que se a tua proposta de algum modo o impede, prefiro continuar o caminho a deter-me seja para o que fôr.

— Faça-se como quiserdes, senhor — respondeu Robin; — para onde fordes também nós iremos.

— Para o regato! Para o regato! — berrou o monge; — nós não estamos a mais de três milhas de Nottingham, e dispomos dez vezes do tempo necessário para lá chegar antes de anoitecer; não é uma hora de repouso e uma boa refeição que nos irão impedir de lá chegar a tempo.

Tranqüilizado pelas palavras do monge Allan concordou em fazer alto, e todos se foram sentar à sombra de um grande carvalho, no fundo de um delicioso vale por onde serpenteava um estreito regato de águas límpidas e transparentes, leito semeado de pedras brancas e côr-de-rosa e margens bordadas de floridas ervas.

— Que encantadora paisagem! — exclamou Allan cujos olhares inventariavam as belezas daquele pequeno recanto do mundo; — parece-me contudo, caro Robin, que este paraíso terrestre está muito afastado da tua casa para que aqui venhas repousar com muita frequência.

— Com efeito, senhor, raramente aqui vimos, apenas uma vez por ano, e não quando tudo reverdece, quando tudo flori, quando tudo é belo como hoje, e sim quando o inverno tudo devastou e o vento sacode lugubrememente os ramos das árvores, despojados das suas folhas e cobertos de geada; nosso coração enche-se então de tristeza, assim como o céu se enche de nuvens, e o luto da natureza concorda perfeitamente com o nosso.

— Que luto é esse, Robin?

— Está vendo aquela faia que se ergue lá adiante no centro de um maciço de roseiras bravas? Há um túmulo sob essa faia, o túmulo do irmão de meu pai, Robin Hood, cujo nome uso. Foi algum tempo antes de eu nascer: os dois forasteiros regressavam da caça, quando foram assaltados por um bando de *outlaws*; defenderam-se valentemente, mas ai! Meu tio Robin recebeu uma flecha em pleno peito e caiu para nunca mais se levantar; Gilberto vingou a sua morte e ergueu-lhe esse humilde mausoléu, diante do qual vimos rezar e chorar todos os anos, no dia do aniversário dessa desgraça.

— Não há lugar do universo, por mais belo que seja, que o homem não tenha profanado — observou sentenciosamente o monge.

Em seguida, mudando de tom, acrescentou com uma alegre impaciência:

— Vamos, Robin! Deixa dormir o teu defunto e pensa nos vivos que te acompanham; um morto não tem fome, e a fome vai-nos moendo. Coragem! Abre a tua sacola; segundo nos disseste, ela deve conter tesouros de provisões...

Sentados na erva à beira do regato os três companheiros banquetearam-se largamente, graças à providência da excelente Margarida, e uma rotunda cabaça, cheia de um velho vinho de França, tantas vezes repassou das mãos para os lábios e dos lábios para as mãos dos viajantes, que a alegria de cada um se foi tornando mais expansiva, e o tempo destinado àquela parada se foi prolongando indefinidamente sem que eles o percebessem. Robin cantava, cantava sem descontinuar. Allan, transportado ao sétimo céu, descrevia pomposamente os encantos e as virtudes de *lady* Christabel. O frade pairava a torto e a direito, declarando aos ecos que se chamava Gil Sherbowne, que pertencia a uma boa família de camponeses, que preferia a vida de convento à vida ativa e independente do guarda florestal, e que havia comprado e pago por bom preço ao superior da sua ordem o direito de agir à sua vontade e de manejar o bordão.

— Deram-lhe a alcunha de *frei Tuck* — acrescentou ele, — por causa das minhas habilidades de caceteiro, e pelo costume que tenho de arregaçar o hábito até aos joelhos. Sou bom para com os bons e mau para com os maus, dou um aperto de mão aos meus amigos e uma bordoadada nos meus inimigos, canto baladas para rir e canções para beber conforme os outros gostam de rir ou de beber, rezo com os devotos, então o *Oremus* com os beatos, e tenho alegres histórias para contar àqueles que detestam as homílias. Aqui está como sou, eis aqui frei Tuck! E vós, senhor Allan, não nos direis quem sois?

— De muito boa vontade, se me derdes licença de falar — respondeu Allan.

Nesse momento Robin estendeu a mão para a sua cabaça, que ainda não estava completamente vazia, ao mesmo tempo que frei Tuck alongava o braço para se apoderar dela.

— Epa! Um minuto! — exclamou o rapaz; — eu te darei a cabaça, frei Tuck, se não interromperes o senhor Allan Clare.

— Podes dar-ma, que eu não o interromperei.

— É o que veremos quando o cavaleiro tiver acabado.

— Perverso Robin! A sede estrangula-me!

— Pois trata de atirar a sede à água.

O frade fez uma comprida careta de despeito, e estendeu-se na relva como para dormir em vez de escutar a história de Allan Clare.

— Eu sou de origem saxônia — começou este último; — meu pai era íntimo amigo do primeiro ministro de Henrique II, Tomás Becket, e esta amizade foi a causa de todas as suas desventuras, pois foi exilado por ocasião da morte desse ministro.

Robin ia imitar o frade, pois muito pouco lhe interessavam os pomposos elogios que o cavaleiro fazia dos seus ancestrais e da sua família, mas a sua indiferença cessou ao ouvir pronunciar o nome de Mariana; e como se tivesse o coração nos ouvidos pôs-se a escutar, a escutar... e escutou tão atentamente que nem percebeu que frei Tuck se erguia nos cotovelos e lhe arrancava das mãos a cabaça. Todas as vezes que Allan deixava de falar na bela Mariana, Robin encontrava meios de reconduzir a conversação para ela; teve contudo de admitir que o cavaleiro falasse dos seus amores e longamente discorresse em êxtase sobre os encantos da nobre Christabel, a filha do barão de Nottingham. O cavaleiro, que se tornara muito comunicativo sob a influência do velho vinho de França, rompeu em seguida a exalar o seu ódio pelo barão.

— Quando os favores da corte choviam sobre a nossa família — prosseguiu ele, — o barão de Nottingham sorria aos nossos amores e chamava-me seu filho; mas quando a fortuna nos virou as costas, ele fechou-me a sua porta e jurou que Christabel jamais seria minha esposa; eu por minha vez jurei que havia de dobrar a sua vontade e tornar-me marido de sua filha, e desde então venho lutando sem cessar para alcançar o meu fim, e agora acredito tê-lo conseguido... Esta noite sim, esta noite ele há de conceder-me a mão de Christabel, ou então será castigado pela sua intolerável jactância. Graças ao acaso descobri um segredo cuja revelação acarreará a sua ruína e a sua morte, e vou dizer-lho cara a cara: barão de Nottingham, venho propor-te uma troca: o meu silêncio contra a mão de tua filha.

Allan ia prosseguir nesse tom ainda por muito tempo, e Robin, que fazia mentalmente comparações entre Mariana e Christabel não pensava de modo algum em interrompê-lo, quando o outro se apercebeu de que o sol ia baixando no horizonte.

— A caminho! — gritou Allan.

— A caminho, frei Tuck — acrescentou Robin.

Mas frei Tuck dormia estirado sobre o flanco, apertando contra o peito a cabaça vazia.

Robin deixou ao cavaleiro a tarefa de acordar o frade e correu a ajoelhar-se junto à campa do irmão de Gilberto; se tivesse abandonado aquelas paragens sem cumprir esse piedoso dever, considerar-se-ia

culpado de um sacrilégio.

E já se persignava após uma curta prece quando ouviu um grande rumor de pragas, risos e gritos; o cavaleiro e o monge tinham rompido a bater-se, ou antes, o monge fazia redemoinhar o seu terrível bordão sobre a cabeça de Allan, enquanto este tentava aparar os golpes com a sua lança, rindo, rindo a bandeiras despregadas, ao mesmo tempo que o beneditino vociferava maldições.

— Olá, senhores! Que mosca os mordeu? — gritou Robin.

— Se a tua lança fura bem, o meu bordão desaba com força, belo cavaleiro! — dizia o monge inflamado pela cólera.

Allan ria, protegendo-se dos assaltos do frade; contudo, perante algumas gotas de sangue que escorriam por baixo do hábito do seu adversário e avermelhavam a relva, ele compreendeu que a cólera do monge era justificada e imediatamente pediu tréguas. O frade interrompeu então os seus molinetes resmungando surdamente e manifestando todos os sintomas de uma dor muito aguda; e levando a mão atrás de si. e erguendo a orla do hábito, respondeu ao jovem arqueiro que queria saber os motivos da luta:

— Os motivos, os motivos estão aqui, e é uma vergonha! Um crime, perturbar as devoções de um homem piedoso como eu, enterrando-lhe um ferro de lança num lugar onde a ponta não encontra a resistência de um osso.

Allan intentara despertar o frade picando-lhe levemente a região abaixo dos rins com a ponta da sua lança; mas naturalmente quisera apenas rir e não ferir até ao sangue o pobre frei Tuck, de modo que lhe apresentou desculpas em refira, e concluída a paz a pequena caravana retomou o caminho de Nottingham. Em menos de uma hora ela alcançou a cidade e trepou a colina em cujo alto se erguia o castelo feudal.

— Decerto me abrirão a porta do castelo quando eu pedir para falar ao barão — disse Allan; — mas vocês, meus amigos, que motivo darão para me acompanhar?

— Não se inquiete com isso, senhor — respondeu o monge. — Há no castelo uma jovem de quem sou o confessor e pai espiritual; essa jovem comanda quando lhe apraz as manobras da ponte levadiça, e graças à sua autoridade posso entrar no castelo tanto de noite como de dia; torne cuidado, belo cavaleiro: poderá prejudicar os seus negócios se se conduzir tão rudemente com o barão como o fez comigo; é um verdadeiro leão que o senhor vai provocar dentro da sua caverna: faça-o com prudência, caso contrário desgraçado de si, meu filho.

— Mostrarei ao mesmo tempo prudência e firmeza.

— Que Deus o inspire! Mas aqui estamos chegados, atenção. — E numa voz vibrante o monge gritou: — Que a bênção de meu venerado patrono, o grande São Benedito, espalhe os seus benefícios sobre ti e sobre os teus, mestre Herbert Lindsay, guarda das portas do castelo de Nottingham! Deixa-nos entrar, que venho acompanhado de dois amigos: um deseja conversar com teu amo a respeito de coisas muito importantes; o outro necessita refrigerar-se e repousar e eu, se ainda o consentes, darei a tua filha os conselhos espirituais que o estado de sua alma reclama.

— O quê! Sois então vós, alegre o honrado Tuck, pérola, dos monges de abadia de Linton? — responderam do interior com cordialidade. — Sede bem-vindos, vós e vossos amigos, meu caríssimo *gentleman*.

Imediatamente a ponte levadiça desceu e os viajantes penetraram no castelo.

— O barão já se recolheu aos seus aposentos — respondeu mestre Herbert Lindsay, o chaveiro, a Allan que queria ser levado sem mais demora à presença do barão; — e se as palavras que tendes a dizer a milorde não são palavras de paz, aconselho-vos a adiar a entrevista para amanhã, pois esta noite o barão está tomado de verdadeira fúria.

— Estará doente? — perguntou o frade.

— Tem a sua gota num ombro e sofre como um condenado; se o deixamos sozinho, ele range os dentes e clama por socorro; se nos aproximamos, espuma de raiva e ameaça de morte quem quer ajudá-lo ousou dirigir-lhe alguma palavra de consolo. Ah! Meus amigos — acrescentou mestre Herbert com tristeza, — desde que monsenhor recebeu aqueles golpes de cimitarra na cabeça, nas terras de Jerusalém, parece ter perdido a paciência e o bom-senso.

— Seus furores inquietam-me bem pouco — insistiu Allan; — desejo falar-lhe imediatamente.

— Como quiser, senhor. Olá! Tristão — gritou o guarda chamando um criado que ia atravessando o pátio, — como vão os humores de Sua Senhoria?

— Sempre na mesma; esbraveja o ruço como um tigre, porque o físico lhe fez uma falsa pregação numa das ligaduras. Imaginem, senhores, que o barão expulsou o pobre físico a pontapés, e em seguida, armado de punhal obrigou-me a substituir o doutor, dizendo-me em voz terrível que a menor imperícia me cortaria o nariz!

— Senhor cavaleiro, — insistiu tristemente Herbert — convido-o a não aparecer esta noite diante de monsenhor; será muito melhor se consentir em esperar até amanhã.

— Não esperarei um minuto mais, nem mais um segundo; conduza-me até ao seu quarto.

— Assim o exige?

— Assim o exijo.

— Que Deus o guarde então! — disse o velho Lindsay traçando um grande sinal da cruz. — Tristão, acompanha este *gentleman*,

Tristão ficou lívido de susto e todos os seus membros tremiam; felicitava-se por ter escapado são e salvo das garras daquele animal feroz, e não estava muito disposto a arriscar-se de novo a cair nelas; imaginava, e com razão, que a cólera de seu amo recairia tanto sobre o introdutor como sobre o visitante.

— Monsenhor espera com certeza a visita deste fidalgo? — perguntou ele com um ar embaraçado.

— Não, meu amigo.

— Quer então permitir-me que eu vá prevenir o monsenhor'?

— Não, quero ir contigo; conduze-me.

— Ah! — exclamou queixosamente o pobre diabo, — estou perdido!

E afastou-se seguido de Allan, enquanto o velho chaveiro comentava rindo:

— O desgraçado Tristão sobe a escada do quarto do barão tão alegremente como se fosse a de um cadafalso. Pela santa missa! O coração dele deve estar desfalecendo. Mas estou aqui perdendo o meu tempo, meus valentes, em vez de ir passar revista às sentinelas postadas nas muralhas. Frei Tuck, encontrará minha filha na copa; vá ter com ela, e se Deus o permitir estarei convosco dentro de uma hora.

— Graças lhe sejam dadas — respondeu o frade.

E seguido de Robin embrenhou-se num dédalo de corredores, galerias e escadas por onde Robin se teria extraviado mil vezes. Frei Tuck, ao contrário, parecia ter um conhecimento minucioso daqueles lugares; a abadia de Linton não lhe era mais familiar que o castelo de Nottingham, e foi com o à vontade e o aprumo de um homem satisfeito de si mesmo e orgulhoso de certos direitos há muito tempo adquiridos que bateu à porta da copa.

— Entre! — disse uma voz juvenil e fresca. Entraram, e ao avistar o imenso frade uma linda moça de dezesseis para dezessete anos quando muito, em vez de se assustar correu vivamente ao encontro deles e recebeu-os com um galante e benévolo sorriso.

— Ah! ah! — pensou Robin; — é então esta a ingênuia penitente do santo frade. À fé de quem sou! Esta formosa criatura de olhos cintilantes de alegria e lábios vermelhos e risonhos, é a mais bela cristã que ainda encontrei em minha vida!

Robin não pôde dissimular a impressão que nele causara a beleza de tão gentil pessoa, de tal modo que quando a bela Maude lhe estendeu as duas pequeninas mãos para lhe dar as boas-vindas, Tuck, como bom frade que era, gritou-lhe:

— Não te contentes com essas mãos, meu rapaz; procura os lábios, esses lindos lábios vermelhos, e beija-os! Fora a timidez! A timidez é uma virtude dos tolos.

— Que é isso! — replicou a moça abanando a cabeça com um ar malicioso; — Que é isso! Como ousa dizer semelhantes coisas, meu reverendo!

— Ora! Meu reverendo, meu reverendo! — repetiu o frade numa atitude desdenhosa.

Robin seguiu o conselho do frade apesar da fraca resistência oposta pela jovem, e Tuck deu-lhe em seguida o beijo de indulgência, depois o beijo da paz... e enfim, sejamos francos e confessemos que Maude tratava frei Tuck muito mais como namorado do que como conselheiro espiritual; e confessemos também que as maneiras do frade tinham realmente muito pouco de canônicas.

Robin notou-o, e enquanto ambos faziam honra às comidas e bebidas, de que Maude alastrara a mesa, insinuou de um modo cândido que o monge escassamente dava a idéia de um confessor temido e respeitado.

— Uma certa afeição e intimidade entre parentes — disse frei Tuck, — nada tem de censurável.

— Ah! Sois parentes? Não sabia.

— E em grau muito próximo, caro amigo; muito próximo e muito pouco proibido, pois meu avô era filho de um dos sobrinhos do primo da tia-avó de Maude.

— Com efeito! Com efeito! É uma parentela perfeitamente demonstrada.

Maude ficou muito corada durante esse diálogo e parecia implorar a piedade de Robin. As garrafas esvaziaram-se, a copa enchia-se do retinir dos copos, do estalar das risadas e do murmúrio dos beijos de vez em quando roubados a Maude.

No momento mais intensamente animado da festança, a porta da copa abriu-se de repente e um sargento acompanhado de seis soldados apareceu no limiar.

O sargento cumprimentou a moça com toda a cortesia, e atirando aos convivas um olhar severo, disse-lhes:

— Sois vós os companheiros desse estranho que veio visitar nosso amo, lorde Fitz-Alwine, barão de Nottingham?

— Justamente — respondeu Robin com desembaraço.

— E então? — perguntou audaciosamente frei Tuck.

— Acompanhai-me ambos aos aposentos de monsenhor.

— Para quê? — tornou o frade a perguntar.

— Não sei; são as ordens que tenho, precisais obedecer.

— Mas antes de sair beba um copo — interveio a linda Maude estendendo ao soldado um copo cheio de cerveja; — isto não lhe fará mal nenhum.

— De boa vontade.

E depois de ter esvaziado o seu copo, o sargento renovou aos convivas de Maude a ordem para o seguirem.

Robin e Tuck obedeceram, deixando com pesar a linda Maude sozinha e triste na copa.

Depois de terem atravessado imensas galerias e uma sala de armas, o soldado chegou diante de uma grande porta de carvalho solidamente fechada e deu três violentas pancadas nessa porta.

— Entrem! — gritaram de dentro, bruscamente.

— Acompanhai-me de perto — observou o sargento a Robin e a Tuck.

— Entrem, mas entrem logo, patifes, bandidos, malfeitores! Entrem! — repetia a voz trovejante do barão.

— Entra, Simão!

O sargento abriu enfim a porta.

— Ah! Afinal estais aqui, marotos! Onde estiveste perdendo o teu tempo desde que eu te mandei buscá-los? — berrou o barão lançando ao chefe da pequena tropa olhares fulminantes.

— Se Vossa Senhoria me permite, eu...

— Mentos, cachorro! Como ousas desculpar-te de me haveres feito esperar durante três horas?

— Três horas? Milorde está enganado! Não há ainda cinco minutos que Vossa Senhoria me deu ordem para trazer aqui estes homens.

— Escravo insolente! Atreves-te a desmentir-me, e ainda por cima na minha presença? Homens! — acrescentou ele dirigindo-se aos soldados estupefatos, — não obedeçais mais a este traidor; tirai-lhe as armas, apoderai-vos dele e levai-o para uma enxovia; e se ele ousar resistir-vos pelo caminho, jogai-o sem piedade nos alçapões! Depressa, obedecei!

Os soldados encorajaram-se mutuamente com o olhar e aproximaram-se do chefe para lhe tirarem as armas; o sargento, mais morto do que vivo, mantinha-se em silêncio.

— Alto, patifes! — trovejou o barão; — como ousais tocar nesse homem antes que ele responda às perguntas que lhe vou fazer?

Os soldados recuaram.

— Agora, celerado, agora que te dei provas da minha clemência impedindo esses brutos de te desarmarem, hesitarás ainda em responder e dizer-me se esses dois cães que aí estão são os companheiros do audacioso infiel que ousou vir insultar-me em minha face?

— Saiba Vossa Senhoria que são.

— E como sabes disso, imbecil? Como o vieste a saber? Como te inteiraste dessa circunstância?

— Eles próprios o confessaram, milorde.

— Tiveste então a audácia de os interrogar sem a minha permissão?

— Milorde, eles disseram-me isso quando eu lhes ordenei que me acompanhassem à vossa presença.

— Disseram-me isso, disseram-me isso! — repetiu o barão escarnecendo a voz trêmula do pobre soldado;

— bonita razão! Acreditas então em tudo o que te diz o primeiro que chega?

— Milorde, eu pensava...

— Silêncio, maroto! E chega; retira-te daqui!

O sargento ordenou meia volta aos seus homens.

— Esperai!

O sargento deu a voz de alto!

— Não, retirai-vos, retirai-vos!

O sargento fez de novo um sinal de partida.

— Que é isso? Para onde ides assim, miseráveis?

O sargento ordenou alto pela segunda vez.

— Mas retirai-vos de uma vez por todas, cachorros, tropa de lesmas, vá, rua!

Dessa vez a patrulha saiu mesmo, e entrava já no seu posto quando o velho barão resmungava ainda.

Robin seguira atentamente as diversas fases daquela interessante conversa entre Fitz-Alwine e o sargento; parecia espantado, e observava com olhos mais surpresos que assustados o fogoso e bizarro senhor do castelo de Nottingham.

Mais ou menos cinquenta anos, estatura média, olhos pequenos e vivos, nariz aquilino, bigodes longos e espessas sobrancelhas, traços enérgicos, face corada e quase injetada de sangue e uma estranha expressão de selvageria em todos os seus modos, eis o seu retrato. Usava uma couraça de escama e um amplo capote de tecido branco sobre o qual destacava em vermelho a cruz dos paladinos da Terra Santa. Naquele temperamento inflamável ao mais alto grau, vitriólico, por assim dizer, a menor contrariedade provocava terríveis explosões; um olhar, uma palavra, um gesto que lhe desagradassem transformavam-no em

inimigo implacável, e a partir de então não pensava em outra coisa que não fosse vingança, vingança até à morte.

A natureza do interrogatório a que iam ser submetidos os nossos dois amigos anunciava novas tempestades naquela noite, e foi num tom cheio de sarcasmo e com a ironia da crueldade que o barão começou por exclaimar:

— Aproximai-vos, jovem lobo de Sherwood, e tu também, frade vagabundo, percevejo de convento, aproxima-vos! Espero que me direis, sem dissimulação e sem rodeios, o motivo pelo qual vos atrevêsteis a penetrar em meu castelo, e que plano de assalto vos fez abandonar, a um os matagais da floresta e a outro o seu covil. Falai, e falai franco, pois eu conheço um maravilhoso sistema para arrancar as palavras da goela dos mudos, e, por São João de Acre! Não hesitarei em empregar esse sistema sobre o vosso couro de traidores!

Robin atirou ao barão um olhar de desprezo e não se dignou responder-lhe; o frade guardou idêntico silêncio, apertando nervosamente nas mãos o seu valente bordão, o nobre cacete de corniso que já conheceu muito bem e ao qual ele sempre se apoiava, quer em marcha, quer em descanso, a fim de se atribuir um certo ar de venerabilidade.

— Ah! Então não respondeis? Calai-vos, meus fidalgos — berrou o barão, — e deixais-me sem saber a que motivo devo a honra da vossa visita? Sabeis, senhores, que constituís uma perfeita parelha: o bastardo de um fora da lei e um sórdido mendigo!

— Mentos, barão! — atalhou Robin; — eu não sou o bastardo de um proscrito, e o frade que me acompanha não é um sórdido mendigo; mentos!

— Vis escravos!

— Continuas mentido; eu não sou teu escravo, nem escravo de ninguém, e se este monge estender o braço na tua direção não será com certeza para mendigar.

Tuck acariciou o seu bordão.

— Ah! ah! O cão da floresta atreve-se a desafiar-me, a insultar-me! — trovejou o barão sufocando de cólera. — Olá! Visto que ele tem as orelhas bastante compridas, que o preguem pelas orelhas à grande porta do castelo e lhe apliquem cem boas chicotadas!

Robin, pálido de indignação mas conservando sempre o sangue frio, permaneceu mudo e encarou fixamente o terrível Fitz-Alwine, enquanto escolhia uma flecha na sua aljava. O barão estremeceu mas fingiu não ter compreendido o gesto do rapaz. Após um segundo de silêncio, prosseguiu num tom menos violento:

— A juventude excita a minha comiseração, e a despeito da tua impertinência consentirei que não te joguem imediatamente numa masmorra; mas terás de responder às minhas perguntas, e respondendo a elas deves ter presente que se permito que continues a viver é por mera bondade de alma.

— Eu não estou em vosso poder tão completamente como pensais, nobre senhor — respondeu Robin com desdenhosa presença de espírito; — e a prova é que me absterei de responder a todas as vossas perguntas. Acostumado a uma obediência passiva e absoluta da parte dos seus servidores e dos seres mais fracos que ele, o barão estupefato ficou de boca aberta; os pensamentos tumultuosos que se chocavam em seu cérebro iam-se formulando em palavras incoerentes e em invectivas.

— Ah! Ah! — prosseguiu ele com um riso estridente, — achas então que não estás em meu poder, pequeno urso atrevido? Vais então guardar silêncio, mestiço de macaco, filho de alguma bruxa? Mas com um só gesto, com um olhar, com um simples aceno, posso mandar-te para o inferno. Espera, espera, vou estrangular-te com o meu cinturão!

Robin, sempre impassível retesara o seu arco e tinha já uma flecha destinada ao barão, quando Tuck interveio dizendo num tom quase adador:

— Tenho a certeza de que Sua Senhoria não mandará executar as suas ameaças!

As palavras do frade operaram uma diversão; Fitz-Alwine voltou-se para ele como um lobo enraivecido para uma nova presa.

— Amarra essa língua de víbora, frade do diabo! — vociferou o barão medindo frei Tuck da cabeça aos pés; em seguida acrescentou, para tornar mais significativo o seu desdenhoso olhar: — Eis aí o tipo acabado desses glutões ladravazes a que chamam frades mendicantes.

— Eu não sou inteiramente da opinião de monsenhor — retrucou frei Tuck com serenidade, — e permita-me dizer-lhe, com todo o respeito devido a um grande personagem, que a sua maneira de ver, completamente falsa, denota uma total ausência de bom senso. Decerto perdeu o espírito em algum violento acesso de gota, milorde, ou talvez o tenha deixado no fundo de uma garrafa de gim.

Robin soltou uma vibrante gargalhada.

O barão fora de si apanhou um missal e atirou-o à cabeça do frade com tal força, que o pobre Tuck, violentamente atingido, cambaleou atordoado; mas logo se refez, e como não era homem para receber um tal presente sem testemunhar imediatamente o seu reconhecimento, brandiu o seu terrível bordão e assentou uma violenta cacetada no ombro gotoso de Fitz-Alwine.

O nobre senhor vacilou, rugiu, mugiu como um touro de circo à primeira farpa e estendeu o braço para despendurar da parede a sua grande espada das cruzadas. Mas Tuck não lhe deu tempo para isso, e conservando a ofensiva aplicou outra vigorosa bordoadas no muito alto, muito nobre e muito poderoso senhor de Nottingham, que apesar da sua resistente armadura e das suas dificuldades de gotoso, rompeu a correr com quantas pernas tinha em redor do aposento, a fim de escapar tanto quanto possível aos insultos do temeroso arrocho.

Clamava o barão por socorro havia vários minutos, quando o sargento que detivera Tuck e Robin entreabriu a porta, e metendo a cabeça através dos dois batentes perguntou do modo mais fleumático se estavam precisando dele.

Tornado ágil como se contasse apenas vinte anos, o barão deu apenas um salto desde o canto do quarto onde o encurralava o bordão de Tuck até à soleira da porta que o sargento não ousava transpor sem sua ordem, mesmo para vir em seu socorro.

Pobre sargento! Merecia ser acolhido como um salvador, como um anjo da guarda, e contudo a fúria do amo, impotente contra o frade, descarregou-se sobre ele na forma de socos e pontapés.

Enfim, cansado de espancar aquele ser inofensivo que não ousava resistir, porque nessa época toda a pessoa nobre era para um vassalo de uma sagrada inviolabilidade, o barão recuperou o fôlego e intimou o sargento a amarrar Robin e o frade e a jogá-los numa masmorra.

O sargento, livre das garras do amo, partiu como um raio gritando: Às armas! Às armas! Regressando logo em seguida acompanhado de uma dúzia de soldados.

Diante daquele reforço, o frade apanhou na mesa um crucifixo de marfim, colocou-se diante de Robin que pretendia disparar algumas flechas e gritou:

— Em nome da santíssima Virgem, em nome de seu Filho, que morreu para vos redimir, ordeno-vos que me deixeis passar. Maldito e excomungado seja quem se atrever a impedir-mo!

Aquelas palavras ditas em voz trovejante petrificaram os soldados, e o frade pôde sair do quarto sem qualquer embaraço. Robin ia sair atrás do amigo quando, a um aceno do barão, os soldados se lançaram contra o rapaz, arrebatando-lhe o arco e as flechas e levando-o aos encontrões para o interior do aposento. Quebrado de fadiga e moído das pancadas, o barão desabou num escabelo.

— Agora nós dois — disse ele quando, após muitos esforços, conseguiu falar; — agora nós dois.

Estes acontecimentos passavam-se numa época em que não era prudente atacar os filhos da Igreja, como para sua desventura o experimentara Henrique II, na disputa que teve com Tomás Becket. O barão vira-se pois obrigado a deixar fugir o frade, mas contava tirar a sua desforra em Robin.

— Vieste acompanhando Allan Clare a este castelo? — perguntou ele num tom de calma ironia. —

Poderás dizer-me que motivos o induziram a apresentar-se em minha casa?

Outro qualquer que não fosse Robin considerar-se-ia perdido, perdido sem remissão, vendo-se à mercê de um homem tão cruel como o velho Fitz-Alwine; mas o jovem e destemido arqueiro de Sherwood pertencia ao número daqueles que nunca tremem, mesmo diante da morte iminente e certa, de modo que respondeu com admirável serenidade:



— Sei que acompanhei o senhor Allan Clare até aqui, mas ignoro os motivos que aqui o trouxeram.

— Mentos!

Robin sorriu desdenhosamente, e a calma aparente do lorde deu lugar a uma violenta explosão de cólera; mas quanto mais essa cólera se desencadeava, mais Robin sorria.

— Há quanto tempo conheces Allan Clare? — tornou o barão.

— Há vinte e quatro horas.

— Mentos, mentos! — rugiu Fitz-Alwine.

Irritado com tantas injúrias, Robin retrucou com toda a fúria:

— Achas então que estou mentindo? Mas se és tu próprio que negas a verdade, velho intratável! Pois bem, seja como dizes, estou mentindo; mas não tornarei mais a mentir, porque a partir deste momento conservar-me-ei em silêncio.

— Menino imprudente, queres então ser jogado do alto das muralhas nas fossas do castelo, do mesmo modo que o será dentro de uma hora, após a sua confissão, o teu cúmplice Allan Clare? Vamos, vou fazer-te ainda uma pergunta; mas se não responderes estará selada a tua sorte. Não fostes atacados quando vos dirigíeis para aqui?

Robin não respondeu. Fitz-Alwine exasperado, mas concentrando a sua fúria, abandonou o escabelo e foi buscar a sua grande espada. Robin encarou fixamente o barão e ficou à espera. E decerto ia ser cometido

um assassinio, quando a porta se abriu de repente para dar passagem a dois homens. Esses dois homens tinham a cabeça envolta em sangrentas ligaduras e só com muita dificuldade caminhavam. Tinham as roupas dilaceradas e manchadas de lama, e pareciam ter saído de uma luta em que a vitória lhes não sorria. Ao avistarem Robin soltaram ao mesmo tempo um grito de surpresa, e Robin, não menos espantado, reconheceu-os como os sobreviventes do bando de salteadores que na noite anterior haviam atacado a morada de Gilberto Head. A cólera do barão atingiu o seu paroxismo quando eles lhe referiram os infortúnios daquela noite, e apontaram Robin como tendo sido um dos seus mais terríveis adversários. O barão nem esperou o fim do relato para gritar, com a voz engasgada pela fúria:

— Levei daqui, levei daqui esse miserável e jogai-o num calabouço! deixai-o lá até que ele conte o que sabe a respeito de Allan Clare, e nos peça perdão de joelhos das suas insolências... e enquanto ele não fizer isso, nem pão nem água, que morra de fome.

— Nesse caso, adeus, barão Fitz-Alwine — respondeu Robin, — adeus; se eu não devo sair do meu calabouço enquanto não tiver preenchido essas duas condições, com certeza não nos tornaremos a ver. Adeus para sempre.

Já os soldados empurravam Robin a fim de apressar a sua saída do aposento, quando, resistindo aos seus esforços o jovem se voltou para o barão e acrescentou ainda:

— Serás bastante generoso, nobre senhor, para mandar prevenir Gilberto Head, o honrado e valente guarda da floresta de Sherwood, de que tens a intenção de me hospedar aqui, privado de alimentos, durante alguns dias?... Seria um grande favor. Faço-te este pedido, milorde, porque tu és pai e deves compreender as angústias de um pai quando ele ignora o que foi feito de seu filho ou filha.

— Com mil demônios! Não levareis daqui este tagarela?

— Oh! Não suponhas que quero fazer-te companhia por muito tempo, ilustre barão de Nottingham. Mútuo é o desejo de nos separarmos.

Tão depressa Robin saiu do quarto do barão, pôs-se a cantar a plenos pulmões, e a sua voz fresca e argentina ressoava ainda através das negras galerias do castelo quando a porta da prisão se fechou sobre ele.

VI

O PRISIONEIRO escutou longamente os mil ruídos confusos do exterior, e quando os passos dos homens de armas deixaram de perturbar o silêncio das galerias, ele pôs-se a refletir sobre a gravidade da sua posição.

A cólera, as ameaças do todo-poderoso castelão mal o assustavam; ele pensava apenas, nobre menino, nas inquietações e na dor de Gilberto e Margarida, que em vão o esperariam nessa noite, no dia seguinte e talvez por muito tempo.

Esses tristes pensamentos despertaram em Robin um violento desejo de liberdade, e assim como um leãozinho volteia sem cessar ao redor da sua jaula tentando descobrir uma saída, assim Robin girava em redor do seu calabouço, batendo o chão com os pés, medindo a altura do postigo, estudando as paredes, e calculando o que teria de desenvolver em força, astúcia ou habilidade para quebrar ou fazer com que lhe abrissem uma porta chapeada de ferro, cuja chave devia encontrar-se nas mãos do brutal Cérbero.

O calabouço era pequeno e cortado por três aberturas: a porta, com um pequeno postigo no alto, e em frente um outro postigo maior; este último, colocado dez pés acima do chão, estava guarnecido de fortes barras; o mobiliário compunha-se de uma mesa, um banco e um monte de palha.

— Evidentemente — dizia consigo Robin, — o barão não se mostra tão cruel quanto injusto, visto que me deixa livres as mãos e os pés; aproveitemos esta circunstância e vejamos o que se passa lá por cima. E colocando o banco sobre a mesa, Robin trepou até ao postigo com o auxílio desse banco erguido contra a muralha da parede.

Ó sorte! A sua mão acaba de segurar um dos barrotes, e ele percebe que esses barrotes, em vez de ferro, são apenas de carvalho e de carvalho carcomido. Sacode-os facilmente, e facilmente também poderá quebrá-los, e ainda que eles resistissem ao vigor do seu pulso eram bastante espaçosos para permitir a passagem da sua cabeça, e ele sabe muito bem que por onde passa a cabeça, o resto do corpo poderá segui-la.

Radiante com aquela descoberta o nosso herói julgou útil reconhecer a posição do lado oposto, a fim de

não comprometer as suas possibilidades de evasão; um guarda estaria de certo velando sorrateiramente no corredor e aproximar-se-ia ao primeiro ruído suspeito.

O banco foi assim colocado contra a porta, e a cabeça inteligente do prisioneiro enquadrou-se no postigo. Mas não demorou ali um minuto, um segundo sequer, nem mesmo meio segundo, porque um soldado vinha andando furtivamente ao longo das paredes da galeria e aproximava-se da porta, com certeza para espiar através do buraco da fechadura as atividades do prisioneiro.

Robin pôs-se imediatamente a cantar uma das suas mais alegres baladas, e entre duas coplas ouviu os passos do soldado que se afastava, para voltar em seguida com precauções, e se afastar de novo e tornar ainda. Essa manobra, essas idas e vindas duraram um bom quarto de hora.

— Se esse espertalhão continuar no seu passeio durante toda a noite — pensou Robin, — corro o grande risco de me encontrar ainda aqui ao romper do dia. Nunca poderei alçar vôo lá por cima sem que ele me ouça.

Mas já desde alguns instantes um profundo silêncio reinava na galeria, e o passeador parecia ter renunciado à sua espionagem; Robin, entretanto, que na sua qualidade de caçador astuto conhecia todas as simulações, entendeu que naquela circunstância era mais prudente confiar no testemunho dos olhos do que no dos ouvidos, e aventurou-se a utilizar pela segunda vez o postigo do seu calabouço.

E teve razão para assim proceder, porque em vez de um espião o rapaz avistou dois, dois à escuta e com os narizes colados à sua porta.

No mesmo instante a linda Maude, com uma tocha na mão e alguns utensílios na outra, surgia na extremidade do corredor e soltava um grito de surpresa ao ver apontar a cabeça de Robin por cima daquele par de carcereiros.

Leve como a folha que tomba Robin deixou-se cair ao chão e ficou a escutar, cheio de ansiedade, o que se iria passar; a voz de Maude encobriria felizmente o ruído da sua queda, e ele ouviu a moça ralar com os soldados e tagarelar com uma volubilidade toda feminina a fim de justificar o seu grito de surpresa ou de susto.

Robin apressou-se então a recolocar o banco e a mesa nos seus respectivos lugares, o que fez rompendo a cantar de um modo atordoador, perguntando a si próprio os motivos que levariam Maude a vaguear assim pelo castelo àquela hora da noite. Maude, a formosa Maude não tardou a fornecer-lhe explicação daquele enigma, pois em seguida a algumas palavras conciliadoras com os carcereiros entrou radiosa no calabouço, depositou víveres e bebidas em cima da mesa e exigiu que a deixassem sozinha com o preso a fim de trocar com ele algumas palavras.

— Então, jovem mateiro — começou a linda moça logo que a porta foi fechada, — encontrais-vos numa bela, situação; pareceis um rouxinol na gaiola, e receio bem que esta gaiola não se abra tão cedo, porque o barão está possuído de uma fúria espantosa; pragueja, esbraveja, fala em tratar-vos como tratou os desventurados mouros da terra santa.

— Se consentires em ser a minha companheira de cativo, formosa Maude, — respondeu Robin abraçando a moça — não lamentarei a minha liberdade.

— Chega de atrevimento, senhor, — atalhou a jovem tentando desvencilhar-se do abraço de Robin; — isso não são modos de um galante cavaleiro.

— Perdoa-me; és tão linda que... Mas falemos seriamente; senta-te e põe as tuas mãos nas minhas; assim, obrigado. Agora dize-me se sabes o que foi feito de Allan Clare, meu companheiro de jornada, que entrou no castelo juntamente comigo e com o teu tio Tuck.

— Aí! Está num calabouço mais negro e horroroso do que este; ele teve a audácia de dizer a Sua Senhoria: “Infame celerado, mesmo contra a tua vontade casarei com *lady* Christabel”. No instante em que o seu imprudente amigo pronunciava estas palavras, eu entrava nos aposentos do barão com a minha jovem ama. Ao ver *milady*, *sir* Allan Clare esqueceu-se de tudo a ponto de correr para ela, tomá-la nos braços e beijá-la, gritando: “Christabel, minha querida e bem-amada Christabel!” *Milady* perdeu os sentidos e eu arrastei-a para longe da presença de monsenhor. Em seguida, por ordem de minha ama fui informar-me do que sucedera ao senhor Allan; como já lhe disse, está preso. Gil, o alegre frade, disse-me o que acontecera consigo, e eu vim para...

— Para me ajudar a fugir, não é verdade, querida Maude? Obrigado, obrigado, não tardarei a ficar livre; antes de uma nora, se Deus vier em minha ajuda.

— O senhor, livre! Mas como poderá sair daqui? Há duas sentinelas postadas a esta porta!

— Ainda que houvesse mil.

— É então feiticeiro, belo caçador da floresta?

— Não, mas aprendi a trepar às árvores como um esquilo e a saltar fossas como uma lebre.

O moço mostrou com o olhar o postigo gradeado, e inclinando-se para o ouvido da jovem, inclinando-se de tal modo que ao contacto dos seus lábios a linda Maude enrubescou, segredou-lhe:

— As barras não são de ferro.

Maude compreendeu e um sorriso de alegria lhe iluminou a face.

— Agora o que preciso saber — acrescentou Robin, — é onde poderei encontrar frei Tuck.

— Ah! talvez... na copa — respondeu Maude um tanto envergonhada; — se *milady* necessitar do seu auxílio para libertar o senhor Allan, ficou combinado que ela o mandaria procurar à copa.

— Que caminho deverei seguir para chegar até lá?

— Logo que sair daqui tome pelas muralhas à esquerda, e siga até encontrar uma porta aberta. Essa porta o levará a uma escada, a escada a uma galeria, e a galeria a um corredor ao fim do qual se encontra a copa. A porta estará fechada; se não ouvir barulho algum lá dentro, pode entrar; se Tuck não estiver lá é porque *milady* o mandou chamar, e nesse caso esconda-se num armário e espere a minha chegada; depois nos ocuparemos da sua saída do castelo.

— Mil graças te sejam dadas, minha linda Maude; jamais esquecerei a tua generosidade! — exclamou Robin alegremente.

E o fogo que jorrava dos seus olhos chocou-se com o que jorrava dos olhos da moça; as duas faíscas misturaram-se, e entre aqueles dois seres tão jovens e tão belos produziu-se uma troca de pensamentos e desejos que culminou num duplo e ardente beijo.

— Muito bem! Sim senhor, meus pombinhos! Era essa então a tal troca de palavras! — bradou um dos carcereiros escancarando bruscamente a porta do calabouço. — Com a breca, linda senhorita! Isso é que é trazer bons refrigérios ao prisioneiro! Apresento-lhe as minhas felicitações, e se é esse o seu costume de trazer alívio aos presos, não me importaria nada de ficar também encarcerado!

Àquela súbita interpelação o rosto de Maude tornou-se cor de púrpura e a pobre moça ficou um instante muda e trêmula; mas como o soldado se aproximara dela para a intimar a sair do calabouço, ela refez-se da surpresa, e erguendo a sua pequenina e branca mão à altura das faces tisonadas do soldado, aplicou-lhe com decisão uma bofetada bilateral e largou a fugir, rindo como uma louca da sua travessura.

— Hum! Hum! — Resmungou o carcereiro esfregando o rosto; e atirando a Robin um olhar pouco afetuoso, acrescentou: — o mocinho e eu não somos pagos com a mesma moeda.

Em seguida saiu, e fechando a porta com estrondo correu todos os ferrolhos e multiplicou as voltas da chave na fechadura.

O prisioneiro continuou a beber, a rir e a comer com toda a jovialidade.

Em breve uma sentinela armada dos pés à cabeça veio substituir o carcereiro, e Robin, para não parecer inquieto e preocupado, recomeçou a cantar tão alto quanto lhe permitiam os seus pulmões.

A sentinela, já irritada por ter de montar guarda ali, intimou-o asperamente a guardar silêncio. Robin que não desejava outra coisa obedeceu, e num tom zombeteiro desejou ao soldado muito boa-noite e sonhos muito felizes.

Uma hora depois a lua no seu zênite anunciava a Robin que a hora de fugir era chegada, e este, dominando as precipitadas batidas do coração, improvisou uma escada com o seu banco e alcançou sem dificuldade as barras do postigo; uma delas, toda carcomida cedeu prontamente a algumas sacudidas e deixou-lhe aberta a passagem; ele acorcorou-se então no rebordo do postigo e avaliou com olho preocupado a distância que o separava do chão; como essa distância lhe parecesse excessiva, lembrou-se de utilizar o seu cinturão, atando-o por uma das extremidades à barra mais sólida.

Acabados esses preparativos que não consumiram mais de um minuto, Robin preparava-se para descer quando avistou a alguns passos do lugar onde se encontrava, no terraço, um soldado que lhe virava as costas e contemplava, de braço apoiado na lança, as longínquas profundidades do vale.

— Olá! — disse consigo, — eu ia justamente cair na goela do lobo. Precisamos tomar cuidado! Por felicidade uma nuvem entremeteu-se ocultando a lua, e enquanto o terraço do castelo mergulhava na obscuridade o vale resplandecia de luz. O soldado, que decerto nascera naquele vale, prosseguia na sua extática contemplação.

— Bem, seja o que Deus quiser! — murmurou Robin após um fervoroso sinal da cruz, deixando-se escorregar ao longo da muralha agarrado ao cinturão.

Infelizmente o cinturão era muito curto, e ao atingir-lhe a extremidade Robin deu-se conta de que os seus pés estavam ainda muito distantes do solo, e temia despertar a atenção do guarda deixando-se cair pesadamente. Que fazer? Tornar a subir para o calabouço? Mas as barras que serviam de ponto de apoio talvez não fossem bastantes firmes para resistir aos esforços de uma ascensão! Era preferível levar aquela aventura ao extremo. Assim, confiando na Providência e fazendo-se tão leve quanto possível, o moço abandonou-se ao seu próprio peso.

Um medonho estrondo, qualquer coisa assim como o fragor de uma tampa de alçapão desabando sobre o respiradouro de um subterrâneo, tal foi o ruído que pôs em desbarato os devaneios da sentinela no momento em que o nosso herói alcançou o chão.

A sentinela soltou um brado de alarme e correu de lança em riste para o ponto onde ocorrera o estranho barulho; mas nada vendo nem ouvindo, após um ligeiro relance de olhos deixou de se preocupar com as causas do estrondo, e regressando ao seu posto de novo se perdeu na contemplação do amado vale.

Robin, percebendo que não estava ferido, aproveitou-se da estupefação do guarda para ganhar terreno,

sem se preocupar também com as causas do estrépito; acabava, entretanto, de escapar de um grande perigo. Os subterrâneos do castelo recebiam luz diretamente abaixo do seu calabouço, e a tampa da clarabóia não estava fechada; quis o acaso que ele a empurrasse com os pés ao cair, evitando desse modo mergulhar para sempre nas profundezas do subterrâneo. E verificara-se ainda uma outra circunstância feliz: ele não poderia ter escapado à sentinela se a tampa estivesse fechada, pois teria sido denunciado pela sonoridade ao pular sobre ela.

A sorte manifestava-se portanto a seu favor, e em passo rápido mas silencioso ele seguiu o caminho indicado por Maude.

Conforme havia dito a jovem, encontrou uma porta aberta à sua esquerda, e depois de a ter transposto defrontou-se com uma escada, depois com uma galeria, e por fim com um imenso corredor.

Chegado à bifurcação de duas galerias, o nosso herói mergulhado em profunda escuridão tateava o chão com o pé e apalpava as paredes a fim de não tomar por um caminho errado, quando ouviu alguém perguntar em voz baixa:

— Quem está aí? Que está fazendo aí?

Robin encolheu-se contra a parede e conteve a respiração. O desconhecido, que também parara, pesquisava levemente as lajes com a ponta da espada, tentando decerto explicar-se o ruído causado pela aproximação de Robin.

— Foi sem dúvida um rangido de porta, — disse em voz baixa o passeador noturno, prosseguindo no seu caminho. pensando com razão que precedido de um guia lhe seria mais fácil sair do labirinto em que se perdia há mais de um quarto de hora, Robin continuou no encalço do estranho a uma distância respeitosa. Daí a pouco este último abriu uma porta e desapareceu.

A porta dava para a capela.

Robin apressou o passo, esgueirou-se com ligeireza por trás do desconhecido e foi esconder-se silenciosamente atrás de uma das colunas daquele santo lugar.

Os raios da lua inundavam a capela com a sua pálida claridade, e um mulher velada rezava de joelhos diante de um túmulo; o estranho, que vestia um hábito de monge, relanceou os olhos inquietos por todo o edifício; subitamente, à vista daquela mulher velada estremeceu, conteve uma exclamação, um grito de felicidade que ia talvez escapar-lhe, atravessou a nave e aproximou-se dela de mãos postas. Ouvindo os passos do desconhecido, a mulher ergueu a cabeça e encarou-o, agitada por um receio ou estremeecendo de esperança.

— Christabel! — murmurou docemente o monge.

A jovem ergueu-se, um profundo rubor lhe invadiu as faces, e correndo para os braços estendidos do homem ela exclamou num tom de inexprimível alegria:

— Allan! Allan! Meu querido Allan!

VII

GILBERTO contou a Margarida a história de Rolando Ritson, mas guardou silêncio a respeito dos seus maiores crimes e quase não falou dos seus amores e do desgraçado fim de sua irmã Annette.

— Imploremos para esse desventurado a misericórdia de Deus! — exclamou Margarida.

E escondeu as lágrimas para não aumentar a dor de seu marido.

O velho frade ajoelhou-se por sua vez junto ao cadáver e recitou as orações dos mortos; Gilberto e Margarida vieram reunir-se-lhe com pequenos intervalos, Lincoln foi encarregado de abrir uma cova entre o carvalho e a faia designados pelo miserável Ritson, e todos esperaram o regresso dos viajantes de Nottingham a fim de proceder à inumação.

Cansada de vaguear por diante da pequena casa, Mariana abandonada a si mesma teve vontade de ir ao encontro do irmão; Lance dormia estirado na soleira da porta, ela chamou-o, acariciou-o com a sua branca mão e afastou-se com ele sem prevenir Gilberto.

Longo tempo a jovem caminhou pensativa e sonhando com o futuro do irmão; depois sentou-se ao pé de uma árvore, e com a cabeça entre as mãos pôs-se a chorar. Por quê? Sabia-o por acaso? Não. Negros pressentimentos a faziam estremecer, e através de mil imagens confusas parecia-lhe avistar numa sombria distância o vulto querido de Allan e o do seu jovem companheiro, o legítimo conde de Huntingdon.

Lance, o fiel animal, deitara-se aos seus pés, e de focinho no ar assestava para ela os dois grandes olhos redondos onde brilhava a inteligência; dir-se-ia que ele estava triste da tristeza daquela jovem, e que tinha como ela negros pressentimentos, pois em vez de dormir, velava.

O sol iluminava agora apenas o cimo das grandes árvores, e já o crepúsculo enegrecia os matagais, quando Lance se ergueu nas patas e soltou leves ganidos agitando a cauda.

Mariana, arrancada aos seus devaneios por aquele aviso, arrependeu-se de ter ficado tanto tempo na floresta; mas as demonstrações de alegria do animal que festejaram o seu erguer tranquilizaram-na, e ela retomou imediatamente o caminho de casa sem contudo desesperar do breve regresso de Allan.

Lance já não caminhava atrás de Margarida como de manhã; ia pelo contrário farejando adiante, a fim de vigiar o caminho, e a cada instante voltava a cabeça para ver se a sua jovem companheira continuava a segui-lo.

Embora segura de não se perder desde que se abandonasse ao instinto do seu guia, Mariana apressava o passo porque a escuridão ia rapidamente aumentando e as primeiras estrelas brilhavam já no azul do céu.

Lance parou bruscamente, inteiriçou-se nas patas, distendeu o lombo e o pescoço, levantou as orelhas, contraiu o focinho, farejou o espaço, soprou o caminho e rompeu a ladrar com furor, com ódio mesmo. Mariana trêmula ficou cravada no lugar onde estava, tentando perceber a causa dos latidos do animal.

— Está indicando talvez a chegada de Allan — pensou a jovem pondo-se a escutar atentamente.

Tudo estava em silêncio em redor dela. O próprio cachorro cessou os latidos, Mariana já não tremia mais. Mas no momento em que, sorrindo do seu pavor, a jovem ia prosseguir a marcha, um rumor de passos precipitados ressoou numa moita vizinha, e os latidos de Lance recomeçaram com mais fúria e ódio do que nunca.

O receio de cair nas mãos de algum fora da lei deu asas à pobre moça, que se lançou a correr pelo atalho; mas como não tardasse a sentir esgotadas as forças, teve de parar e pouco faltou para perder os sentidos ao ouvir um homem gritar-lhe em tom rude e imperioso:

— Chame o seu cachorro!

Lance, que se mantivera à retaguarda para proteger a fuga de Mariana, acabava de saltar à garganta do indivíduo que a perseguiu.

— Chame o seu cachorro! — tornou a gritar o desconhecido; — eu não tenho a intenção de lhe fazer qualquer mal.

— Como posso saber se o senhor diz a verdade? — perguntou Mariana em voz quase firme.

— Há muito tempo que eu lhe teria mandado uma flecha no coração, se fosse um malfeitor; mais uma vez lhe peço: chame o seu cachorro!

Já as presas de Lance haviam esfaçalhado as roupas e atingiam a carne do homem.

À primeira palavra de Mariana o cão largou a vítima e veio postar-se diante dela, sem contudo perder de vista o estranho, contra quem prosseguia rosnando e arreganhando os dentes.

O desconhecido era com efeito um *outlaw*, um desses proscritos sem eira nem beira que roubam e assaltam os guardas florestais menos corajosos que Gilberto, e assassinam os viajantes indefesos. O miserável, cuja lívida face respirava crime, vestia um gibão e uns calções de pele de cabra; um largo chapéu imundo, rasgado, amarfanhado, mal lhe cobria a longa cabeleira caída em desordem sobre os ombros. A espuma saída da boca do cachorro punha-lhe manchas brancas na barba espessa; trazia ao flanco uma adaga, enquanto numa das mãos segurava o arco e na outra as flechas.

Malgrado o seu pavor, Mariana simulava um grande sangue frio.

— Não se aproxime de mim — disse a jovem dardejando-lhe um olhar imperioso.

O fora da lei deteve-se, porque o cachorro preparava-se de novo para saltar sobre ele.

— Que deseja? Fale, estou-o ouvindo — acrescentou Mariana.

— Falarei, mas antes de mais nada terá de vir comigo.

— Onde?

— Onde, não lhe interessa; acompanhe-me.

— Não o acompanharei.

— Ah! Ah! Recusa então, bela senhorita! — exclamou o bandido com uma gargalhada feroz; — faz-se desdenhosa e difícil!

— Não o acompanharei — repetiu Mariana com firmeza.

— Nesse caso serei obrigado a empregar outros meios, e esses meios talvez lhe não agradem muito, previno-a.

— E eu previno-o de que se tiver a audácia de usar violências comigo, será cruelmente castigado. Mariana já não tremia; a coragem voltara-lhe diante do perigo e ela pronunciara essas palavras num tom seguro, o braço estendido para o proscrito, como a dizer-lhe: Retire-se.

O proscrito riu de novo com seu riso feroz, e Lance rosnando entreabria as maxilas ávidas.

— Realmente, bela senhorita — tornou o bandido após um instante de silêncio, — não posso deixar de admirar a sua coragem e a audácia das suas palavras, mas essa admiração em nada contribuirá para modificar os meus projetos; sei com quem estou tratando, sei que chegou ontem à noite a casa de Gilberto Head o guarda florestal, em companhia de seu irmão Allan, e que esta manhã seu irmão Allan partiu para Nottingham; sei tudo isto tão bem como a senhorita. Mas o que sei ainda e a senhorita não sabe, é que as portas do castelo de Fitz-Alwine, que se abriram para deixar entrar o senhor Allan, não tornarão a abrir-se jamais para o deixar sair.

— Que está dizendo? — bradou Mariana presa de um novo terror.

— Digo que o senhor Allan Clare é prisioneiro do barão de Nottingham.

— Meu Deus! meu Deus! — murmurou desalentadamente a jovem.

— E não tenho a menor pena de seu estimável irmão. Por que foi ele meter-se na boca do lobo? Porque é um verdadeiro lobo, o velho Fitz-Alwine! Fizemos juntos a guerra na Palestina e eu conheço muito bem os seus pendores; ele quer apanhar a irmã, como já apanhou o irmão. Ontem a senhorita escapou aos seus beleguins, e hoje...

Mariana soltou um grito de desespero.

— Oh! Tranquile-se; quero dizer que hoje lhe escapará outra vez.

Mariana atreveu-se a levantar os olhos para o bandido, e já havia quase reconhecimento em seu olhar.

— Sim, tornará a escapar-lhe outra vez... mas a mim não escapará. Para ele o irmão, para mim a irmã; e sorte minha!... Vamos, nada de lágrimas, bela jovem! Em vez de ser escrava no castelo do barão, será livre em minha companhia, livre e rainha nestes velhos bosques, e conheço muitas outras, loiras e morenas, que invejariam a sua sorte. A caminho, pois, minha formosa noiva; lá na minha caverna encontraremos uma boa ceia de caças diversas e o nosso leito de folhagens secas.

— Oh! Por favor, fale-me de meu irmão, do meu querido Allan! — voltou Mariana sem tomar em consideração as absurdas propostas do miserável.

— Com a breca! — respondeu ele sem perceber a desatenção de Mariana; — se seu irmão escapar das garras daquela besta fera, poderá vir viver conosco; mas não creio que possamos jamais caçar o gamo juntos, porque o velho Fitz-Alwine não deixa os seus prisioneiros criar bolor nas enxovias, manda-os logo para a eternidade.

— E como soube o senhor que meu irmão é prisioneiro do barão?

— Para o diabo com tantas perguntas, minha bela! Do que se trata agora é das ofertas que te faço para seres minha noiva, e não da corda que há de estrangular o senhor teu irmão. Por São Dunstan, de boa vontade ou à forças terá de acompanhar-me.

Assim dizendo deu um passo ao encontro de Mariana, que recuou vivamente, gritando:

— A ele, Lance! A ele!

O valente animal que apenas esperava aquela ordem, saltou à garganta do proscrito; mas este, acostumado decerto a lutas semelhantes, segurou as duas patas dianteiras do cachorro, e com uma força irresistível jogou-o a vinte passos de distância. O cão voltou à carga sem desanimar, e com hábil dissimulação, atacando de lado em vez de atacar de frente, abocanhou a massa de cabelos que escapava por baixo do chapéu do bandido e cravou tão profundamente os dentes que a orelha inteira se desprende e lhe ficou na bocarra.

Uma onda de sangue inundou o ferido, que se encostou a uma árvore soltando rugidos pavorosos e blasfemando contra Deus; Lance, desapontado por não ter fincado o dente num pedaço de maior resistência pulou de novo como à carniça.

Mas esse terceiro ataque devia ser-lhe fatal; o seu adversário, embora esgotado pela perda de sangue, vibrou-lhe com a lâmina da adaga um golpe tão violento no crânio que o fez rolar como uma massa inerte

aos pés de Mariana.

— Agora nós! — Vociferou o bandido, depois de ter acompanhado com olho satisfeito a queda de Lance.

— Agora nós dois, minha bela!... Inferno e maldição! — Acrescentou ele rugindo e passeando os olhos em redor de si; — Fugiu! desapareceu! Mas, com todos os diabos! Ela não me há de escapar!

E lançou-se em perseguição de Mariana. A pobre moça correu durante muito tempo, sem saber se o caminho que trilhava a levaria à morada de Gilberto Head. Após a eliminação em combate do seu defensor apenas lhes restava uma possibilidade, a possibilidade de escapar ao fora da lei com a ajuda da escuridão; de modo que fez esforços sobre-humanos para ganhar quanto antes o maior terreno possível; depois a providência velaria por ela. Esfalfada, Mariana deteve-se por fim numa clareira aonde iam dar diversos caminhos, e respirou mais livremente não ouvindo nenhum rumor de passos atrás de si; mas agora, nova agonia: que caminho devia tomar? Não podia demorar-se em hesitações; precisava escolher, e escolher depressa, pois do contrário o bandido que a perseguia surgiria de um momento para outro. A infeliz invocou o socorro da Santa Virgem, fechou os olhos, deu duas ou três voltas sobre si mesma e apontou, entendendo o braço ao acaso, o carreiro que ia seguir. Apenas havia deixado a clareira já o fora da lei ali chegava, hesitante também sobre a escolha do caminho que lhe permitisse agarrar a fugitiva, infelizmente a lua, essa lua que à mesma hora iluminava a evasão de Robin, iluminou a fuga de Mariana; o vestido branco denunciou-a.

— Enfim, — gritou o bandido, — apanhei-a!

Mariana ouviu aquelas palavras horríveis, e mais ágil que um gamo, mais rápida que uma flecha, voou, voou, voou; mas em breve desfalecia, extenuada, não tendo mais força senão para gritar pela derradeira vez:

— Allan! Allan! Robin! Socorro! Socorro!

E caiu desmaiada.

Guiado pelo vestido branco o proscrito redobrou de velocidade, e já se curvava e estendia o braço para empolgar a sua presa, quando um homem, um guarda que se achava por ali de emboscada para velar pela conservação da caça real, interveio gritando:

— Olá! Miserável salteador! Não toques nessa mulher, ou morrerás!

O bandido não deu mostras de ter ouvido e enfiou as mãos sob as espáduas da jovem para a levantar do chão.

— Ah! Fazes ouvidos moucos? — tornou o guarda com voz trovejante. — Pois seja!

E desancou rudemente o proscrito com o cabo da sua lança.

— Mas esta mulher pertence-me! — disse o fora da lei erguendo-se.

— Mentos! Tu perseguia-la como um urso persegue um filhote de corço. Bandido miserável! Para trás, ou trespasso-te com a minha lança!

O bandido recuou, porque a ponta da lança do guarda já lhe aflorava os calções.

— Abaixo as flechas! Abaixo o arco! Abaixo a adaga! — acrescentou o guarda sempre de lança em riste. O bandido jogou as armas ao chão.

— Muito bem. Agora meia volta, e safa-te, safa-te depressa, correndo, se não eu te estimularei a flechada! Era forçoso obedecer; sem mais armas e sem outros meios de resistência, o bandido afastou-se vomitando torrentes de injurias e maldições, e jurando vingar-se cedo ou tarde. O guarda ocupou-se imediatamente em chamar à vida a pobre Mariana, que jazia imóvel na relva como uma branca estátua de mármore derrubada do seu pedestal; a lua iluminando-lhe o pálido rosto aumentava ainda essa ilusão.

Não longe dali serpenteava um regato, para cuja borda foi transportada a jovem desfalecida; algumas gotas de água regando-lhe bruscamente as têmporas e a fronte conseguiram reanimá-la, e abrindo os olhos como se emergisse de um longo sono ela balbuciou:

— Onde estou eu?

— Na floresta de Sherwood — respondeu simplesmente o guarda florestal.

Ouvindo aquela voz que lhe era estranha, Mariana quis erguer-se e prosseguir na fuga; mas as forças traíram-na e ela suplicou em voz queixosa e juntando as mãos:

— Não me faça mal, tenha piedade de mim!

— Sossegue, linda senhorita; o miserável que ousou atacá-la já vai longe, e se ele quisesse voltar à carga teria de haver-se comigo antes de tocar numa prega do seu vestido.

Mariana, sempre trêmula, lançava olhares apavorados em redor de si, e contudo a voz que ouvia ressoar aos seus ouvidos parecia-lhe ser uma voz amiga.

— Consente, senhorita, que eu a conduza ao nosso solar? Juro-lhe que receberá bom acolhimento. No solar encontrará outras moças para a servir e consolar, rapazes dedicados e vigorosos para a defender, e um ancião para lhe servir de pai. Venha ao solar e não se arrependerá.

Havia tanta cordialidade e franqueza nessas ofertas que Mariana se ergueu instintivamente e acompanhou em silêncio o gentil guarda florestal. O ar livre e o movimento depressa lhe restituíram a inteligência e o sangue frio; observou com atenção à luz da lua os modos de seu guia, e como se um segredo

pressentimento a advertisse de que esse desconhecido era um amigo de Gilberto Head, ela disse:

— Onde vamos, senhor? Este caminho levará porventura à casa de Gilberto Head?

— Como? Conhece Gilberto Head? Será por acaso sua filha? Na verdade terei de brigar com esse velho sonso por causa do silêncio que ele guardou a respeito da posse de um tão lindo tesouro. Perdão, *miss*, não desejo ofendê-la, mas é que há muito tempo conheço o excelente Head e seu filho Robin Hood, e nunca imaginei que fossem tão discretos.

— Está enganado, senhor; eu não sou filha de Gilberto, mas apenas sua amiga, sua hóspede desde ontem. E contando tudo o que lhe sucedera desde que saíra da casa do guarda florestal, Mariana terminou o relato por um agradecimento cheio de efusão dirigido ao seu salvador.

Ainda esse agradecimento não acabara e já o moço da floresta a interrompia corando:

— Não me parece conveniente regressar esta noite a casa de Gilberto; ele mora bem longe daqui, ao passo que o solar de meu tio fica apenas a dois passos; ficará lá em perfeita segurança, *miss*, e para que os seus hospedeiros se não inquietem eu irei levar-lhes notícias suas.

— Mil vezes agradecida, senhor; aceito a sua oferta porque estou caindo de fadiga.

— Não tem nada que agradecer, *miss*, faço apenas o meu dever.

Mariana estava realmente exausta e vacilava a cada passo; o moço gentil notou-o e ofereceu-lhe o braço; mas como ela ia mergulhada em profundas reflexões não o ouviu e continuou andando sozinha.

— *Miss*, será que não tem bastante confiança em mim? — perguntou o rapaz com tristeza e reiterando a sua oferta; — receia acaso apoiar-se neste braço que...

— Tenho plena confiança no senhor — respondeu Mariana tomando imediatamente o braço do seu guia; — acho-o incapaz de enganar uma mulher.

— É exatamente como diz, *miss*, eu sou incapaz... sim, João-Pequeno é incapaz... Vamos, apóie-se com firmeza ao braço de João-Pequeno, que poderá carregá-la se for preciso, sem se cansar mais do que se cansa um ramo de árvore que suporta uma rola.

— João-Pequeno, João-Pequeno, — murmurou a jovem admirada e levantando a cabeça para medir com o olhar a estatura colossal do seu protetor. — João-Pequeno!

— Sim, João-Pequeno, assim chamado por ter seis pés e seis polegadas de altura, porque os seus ombros têm uma largura nessa proporção, porque de um só murro pode derrubar um boi, porque suas pernas agüentam sem parar um estirão de quarenta milhas inglesas, porque não há dançarino, nem corredor, nem lutador, nem caçador que o levem a pedir tréguas, e porque enfim os seus seis primos e companheiros, os filhos de *sir* Guy Garnwell, são todos menores do que ele; eis o motivo, *miss*, pelo qual quem tem a honra de lhe oferecer a ajuda do seu braço é chamado João-Pequeno por todos os que o conhecem; e o bandido que a atacou conhece-me perfeitamente, pois absteve-se de lhe fazer qualquer mal quando a Santa Virgem, que a protege, permitiu que eu a encontrasse. Consinta-me ainda acrescentar, *miss*, que eu tenho tanta força quanto bom coração, que o meu nome de família é João Baylot, sobrinho de *sir* Guy de Garnwell, que sou guarda-matas de nascença, arqueiro por gosto, coureiro de profissão e que completei há um mês vinte e quatro anos.

Assim conversando e rindo, Mariana e seu companheiro encaminharam-se para o solar de Garnwell; não tardaram a alcançar a orla da floresta, de onde um espetáculo magnífico se desenrolou aos olhos de ambos; a jovem, apesar do seu cansaço e do seu esgotamento, não se fartava de admirar a paisagem maravilhosa. Numa extensão de terreno de várias milhas que enquadravam os limites da floresta de um verde sombrio, faiscavam os lugares mais encantadores, mais acidentados e mais caprichosamente dissemelhantes, a ambos os lados dos bosques, sobre as colinas, nos côncavos dos vales, brancas moradas de aspecto sobrenatural, umas misteriosamente isoladas, outras fraternalmente agrupadas em torno da ermida de onde o vento trazia os últimos toques lentos do recolher.

— Além, à direita do povoado e da igreja — dizia João-Pequeno à sua companheira, — está vendo aquele enorme edifício cujas janelas meio fechadas deixam fugir espertas luzes? Está vendo, *miss*! Pois bem, é o solar de Garnwell, a residência de meu tio. Em todo o condado não se encontraria guarida mais confortável, nem em toda a Inglaterra um mais delicioso recanto. Que acha, *miss*?

Mariana aprovou com um sorriso o entusiasmo do sobrinho de *sir* Guy de Garnwell.

— Vamos depressa, *miss*, — acrescentou ele, — o orvalho noturno está caindo em abundância, e eu não desejaria vê-la tremer de frio, agora que deixou de tremer de medo.

Uma grande matilha de cães de guarda em liberdade não tardou a acolher ruidosamente João-Pequeno e a sua companheira. O jovem moderou o entusiasmo dos animais com algumas rudes palavras de amizade e algumas leves bastonadas aos mais turbulentos, e após ter atravessado os grupos de servidores espantados que o saudaram respeitosamente, penetrou na grande sala do solar, no momento em que toda a família ia sentar-se à mesa para a refeição da noite.

— Meu bom tio — disse o moço levando Mariana pela mão até à poltrona onde pontificava o venerável *sir* Guy Garnwell, — peço-lhe hospitalidade para esta formosa e nobre donzela. Graças à providência de quem não fui senão o indigno instrumento, ela acaba de escapar aos furores de um miserável fora da lei.

Mariana ao fugir da floresta perdera a faixa de veludo que ordinariamente envolvia os seus longos cabelos, e para se proteger do frio aceitara a manta de João-Pequeno, que ainda lhe cobria a cabeça e se lhe cruzava sobre o peito, mostrando apenas o seu meigo-rosto através de um oval muito estreito. Incomodada pelo excesso daquele abrigo, ou envergonhada talvez de se servir diante de todos de uma peça pertencente ao vestuário de um homem, Mariana desembaraçou-se rapidamente do *plaid* e surgiu aos olhos da família de Garnwell em todo o esplendor da sua beleza. Os seis primos de João-Pequeno admiravam Mariana de boca aberta, enquanto as duas filhas de *sir* Guy saíam com uma solicitude cheia de graça ao encontro da viajante.

— Bravo! — exclamou o patriarca do solar, — Bravo! João-Pequeno, terás de contar-nos como te arranjaste para não matar de susto esta jovem, abordando-a em plena noite e no meio da floresta, e como lhe inspiraste bastante confiança para que ela se resolvesse a acompanhar-te sem te conhecer e a honrar-nos vindo descansar sob o nosso teto. Nobre e formosa donzela, pareceis-me sofrida e fatigada. Vinde sentar-vos aqui entre minha esposa e eu; um dedo de generoso vinho vos reanimará as forças, e minhas filhas vos levarão em seguida para um confortável leito.

Esperaram depois que Mariana se tivesse recolhido ao seu quarto para pedir a João-Pequeno um relato minucioso das aventuras da noite, e João-Pequeno terminou a narrativa anunciando que se ia pôr a caminho com o intuito de alcançar a morada de Gilberto Head.

— Bem! — interveio William, o mais moço dos seis Garnwell, — visto que esta donzela é amiga do valente Gilberto Head e de Robin, meu camarada, desejo acompanhar-te, primo João-Pequeno.

— Esta noite não, Will — interveio o velho baronete — é tarde demais e Robin ter-se-á deitado antes que tenhais atravessado a floresta; irás visitá-lo amanhã, meu rapaz.

— Mas, meu bom pai — insistiu William, — Gilberto deve estar muito preocupado com a sorte desta donzela, e eu sou capaz de apostar que a esta hora Robin anda à sua procura.

— Tens razão, meu filho; dou-te liberdade para agir como entenderes.

João-Pequeno e Will abandonaram imediatamente a mesa e tomaram o caminho da floresta.

VIII

DEIXAMOS Robin na capela escondido atrás de um pilar, e perguntando a si próprio porque feliz concurso de circunstâncias Allan conseguira recobrar a liberdade.

— Sem dúvida alguma — pensou Robin, — é Maude, a gentil Maude, que prega estas partidas ao barão, e à fé de quem sou! Se ela continua assim a abrir-nos todas as portas do castelo, prometo-lhe um milhão de beijos!

— Ainda uma vez, querida Christabel — dizia Allan levando aos lábios as mãos da jovem, — tenho a felicidade, após dois anos de separação, de esquecer ao pé de ti tudo o que tenho sofrido.

— Tens sofrido, querido Allan? — perguntou Christabel num tom levemente incrédulo.

— Duvidas então? Oh! Sim, tenho sofrido, e desde o dia em que fui expulso do castelo de teu pai, a vida para mim nunca deixou de ser um inferno. Nesse dia abandonei Nottingham, andando de costas enquanto os meus olhos puderam avistar através do espaço as dobras flutuantes da faixa que agitavas sobre as muralhas para me dizer adeus. Imaginei então que esse adeus fosse para sempre, porque me sentia morrer de desgosto. Mas Deus teve compaixão de mim, permitindo-me chorar como uma criança que tivesse perdido sua mãe; eu chorei e vivi.

— Allan, o céu é testemunha de que se estivesse em minhas mãos fazer a tua felicidade, tu serias feliz.

— Serei então feliz um dia! — exclamou Allan com transporte. — Deus há de querer o que tu queres.

— Tens-me sido fiel? — perguntou Christabel interrompendo o moço com ingênua faceirice. — E continuarás a sê-lo?

— Em pensamentos, palavras e obras, sempre o fui, sou-o e sempre o serei.

— Obrigada, Allan! A fé que em ti deposito consola-me em meu isolamento; devo obediência às vontades de meu pai, mas há um dos seus desejos a que jamais me submeterei: ele poderá separar-nos, como já o fez, mas não poderá nunca obrigar-me a amar outro que não sejas tu.

Robin ouvia, pela primeira vez em sua vida, falar a linguagem do amor; compreendia-a por intuição, estremecia de felicidade às suas ressonâncias e dizia consigo suspirando:

— Oh! Se a bela Mariana quisesse falar-me assim!

— Querida Christabel — prosseguiu Allan, — como pudeste descobrir a prisão onde eu estava encerrado? Quem me abriu a porta? Quem me obteve este hábito de monge? Na escuridão não pude reconhecer o meu salvador. Apenas o ouvi dizer-me em voz baixa: “Vá ter à capela”.

— Nesse castelo há apenas uma pessoa em quem posso confiar; é uma jovem tão boa quanto engenhosa, Maude, minha criada de quarto, a quem somos devedores da tua evasão.

— Eu tinha a certeza disso — murmurou Robin.

— Quando meu pai, depois de nos ter separado de um modo tão violento te mandou jogar numa enxovia, Maude, comovida pelo meu desespero, disse-me: “Console-se, *milady*, que dentro em breve tornará a ver o senhor Allan”. E cumpriu a sua palavra, a excelente Maude, vindo avisar-me há poucos instantes de que eu poderia vir esperar-te aqui. Parece que o carcereiro encarregado da tua vigilância não foi insensível às meiguices de Maude: ela levou-lhe bebidas, cantou-lhe baladas, embriagou-o tanto de vinho e olhares que o pobre homem adormeceu como uma pedra, e então a matreira roubou-lhe as chaves. Por um acaso providencial o confessor de Maude encontrava-se no castelo, e o santo homem não vacilou em despojar-se do seu hábito para que te pudesses disfarçar com ele. Não conheço ainda esse venerável servidor de Deus, mas desejo conhecê-lo a fim de lhe agradecer o paternal apoio que ele prestou a Maude.

— Foi realmente um apoio muito paternal — disse consigo Robin, sempre escondido atrás do pilar.

— Esse monge não usa o nome de frei Tuck? — perguntou Allan.

— Justamente, meu amigo; conhece-o?

— Um pouco — respondeu Allan sorrindo.

— É um bom velho, estou certa —olveu Christabel — mas por que estás rindo assim, Allan? Será que o bom frade não merece a nossa veneração?

— Não pretendo sugerir o contrário, querida Christabel.

— Então por que continuas rindo? Quero sabê-lo.

— Por uma coisa sem importância, querida; é que esse excelente velho monge não é assim tão velho quanto pensas.

— Surpreende-me que o meu equívoco te faça rir dessa maneira. Mas não importa: velho ou novo estimo esse frade, Maude também me parece estimá-lo muito.

— Oh! Quanto a isso não há a menor dúvida; mas eu ficaria desolado se tu viesses a querer-lhe tanto quanto Maude.

— Que pretendes dizer? — perguntou Christabel com certa contrariedade.

— Perdoa-me, meu amor, tudo isto não passa de uma brincadeira que virás a compreender mais tarde, quando tivermos de agradecer ao frade o favor que nos fez.

— Está bem. Mas ainda me não falaste de minha amiga Mariana, de tua irmã; essa, pelo menos, há de

permitir-me que a ame, não é verdade?

— Mariana está à nossa espera em casa de um honrado guarda florestal de Sherwood; abandonou Huntingdon para vir viver conosco, pois eu esperava que teu pai me concedesse a tua mão. Mas visto que, não satisfeito com repelir-me, ele atenta ainda contra a minha liberdade, para atentar com certeza mais tarde contra a minha própria vida, resta-nos apenas uma possibilidade, a fuga...

— Oh! Não, Allan, não, jamais abandonarei meu pai!

— Mas a sua cólera descerá sobre ti, como acaba de descer sobre mim. Mariana, tu e eu seremos tão felizes isolados do mundo! Onde quer que desejes viver, no campo, na cidade, onde quiseses, Christabel. Oh! Vem, vem que eu não quero sair deste inferno sem ti!

Christabel desolada, soluçando com a cabeça escondida entre as mãos, não pronunciava senão as palavras “Não! não!” cada vez que Allan falava de fugir.

Ah! se nesse instante Allan se encontrasse em público, como teria denunciado os crimes do barão Fitz-Alwine e reduzido a nada esse orgulhoso e cruel fidalgo!

Enquanto o jovem enamorado e Christabel, abraçados um ao outro, se confiavam mutuamente os seus pesares e esperanças, Robin, diante de quem pela primeira vez se apresentava uma cena de verdadeiro amor, sentia-se transportado a um mundo novo.

A porta pela qual os prisioneiros evadidos tinham entrado na capela, abriu-se devagar e Maude, trazendo uma tocha na mão, apareceu seguida de frei Tuck que se mostrava sem o seu hábito.

— Ah! Ah! Ah! Querida ama! — rompeu Maude em soluços, — tudo está perdido! Vamos morrer, é um massacre geral! Ah! Ah! Ah!

— Que estás dizendo, Maude? — gritou Christabel apavorada.

— Digo que vamos morrer: o barão leva tudo a ferro e fogo, não poupa ninguém, nem a vós, nem a mim! Ah! Ah! Morrer tão moça, que desgraça! Não, mil vezes não, *milady*, eu não quero morrer!

A linda Maude tremia e chorava de verdade, mas não tardaria muito a sorrir.

— Que significam essas palavras e esses soluços? — perguntou Allan com severidade. — Terás enlouquecido? E vós, frei Tuck, não podereis dizer-me o que se passa?

— Impossível, senhor cavaleiro — respondeu o frade quase em tom de galhofa, — porque tudo o que sei se resume nisto: Eu estava sentado... não, ajoelhado...

— Sentado — interrompeu Maude.

— Ajoelhado — replicou o frade.

— Sentado — insistiu Maude.

— Ajoelhado, digo eu! Eu estava ajoelhado... fazendo as minhas orações...

— Estava mais era bebendo cerveja — atalhou de novo e muito depreciativamente a moça; — e até bebeu demais.

— Obediência e delicadeza são qualidades apreciáveis, minha formosa Maude, mas parece-me que hoje insistes em esquecê-las.

— Chega de moral, e sobretudo de discussão — atalhou Allan com gesto imperioso; — dêem-me simplesmente a conhecer a causa dessa súbita chegada e o perigo que nos ameaça.

— Pergunte ao reverendo frade — respondeu Maude sacudindo a linda cabeça com ar obstinado; — foi a ele que o senhor cavaleiro ainda há pouco se dirigiu, e é justo que ele lhe responda.

— Estás brincando cruelmente com o meu terror, Maude — interveio Christabel; — dize o que temos a recear, sem mais delongas; se te não basta a minha súplica, ordeno-te!

A jovem camareira corou intimidada, e disse por fim aproximando-se da ama:

— Aqui está o que é, *milady*. Como sabe, eu fiz com que Egberto, o carcereiro, tomasse mais vinho do que a sua cabeça é capaz de suportar; de modo que ele adormeceu. Em meio ao seu sono, sono pesado de bêbedo, Egberto foi mandado chamar por milorde; milorde queria ir falar ao seu... ao senhor Allan. O pobre carcereiro, ainda sob a influência do vinho que eu lhe tinha dado, esquecendo o respeito que deve a Sua Senhoria, apresentou-se diante do barão de mãos nas ancas e perguntou-lhe com os modos mais irreverentes como ousavam incomodá-lo, a ele, valente e honrado homem, durante o seu sono. O senhor barão ficou de tal modo surpreendido ao ouvir essa estranha pergunta que por alguns instantes contemplou o carcereiro Egberto sem se dignar responder-lhe. Irritado com o silêncio, o carcereiro aproximou-se e encostando-se ao ombro do senhor barão gritou-lhe num tom jovial: “Dize lá, velho destroço da Palestina, como vai essa periclitante saúde? Espero que a gota te deixe dormir sossegado esta noite...” Como sabe, *milady*, Sua Senhoria já não estava de muito bom humor; imagine agora a sua fúria ouvindo e vendo as palavras e os gestos de Egberto!... Ah! se *milady* tivesse visto monsenhor tremeria como eu tremo, recearia uma sangrenta catástrofe! Monsenhor espumava de raiva, rugia mais alto que um leão ferido, abalava a sala com os pés e procurava alguma coisa para espadaçar com as mãos; bruscamente apoderou-se do molho de chaves que Egberto trazia pendurado à cintura, procurando entre todas as chaves as do calabouço do seu... do senhor cavaleiro. Mas essa não a encontrou. “Que fizeste dessa chave?” gritou o senhor barão com voz trovejante. A essa pergunta, Egberto subitamente lícido,

tornou-se lívido de susto. Monsenhor já não tinha forças para gritar, mas o tremor convulso que lhe agitava todo o corpo anunciava a sua vingança. Reclamou um esquadrão de soldados e fez-se acompanhar ao calabouço do senhor Allan, berrando que se o preso lá não estivesse mais, Egberto seria enforcado... Senhor, prosseguiu Maude voltando-se para Allan, é preciso fugir o mais depressa possível, fugir antes que meu pai, informado de tudo o que se passa, feche as portas do castelo e não baixe mais a ponte levadiça.

— Vai, vai, querido Allan! — gritou Christabel; — ficaremos para sempre separados se meu pai nos encontrar juntos!

— E tu, Christabel, que vai ser de ti? — perguntou Allan tomado de desespero.

— Eu fico... e acalmarei a fúria de meu pai.

— Nesse caso também fico!

— Não, não, foge, em nome do céu! se me amas, foge... tornaremos a encontrar-nos!

— Tornaremos a encontrar-nos? Juras, Christabel?

— Juro!

— Está bem, Christabel, obedeço-te.

— Adeus! até breve.

— Acompanhe-me então, cavaleiro, bem como este venerável monge — interveio Maude.

— Mas estás certa, Maude de que teu pai nos deixará sair do castelo? — perguntou frei Tuck.

— Estou, sobretudo se ainda o não informaram dos acontecimentos desta noite. Vamos, venham, não há tempo a perder.

— Mas nós éramos três ao entrar no castelo — observou o frade.

— É verdade — notou Allan. — Que será feito de Robin?

— Presente! — exclamou o jovem mateiro saindo do seu esconderijo.

Christabel soltou um leve grito de susto, e Maude saudou Robin com tão graciosa solicitude que o monge franziu o sobrolho.

— Esperto rapaz! — disse Maude com um sorriso e passando de leve a mão pelo braço de Robin; — conseguiu fugir de um calabouço vigiado por duas sentinelas!

— Quer dizer que também estava preso? — perguntou Allan.

— Contarei a minha aventura quando estivermos longe daqui — respondeu o jovem arqueiro. —

Partamos depressa... não se demore, senhor; parece-me que deve ter interesse em conservar a vida... e bem maior do que eu — acrescentou com tristeza, — porque sua irmã e outras pessoas mais chorariam a sua morte, ao passo que eu... Mas vamos, aproveitemos a ajuda de Maude; as muralhas do castelo de Nottingham parece que me pesam sobre o peito. Vamos!

A estas últimas palavras, Maude atirou ao moço um extraordinário olhar.

De repente um barulho se fez ouvir no corredor que dava para a capela.

— Deus tenha misericórdia de nós! — disse Maude em tom surdo. — Aí está o barão; em nome do céu, fujam!

Despindo a toda a pressa o seu hábito de frade, Allan devolveu-o a frei Tuck e correu para Christabel a fim de lhe dizer um derradeiro adeus.

— Por aqui, senhor cavaleiro! — gritou Maude imperiosamente, abrindo uma das portas de saída.

Allan depôs nos lábios de Christabel o mais ardente dos beijos e atendeu ao chamado de Maude.

— Que São Bento te proteja, minha boa amiga! — disse o frade tentando por sua vez abraçar Maude.

— Atrevido! — exclamou a jovem; — passe, passe logo! Robin, já perito em galantaria, inclinou-se diante de Christabel e beijou-lhe respeitosamente a mão, dizendo:

— Que a Virgem seja o seu apoio, a sua consolação e o seu guia!

— Obrigada — respondeu Christabel surpreendida de ver tanta nobreza nas maneiras de um simples guarda de floresta.

— Enquanto lhes dou fuga, *milady* — tornou Maude, — Ponha-se a rezar e finja ignorar tudo, de modo que o senhor barão não possa desconfiar de que minha ama conhece as causas da sua fúria.

Mal a porta se fechou sobre os fugitivos, e já o barão, à frente dos seus homens de armas, irrompia na capela.

Aí o iremos encontrar mais tarde; por agora acompanhemos os nossos três amigos, dos quais a gentil Maude é o anjo da guarda.

O pequeno grupo percorreu uma comprida e estreita galeria, marchando nesta ordem: Maude à frente, conduzindo uma tocha, Robin logo em seguida e frei Tuck quase ao lado de Robin; Allan vinha por último.

Maude apressou o passo, tanto para deixar uma certa distância entre Robin e ela, como para chegar primeiro à porta do castelo; não ria, mantinha-se em profundo silêncio, e com a mão que lhe ficava livre repelia a mão de Robin, que em vão tentava apanhar no voo algumas pregas da sua saia.

— Estás então zangada comigo? — perguntou o moço numa voz suplicante.

— Estou — respondeu laconicamente Maude.
 — Que fiz eu para te desagradar?
 — Nada.
 — Que disse então?
 — Não mo pergunte, senhor; isso não pode nem deve interessá-lo.
 — Mas aflige-me.
 — Que importa? Logo se consolará. Não estará daqui a pouco bem longe deste castelo de Nottingham cujas muralhas tanto lhe pesam sobre o peito?
 — Ah, ah! Compreendo — disse Robin; e acrescentou: — Se estou farto do barão, das muralhas do seu castelo e dos ferrolhos dos seus calabouços, não o estou contudo do teu rostinho encantador, nem dos teus sorrisos, nem das tuas graciosas palavras, querida Maude.
 — Será verdade? — perguntou Maude voltando a meio a cabeça.
 — A verdade inteira, querida Maude.
 — Façamos então as pazes...
 E Maude deixou-se beijar pelo jovem mateiro.
 Essa pequena manobra determinou um compasso de atraso na marcha dos fugitivos, de tal modo que o frade, cujo ouvido fora desagradavelmente afetado pelo rumor desse beijo, protestou num tom brusco:
 — Que é isso? Andem mais depressa... Que caminho devemos tomar?
 Tinham chegado a um entrelaçamento de corredores.
 — À direita — respondeu Maude.
 E vinte passos adiante alcançaram o cubículo do porteiro. A moça chamou o pai.
 — Como! — exclamou o velho Lindsay, que por sorte ignorava ainda os acontecimentos da noite; — já se vão embora, e ainda por cima no escuro? Realmente, frei Tuck, esperava fazer um brinde em sua companhia antes de ir dormir; têm absoluta necessidade de partir esta noite?
 — É absolutamente preciso, meu filho — respondeu o frade.
 — Adeus então, alegre Gil; e os senhores também, bravos *gentlemen*, até à vista!
 A ponte levadiça desceu; Allan foi o primeiro a sair do castelo, seguido do monge que parlamentara com a jovem, a qual dessa vez não permitiu que ele lhe desse sequer aquilo a que chamava a sua bênção, um beijo, e tendo aproveitado um momento de desatenção do frade imprimira os seus ardentes lábios na mão de Robin.
 Esse beijo que fez estremecer todo o corpo do rapaz, causou-lhe uma profunda aflição.
 — Tornar-nos-emos a ver em breve, não? — perguntou Maude em voz baixa e cariciosa.
 — Assim o espero — respondeu Robin; — e enquanto aguardas a minha volta, faze o favor, minha querida, de apanhar o meu arco e as minhas flechas no quarto do barão, e entregá-los a quem os vier procurar da minha parte.
 — Vem tu mesmo.
 — Pois sim, virei eu mesmo, Maude. Adeus!
 — Adeus, Robin, adeus!
 Os soluços que embargaram a voz da pobre moça não permitiram perceber se ela dizia também “Adeus, Allan, adeus, Tuck!”
 Os fugitivos desceram rapidamente a colina, atravessaram a cidade sem se deter, e não abrandaram a marcha senão sob a protetora escuridão da floresta de Sherwood.

IX

PELAS dez horas da noite, Gilberto que esperava com impaciência o regresso dos viajantes, deixou frei Eldred no quarto de Ritson e desceu para junto de Margarida, que se ocupava dos trabalhos da casa; queria saber se *miss Mariana* não estaria muito inquieta com a longa ausência do irmão.

— *Miss Mariana*? — exclamou Margarida que, preocupada com a sua dor, nem notara o desaparecimento da jovem. — *Miss Mariana*? Ela deve decerto estar no quarto.

Gilberto foi até lá, mas o quarto estava vazio.

— São dez horas, Maggie, dez horas e essa moça não está em casa.

— Ela andava passeando há tempo, com Lance, nessa alameda fronteira.

— Com certeza perdeu a casa de vista e extraviou-se. Ah! Maggie, tremo que lhe tenha acontecido alguma desgraça. Dez horas passadas! Mas a esta hora não há senão lobos e malfeitores rondando pela floresta.

Gilberto apanhou o seu arco, as suas flechas, uma adaga bem afiada e saiu para a floresta à procura de Mariana; conhecia todas as moitas, todos os bosques, todos os silvados, todas as clareiras, e queria percorrer todos esses lugares tão seus conhecidos e tão perigosos para uma mulher.

— Preciso encontrar essa jovem — dizia Gilberto consigo; — por São Pedro, preciso encontrá-la.

Guiado pelo instinto, ou antes por essa previsão especial que os mateiros chegam a adquirir perlongando os bosques, Gilberto seguiu exatamente o caminho que Mariana tomara até ao ponto onde ela estivera sentada. Uma vez lá chegado, teve a impressão de ouvir um surdo gemido à beira de uma alameda próxima que a espessura da folhagem privava dos raios do luar; aplicou o ouvido e reconheceu que esses gemidos eram entremeados de fracos apelos, agudos e queixosos como os de um animal que sofre. A escuridão era profunda e Gilberto encaminhou-se às apalpadelas para o lugar de onde partiam esses apelos; à medida que se ia aproximando os gemidos tornavam-se mais distintos, e os pés do guarda não tardaram a chocar-se contra uma forma inerte e mole estendida no chão; abaixou-se, estendeu os braços e a sua mão tocou a superfície peluda mas viscosa de suor frio de um animal. O bicho, como reanimado pelo toque daquela mão, fez um movimento e os seus queixumes mudaram-se num débil ganido de reconhecimento.

— Lance, meu pobre Lance! — exclamou Gilberto. Lance tentou erguer-se nas patas, mas exausto do esforço recaiu em gemidos.

— Alguma desgraça sucedeu àquela pobre moça — disse mentalmente Gilberto, — e Lance querendo defendê-la, sucumbiu na luta. Então! então! — murmurou o guarda florestal acariciando ternamente o fiel animal, — onde estás ferido, meu velho? No ventre? Não. No lombo? Nas patas? Não, não. Ah! na cabeça! O bandido quis abrir-te o crânio... Bem vejo, mas não morreremos disso. Perdeste muito sangue mas ainda te resta bastante... O coração bate, sinto-o bater, e não é um bater de retirada.

Gilberto, que como todos os homens do campo conhecia as virtudes medicinais de certas plantas, deu-se pressa em ir colher algumas nas clareiras próximas onde a escuridão era atenuada pelos primeiros raios da lua, e depois de as ter esmagado entre duas pedras, colocou-as sobre o ferimento de Lance, segurando-as com o auxílio de uma compressa improvisada com um farrapo do seu capote de pêlo de cabra.

— Agora preciso deixar-te, meu velho; mas fica sossegado que virei buscar-te; entretanto ficarás repousando aqui neste monte de folhas secas, e cobrirei o teu corpo com outras folhagens a fim de que não sintas frio, meu velho Lance!

Assim falando ao seu cão como se estivesse falando a uma pessoa, o guarda tomando o animal nos braços transportou-o para um cerrado. Feito isso acariciou ainda uma vez o fiel animal, e empreendeu de novo a corrida em busca de Mariana.

— Por São Pedro! — murmurava Gilberto explorando com olho de lince as matas e as clareiras, — por São Pedro! Se o bom Deus colocar em meu caminho o alma do diabo que rasgou o couro do meu pobre Lance, hei de fazer-lhe dançar umas voltas à pranchada como ele não tornará mais a dançar em toda a vida! Ah! Bandido! Ah! Malfeitor!

Gilberto seguia justamente o caminho por onde enveredara Mariana após a queda de Lance, e chegou à clareira não longe da qual João-Pequeno libertara a fugitiva. Gilberto ia explorar as imediações bastante ralas dessa clareira, quando uma sombra tornada gigantesca pelos raios oblíquos do luar apareceu agitando-se no chão; a princípio imaginou que ela provinha de alguma alta árvore e não lhe prestou atenção; mas o instinto advertiu-o de que a sombra tinha qualquer coisa de estranho, e observando-a mais atentamente percebeu logo que ela só podia pertencer a um ser vivo, a um homem.

A vinte passos do ponto onde se encontrava, Gilberto avistou um homem de pé, encostado a uma árvore, virado de costas e agitando os braços em redor da cabeça como se estivesse enrolando um turbante. O mateiro não hesitou em assentar a sua vigorosa mão sobre aquele que adivinhava um fora da lei, e talvez até o assassino de *miss Mariana*.

— Quem és tu? — perguntou-lhe ao mesmo tempo com uma voz de trovão.

O outro, meio surpreso, meio fraco, vacilou e deixou-se escorregar ao longo da árvore até aos pés de Gilberto.

— Quem és tu? — repetiu Gilberto levantando bruscamente o desconhecido.

— Que tens com isso? — rosnou o indivíduo esforçando-se por se manter nas pernas, logo que se apercebeu de que Gilberto estava sozinho; — que tens...

— Tenho muita coisa. Sou guarda florestal, e portanto encarregado da vigilância de Sherwood; ora tu pareces-me tanto com um malfeitor quanto a lua cheia deste mês se parece com a do mês passado, e desconfio que andes apenas interessado num gênero de caça. Todavia deixar-te-ei em liberdade se quiseses responder claramente e com sinceridade a certas perguntas que te vou fazer; mas se recusares, por São Dunstan! Entrego-te à solicitude do xerife.

— Interroga-me então; verei se me convém responder.

— Encontraste esta noite na floresta uma jovem senhora de vestido branco?

Um sorriso perverso atravessou os lábios do bandido.

— Percebo, encontraste. Mas que vejo? Estás ferido na cabeça? Sim, e esse ferimento foi produzido pelos dentes de um cão. Ah! miserável, vou certificar-me disso.

E Gilberto arrancou vivamente a faixa ensangüentada que recobria o ferimento; o homem assim desmascarado deixou à vista um pedaço de carne que lhe pendia do pescoço, e louco de dor gritou sem perceber que se acusava claramente:

— Como sabes que foi um cão? Nós estávamos sozinhos!

— E a moça, onde está? Fala, miserável, fala ou mato-te! Enquanto Gilberto, com a mão no punho da sua adaga, esperava uma resposta, o fora da lei ergueu disfarçadamente sua besta e descarregou-lhe uma forte pancada no alto da cabeça. O velho, um momento aturdido, retomou logo o seu prumo firmou-se nas pernas e arrancou a adaga. O proscrito recebeu então com a parte chata da lâmina uma tão furiosa saraivada de golpes cerrados e contínuos, nas costas, nos ombros, nos braços e nos flancos, que desabou por terra imóvel e quase morto.

— Não sei porque não te mato, miserável! — gritou o guarda florestal; — mas visto que não queres dizer onde ela está, vou deixar-te abandonado. Morre por aí, como um animal feroz!

E Gilberto afastou-se para recomeçar as suas buscas.

— Eu ainda não estou morto, vil escravo do chicote! — murmurou o proscrito erguendo-se no cotovelo quando Gilberto se afastou; — ainda não estou morto e hei de provar-to. Ah! Querias saber onde se encontra agora a moça? Eu seria bem tolo se fizesse cessar as tuas preocupações dizendo-te que um dos Garnwell a levou para o solar. Ai! ai! ai! como dói! Tenho os ossos quebrados, os membros deslocados, mas ainda não estou morto, não, Gilberto Head, ainda não estou morto!

E arrastando-se com o auxílio dos joelhos e das mãos, tentou encontrar repouso em um abrigo na espessura da mata.

O velho, cada vez mais inquieto não cessava de percorrer a floresta, e começava a perder toda a esperança de encontrar a jovem, pelo menos viva, quando não longe dali ouviu cantar uma dessas alegres baladas que outrora compusera em honra de seu irmão Robin.

O cantor invisível vinha ao seu encontro pelo mesmo caminho; Gilberto ficou ouvindo, e o seu amor-próprio de poeta fez-lhe esquecer as inquietações do momento.

— Que a vermelha cabeça desse idiota Will, tão bem cognominado o Escarlata, se balance enforcada num ramo de carvalho — murmurou Gilberto mal-humorado; — ele canta a ária da minha balada de um modo inteiramente em desacordo com as palavras. Olá! Senhor Garnwell; Olá! William Garnwell, não estropie assim a música e a poesia ao mesmo tempo! E que diabo faz você a esta hora pela floresta?

— Olá! — respondeu o jovem fidalgo; — quem se atreve a interromper o canto de William de Garnwell, antes que William de Garnwell lhe tenha desejado boas-vindas?

— Quem já ouviu uma vez, uma só vez, a voz de William escarlata, nunca mais a esquece, e não precisa, para adivinhar a aproximação de Will, da luz do sol ou da luz da lua, e nem sequer da luz das estrelas.

— Bravo! Bem respondido! — interveio alegremente um terceiro personagem.

— Aproxima-te, espirituoso desconhecido — replicou Will num tom provocador; — aproxima-te e tentaremos dar-te uma lição de civilidade.

E Will já fazia redemoinhar o seu bordão quando João. Pequeno interveio.

— Estás louco, meu primo; então não reconheces o velho Gilberto, a cuja casa nos dirigimos?

— Gilberto? Será possível?

— Sim, sim, Gilberto!

— Bem, nesse caso é diferente! — voltou o rapaz, que correu ao encontro do guarda florestal gritando:

— Boas notícias, meu velho, boas notícias! A jovem senhora está em perfeita segurança no solar, e *miss* Bárbara, bem como *miss* Winifrede estão cuidando dela; João-Pequeno encontrou-a na floresta na ocasião em que um fora da lei ia maltratá-la. Mas estás sozinho, Gilberto? E Robin, onde está o meu caro Robin Hood?

— Fala mais baixo, Will, misericórdia! Poupa os teus pulmões e os nossos ouvidos. Robin partiu esta manhã para Nottingham, e ainda não estava de volta quando eu saí de casa.

— Ah! Robin Hood andou mal em ir sem mim a Nottingham; havíamos combinado ir passar oito dias na cidade. A gente lá diverte-se tanto!

— Como estás pálido, Gilberto — interveio João-Pequeno; — que tens, estás doente?

— Não, o que tenho são desgostos; meu cunhado morreu hoje, e vim a saber que... mas que importa? Não falemos nisso. Deus seja louvado, *miss* Mariana está fora de perigo! Foi ela que eu vim procurar na floresta; imaginai a minha inquietação, especialmente depois de haver encontrado há pouco o melhor dos meus cães, o pobre Lance, quase morto.

— Lance quase morto, esse cachorro tão bom, tão...

— Pois é verdade, Lance, um animal como não se encontra outro, cuja raça está perdida.

— Mas quem fez isso? Quem cometeu esse crime? Dize-me onde está o bandido, que lhe quebrarei as costelas! Onde está ele? — perguntou vivamente o moço de cabelos vermelhos.

— Sossega, meu filho; eu já vinguei o velho Lance.

— Não faz mal, quero vingá-lo também; dize, onde esta o miserável, bastante covarde para matar um cachorro? Preciso examinar-lhe as feições com o meu bordão. É algum fora da lei, com certeza?

— É, deixei-o aí em baixo... deste lado... quase morto, depois de o ter moído a pancada com a lâmina da minha adaga.

— Se esse homem for o mesmo que usou de violência com *Miss* Mariana, é de meu dever conduzi-lo a Nottingham, à presença do xerife — atalhou João-Pequeno. — Mostra-me onde o deixaste, Gilberto.

— Vinde por aqui, por aqui, meus filhos!

O velho guarda não teve dificuldade em achar o ponto onde o proscrito caíra sob os seus golpes, mas o proscrito já lá não estava.

— Que pena! — exclamou Will. — Olha, foi justamente aqui que combinamos encontrar-nos vindo do solar, para a caça, ali na encruzilhada, entre o carvalho e a faia.

— Entre o carvalho e a faia! — repetiu Gilberto, cujo corpo se pôs subitamente a tremer.

— Isso mesmo, entre estas duas árvores. Mas que tens tu, meu velho? — Exclamou Will, — estás tremendo como uma vara verde!

— Ah! é que... nada, nada — respondeu Gilberto contendo a sua emoção; — apenas uma lembrança, nada.

— Como! Tens medo de fantasmas, tu, meu valente? — tornou João-Pequeno que ignorava o motivo da perturbação de Gilberto. — Pensei que não sofresses desses temores, na tua qualidade de deão dos guardas florestais. É verdade que este lugar não goza de reputação muito boa; dizem que a alma penada de uma moça, assassinada por bandidos, vagueia todas as noites por baixo destas grandes árvores; eu nunca a vi, embora passe constantemente por aqui, tanto de noite como de dia; mas muitas pessoas de Mansfeld, de Nottingham, do solar e dos povoados vizinhos, afirmam sob juramento tê-la encontrado na encruzilhada.

À medida que João-Pequeno assim falava, a emoção de Gilberto ia crescendo; um suor frio inundava-lhe o rosto, os dentes batiam-lhe, e com os olhos esgazeados e o braço estendido na direção da faia, ele apontava com o dedo aos companheiros alguma coisa invisível.

De repente o vento leve que soprava até então mudou-se em rajada e varreu por sob as árvores as folhas secas que se haviam amontoado, e do centro do redemoinho ergueu-se uma forma humana.

— Annette! Annette! Minha irmã! — bradou Gilberto caindo de joelhos e levantando as mãos juntas pra o céu; — Annette, que queres? Que desejas que eu faça?

Will e João-Pequeno, por muito afoitos que fossem, estremeceram e traçaram devotamente o sinal da cruz, pois Gilberto não estava sendo vítima de uma alucinação, e como ele ambos viam um imenso fantasma branco, de pé, entre as duas árvores; o fantasma deu a impressão de querer avançar ao encontro deles, mas como a rajada crescesse de violência ele afastou-se às arrecuas como se estivesse obedecendo à força do vento, e desapareceu num ângulo da encruzilhada, numa zona escura onde os raios oblíquos da lua, interceptados pela espessura da folhagem, não haviam ainda penetrado.

— É ela! É ela! Sem sepultura!

Dizendo estas últimas palavras Gilberto caiu desmaiado, e os seus companheiros ficaram longo tempo imóveis e mudos como estátuas; não viam mais o fantasma, mas parecia-lhes que a brisa trazia até eles ruídos confusos, vagos gemidos.

Voltando pouco a pouco do susto que apanharam, os nossos dois rapazes juntaram-se para socorrer Gilberto que continuava desmaiado; baldadamente esfregaram as mãos dele nas suas e tentaram fazê-lo engolir algumas gotas desse uísque de que cada mateiro em jornada traz sempre uma pequena provisão; em vão lhe murmuraram ao ouvido todo um vocabulário de palavras de consolo, o velho não saía do seu abatimento, e se não fossem as pancadas no coração sempre audíveis, julgá-lo-iam morto...

— Que faremos, primo? — perguntou Will.

— Vamos levá-lo para sua casa o mais depressa possível — respondeu João-Pequeno.

— Naturalmente tens bastante força para o transportar às costas, mas talvez ele ficasse mais a vontade se eu o pegasse pelos pés e tu pela cabeça.

— Olha, aqui tens a minha machadinha, Will; vai aí na mata e corta os ramos necessários para improvisar uma pequena maca; eu fico aqui, talvez ele ainda recupere os sentidos.

William já não cantava as alegres baladas de Gilberto, sinceramente aflito com o estado do velho poeta de Sherwood; enquanto procurava os seus paus, chegou a essa escura ponta da encruzilhada por onde se evaporara o fantasma; e, digamo-lo em seu louvor, não experimentou mais medo do que se estivesse passeando sozinho à meia-noite no pomar da mansão de Garnwell.

De repente William tropeçou em qualquer coisa volumosa que estava deitada por terra, e caiu-lhe por cima; o rapaz ia soltar a mais violenta praga contra esse malfadado obstáculo que o detivera em sua marcha, quando percebeu que o que imaginara ser um tronco de madeira era algo dotado de movimento e lhe soprava ao ouvido um rosário de blasfêmias.

— Olá! Que é isso? — gritou o corajoso Will empolgando a garganta do indivíduo sobre o qual acabava de rolar. — Primo! primo! aqui, agarrei-o, agarrei-o!

— Corta-o pela raiz! — respondeu João-Pequeno que não queria abandonar Gilberto.

— Eh! Não foi uma árvore que eu agarrei, foi o bandido, o assassino de Lance! Corre aqui, primo!

— Não me largarás? Estou sufocando! — dizia o homem revolvendo-se. — Ah! São dois contra mim — acrescentou ele vendo chegar João-Pequeno; — não é preciso... estou morrendo!... Ar, por piedade, ar!... William ergueu-se.

— Com todos os diabos! É o fantasma de há pouco, com o seu capote branco de pele de cabra! — exclamou João-Pequeno. — Tu não estavas deitado ali perto, entre duas grandes árvores, num monte de folhas?

— Estava.

— Foste tu que andaste perseguindo uma moça? — perguntou-lhe João-Pequeno.

— Foste tu que abateste o mais valente dos cachorros? — acrescentou Will.

— Não, não, meus bons senhores; por piedade, socorram-me, estou morrendo!

— E acabas de matar um homem que imaginou ver em ti um fantasma, o fantasma de uma Annette... — tornou Will.

— Annette? Annette? Ah! sim, recordo-me de Annette... Foi Ritson quem a matou; eu estava disfarçado em padre, fui eu que os casei.

— Está delirando — pensaram os dois primos, que não podiam entender o sentido destas últimas palavras.

— Por piedade, senhores, levem-me daqui! A terra é tão dura!

— Dize-nos antes quem te pôs nesse estado.

— Foram os lobos — respondeu o miserável, que mau grado os estertores da agonia não perdia o sentido; — foram os lobos, senhores; eles devoraram-me todo um lado da cabeça, rasgaram-me os membros à dentada; eu perdi-me na floresta, e como já não comia há dois dias não tive forças Para me defender. Tenham piedade, meus bons senhores!

— É um fora da lei — disse João-Pequeno ao ouvido e Will; — foi ele que perseguiu *miss* Mariana e abriu a cabeça de Lance; foi ele que Gilberto encheu de pancadas. Sempre me pareceu que ele não havia de andar longe, e que o encontraríamos por aqui ao romper do dia. E já que não correu, eu o levarei à presença do xerife.

E sem mais se preocuparem com os gemidos do bandido, os dois primos voltaram para junto de Gilberto. Pouco a pouco Gilberto recobrou os sentidos; declarou-se perfeitamente capaz de alcançar a pé o seu domicílio, e pôs-se a caminho, amparado de cada lado por um dos rapazes.

A alguns passos de casa deteve-se para escutar um ruído lúgubre que se erguia nos ares, e estremecendo disse:

— É Lance; não pode ser senão o seu último grito de dor!

— Ânimo, bom Gilberto! Estamos chegados; eis a senhora Margarida que te está esperando à porta, com uma candeia nas mãos; coragem!

Pela segunda vez os uivos do cachorro atravessaram o espaço, e Gilberto ia outra vez perder os sentidos quando Margarida, precipitando-se ao seu encontro, o amparou e arrastou para o interior da casa.

Uma hora depois Gilberto, quase calmo, dizia brandamente aos seus jovens amigos:

— Meus filhos, talvez mais tarde eu tenha forças para vos contar a história dessa alma penada que vimos errar lá longe.

— Uma alma penada! — exclamou Will soltando uma grossa gargalhada. — Ah! ah! Conhecemo-la bem, essa alma penada.

— Silêncio, primo! — ordenou severamente João-Pequeno.

— Não, vós não a conheceis, sois muito novos — tornou Gilberto.

— O que eu queria dizer é que encontramos o proscrito que tu tão bem desancaste à pranchada.
 — O quê! Encontraram-no?
 — Encontramos, e quase morto.
 — Deus lhe perdoe!
 — Sim, e o diabo que o carregue! — acrescentou Will.
 — Silêncio, primo!
 — Antes de regressardes ao solar, podeis prestar-me um grande serviço, meus filhos — tornou Gilberto.
 — Fala, amigo.
 — Nesta casa há um defunto, ajudai-nos a enterrá-lo.
 — Estamos às tuas ordens, bom Gilberto — respondeu William; — temos bons braços, e não tememos os mortos, nem os vivos, nem os fantasmas.
 — Que é isso, primo!
 — Pronto, já me calo — murmurou Will de muito mau humor.
 Ele não compreendia, como João-Pequeno, que as alusões ao fantasma acordavam as angústias e as dores do velho guarda florestal.
 À frente o padre Eldred rezando as suas orações, em seguida João-Pequeno e Lincoln carregando o cadáver numa padiola, depois Margarida e Gilberto, este último retendo os soluços para não provocar os da esposa, e Margarida chorando silenciosamente sob o seu capuz de burel, e por fim William Escarlata, tal era a ordem do cortejo que à meia-noite se encaminhava para as duas árvores, junto às quais o amante e assassino de Annette solicitara a graça de ser enterrado.
 Gilberto e sua mulher ficaram ajoelhados durante todo o tempo em que os vigorosos braços de Lincoln e João-Pequeno estiveram cavando a sepultura.
 Ainda não haviam cavado a metade quando Will, que ficara vigiando as proximidades, com o arco retesado numa das mãos e a adaga na outra, veio dizer ao ouvido do primo:
 — Talvez não fosse mau alargar um pouco esse buraco e enterrar mais alguém na companhia desse homem.
 — Que queres dizer, primo?
 — Quero dizer que aquele que pretendia ter sido atacado pelos lobos, e que nós abandonamos em muito mau estado a poucos passos daqui, está também morto e bem morto. Vai perto dele e chega-lhe com o pé, verás se ele se queixa.
 As últimas pazadas de terra tombavam já sobre os corpos dos dois bandidos, quando pela terceira vez os uivos do cachorro ressoaram através da floresta.
 — Lance, meu pobre Lance, agora é a tua vez! — gemeu o guarda florestal. — Não entrarei em casa sem te ter ido socorrer.

x

EXATAMENTE como dissera Maude, o exaltado barão seguido de seis homens de armas dirigira-se ao calabouço de Allan Clare. O preso desaparecera!

— Ah! Ah! — riu ele como um tigre, se por acaso os tigres podem rir; — Ah! Ah! As minhas ordens são admiravelmente obedecidas; na verdade estou encantado! Mas para que servem então os meus carcereiros e o meu torreão? Por Santa Griselda! Doravante exercerei sem eles os meus direitos de alta e baixa justiça, e mandarei encerrar os meus prisioneiros no viveiro de pássaros da minha filha... Egberto Lanner, o carcereiro, onde está ele?

— Ei-lo aqui, monsenhor — respondeu um soldado; — segurei-o bem para que não fugisse.

— Pois se ele tivesse fugido eu te mandaria enforcar em seu lugar... Aproxima-te, Egberto. Estás vendo a porta deste calabouço? Ela está fechada. Estás vendo este postigo? É bem estreito. Pois bem: poderás dizer-me como o prisioneiro, que não é nem bastante fino de corpo para passar através dessa abertura, nem tão sutil como o ar para se evaporar através do buraco da fechadura, poderás dizer-me como ele se arranhou para fugir?

Egberto, mais morto do que vivo guardou silêncio.

— Poderás dizer-me em troca de que vil interesse ajudaste a evasão desse criminoso? Pergunto-te isto sem cólera, responde-me portanto sem temor. Eu sou bom e justo, e se confessares a tua culpa talvez eu venha a perdoar-te...

O barão fingia-se de generoso em pura perda; Egberto tinha demasiada experiência para acreditar na sua sinceridade, e sempre mais morto do que vivo continuou mantendo-se em silêncio.

— Ah! Estúpidos escravos que sois! — berrou de repente Fitz-Alwine; — aposto que nenhum de vós teve a idéia de avisar o porteiro do castelo do que se estava passando! Depressa, depressa, vá um de vós levar da minha parte a Herbert Lindsay a ordem de descer a ponte levadiça e fechar todas as portas.

Um soldado partiu imediatamente a correr, mas extraviou-se pelos escuros corredores do subterrâneo e caiu de cabeça para baixo do alto de uma escada. A queda foi mortal mas ninguém se apercebeu disso, e os fugitivos puderam sair do castelo graças a essa catástrofe ignorada.

— Milorde — disse um dos homens de armas, — quando vínhamos para aqui tive a impressão de avistar os reflexos de uma tocha na extremidade da galeria que leva à capela.

— E esperaste até agora para me dizer isso? — gritou o barão. — Ah! Juraram fazer-me morrer a fogo lento, os bandidos! Mas hão de morrer antes de mim — acrescentou sufocado pela cólera; — sim, morreréis primeiro do que eu, e hei de inventar para vós um suplício terrível se não conseguir agarrar esse biltre que Egberto vai desde já substituir no patíbulo.

Acabando de dizer essas palavras, Fitz-Alwine arrebato uma tocha das mãos de um soldado e precipitou-se na direção da capela. Christabel, de pé diante do túmulo de sua mãe, parecia imersa na mais profunda e triste meditação.

— Procurai por todos os cantos e recantos, trazei-mo morto ou vivo! — declarou o barão.

Os soldados obedeceram.

— E tu, minha filha, que estás fazendo aqui?

— Estou rezando, meu pai.

— Rezando talvez por um miserável que outra coisa não merece senão a corda da forca?

— Rezo por meu pai diante do túmulo de minha mãe; não estais vendo?

— Onde está o teu cúmplice?

— Que cúmplice?

— Esse traidor, esse Allan.

— Não sei.

— Enganas-me; ele está aqui.

— Nunca vos enganei, meu pai.

O barão sondou com o olhar o pálido rosto da filha.

— Não encontramos nem um nem outro — veio dizer um dos soldados.

— Nem um nem outro? — repetiu Fitz-Alwine que começava a desconfiar da fuga de Robin.

— Sim senhor, nem um nem outro. Não é dos dois presos evadidos que se trata?

Exasperado, por ver Robin escapar-lhe, o insolente Robin que tão atrevidamente o enfrentara, e do qual esperava obter mais tarde pela tortura certas informações a respeito de Allan, o barão desceu a larga manopla sobre o ombro do indiscreto soldado e disse-lhe:

— Com que então nem um nem outro? Explica-me o significado dessas quatro palavras.

O soldado tremia de susto sob a violenta pressão daquela mão e não sabia o que responder.

— Em primeiro lugar, quem és tu?

— Se Vossa Senhoria permite, chamo-me Gaspar Steinkorf eu estava de sentinela na muralha...

— Miserável! — atalhou o barão; — eras então tu que estavas de guarda atrás da porta do calabouço do pequeno lobo de Sherwood? Não me digas que o deixaste fugir, porque senão cravo-te um punhal no peito.

Vamos agora abster-nos de registrar as inumeráveis gradações da cólera do barão; contentem-se os nossos leitores em saber que a cólera se tornara nele uma espécie de necessidade, de hábito, e que ele deixaria de respirar no momento em que deixasse de se encolerizar.

— Admites então que ele fugiu enquanto estavas de sentinela na muralha de leste? — voltou o barão após um instante de silêncio. — Vamos, responde-me!

— Milorde acaba de me ameaçar com o seu punhal se eu confessar — respondeu o pobre diabo.

— E não há dúvida de que executarei a minha ameaça.

— Nesse caso silencio.

O barão ergueu o punhal sobre o desgraçado, quando Christabel lhe reteve o braço, gritando:

— Ah, meu pai! Conjuro-vos a que não ensanguenteis este túmulo!

A súplica foi escutada; o barão empurrou bruscamente Gaspar, guardou o punhal e disse à jovem num tom severo:

— Volte para o seu quarto, *milady*; e vós outros, montai a cavalo e correi à estrada de Mansfeldwoohaus; os fugitivos devem ter tomado essa direção, podereis agarrá-los facilmente. Quero-os aqui, necessito deles a qualquer preço, entendeis? Quero-os aqui!

Os homens de armas obedeceram, e Christabel ia afastar-se quando Maude entrou na capela, correu ao encontro de sua ama, e pondo um dedo sobre os lábios disse a meia voz:

— Salvos! salvos!

A jovem *lady* juntou piedosamente as mãos para agradecer a Deus e retirou-se seguida de Maude.

— Pare! — gritou o barão que ouvira o murmúrio da camareira. — Senhorita Herbert Lindsay, gostaria de confabular um momento consigo. Então, aproxime-se! Receia acaso que eu a devore?

— Não sei, — respondeu Maude apavorada; — mas monsenhor parece-me tão encolerizado, tão furioso que não me atrevo.

— Senhorita Herbert Lindsay, conheço muito bem a sua astúcia e sei que não é pessoa para se assustar com um simples franzir de sobrolho. Contudo, se assim o quiser fá-la-ei tremer realmente, e acho preferível que o não queira... Ora diga-me: quem é que está salvo? Eu ouvi as suas palavras, minha gentil desavergonhada!

— Eu não disse que alguém estava salvo, monsenhor — respondeu Maude brincando com ar de candura com as largas mangas do seu vestido.

— Ah! Não disse então que alguém se tinha salvo, graciosa comediante! Disse talvez que eles se tinham salvo: não um, mas vários!

A camareira abanou a cabeça em sinal negativo.

— Oh! Que mentirosa, que mentirosa apanhada em flagrante delito!

Maude encarou fixamente o barão e afetou um ar de perfeita imbecilidade, como se não tivesse compreendido o que significavam aquelas palavras de flagrante delito.

— Eu não me deixo iludir pela tua fingida estupidez — prosseguiu o barão. — Sei muito bem que favoreceste a fuga dos meus prisioneiros; mas não cantes vitória, eles não estão ainda tão afastados do castelo que os meus homens não os possam agarrar, e veremos dentro de uma hora se os impedes de serem amarrados um ao outro pelas costas, e jogados às fossas do alto das muralhas.

— Para os amarrar de costas um ao outro, monsenhor, e preciso primeiro trazê-los aqui — respondeu Maude sempre com uma aparente ingenuidade que os seus olhos cintilantes de malícia desmentiam.

— E antes de os fazer mergulhar nas fossas eles terão que confessar tudo; e se ficar provado que participaste da conspiração, cuidaremos então de te fazer tremer um pouco, senhorita Herbert Lindsay.

— Como for do agrado de monsenhor.

— Mas não há de ser de muito do teu... hás de ver!

— Por São Valentim, monsenhor! Eu ficaria bem contente, se fosse antecipadamente informada dos seus propósitos a meu respeito; ao menos teria tempo para me preparar — acrescentou ela com uma

reverência.

— Insolente!

— *Milady* — tornou a camareira num tom perfeitamente calmo, e aproximando-se da ama que na sua imobilidade parecia uma estátua da dor; — *milady*, se quiser ouvir o meu conselho. Vossa Honra deverá voltar ao seu quarto; a noite está esfriando... Vossa Honra não tem gota... mas...

O irascível barão, desarmado por tão irritante sangue frio, interrompeu a camareira e perguntou-lhe mais uma vez a quem ela queria referir-se quando dissera: Salvos! Salvos!

Essa pergunta foi feita quase com serenidade, e Maude compreendeu que já era tempo de responder de um modo ou de outro; assim, declarou como vencida pela persistência do barão:

— Vou dizer-lho, monsenhor, visto que o exige. Sim, eu pronunciei as palavras: “Ele está salvo!”, e pronunciei-as em voz baixa, para não mostrar emoção diante dos vossos homens de armas. Mas muito esperto seria quem pudesse ocultar-vos alguma coisa, monsenhor. Eu disse portanto a *milady*: Ele está salvo! e queria referir-me a Egberto, o pobre chaveiro, que tínheis a intenção de enforçar, monsenhor, e que não haveis enforcado, louvado seja Deus! — acrescentou Maude desfazendo-se em lágrimas.

— Essa é muito boa! — explodiu o barão. — Tomas-me então por algum idiota, Maude? Ah! Ah! É um absurdo e estás abusando da minha paciência! Pois bem! Egberto será enforcado, e visto que o amas serás enforcada juntamente com ele!

— Mil agradecimentos, monsenhor — replicou a camareira desatando a rir; e girando nos calcanhares após uma reverência, correu a juntar-se a Christabel que acabava de sair da capela.

Lorde Fitz-Alwine saiu atrás de Maude improvisando um monólogo repleto de objurgações contra a astúcia das mulheres. A risonha insolência de Maude exaltara os instintos ferozes do barão, que não sabia como nem sobre quem descarregar a sua cólera; teria dado metade da sua fortuna para que ali mesmo lhe entregassem Allan e Robin; e para matar o tempo que devia decorrer até o regresso dos soldados que mandara em perseguição dos fugitivos, o barão resolveu ir dar expansão ao seu mau humor na companhia de *lady* Christabel.

Maude, percebendo que o barão vinha no seu encalço temerosa de alguma violência pôs-se a caminhar mais depressa com a tocha, de modo que ele se encontrou de repente mergulhado na mais profunda escuridão e proferiu uma nova série de maldições contra Maude e contra o universo inteiro.

— Troveja, troveja, barão! — dizia Maude consigo afastando-se; mas sendo mais travessa que maldosa, a moça tomou-se de remorsos ao pensar naquele velho enfermo que assim abandonava por aqueles negros corredores; parou com a impressão de estar ouvindo gritos de aflição.

— Socorro! Socorro! — bradava uma voz surda e afogada.

— Parece-me reconhecer a voz do barão — disse Maude voltando resolutamente atrás. — Onde está monsenhor? — perguntou ela em voz alta.

— Aqui malvada, aqui! — respondeu Fitz-Alwine, cuja voz parecia vir das profundezas da terra.

— Deus do céu! Como é que o senhor foi parar aí? — gritou Maude detendo-se no alto da escada; e à luz da tocha a jovem avistou o barão estatelado nos degraus e detido na sua queda por qualquer coisa que lhe barrara a passagem.

O furibundo senhor havia-se enganado no caminho, exatamente como o infeliz soldado que se matara indo ordenar o fechamento das portas do castelo; mas graças à couraça que sempre trazia por baixo do gibão, o barão escorregara por cima dos degraus sem se ferir, e seus pés tinham achado um ponto de apoio contra o cadáver do soldado.

Essa queda produziu na cólera do castelão o efeito que produz a chuva numa grande ventania.

— Maude — começou ele erguendo-se com dificuldade, ajudado pela mão da jovem, — Maude, Deus te castigará por me haverdes faltado ao respeito, deixando-me sem luz nesta escuridão.

— Perdão, monsenhor; eu ia ao encontro de *milady*, e pensei que um dos vossos soldados vos acompanhasse com uma tocha. Louvado seja Deus! Estais são e salvo, a providência não permitiu que o nosso bom senhor nos fosse arrebatado... Encoste-se ao meu braço, monsenhor!

— Maude — prosseguiu o barão guardando-se de retomar suas atitudes de louco furioso enquanto o auxílio da camareira lhe era necessário, — não deixes de me lembrar que o bêbedo adormecido na escada do subterrâneo deve ser acordado com cinquenta chicotadas.

— Fique tranqüilo, monsenhor, não o esquecerei.

Estavam ambos longe de pensar que esse bêbedo não passasse de um cadáver; a luz vacilante da tocha iluminava muito pouco, e o barão estava excessivamente preocupado com o acidente acontecido à sua preciosa pessoa para notar que os degraus da escada não estavam manchados de vinho, mas de sangue.

— Onde vamos, monsenhor? — perguntou Maude.

— Ao quarto de minha filha.

— Ah! Pobre *milady*! — pensou a camareira, — ele vai recomeçar a torturá-la quando se sentir à vontade numa boa poltrona.

Sentada a uma pequena mesa iluminada por uma lâmpada de bronze, Christabel contemplava atentamente

um pequeno objeto colocado na concha da sua mão; e esse objeto escondeu-o ao perceber a entrada do barão.

— Que ninharia é essa que acabas de subtrair tão lealmente aos meus olhos? — perguntou o barão sentando-se na poltrona mais confortável do aposento.

— Bem, lá começa ele — murmurou Maude.

— Que estás dizendo, Maude?

— Digo, monsenhor que me pareceis estar sofrendo grandes dores.

O desconfiado barão lançou à filha um olhar cheio de cólera.

— Responde, minha filha: que ninharia é essa?

— Não é uma ninharia, meu pai.

— Não pode ser outra coisa.

— Nesse caso as nossas opiniões não são as mesmas — respondeu Christabel esforçando-se por sorrir.

— Uma boa filha não tem opiniões que não sejam as de seu pai. Que ninharia é essa?

— Juro-lhe que não se trata de uma ninharia.

— Minha filha — prosseguiu o barão numa voz excepcionalmente calma, mas muito severa, — minha filha, se o objeto que acabas de subtrair aos meus olhos se não relaciona com alguma falta cometida, ou te não evoca alguma recordação censurável, mostra-mo; eu sou teu pai, e como tal devo zelar pela tua conduta; se ao contrário é uma espécie de talismã, e se tens de corar da sua posse, mostra-mo também. Além de direitos, tenho deveres a cumprir: impedir-te de cair no abismo se estiveres caminhando à beira dele, retirar-te de lá se já tiveres caído. Mais uma vez, minha filha, te pergunto o que é que estás escondendo no corpete.

— É um retrato, milorde — respondeu a jovem, trêmula e vermelha de emoção.

— E de quem é esse retrato?

Christabel baixou os olhos sem responder.

— Não abuses da minha paciência... já tenho tido hoje muita, mas não abuses mais. Responde, é o retrato de...

— Não vo-lo posso dizer, meu pai.

As lágrimas afogaram a voz de Christabel, mas logo ela prosseguiu num tom mais firme:

— Sim, meu pai, tendes o direito de me interrogar, mas ousarei atribuir-me o de não vos responder, porque a minha consciência de nada me acusa que seja contrário à minha dignidade ou à vossa.

— Ora! A tua consciência de nada te acusa porque estás de acordo com os teus sentimentos; é muito bonito e muito moral o que me dizes, minha filha.

— Dignai-vos acreditar-me, meu pai; eu jamais desonraria o vosso nome; demasiado me recordo de minha pobre e santa mãe.

— O que pretende significar que eu sou um endurecido patife... Sim, é o que se convencionou há muito tempo — rugiu o barão; — mas não consinto que o digam na minha presença.

— Meu pai, eu não quis dizer isso!

— Pensaste-lo então. Enfim, incomodo-me muito pouco com a preciosa relíquia que com tanta persistência me escondes; é o retrato do malfadado indivíduo a quem amas contra a minha vontade, e já tive demasiadas ocasiões de ver a sua diabólica fisionomia. Agora presta boa atenção ao que te digo, *Lady* Christabel: jamais casarás com Allan Clare; matar-vos-ei a ambos pela minha própria mão antes de consentir nisso, e hás de ser a esposa de *sir* Tristão de Goldsborough... Ele não é moço, admito, mas tem alguns anos menos do que eu, e não me considero tão velho assim... Não é bonito, também concordo; mas quando é que a beleza trouxe a felicidade ao lar? Eu não era bonito, e contudo *milady* Fitz-Alwine não me trocaria pelo mais brilhante cavaleiro da corte de Henrique II. Além disso a feiúra de Tristão de Goldsborough é uma sólida garantia da tua futura tranquilidade... Não te será infiel; fica também sabendo que ele é imensamente rico e muito influente na corte. Numa palavra, é exatamente o homem que me... que te convém sob todos os aspectos, amanhã lhe enviarei o teu consentimento; dentro de quatro dias ele virá pessoalmente agradecer-te, e antes do fim da semana serás uma grande dama.

— Nunca me casarei com esse homem, milorde — exclamou a jovem; — Nunca! Nunca!

O barão desatou a rir.

— Ninguém vos pede o vosso consentimento, *milady*, mas cuidaremos de vos fazer obedecer.

Christabel, até então pálida como uma morta, enrubescou e apertando convulsivamente as mãos uma contra a outra pareceu tomar uma determinação irrevogável.

— Deixo-te com as tuas reflexões, minha filha — prosseguiu o barão, — se achas que vale a pena refletir. Mas lembra-te bem disto: quero, exijo da tua parte uma obediência inteira, passiva, absoluta.

— Meu Deus! Meu Deus! Tende piedade de mim! — gemeu dorida Christabel.

O barão retirou-se encolhendo os ombros.

Durante uma hora inteira, Fitz-Alwine percorreu em largas passadas o seu quarto, meditando nos sucessos da noite.

As ameaças de Allan Clare preocupavam-no e a vontade da filha parecia-lhe indomável.

— Faria talvez melhor — dizia ele consigo, — tratando esta questão do casamento com brandura. Afinal de contas amo essa criança; é minha filha, é o meu sangue; não quero que ela se considere uma vítima das minhas exigências; desejo que seja feliz, mas quero também que se case com o meu velho amigo Tristão, antigo companheiro de armas. Vejamos, tentarei convencê-la com bons modos.

Alcançando a porta de Christabel o barão deteve-se e um soluço desgarrador lhe chegou aos ouvidos.

— Pobre menina — pensou o barão abrindo devagar a porta do quarto.

A moça escrevia.

— Ah! Ah! — disse consigo o barão, que mal compreendia porque a filha aprendera a habilidade da escrita, reservada nesse tempo apenas ao clero. — Foi ainda esse idiota do Allan Clare quem lhe meteu na cabeça aprender a rabiscar papel.

E Fitz-Alwine aproximou-se em silêncio da mesa.

— A quem está escrevendo, senhorita? — perguntou ele com uma viva irritação na voz.

Christabel soltou um grito e quis esconder o papel no mesmo lugar onde já escondera o retrato; porém, mais rápido, o barão apoderou-se dele. Transtornada e esquecendo que o seu nobre pai jamais se dera ao trabalho de abrir um livro ou de pegar numa pena, e que por consequência não sabia ler a moça quis fugir do quarto; mas o barão segurou-a pelo braço e erguendo-o como uma pena reteve-a junto de si e Christabel desmaiou. Com os olhos reluzindo de furor o barão tentou decifrar os caracteres traçados pela mão da filha mas não podendo consegui-lo deu com o olhar no rosto descorado da pobre jovem, que se apoiava inanimada contra o seu peito.

— Oh! As mulheres! As mulheres! — vociferava o barão arrastando Christabel para cima da cama.

Feito isso, Fitz-Alwine abriu a porta e chamou com voz retumbante:

— Maude! Maude!

A camareira apareceu.

— Despe a tua ama!

E o barão retirou-se resmungando.

— Estou sozinha consigo, *milady* — disse Maude reanimando a sua jovem senhora; — nada tema.

Christabel abriu os olhos e passeou em redor de si um olhar desvairado; mas não vendo ao pé da sua cama outra pessoa além da sua fiel criada, atirou-lhe os braços ao pescoço gritando:

— Oh! Maude, Maude! Estou perdida!

— Querida ama, confie-me os seus pesares!

— Meu pai acaba de apoderar-se de uma carta que eu estava escrevendo a Allan.

— Mas lembre-se de que o seu nobre pai não sabe ler, minha querida senhora.

— Não importa. Ele mandará ler essa carta pelo seu confessor, sem dúvida.

— Sim, mas para isso é preciso que lhe demos tempo. Dê-me depressa um outro papel, um papel cuja forma seja igual à do que ele lhe roubou.

— Aqui está, esta folha avulsa tem algumas anotações...

— Fique sossegada, *milady*, e enxugue os seus lindos olhos; as lágrimas empanam-lhe o brilho.

A audaciosa Maude irrompeu no quarto do barão justamente no instante em que ele se acomodava para ouvir o venerável confessor, o qual já tinha nas mãos, para ler, a carta de Christabel a Allan.

— Monsenhor — atalhou Maude vivamente, — minha ama manda pedir o papel que Vossa Senhoria tomou da sua mesa.

Assim dizendo a jovem acercou-se do confessor com ademanos de gata.

— Minha filha está louca, por São Dunstão! Como ousa ela encarregar-te de semelhante mensagem?

— Perfeitamente, monsenhor, e essa mensagem ei-la cumprida! — disse Maude apoderando-se agilmente do papel que o padre colocara já na ponta do nariz, para melhor decifrar a letra.

— Atrevida! — berrou o barão correndo no encalço de Maude.

A moça pulou como uma corça até à porta, mas na soleira deixou-se alcançar.

— Devolve-me esse papel, ou estrangulo-te!

Maude baixou a cabeça, parecendo tremer de susto, e o barão arrancou-lhe de uma das algibeiras do avental, onde ela enfiara as duas mãos, um papel em tudo semelhante àquele que o confessor devia decifrar.

— Merecias um par de bofetadas, menina estúpida! — Tornou o barão erguendo uma das mãos para Maude, e estendendo com a outra o desejado papel ao sacerdote.

— Não fiz mais do que obedecer às ordens de minha ama.

— Está bem! Dize a minha filha que ela receberá o castigo das tuas insolências.

— Saúdo humildemente monsenhor — voltou Maude acrescentando às suas palavras uma das reverências mais irônicas.

Encantada com o êxito do seu stratagem, a camareira entrou alegremente no quarto da ama.

— Vejamos, meu padre, agora estamos sozinhos e sossegados; lede-me o que minha indigna filha

escreveu a esse maroto Allan Clare.
O padre começou com voz fanhosa:

“Quando o inverno menos rigoroso permite que as violetas se abram, “Quando as flores desabrocham e as campainhas brancas anunciam a primavera, “Quando o teu coração anseia por meigos olhares e meigas palavras, “Quando sorris de alegria, pensas em mim, meu amor?”

— Que é que me está lendo aí, meu padre? — interrompeu o barão; — tolices, Deus me condene!
— Estou lendo, palavra por palavra, o que se contém neste papel, meu filho; deseja que eu continue?
— Naturalmente, meu padre; mas parece-me que minha filha anda preocupada demais para não escrever outra coisa além de uma canção idiota.
O sacerdote prosseguiu na leitura:

*“Quando a primavera cobre a terra de rosas perfumadas,
“Quando o sol sorri nos altos céus,
“Quando os jasmims florescem nas sacadas,
“Envias a quem te ama um pensamento de amor?”*

— Diabos me levem! — gritou o barão; — e chamam a isso versos! Haverá ainda muitos, meu padre?
— Algumas poucas linhas e mais nada.
— Procure bem, veja do outro lado.
— “Quando o outono...”
— Chega! Chega! A romança passa em revista as quatro estações; não é preciso mais.
Contudo o velho prosseguiu:

*“Quando as folhas caídas juncam a relva,
“Quando o céu está coberto de nuvens,
“Quando a geada e a neve tombam,
“Pensas em quem te ama, meu amor?”*

— Meu amor! Meu amor! — repetiu o barão. — Não é possível, Christabel não estava escrevendo essa canção quando a surpreendi! Fui enganado, e bem enganado; mas por São Pedro, não há de ser por muito tempo! Meu padre, eu gostaria de ficar sozinho; boa-noite, durma bem.

— Que a paz seja convosco, meu filho — disse o padre retirando-se.

Deixemos o barão ruminar os seus planos de vingança e voltemos para junto de Christabel e da esperta Maude.

A jovem *lady* escrevia a Allan que estava pronta a abandonar a casa de seu pai, e que os projetos do barão relativos ao seu casamento com Tristão Goldsborough tornavam necessária essa cruel determinação.

— Eu me encarrego de fazer chegar essa carta ao senhor Allan — disse Maude recebendo a missiva.

E com esse intuito foi acordar um rapaz de dezesseis para dezessete anos, seu irmão colaço.

— Halbert — disse-lhe ela, — queres prestar-me um grande serviço, isto é, a *lady* Christabel?

— Com todo o prazer — respondeu o rapaz.

— Previno-te desde já que há alguns perigos a correr.

— Tanto melhor, Maude.

— Posso então confiar em ti? — acrescentou Maude pasmando um dos braços em torno do pescoço do jovem e olhando-o fixamente nos belos olhos cor da noite.

— Confiança como em Deus —olveu o moço ingenuamente presunçoso; — como em Deus, querida Maude.

— Oh! Eu bem sabia que podia contar contigo, caro irmão; fico-te muito reconhecida.

— De que se trata?

— Trata-se de te levatares, de te vestires e de montares logo em seguida a cavalo.

— Nada mais fácil.

— Mas precisas levar o melhor corredor da cocheira.

— Nada mais fácil também. Minha égua, que tem o teu lindo nome, Maude, é a primeira trotadora do condado.

— Sei disso, meu rapaz. Despacha-te, e quando estiverdes pronto vem ter comigo ao pátio que precede a ponte levadiça; lá te esperarei.

Dez minutos depois, Halbert, segurando a montada pela brida, ouvia atentamente as instruções da esperta camareira.

— Terás — dizia ela, — de atravessar a cidade e uma parte da floresta, e de lá irás ter a uma casa situada poucas milhas antes do burgo de Mansfeldwoohaus. Nessa casa mora um guarda florestal chamado Gilberto Head; dá-lhe a carta, pedindo-lhe que a envie ao senhor Allan Clare; também entregarás ao filho do guarda, Robin Hood, este arco e estas flechas que lhe pertencem. Eis as minhas instruções; compreendeste-las bem?

— Perfeitamente, minha linda Maude — respondeu o moço; — não tens outras ordens a dar-me?

— Não. Ah! Sim, esquecia-me... Dirás a esse Robin Hood, dono do arco e das flechas, dir-lhe-ás... que tentaremos comunicar-lhe o momento em que ele poderá vir ao castelo sem correr perigo, porque há aqui uma pessoa que espera impacientemente a sua volta... Compreendes, Hal?

— Sim, compreendo.

— Faze de modo a evitar um encontro com os soldados do barão.

— Por que devo evitá-los, Maude?

— Dir-te-ei porque quando voltares, e se a fatalidade te lançar na mesma rota, inventa um pretexto para justificar esse passeio noturno, e em caso algum lhes fales do motivo da tua viagem. E agora não te detenhas mais, meu valente coração!

Halbert tinha já o pé no estribo quando Maude acrescentou:

— Mas se encontrares no caminho três homens, dos quais um é frade...

— Frei Tuck, não é verdade?

— Justamente; nesse caso não precisarás ir mais além; seus dois companheiros são Allan Clare e Robin Hood; cumprirás imediatamente os teus encargos e regressarás a toda a pressa. Vamos, a caminho! Não deixes de responder a meu pai, quando ele te perguntar o motivo porque vais sair do castelo, que tens de ir à cidade em busca de um médico para *lady* Christabel que está doente. Adeus, Hal, adeus! Direi a graça May que és o mais gentil e corajoso de todos os rapazes de Christendon.

— É verdade, Maude? — voltou Halbert acomodando-se na sela. — Terás a bondade de dizer isso a Graça?

— Sem dúvida, e ainda lhe pedirei mais que te pague ela mesma todos os beijos que te devo pelo serviço que me prestas.

— Hurra! Hurra! — bradou o moço esporeando a sua égua; — Hurra por Maude! Hurra por Graça!

A ponte levadiça baixou, Hal desceu a colina a galope, e mais leve que a andorinha Maude correu para o quarto de *lady* Christabel a fim de lhe anunciar alegremente a partida do mensageiro.

XI

A NOITE estava calma e serena, a luz do luar inundava a floresta e os nossos três fugitivos atravessavam rapidamente as zonas alternadamente escuras e luminosas das clareiras e dos cerrados bosques.

O despreocupado Robin enviava aos ecos estribilhos de baladas de amor; Allan Clare, triste e silencioso, deplorava os resultados da sua visita ao castelo de Nottingham, e o frade fazia reflexões melancólicas sobre a indiferença de Maude a seu respeito e a graciosidade das suas atenções para com o jovem arqueiro.

— Pelo santo *Miserere!* — murmurava surdamente o frade, — parece-me contudo que sou um belo homem, bem conformado e de boa aparência, corno já me têm dito, muitas vezes, porque então mudou a linda Maude de parecer? Ah! Pela salvação da minha alma! Se a faceira moça me esquece por esse pálido e franzino rapaz, isso só pode provar o seu mau gosto, e não posso perder o meu tempo a lutar contra um tão insignificante rival; que o ame, pois, quanto quiser, e se o amar pouco me incomoda com isso! E o pobre frade suspirava.

— Ora! — tornou ele de repente, com a face iluminada por um sorriso de orgulho; — isso não é possível! Maude não pode amar esse absorto que outra coisa não sabe senão arrulhar baladas; ela quis despertar o meu ciúme, pôr à prova a minha confiança e deixar-me mais apaixonado do que já estou. Ah! Mulheres! Mulheres! Elas têm mais malícia num só cabelo do que nós homens em todos os pêlos da nossa barba. Nossos leitores talvez nos censurem por atribuir uma tal linguagem a um elemento monástico, e de lhe fazer representar o papel de um homem dado a aventuras e amigo dos prazeres mundanos. Mas que se transportem pelo pensamento ao tempo em que se passa a nossa história, e compreenderão que de nenhum modo temos a intenção de caluniar as ordens religiosas.

— Que é isso meu jovial Gil, como diz a formosa Maude — exclamou Robin; — em que pensa Vossa Reverência? Parece tão triste como uma oração fúnebre!

— Os favoritos de... da sorte têm o direito de ser alegres, senhor Robin — respondeu o frade; — mas os que são vítimas dos seus caprichos têm também o direito de ser tristes.

— Se chamais favores da sorte aos generosos olhares, aos brilhantes sorrisos, às meigas palavras e aos ternos beijos de uma linda moça — voltou Robin, — posso realmente gabar-me de ser muito rico; mas vós, frei Tuck, que fizésteis voto de pobreza, podeis dizer-me a que propósito vos julgais maltratado pela caprichosa deusa?

— Finges ignorá-lo, meu rapaz?

— E sinceramente o ignoro. Mas pensando melhor, será que Maude intervém de algum modo na vossa tristeza? Oh, não, é impossível! Vós sois seu pai espiritual, seu confessor e nada mais... não é isto verdade?

— Mostra-nos o caminho da tua casa — replicou o outro num tom aborrecido, — e deixa de me falar sem tom nem som como um verdadeiro estouvado que és.

— Não nos zanguemos, meu bom Tuck — disse Robin com ar contrito. — Se o ofendi foi sem querer, e se é por causa de Maude foi ainda contra a minha vontade, porque eu lhe juro pela minha honra que não amo Maude, e que antes de ver Maude hoje pela primeira vez, já tinha dado o meu coração a uma jovem... O monge voltou-se para o rapaz e apertou-lhe afetuosamente a mão, dizendo-lhe a sorrir:

— Tu em nada me ofendeste, caro Robin, é que eu fiquei triste assim, de repente e sem razão. Maude não tem qualquer Influência sobre o meu caráter ou sobre o meu coração; é apenas uma risonha e encantadora moça; casa-te com ela quando estiveres em idade de o fazer, e serás feliz... Mas estás bem certo de que o teu coração já te não pertence?

— Certo, certíssimo... dei-o para sempre.

O frade tornou a sorrir.

— Se vos conduzo a casa de meu pai pelo caminho mais curto — tornou Robin após um instante de mútuo silêncio, é para evitar os soldados que o barão sem dúvida mandou em nossa perseguição logo que se deu conta da nossa fuga.

— Pensas como um sábio e ages como uma raposa, mestre Robin — disse o frade — ou eu não conheço mais esse velho fanfarrão da Palestina, ou antes de uma hora ele estará nos nossos calcanhares com um bando de estúpidos besteiros.

Nossos três amigos, já exaustos de fadiga, iam atravessar uma vasta encruzilhada, quando à luz do luar, avistaram um cavaleiro descendo a toda a brida a rápida vertente de um atalho.

— Escondei-vos atrás destas árvores, meus amigos — disse vivamente Robin; — eu vou travar conhecimento com esse viajante.

Armado do bordão de Tuck, Robin postou-se de maneira a atrair os olhares do desconhecido; mas este nem sequer se apercebeu dele e prosseguiu na sua rota sem diminuir o galope do cavalo.

— Pára! Pára! — gritou Robin ao ver que o cavaleiro não passava de uma criança.

— Pára! — repetiu o monge numa voz de trovão. O cavaleiro deu meia volta e exclamou:

— Oh! Oh! Se os meus olhos não são avelãs, eis aí o padre Tuck. Boa-noite, padre Tuck!

— Acertaste, meu menino — respondeu o frade. — Boa-noite e dize-nos quem és.

— Como, meu padre! Então Vossa Reverência já se não lembra mais de Halbert, o irmão de leite de Maude, a filha de Herbert Lindsay, porteiro do castelo de Nottingham!

— Ah! És tu, bravo Hal? Agora te reconheço. E por que motivo, se fazes favor, galopas assim pela floresta já meia-noite passada?

— Posso dizer-lho porque o senhor me ajudará a cumprir a minha missão: é para entregar ao senhor Allan Clare uma carta escrita pela delicada mão de *lady* Christabel Fitz-Alwine.

— E para me entregares esse arco e essas flechas que estou vendo às tuas costas, meu rapaz — acrescentou Robin.

— A carta, onde está a carta? — perguntou Allan impaciente.

— Ah! Ah! — voltou o rapaz rindo, — Já não preciso mais de perguntar o nome a cada um destes cavaleiros. Maude, a fim de estabelecer uma diferença entre os senhores, disse-me: “*Sir* Allan é o mais alto, e *sir* Robin o mais moço; *sir* Allan é belo, mas *sir* Robin ainda o é mais”. Vejo que Maude não se enganou; e vejo-o, apesar de ser mau juiz da beleza dos homens; bem, das mulheres não digo que não, parece-me que o sou, e Graça bem o sabe.

— A carta, tagarela; dá-me a carta! — berrou Allan. Halbert lançou a esse homem um longo olhar surpreendido e disse tranquilamente:

— Bem, *sir* Robin, aqui está o seu arco, aqui estão as suas flechas; minha irmã pede-lhe...

— Com a breca, rapaz! — gritou de novo Allan — dá-me a carta, pois do contrário arranco-ta pela força!

— Como melhor entender, senhor — respondeu Halbert com a maior pacatez.

— Desculpa o meu arrebatamento, meu amigo — tornou Allan com brandura; — mas essa carta é tão importante...

— Não duvido, senhor, porque Maude me recomendou insistentemente que lha entregasse em pessoa, se o encontrasse antes de alcançar a casa de Gilberto Head.

Assim falando Halbert vasculhava as algibeiras, virando-as de cima para baixo; por fim, após cinco minutos de buscas fingidas, o endiabrado rapaz declarou num tom lamentável e triste:

— Perdi a carta, meu Deus! Perdi a carta!

Allan desesperado, furioso, correu sobre Hall, desmontou-o e jogou-o por terra. Felizmente o rapaz ergueu-se sem nenhum ferimento.

— Procura no cinto — gritou-lhe Robin.

— Ah, sim! Esquecia o cinto — voltou o rapaz, meio rindo e meio censurando com o olhar ao cavaleiro a sua inútil brutalidade.

— Hurra! Hurra! Pela minha namorada Graça May! Aqui está a carta de *lady* Christabel.

Hal segurava o papel na ponta dos dedos e erguia o braço no ar gritando hurra!, de sorte que o cavaleiro Allan foi obrigado a dar um passo em sua direção para se apoderar da preciosa missiva.

— E a mensagem que me é destinada, perdeste-la, moço? — perguntou Robin.

— Trago-a na ponta da língua.

— Então destrava a língua, que eu estou ouvindo.

— Ei-la, palavra por palavra: “Meu caro Hal”, é Maude que está falando, “dirás ao senhor Robin Hood que nos apressaremos a comunicar-lhe o momento em que ele poderá vir ao castelo sem correr perigo, porque há aqui uma pessoa que espera impacientemente a sua volta”. É tudo.

— E que te disse ela para mim? — perguntou por sua vez o frade.

— Nada, meu reverendo.

— Nem uma palavra?

— Nem uma palavra.

— Obrigado.

E frei Tuck atirou a Robin um olhar furibundo.

Allan sem perder um minuto quebrou a obreira da carta e pôs-se a lê-la à luz do luar.

“Querido Allan:

“Quando me suplicaste tão ternamente, tão eloqüentemente que deixasse a casa paterna, fechei os ouvidos e repeli as tuas solicitações, porque supunha então a minha presença necessária à felicidade de meu pai, e parecia-me que ele não poderia viver sem mim.

“Mas estava cruelmente iludida.

“Senti-me como fulminada quando, após a tua partida, ele me anunciou que no fim da semana eu seria a esposa de um outro que não o meu querido Allan.

“Minhas lágrimas e minhas súplicas foram inúteis. *Sir* Tristão de Goldsbrough chegará dentro de quatro dias.

“Pois bem! Visto que meu pai quer separar-se de mim, visto que a minha presença é um fardo para ele,

resolvi abandoná-lo.

“Querido Allan, dei-te o meu coração, ofereço-te agora a minha mão. Maude, que vai providenciar todos os preparativos para a minha fuga, te dirá como deves agir.

“Sou a tua

CHRISTABEL.”

P. S. — O moço encarregado de te entregar esta carta poderá facilitar-te um encontro com Maude.”

— Robin — disse imediatamente Allan, — preciso regressar a Nottingham.

— Como assim?

— Christabel espera-me.

— Bem, isso é diferente.

— O barão Fitz-Alwine pretende casá-la com um dos seus velhos camaradas; ela só pode evitar esse casamento fugindo, e está à minha espera para fugir... Estarias disposto a ajudar-me nessa empresa?

— De todo o coração, amigo.

— Nesse caso vem reunir-te a mim amanhã pela manhã. Encontrarás Maude, ou algum enviado seu, talvez este rapaz, à entrada da cidade.

— Julgo, meu caro, que seria mais avisado ir primeiro ver sua irmã, a quem a sua longa ausência muito deve preocupar, e amanhã partiremos juntos ao romper do dia, acompanhados de alguns fortes latagões cuja coragem e devotamento posso garantir; mas, silêncio! Ouço o rumor de uma cavalgada.

E Robin colou o ouvido ao chão.

— Essa cavalgada vem do lado do castelo... são soldados do barão que andam à nossa procura. Allan, e o senhor, frei Tuck, escondam-se nesse matagal; quanto a ti, Hal, vais-nos provar que és um digno irmão de Maude.

— E um digno apaixonado de Graça May — acrescentou o moço.

— Isso mesmo, meu rapaz. Salta para o teu cavalo, esquece que acabas de encontrar-nos, e trata de convencer esses cavaleiros de que o barão lhes ordena o imediato regresso ao castelo; compreendeste?

— Compreendi, fique sossegado, e que Graça May para sempre me prive da carícia dos seus olhos se eu não executar inteiramente as suas ordens!

Halbert deu uma esporada no seu cavalo, mas não se distanciara muito quando a cavalgada lhe barrou a passagem.

— Quem vive? — perguntou o chefe de um esquadrão de homens de armas.

— Halbert, noviço escudeiro do castelo de Nottingham.

— Que andas fazendo pela floresta a uma hora em que quem não está de serviço deve dormir em paz?

— É ao senhor mesmo que estou procurando; o senhor barão enviou-me ao seu encontro para lhe dizer que regresse ao castelo a toda a velocidade; ele está impaciente e já o espera há uma hora.

— Monsenhor estava de mau humor quando o deixaste?

— Sem dúvida; a missão que ele vos confiou não exigia uma tão longa ausência.

— Nós corremos até ao povoado de Mansfieldwoohaus sem encontrar os fugitivos, mas ao regressar tivemos a sorte de deitar a unha a um deles.

— Realmente? E qual conseguísteis apanhar?

— Um certo Robin Hood; está ali, bem amarrado a um cavalo, em meio aos meus homens.

Robin, escondido atrás de uma árvore a poucos passos de distância, avançou ligeiramente a cabeça para ver se avista o indivíduo que lhe usurpava o nome, mas não o conseguiu.

— Permita-me ver esse preso — disse Halbert aproximando-se de um grupo de soldados; — eu conheço Robin de vista.

— Tragam o preso — ordenou o chefe.

O autêntico Robin pôde então entrever um jovem que vestia como ele o traje dos mateiros; tinha os pés amarrados por baixo do ventre do cavalo e as mãos ligadas atrás das costas; um raio de luar iluminou-lhe o rosto, e Robin reconheceu o mais moço dos filhos de *sir* Guy de Garnwell, o jovial William, ou melhor, Will o Escarlate.

— Mas esse não é Robin Hood! — exclamou Halbert rindo às gargalhadas.

— Quem é então? — perguntou o chefe desapontado.

— Como sabes tu que eu não sou Robin Hood? Teus olhos iludem-te, meu rapaz — disse o Escarlate; — eu sou com efeito Robin Hood, entendes?

— Talvez; mas nesse caso há dois arqueiros com o mesmo nome na floresta de Sherwood — respondeu Halbert. — Onde o encontrou, sargento?

— A poucos passos de uma casa onde mora um homem chamado Gilberto Head.

— Estava sozinho?

— Sozinho.

— Devia encontrar-se acompanhado de duas pessoas, porque o Robin que estava preso no castelo fugiu

acompanhado de dois outros prisioneiros; de resto ele não dispunha de armas nem de montaria, fugiu a pé, e não lhe seria possível alcançar uma tal distância em tão pouco tempo, a menos que estivesse montando um bom trotador como os nossos.

— Tenha a bondade, jovem aspirante a escudeiro — atalhou o sargento com ironia, — de me explicar como sabe que os fugitivos eram em número de três. E mais uma vez te intimo a dizer-me porque andas vagabundeando a esta hora da noite em plena floresta. Também me dirás desde quando conheces Robin Hood.

— Sargento, o senhor parece querer trocar a sua jaqueta de soldado por uma batina de confessor.

— Nada de gracejos, menino espirituoso; responde categoricamente às minhas perguntas.

— Eu não estou gracejando, sargento, e como prova responderei às suas perguntas cate... como?... Ah, sim! categoricamente. Começarei pela sua última pergunta; convém-lhe sargento?

— Vamos logo! — berrou o sargento impaciente; — senão mando-te pôr uns ferros nas mãozinhas.

— Está bem, vamos logo. Eu conheço Robin porque hoje mesmo o vi entrar no castelo.

— E mais?

— Percorro a floresta, primeiro, em obediência a uma ordem do barão Fitz-Alwine, senhor de nós todos; o senhor conhece essa ordem. Segundo, em virtude também de uma ordem de sua adorada filha, *lady* Christabel. Está satisfeito, sargento?

— E mais?

— Sei que são três os prisioneiros evadidos, porque mestre Herbert Lindsay, guarda-chaveiro do castelo e pai de minha irmã de leite, a formosa Maude, me deu essa informação. Está satisfeito, sargento?

O sargento irritava-se com a irônica serenidade dessas respostas, e não sabendo mais o que dizer, gritou:

— Qual foi a ordem que recebeste de *lady* Christabel?

— Ah! Ah! Ah! —olveu o rapaz com um riso grosso; — O sargento tome cautela em não querer penetrar os segredos de *milady*... Ah! Ah! Ah! Chega a ser inacreditável. Mas não se zangue, sargento; mande-me regressar ao castelo a toda a brida, eu darei parte do seu desejo a *milady*, e com certeza *milady* me remeterá de novo ao seu encontro, sempre a toda a brida, para submeter à sua apreciação as ordens que ela me deu. Ora! Belo capitão, tu atrapalhas-te, metes os pés pelas mãos, e devo felicitar-te por essa captura de Robin Hood; o barão Fitz-Alwine há de gratificar-te largamente, não duvido, quando lhe apresentares essa contrafação de Robin Hood que lhe levas como sendo o original.

— Ah! Tagarela — berrou o sargento furioso, — eu te estrangularia se tivesse tempo para isso!... A caminho, rapazes!

— A caminho! — berrou também o prisioneiro; — e hurra! Por Nottingham!

A cavalgada dava meia volta quando Robin se lançou à frente do cavalo do sargento e disse com voz forte:

— Alto! Eu é que sou Robin Hood.

Antes de tomar essa resolução, o valente moço segredara ao ouvido de Allan estas palavras:

— Se preza a sua vida e a *lady* Christabel, senhor, conserve-se imóvel como estes troncos de árvore e deixe-me liberto de ação.

E Allan consentira que Robin falasse, mesmo desconhecendo as suas intenções.

— Traíste-me, Robin! — gritou inconsideradamente Will Escarlata.

A essas palavras o chefe do esquadrão estendeu o braço e segurando Robin pela gola do gibão perguntou a Hal:

— É este o verdadeiro Robin?

Halbert, muito manhoso para responder categoricamente como dizia o sargento, iludiu a pergunta e respondeu:

— Desde quando me acha bastante perspicaz, senhor, para recorrer às minhas luzes? Serei acaso um cão de fila para levantar a caça em seu proveito? Um lince para ver o que o senhor não vê? Um feiticeiro, para adivinhar o que o senhor ignora? O senhor não tinha absolutamente o hábito de me perguntar a cada instante: Hal, que é isto? Hal, que é aquilo?

— Não te faças de imbecil e responde-me qual destes dois velhacos é Robin Hood, pois do contrário torno a prometer-te as algemas!

— O recém-chegado poderá muito bem responder-lhe pessoalmente. Bastará interrogá-lo.

— Já lhe disse que sou Robin Hood, o autêntico Robin Hood! — gritou o pupilo de Gilberto. — O jovem que o senhor leva amarrado a esse cavalo é um dos meus bons amigos, mas não passa de um Robin Hood de contrabando.

— Nesse caso os papéis vão mudar —olveu o sargento, — e para início vais tomar o lugar desse *gentleman* de cabelos vermelhos.

Will, liberto das cordas, correu para Robin Hood, e os dois amigos abraçaram-se efusivamente; em seguida Will desapareceu, depois de ter apertado com força a mão de Robin, dizendo-lhe em voz baixa:

— Conta comigo.

Estas palavras constituíam sem dúvida alguma uma resposta aos murmúrios que Robin lhe segredara ao ouvido, enquanto os dois se abraçavam.

Os soldados amarraram Robin ao cavalo e o esquadrão tomou o caminho do castelo.

Eis as causas da prisão de William. Ao sair da casa de Gilberto Head, o Escarlata deixara seu primo João-Pequeno voltar sozinho ao solar de Garnwell, e encaminhou-se para os lados de Nottingham na esperança de encontrar Robin. Depois de ter andado uma hora ouviu um trotar de cavalos, e na íntima convicção de que eram Robin e seus companheiros que se aproximavam, Will entoara com toda a força dos seus pulmões e da sua voz, a mais abominavelmente falsa, essa balada de Gilberto que termina assim:

“Vera comigo, meu amor, meu querido Robin Hood!”

Os soldados do barão, iludidos por aquela invocação a Robin Hood, haviam-no cercado e amarrado, gritando: “Vitória!

Will, percebendo então que um perigo ameaçava o seu camarada, não se deu a conhecer. O resto já é do nosso conhecimento.

Distanciado o esquadrão que levava Robin, Allan e o frade saíram do seu esconderijo, e Will, surgindo de entre um silvado, apareceu-lhes à maneira de um fantasma.

— Que lhe disse Robin? — perguntou Allan.

— Foi o seguinte, palavra por palavra, — respondeu Will. “Meus dois companheiros, um cavaleiro e um frade, estão escondidos aqui perto. Dize-lhes que venham encontrar-se comigo amanhã pela manhã ao romper do sol, no vale de Robin Hood, que eles já conhecem; tu e os teus irmãos acompanhai-os, pois necessitarei de braços vigorosos e de corações valentes para levar a bom termo a minha empresa; temos senhoras a proteger”. Nada mais. Por consequência, senhor cavaleiro — acrescentou Will, — aconselho-o a vir imediatamente ao solar de Garnwell; está a menor distância daqui do que a casa de Gilberto Head.

— Preciso de abraçar minha irmã esta noite, e ela está em casa de Gilberto Head.

— Perdão, cavaleiro; a dama que chegou ontem a casa de Gilberto acompanhada de um fidalgo, está neste momento no solar de Garnwell.

— No solar de Garnwell? Mas não é possível!

— Peço novamente perdão, cavaleiro; *miss* Mariana está em casa de meu pai, e pelo caminho lhe contarei como ela lá chegou.

— Robin não disse que amanhã teríamos senhoras para proteger? — perguntou o frade.

— Foi o que ele disse, meu reverendo.

— Feliz birbante! — resmungou frei Tuck; — vai roubar Maude. Oh! As mulheres! As mulheres! Sim, elas têm mais malícia num só cabelo do que nós homens em todos os pêlos da nossa barba!

XII

O BARÃO prestava uma atenção negligente à leitura das contas de um mordomo, quando Robin, flanqueado por dois soldados e precedido pelo sargento Lambic, cujo nome havíamos esquecido, foi introduzido em seu quarto.

Imediatamente o impetuoso barão impôs silêncio ao leitor e avançou para o pequeno grupo dardejando olhares que nada pressagiavam de bom.

O sargento ergueu os olhos para o seu senhor, cujos lábios frementes se entreabriam, e entendeu ser um ato de cortesia deixar que ele fosse o primeiro a interrogá-lo; mas o velho Fitz-Alwine não era homem para esperar pacientemente que o sargento lhe apresentasse o seu relatório verbal e aplicou-lhe uma forte bofetada como para lhe dizer: Estou escutando.

— Eu estava à espera... — balbuciou o pobre Lambic.

— Eu também estava à espera. E qual de nós dois deve esperar, se fazes favor? Não percebes, imbecil, que eu estou de ouvido à escuta há uma hora? Mas fica sabendo desde já, tratante, que estou perfeitamente a par dos teus movimentos, e que todavia quero conceder-te a graça de ouvir nela segunda vez, e da tua própria boca, o que tens a dizer-me.

— Halbert já lhe terá contado, monsenhor...?

— O quê! Pois tens a audácia de me interrogar? Sim senhor, grande novidade! Sua Senhoria interroga-me! Ah! Ah!

Lambic referiu, tremendo todo, o episódio da prisão do verdadeiro Robin.

— Esqueces uma pequena circunstância, meu caro; não me disseste haver relaxado, depois de o teres em teu poder, a prisão do patife em quem eu estava justamente mais interessado. Isso revela uma grande subtilidade da tua parte.

— Permita-me milorde dizer-lhe que está laborando em erro.

— Eu não cometo nunca erros, senhor! Sim, capturaste um jovem que disse chamar-se Robin Hood, e deixaste-lo em liberdade quando apareceu este rapaz de Sherwood.

— É verdade, milorde — respondeu Lambic que omitira por prudência esse detalhe da sua expedição à floresta.

— Oh! Não se pode duvidar de que mestre Lambic, sargento de uma companhia dos meus homens de armas, é o mais esperto, o mais fogoso, o mais penetrante e astuto soldado — bradou o barão com desdém, acrescentando a seguir: Não te recordavas então das feições daqueles que poucas horas antes havias metido no calabouço? Rei dos idiotas, morcego, inútil e inválido caranguejo!

— Eu não tinha visto nenhum dos prisioneiros, milorde.

— Realmente? Tinhas então um emplasto nos olhos? Aproxima-te, Robin! — gritou o barão com voz trovejante e deixando-se cair numa cadeira de braços.

Os soldados empurraram Robin para diante do barão.

— Ora até que enfim, jovem buldogue! Continuas latindo forte como antes? Vou dizer-te o que já te disse há pouco: responderás francamente às minhas perguntas, ou então ordenarei aos meus homens que te desanquem, estás ouvindo?

— Interrogai-me — respondeu friamente Robin.

— Ah! Arrependes-te enfim, já não recusas falar; muito bem!

— Interrogai-me, milorde!

O olhar do barão, que se abrandara, flamejou de novo e cravou-se em Robin; mas Robin sorriu.

— Como conseguiste fugir, pequeno lobo?

— Saindo do meu calabouço.

— Não me seria muito difícil adivinhar isso; quero saber quem te ajudou a fugir.

— Eu mesmo.

— E mais quem?

— Ninguém.

— Mentos! Sei muito bem que não pode ser; não podias ter passado pelo buraco da fechadura e com certeza alguém te abriu a porta.

— Ninguém me abriu a porta, e se eu não era bastante delgado para passar através do buraco da fechadura, pelo menos não era tão gordo que não pudesse resvalar entre os barrotes do postigo da prisão; de lá saltei para a muralha, onde encontrei uma porta aberta, e uma vez franqueada essa porta atravesssei escadas, galerias, pátios, até que cheguei à Ponte levadiça... e me vi livre, milorde.

— E o teu companheiro, como conseguiu ele fugir?

— Não sei, milorde.

— Contudo é indispensável que mo digas.

— Impossível. Nós não estávamos juntos; só viemos a encontrar-nos mais tarde.

— Em que ponto do castelo viestes a encontrar-vos tão a propósito?

— Não conheço o interior do castelo, de modo que não posso designar esse ponto.

— E onde se encontrava esse patife quando o sargento Lambic te prendeu?

— Também não sei. Havíamos-nos separado momentos antes, eu ia sozinho para casa de meu pai.

— Era ele, então, que havia sido preso antes de ti?

— Não.

— Mas onde é que ele está? Onde foi parar?

— A quem vos referis, milorde?

— Sabes perfeitamente a quem me refiro, velhaco; falo de Allan Clare, teu cúmplice, teu amigo.

— Vi Allan Clare antes de ontem, pela primeira vez.

— Que pouca vergonha, santo Deus! Ousam mentir-nos na cara, estes vilões de hoje! Já não há boa-fé, não há mais respeito desde que as crianças aprendem a decifrar garatuja e a rabiscar papel! Até minha filha sofreu a influência desse vício e se corresponde por meio das letras infernais com esse miserável Allan Clare. Pois bem! Já que ignoras onde está escondido esse maroto, ajuda-me pelo menos a adivinhar onde ele se encontra; em troca, prometo recompensar-te com a liberdade.

— Milorde, não tenho por costume passar o tempo a decifrar enigmas.

— Nesse caso vou obrigar-te a consagrar várias horas por dia a esse útil exercício. Olá! Lambic, mete este buldogue na enxovia, e se ele tornar a fugir só Deus poderá livrar-te da força!

— Não, agora ele não fugirá mais! — respondeu o sargento esboçando um magro sorriso.

— Vamos, fora daqui, e não te esqueças da corda!

O sargento levou Robin de corredor em corredor, de escada em escada, até uma pequena porta que dava para uma estreita galeria; uma vez aí, tomou das mãos de um criado que viera alumando, uma tocha acesa, e obrigou Robin a entrar num cubículo cujo único mobiliário consistia num monte de palha.

O nosso jovem arqueiro relanceou os olhos pelo buraco; nada mais hediondo que um tal calabouço; nenhuma outra saída além da porta, feita de grossas tábuas chapeadas de ferro. Como sair dali? E tentava mentalmente encontrar um meio, um expediente para tornar inúteis as minuciosas precauções do seu carcereiro, sem achar nenhum, quando de repente viu brilhar na escuridão do corredor, atrás dos soldados, o olhar claro e límpido de Halbert. Essa visão devolveu-lhe a esperança e ele já não duvidou da sua próxima libertação, certo de que devotados corações se compadeciam de sua miséria.

— Aqui está o seu quarto de dormir — disse Lambic; — entre, senhor, e deixe-se de tristezas! Todos nós devemos morrer um dia, como é do seu conhecimento; que seja hoje, amanhã ou depois, não importa! Que importa também o gênero de morte? Morrer de um modo ou de outro, tudo é morrer.

— Tens razão, sargento — respondeu Robin com toda a calma; — compreendo muito bem que lhe seja indiferente morrer como sempre viveu... isto é: como um cão!

Assim dizendo, Robin examinava disfarçadamente a porta ainda aberta, observando a posição dos soldados que estavam do lado de fora. O criado que cedera a tocha a Lambic já se havia retirado, bem como o jovem Hal; exaustos de fadiga, os soldados, em número de quatro, mantinham-se indolentemente encostados às muralhas, prestando pouca atenção à conversa do seu chefe com o preso.

Hábil em conceber e pronto em executar, o jovem lobo de Sherwood aproveitou a desatenção dos homens de armas e a relativa fraqueza de Lambic, cujos movimentos eram dificultados pela tocha que segurava na mão direita, e dando um pulo de gato selvagem empurrou a tocha contra o rosto de Lambic, apagando-a bruscamente e correndo para fora do calabouço.

Apesar da escuridão e das dores atrozes que lhe causavam as queimaduras da face, Lambic, seguido dos seus homens, empreendeu uma caçada enérgica ao fugitivo. Mas nunca uma lebre solta partira tão agilmente, nunca uma raposa com a matilha no encalço deu mais voltas e desvios: debalde os soldados do barão rugiram revistando todos os cantos e recantos das enormes galerias; Robin escapou-lhes.

E havia já alguns instantes que o moço apenas apressava 58 Passos, sem saber onde se encontrava, de braços estendidos para a frente a fim se desviar dos obstáculos, quando se chocou com um ser humano que não pôde conter um grito de pavor.

— Quem é? — perguntou uma voz revelando certa emoção. Robin pensou reconhecer a voz de Halbert.

— Sou eu, meu caro Hal — respondeu o moço arqueiro.

— Eu, quem?

— Eu, Robin Hood; acabo de fugir, eles vêm em minha perseguição; esconde-me em qualquer parte.

— Siga-me, senhor — disse o valente rapaz; — dê-me a sua mão, caminhe bem junto de mim, e sobretudo nem uma palavra.

Depois de mil voltas e giros na escuridão, rebocando sempre o fugitivo, Halbert parou e bateu levemente a uma porta cujas tábuas mal juntas deixavam filtrar alguns raios de luz; uma voz muito meiga perguntou o nome do visitante noturno.

— Teu irmão Hal!

A porta abriu-se imediatamente.

— Que notícias me trazes, querido irmão? — perguntou Maude tomando as mãos do rapaz.

— Trago-te alguma coisa melhor do que notícias, querida Maude; vira-te para cá e olha.

— Justos céus, é ele! — sussurrou Maude saltando ao pescoço de Robin.

Surpreendido e perturbado por um acolhimento revelando uma paixão que estava longe de partilhar, Robin pretendeu relatar os episódios da sua volta ao castelo e da sua nova evasão, mas Maude não lhe deixou tempo de falar.

— Salvo! Salvo! Salvo! — balbuciava ela entre lágrimas, risos, soluços e beijos; — Salvo! Salvo!

— Que estranha pessoa és, Maude — observou o inocente noviço de escudeiro; — imaginei que te dava alegria trazendo-te aqui o senhor Robin Hood, e eis-te a chorar como uma Madalena!

— Hal tem razão — acrescentou Robin, — estás prejudicando os teus lindos olhos, Maude; precisas ficar alegre como estavas esta manhã.

— É impossível — respondeu a moça com um profundo suspiro.

— Não vejo porque — voltou Robin inclinando-se sobre a cabeça de Maude e pousando os lábios nas madeixas de negros cabelos que lhe emolduravam o rosto. Maude ressentiu-se talvez da frieza que o jovem mateiro punha naquelas simples palavras: “Não vejo porque”, pois fez-se muito pálida e rompeu a soluçar amargamente.

— Querida Maude, não chores mais, eu estou aqui! — dizia Robin; — conta-me a causa da tua tristeza.

— Não me pergunte isso hoje; mais tarde saberá tudo. *Lady Christabel* e eu pensávamos no meio de lhe dar a liberdade... Oh! que alegria quando ela souber que já está livre; o senhor Allan Clare recebeu a carta? Que resposta lhe traz?

— O senhor Allan não teve possibilidade de escrever apenas de conversar comigo; mas eu conheço as suas intenções e desejo, com o auxílio de Deus e o teu concurso, querida Maude arrancar do castelo *lady Christabel* e levá-la para junto de seu noivo.

— Vou correndo prevenir *milady* — disse vivamente Maude; — não me demorarei muito tempo, espere aqui a minha volta. Hal, vem comigo!

Robin, quando se viu sozinho sentou-se à beira do leito da moça e pôs-se a meditar. Como já dissemos, apesar da sua juventude Robin falava e agia como um homem. Essa razão precoce devia-a aos cuidados de Gilberto com a sua educação. Gilberto ensinara-lhe a pensar sozinho, a agir sozinho e a agir bem; mas não lhe revelara que outras simpatias além das da amizade podem nascer fortuitamente e tornar-se irresistíveis entre duas pessoas de sexo diferente. A conduta de Maude, desde o furtivo beijo que lhe depusera na mão ao sair da capela, surpreendia-o muito. Mas à força de pensar nisso, e como por intuição, compreendeu que devia tratar-se de amor; compreendeu também que era amor o que Maude sentia por si, e afligiu-se muito com aquilo pois nada sentia por ela, nada a não ser que a achava bonita, graciosa, amável e cheia de devotamento.

Por isso, preocupado com aquela indiferença involuntária que experimentava por Maude, chegou a censurar-se por essa mesma indiferença e a perguntar-se se não devia, sob pena de carecer de probidade, esforçar-se por devolver a Maude amor por amor. O ingênuo adolescente ia pois dar-lhe o coração que ainda julgava livre, quando de repente a querida imagem de Mariana lhe passou diante dos olhos.

— Oh! Mariana, Mariana! — exclamou tomado de entusiasmo.

Mas a esse entusiasmo sucederam imediatamente a dúvida e a tristeza. Mariana, assim como Christabel, pertencia a uma nobre família, e Mariana desdenharia com certeza o amor de um obscuro mateiro. Talvez até amasse já algum belo cavaleiro da corte. Mariana dera-lhe sem dúvida alguns ternos olhares, mas o que poderia provar-lhe que esses ternos olhares não eram unicamente inspirados pela gratidão?

À medida que Robin se fazia essas perguntas, e muitas outras ainda às quais tinha de responder com desvantagem para si a causa de Maude ia-se fortalecendo.

Maude, linda, tão linda quanto Mariana e Christabel, não era nobre, não tinha fidalgos por adoradores, e um humilde mateiro poderia lutar contra os outros admiradores que ela tivesse; Maude dava ternos olhares a Robin, e esses olhares não eram provocados pela gratidão; pelo contrário, Robin é que devia bastante gratidão a Maude.

O moço experimentava estranhas sensações durante esses devaneios e abandonava-se a eles com alternativas de felicidade e pesar, quando um rumor de passos pesados e muito diferentes dos da ligeira Maude ressoaram no corredor; o barulho aproximou-se do quarto e Robin apagou a luz à primeira vigorosa batida que deram na porta.

— Que é isso, Maude — perguntou o visitante do lado de fora, — por que apagas a luz?

Robin não deu resposta alguma e encolheu-se no espaço entre a cama e a parede.

— Maude, abre, sou eu!

Impaciente por não receber resposta, o visitante abriu a porta e entrou. Se não fosse a escuridão, Robin poderia ter visto um homem de elevada estatura e de corpulência proporcionada.

— Maude, Maude, não respondes? Tenho a certeza de que estás aqui; vi brilhar a luz pelas fendas da porta.

E o homem de grossa voz áspera procurava às apalpadelas por todo o quarto.

Robin, para maior segurança, escorregou para debaixo da cama.

— Diabo de móveis! — rugiu o homem que batera com a cabeça contra um armário e tropeçara numa cadeira. — Com a breca! O mais seguro é sentar-me no chão.

Seguiu-se um longo silêncio; Robin respirava apenas à raros intervalos e o mais devagar possível.

— Mas, onde estará ela? — continuava o estranho estendendo o braço e correndo a mão pelas cobertas do leito. — Deitada não está! Pela salvação de minha, alma, começo a acrepitar que Gaspar Steinkoff me disse a, verdade, uma verdade que aliás, até valeu um bom soco! “Tua filha, Herbert Lindsay,— disse-me ele, — beija, os homens com tanta facilidade quanto eu bebo um copo de cerveja.” Patife de Gaspar! Atreve-se a dizer que uma filha que me pertence, e da qual sou pai, anda beijando os prisioneiros!... Patife!... Contudo... acho muito extraordinário que a uma hora tão adiantada Maude não esteja em seu quarto. Ao pé de *lady* Christabel não deve estar; por onde andará então? Meu Deus! Sinto o inferno, na cabeça. Onde estará ela, a minha querida Maude, onde estará ela? Santa Mãe de Deus, se Maude der algum mau; passo, eu... mas que é isto! Afinal estou-me mostrando tão indigno quanto Gaspar Steinkoff... insultando o meu sangue, a minha vida, o meu coração, a minha filha, a minha Maude querida. Ah! velha cabeça tonta que eu sou! esquecia-me de que Halbert saiu do castelo para ir em busca de um médico, porque *milady* está doente e Maude está junto de *milady*. Oh! Como fico contente, bem contente por me haver lembrado disso! Merecia ser espancado por ter albergado maus alisamentos a respeito de minha querida filha.

Robin, imóvel debaixo da cama tivera também maus pensamentos, e além deles um certo tremor de ciúme antes de reconhecer no visitante noturno o guarda-chaves do castelo, o honrado pai de Maude, Herbert Lindsay.

Passos leves e precipitados, um roçar de vestido, o acender de uma candeia interromperam o monólogo de Herbert, que logo se pôs de pé.

Maude ao vê-lo não pôde conter um grito de susto, dizendo-lhe com grande ansiedade:

— Por que estás o senhor aqui, meu pai?

— Para conversar contigo, Maude.

— Amanhã conversaremos, meu pai; agora é muito tarde, estou cansada e preciso de dormir.

— Tenho apenas umas palavras a dizer-te.

— Agora não quero ouvir coisa alguma, querido pai; vou beijá-lo e fico surda; boa-noite.

— Desejo apenas fazer-te uma pergunta; tão depressa respondas irei embora.

— Estou surda, já lhe disse, e vou também ficar muda. Boa-noite, boa-noite, boa-noite — acrescentou Maude aproximando a fronte dos lábios do velho.

— Nada de despedidas ainda, minha filha — voltou Herbert num tom grave; — quero saber de onde vens a esta hora e porque motivo não estás ainda deitada.

— Venho do quarto de minha ama que se encontra muito doente.

— Bem; agora outra pergunta: por que motivo te mostras tão pródiga dos teus beijos em relação a certos presos? Por que beijas um estranho como se ele fosse teu irmão? Não achas que isso é um modo censurável de agir, Maude?

— Eu, beijei algum estranho, eu? E quem foi que inventou semelhante calúnia?

— Gaspar Steinkoff.

— Gaspar Steinkoff mentiu, meu pai; mas não teria mentido se lhe contasse a minha cólera e a minha indignação. Quando ele teve a audácia de tentar seduzir-me.

— Como! Pois ele atreveu-se?... — rugiu Herbert sulcado pela indignação.

— É como lhe digo — afirmou a jovem com energia. — em seguida, desfazendo-se em lágrimas, acrescentou: — Eu resisti, fugi-lhe, e ele então ameaçou-me com a sua vingança.

Herbert manteve a filha apertada contra o peito, e após alguns instantes de silêncio, observou com calma, uma dessas calmas em cujo fundo se adivinha o sangue frio de uma fúria implacável:

— Se Deus perdoar a Gaspar Steinkoff, que lhe conceda a paz no outro mundo! Quanto a mim, não

poderei gozar de paz enquanto estiver neste, sem antes castigar esse infame como ele merece... Beija-me, minha filha, beija o teu velho pai que te ama, te respeita, e roga aos céus que velem pela tua honra. E o tio Herbert Lindsay regressou ao seu posto.

— Robin — balbuciou imediatamente a jovem, — onde é que está escondido?

— Aqui, linda Maude — respondeu Robin saindo do seu esconderijo.

— Estaria perdida se meu pai tivesse dado pela sua presença.

— Não, querida Maude — voltou o rapaz com admirável candura; — muito ao contrário eu teria dado testemunho da tua inocência. Mas dize-me, quem é esse Gaspar Steinkoff? Por acaso já o vi?

— Já; era ele que estava de sentinela ao calabouço quando o senhor foi preso pela primeira vez.

— Foi ele então que nos surpreendeu quando nos... quando estávamos conversando?

— Ele mesmo — respondeu Maude que não pôde impedir-se de corar um pouco.

— Pois deixa estar que te vingarei; lembro-me bem da sua cara, e quando o encontrar...

— Não se preocupe com esse homem, não vale a pena; despreze-o do mesmo modo que eu o desprezo... *Lady Christabel* quer falar consigo; mas antes de o levar junto dela, tenho uma coisa a dizer-lhe... Eu sou muito infeliz, senhor Robin, e...

Maude parou, sufocada pelos soluços.

— Mais lágrimas! — observou carinhosamente Robin. — Vamos, Maude, não chores assim. Poderei servir-te em alguma coisa? Poderei contribuir para a tua felicidade? Dize, e eu me colocarei de corpo e alma ao teu serviço; não hesites em contar-me as tuas penas; um irmão deve devotar-se a sua irmã, e eu sou como teu irmão.

— Eu choro, senhor Robin, porque sou forçada a viver neste horrível castelo onde não há outras mulheres além de *lady Christabel* e eu, exceto as serventes da cozinha e do quintal; fui educada com *milady*, e apesar da diferença das nossas condições estimamo-nos como se fôssemos duas irmãs, eu sou a confidente dos seus desgostos e partilho também as suas alegrias; mas a despeito dos esforços da boa senhora, compreendo, sinto que não passo de uma criada sua e não me atrevo a pedir-lhe conselhos nem consolações. Meu pai, tão bom, tão honrado e tão valente, apenas me protege de longe, e eu confesso que necessitaria de ser protegida de perto... Todos os dias os soldados do barão me requestam... e me insultam iludindo-se com a aparente leviandade do meu caráter, a minha alegria, as minhas risadas e as minhas canções... Não, eu não me sinto mais com força para suportar esta abominável existência! Se ela não se modificar, morrerei! Eis aqui, senhor Robin, o que eu tinha a dizer-lhe, e se *lady Christabel* vai abandonar o castelo, peço-lhe que me leve com ela.

O jovem arqueiro apenas pôde responder com uma exclamação de surpresa.

— Não recuse o que lhe peço, leve-me também! — continuou Maude num tom apaixonado. — Eu morrerei, eu me matarei, hei de matar-me se o senhor atravessar sem mim a ponte levadiça.

— Esqueces, querida Maude, que eu não passo ainda de uma criança e não tenho o direito de te levar à casa de meu pai. Talvez meu pai recusasse receber-te.

— Uma criança! — replicou á moça com despeito — uma criança que ainda esta manhã tanto falava de amor!

— Esqueces também teu velho pai que morreria de tristeza... Ainda há pouco o estive ouvindo; abençoou-te, jurou castigar um caluniador!

— Ele me perdoará sabendo que fugi para acompanhar minha ama.

— Mas tua ama pode fugir! O senhor Allan é seu noivo.

— Tem razão, senhor Robin, eu não passo de uma pobre abandonada.

— Parece-me, contudo, que frei Tuck talvez pudesse...

— Oh! Faz mal, muito mal em dizer isso! — voltou Maude indignada. — Tenho rido, cantado, conversado muito com o frade, mas inocentemente, está ouvindo? Inocentemente. Meu Deus! Meu Deus! Todos me acusam, para todos sou uma mulher perdida! Ah! Sinto que vou enlouquecer!

E com a face escondida entre as mãos, Maude ajoelhou-se soluçando.

Robin estava profundamente comovido.

— Levanta-te — disse ele com doçura. — Está bem, fugirás com tua ama, irás para casa de meu pai Gilberto, serás sua filha e minha irmã.

— Deus te abençoe, nobre coração! — respondeu a moça apoiando a cabeça ao ombro de Robin; — serei tua serva tua escrava.

— Serás minha irmã. Vamos, Maude, um sorriso agora um lindo sorriso em troca dessas feias lágrimas. Maude sorriu.

— O tempo urge; leva-me à presença de *lady Christabel*.

Maude tornou a sorrir mas não se moveu.

— Então, querida, que estás esperando?

— Nada, nada; vamos!

E essa palavra “vamos!” foi dita entre dois beijos nas faces coradas do nosso herói.

Lady Christabel esperava com toda a impaciência o mensageiro de Allan.

— Posso contar consigo, senhor? — perguntou ela quando Robin se apresentou em seu quarto.

— Inteiramente, senhora.

— Deus o recompensará; estou pronta.

— E eu também, querida ama! — acrescentou Maude. — A caminho! não temos um instante a perder.

— Não temos! — repetiu Christabel surpreendida.

— Sim, sim, *milady*, nós, nós ambas! — respondeu a camareira rindo. — Acredita então, senhora, que Maude possa viver longe da sua querida ama?

— Como! Pois queres acompanhar-me?

— Não somente quero, como ainda morreria de desgosto se minha ama o não consentisse.

— Eu também participo da viagem — exclamou Halbert que até então se mantivera de lado; — *milady* toma-me ao seu serviço. Senhor Robin, eis aqui o seu arco e as suas flechas, das quais me apoderei quando o prenderam na floresta.

— Obrigado, Hal — disse Robin. — A partir de hoje seremos amigos.

— Para a vida e para a morte, senhor! — tornou o rapaz com sincero orgulho.

— Vamos então — atalhou Maude. — Hal, vai à nossa frente, e *milady* dar-me-á a sua mão. Agora, o mais completo silêncio; o menor sussurro, o menor ruído poderá trair-nos.

O castelo de Nottingham comunicava com o exterior por imensos subterrâneos cuja entrada se abria na capela e iam dar à floresta de Sherwood. Halbert conhecia-os muito bem para poder servir de guia; a passagem desses subterrâneos era de resto difícil, mas antes de mais nada era necessário chegar à capela. Ora, a porta da capela já não estava livre como no começo da noite, pois o barão Fitz-Alwine mancara ali postar uma sentinela; felizmente para os fugitivos essa sentinela entendera de montar guarda do lado de dentro da capela, e, vencida pela fadiga adormecera num banco, exatamente como um cônego numa cadeira de coro.

Os quatro jovens penetraram então no santo lugar sem acordar o soldado e até mesmo sem dar pela sua presença, tal era a escuridão reinante; e estavam já à entrada dos subterrâneos quando Halbert, que ia adiante, esbarrou contra um mausoléu e caiu pesadamente.

— Quem vive! — perguntou imediatamente a sentinela, que se julgou apanhada em flagrante delito de sono.

Só o eco repetiu o trovejante “Quem vive!”, e as suas prolongadas ressonâncias de pilar em pilar e de abóbada em abóbada abafaram o ruído das vozes e dos movimentos dos fugitivos. Hal escondeu-se atrás do túmulo, Robin e Christabel sob a escada do púlpito, apenas Maude não teve tempo de se esconder; a luz de uma tocha iluminou a capela e o guarda exclamou:

— Com a breca! é Maude, Maude, a penitente de frei Tuck! Sabes, minha linda, que fizeste tremer os bigodes de Gaspar Steinkoff, acordando-o assim tão de repente enquanto ele sonhava com os teus encantos? Santo nome de Deus! Pensei que o velho javali de Jerusalém, o nosso amável senhor, andava passando revista às sentinelas. Mas viva a alegria! O bom homem ronca e a beldade acorda-me! Dizendo isso o soldado plantou a tocha num candelabro do coro, e avançou para Maude de braços abertos, como para a colher pela cintura.

Maude respondeu-lhe com frieza:

— Sim, eu venho rezar a Deus por *lady* Christabel, que está muito doente; deixa-me pois rezar, Gaspar Steinkoff.

— Ah! — disse consigo Robin colocando silenciosamente uma flecha no arco; — é o caluniador...

— Deixa as orações para mais tarde, minha linda, — tornou o soldado cujas mãos tocavam já o corpete da moça; — não seas esquiva e dá um beijo a Gaspar, dois beijos, três beijos, muitos beijos...

— Para trás, atrevido! — gritou Maude recuando por sua vez.

O soldado deu um novo passo à frente.

— Para trás, caluniador; tu tentaste fazer-me amaldiçoar por meu pai, a fim de te vingares do desprezo com que repeli os teus odiosos galanteios! Arreda, monstro que nem sequer respeita a santidade destes lugares! Toma cautela!

— Com mil raios! — gritou Gaspar espumando de raiva e segurando a moça pelo meio do corpo; — Com mil raios! Hás de pagar essas insolências!

Maude resistiu firmemente, certa de que Halbert e Robin viriam em sua ajuda; mas ao mesmo tempo receava que o estrépito de uma luta atraísse a atenção dos soldados do posto mais próximo; absteve-se por isso de gritar e respondeu ao soldado:

— Tu, sim, há de ser... castigado...

Uma flecha disparada por mão que jamais errava o seu alvo, atravessou de repente o crânio do bandido, prostrando-o morto sobre as lajes do templo. Menos rápido que a flecha, Hal corria para defender a irmã, mas ela já desmaiava, murmurando:

— Obrigada, Robin, obrigada!...

A trêmula chama da tocha começou por iluminar dois corpos inanimados que jaziam lado a lado no chão; um estava isolado na morte, e junto ao outro corações devotados aguardavam, olhos amigos observavam os sintomas de um regresso à vida. Robin colhia água benta das pias às mãos ambas, molhando com ela docemente as têmporas da jovem; Hal batia com as suas mãos nas palmas das dela, e Christabel prodigalizava-lhe os mais carinhosos nomes, invocando o socorro da Virgem; todos três, enfim, se esforçavam por trazer à vida a pobre Maude, e teriam preferido renunciar à fuga do que abandoná-la naquele estado. Decorreram alguns minutos antes que Maude abrisse os olhos, e esses minutos pareceram séculos; mas quando as suas pálpebras se ergueram, um longo olhar, o primeiro, um celeste olhar cheio de gratidão e amor se fixou em Robin; um sorriso lhe escapou dos lábios descorados, gradações róseas foram substituindo o frio palor das faces, o peito dilatou-se-lhe, seus braços uniram-se aos braços estendidos para a levantar do chão e sacudindo a sua letargia ela foi a primeira a dizer:

— Partamos!

A marcha através do subterrâneo durou uma longa hora.

— Chegamos enfim — avisou Hal; — curvem as costas, que a porta é baixa, e tomem cautela com os espinhos de um silvado que disfarça a saída desta passagem pelo lado de fora; voltem à esquerda; bem; sigam pelo caminho ao longo do silvado... e agora, adeus à tocha e viva o luar! estamos livres!

— Chegou a minha vez de servir de piloto — disse Robin levantando-se; — isto é como se fosse a minha casa. A floresta pertence-me. Nada receiem, senhoras, e ao romper do dia encontraremos o senhor Allan Clare.

A pequena caravana prosseguiu lestando através dos bosques e matagais, apesar da fadiga das duas jovens. A prudência mandava que não trilhassem os caminhos ou atravessassem as clareiras, para onde o barão decerto já mandara os seus esbirros, e embora se arriscassem a rasgar as roupas e ferir os pés e as pernas era imperioso avançar como os gamos, de mata em mata, de picada em picada. Robin pareceu preocupado durante alguns minutos e Maude perguntou-lhe timidamente a causa dessa preocupação.

— Querida irmã — respondeu ele, — precisamos separar-nos antes que seja dia; Halbert vai acompanhar-te, até a casa de meu pai, e tu explicarás ao bom velho o motivo pelo qual eu não regressei ainda de Nottingham; é útil e prudente avisá-lo de que estou levando sem demora *milady* ao encontro do senhor Allan Clare.

Os fugitivos separaram-se portanto depois de ternas despedidas, e Maude engoliu as lágrimas e abafou os soluços seguindo Halbert pelo caminho que lhes indicou Robin.

Lady Christabel e o seu cavaleiro, porque desde agora Robin é um autêntico cavaleiro, alcançaram prontamente a grande estrada de Nottingham a Mansfeldwoohaus, e Robin antes de enveredar por ela trepou a uma árvore e explorou com o olhar as paragens em redor.

Nada de suspeito apareceu a princípio, e tão longe quanto a sua vista podia alcançar, a estrada pareceu-lhe desimpedida; Mas quando o jovem se dispunha a descer do seu observatório certo de estar sendo favorecido pela sorte, viu apontar no alto de uma das encostas da estrada um cavaleiro que avançava a toda a brida.

— Escondei-vos, *milady*, aí nessa fossa, atrás da moita a meus pés, e pelo amor de Deus não façais nenhum movimento nem solteis o menor grito de susto.

— Há algum perigo? Temeis alguma coisa, senhor? — perguntou Christabel vendo Robin colocar uma flecha em seu arco e postar-se de emboscada atrás de um tronco de árvore.

— Depressa, *milady*, escondei-vos, um cavaleiro avança em nossa direção e não posso dizer se é um amigo ou um inimigo... De qualquer modo, se fôr um inimigo não passa de um homem, e uma flecha bem disparada consegue sempre deter um homem.

Robin não ousou acrescentar, com medo de assustar ainda mais a sua companheira, que aos primeiros alvares da manhã reconhecia as cores do barão Fitz-Alwine sobre o pendão do cavaleiro. Christabel por sua vez adivinhou as intenções hostis de Robin, e teria desejado gritar: “Basta de sangue! Basta de mortes! Esta libertação vai-nos custando muito cara!”; mas Robin segurava com uma das mãos o arco, e com a outra impôs-lhe silêncio com um gesto autoritário, enquanto o cavaleiro se aproximava a toda a velocidade.

— Em nome de Deus, escondei-vos, senhora! — murmurou Robin de dentes cerrados e como engolindo a voz; — escondei-vos.

Christabel obedeceu e com a cabeça oculta sob o manto dirigiu à Virgem uma prece mental. Enquanto isso o cavaleiro aproximava-se, aproximava-se, e Robin, postado atrás da árvore, de arco reteso e flecha apontada, espreitava a sua passagem. O cavaleiro passou... passou rápido como um raio... mas, mais rápida ainda uma flecha venceu-o na velocidade, tocou a anca do cavalo, deslizou obliquamente, entre o flanco e o coxim da sela e cravou-se-lhe no ventre até às pernas; animal e cavaleiro rolaram na poeira da estrada.

— Fugamos, *milady*! — gritou Robin; — fugamos!

Christabel, mais morta do que viva, tremia em todos os seus membros e balbuciou estas palavras:

— Matou-o! Matou-o! Matou-o!
— Fugamos, *milady* — insistiu Robin; — fugamos, o tempo urge!
— Matou-o! — repetia Christabel num desvario.
— Não, não o matei, *milady*.
— Ele soltou um grito horrível, um grito de agonia!
— Soltou apenas um brado de surpresa.
— Que dizeis?
— Digo que este cavaleiro tinha sido lançado no nosso encalço, e que estaríamos perdidos se eu não colocasse o seu cavalo na impossibilidade de o conduzir por mais tempo. Depressa, senhora, compreender-me-eis melhor quando deixardes de tremer.
Christabel, mais sossegada, acompanhou Robin tão depressa quanto possível.
— O cavaleiro não está então ferido? — perguntou ela uma centena de metros adiante.
— Não tem sequer uma arranhadura, *milady*; o seu pobre cavalo é que realizou o último galope. Esse cavaleiro tinha muitas vantagens sobre nós; podia ir de Mansfeldwoohaus a Nottingham e voltar antes de conseguirmos abandonar a nossa rota era portanto urgente impedir a sua carreira. Agora as possibilidades são iguais para ambos; que digo? As nossas são superiores; ele está a pé, e nós também estamos a pé, é verdade, mas nossos pés são ágeis e sem entraves, ao passo que os dele não o são. Coragem, *milady*, já estaremos longe aqui quando esse cavaleiro puder desembaraçar-se do animal e dos arreios, e se puser a caminho com as suas pesadas botas, que já não são botas de sete léguas. Ânimo, senhora, que Allan Clare não deve andar longe. Ânimo!

XIII

COM a frente, as pálpebras, ou melhor o rosto inteiramente crestado pelas chamas da tocha a que acabava de servir de extintor, o sargento Lambic teve ainda a pouca sorte de tomar, perseguindo Robin, uma direção completamente oposta à do fugitivo.

No tempo em que se passa esta história, o castelo de Nottingham possuía uma quantidade prodigiosa de passagens subterrâneas cavadas nos rochedos da colina em cujo cimo se erguiam as suas torres e muralhas guarnecidas de ameias; poucas pessoas, mesmo entre os mais antigos habitantes da cidadela feudal, conheciam com exatidão a topografia desse sombrio e misterioso labirinto. Lambic e seus homens puseram-se então a vaguear por ele ao acaso, e o acaso serviu-os mal, tão mal que uns e outros se perderam e separaram sem dar por isso.

Lambic, quase cego como já tivemos oportunidade de dizer, voltou as costas a Robin, e deixando os seus homens afastarem-se para a esquerda chegou diante da grande escadaria do castelo no alto da qual lhe pareceu ouvir os passos desses homens.

— Bem! — disse consigo, — decerto eles agarraram o patife e estão-no conduzindo à presença do barão; preciso chegar ao mesmo tempo que eles, se não monsenhor atribuirá a esses brutos todo o mérito da vigilância!

Assim resmungando, o valente soldado chegou à porta dos aposentos do barão, e prudente à força de experiência, quis, antes de se mostrar, saber como o velho Fitz-Alwine acolhia o regresso dos seus homens na companhia do preso; colocou portanto o ouvido ao buraco da fechadura e escutou o seguinte diálogo:

— Quereis então dizer que essa carta me anuncia que *sir* Tristão Goldsbrough não pode vir a Nottingham.

— Justamente, monsenhor; ele é obrigado a ir à corte.

— Desagradável contratempo!

— E previne que vos esperará em Londres.

— Pior ainda! Indica ao menos o dia em que nos devemos encontrar?

— Não, monsenhor; pede apenas que o senhor barão se ponha a caminho tão depressa quanto lhe fôr possível.

— Bem! Partirei esta manhã; dai ordens para que preparem os cavalos. Quero ser acompanhado por seis homens de armas.

— Sereis obedecido, monsenhor.

Lambic muito surpreso de que Robin ali não estivesse, imaginou que os soldados o tinham reconduzido ao calabouço e correu a certificar-se; mas a porta do calabouço estava esgancarada, o cubículo vazio, e a tocha fumegante jazia ainda por terra.

— Como! Então estou perdido! — exclamou o sargento. — Que hei de fazer?

E voltou maquinalmente à porta do barão, ainda esperançado em que os seus homens para ali conduzissem o malfadado arqueiro. Pobre Lambic! Sentia já em torno do pescoço o nó corrediço de uma corda nova. Contudo a esperança, a esperança que nunca abandona completamente os desgraçados, tornou a sorrir-lhe quando ao aplicar outra vez o ouvido ao buraco da fechadura, percebeu que tudo no quarto era calma e silêncio. O soldado fez então o seguinte raciocínio:

— Se o barão dorme, é porque não está enfurecido; se não está enfurecido, é porque ignora que o maldito arqueiro me escorregou das mãos como uma enguia; e se ignora a fuga do arqueiro, não me supõe repreensível, castigável, enforcável; posso portanto apresentar-me diante dele sem qualquer temor, e dar-lhe conta da minha missão como se a houvesse desempenhado do modo mais satisfatório; assim ganharei tempo e poderei saber o que foi feito desse infernal Robin, afim de o tornar a meter no calabouço ou lá o segurar se esses dois animais dos meus subordinados tiveram a sorte de cumprir bem o seu dever. Posso portanto apresentar-me sem temor... sim, sem temor diante do meu terrível e todo-poderoso senhor... Entremos. Mas ele está dormindo, está dormindo! Nesse caso seria a mesma coisa que aproximar-me de um tigre esfaimado e tentar acariciar-lhe o lombo! Não, Não serrei tão louco que vá acordar o meu amo. Não, não! Contudo — prosseguiu monologando o pobre Lambic, ora trêmulo, ora animado, ora tímido, ora fanfarrão, — e se o barão não estivesse dormindo? Tanto melhor! Aí é que seria verdadeiramente o momento de entrar, pois provaria mais uma vez que ele ignora a minha falta.

Realmente, se ele não está dormindo, esta calma e este silêncio constituem um verdadeiro prodígio! Ora tentemos arranhar um pouco a madeira da porta, se esse ruído não for bem acolhido terei tempo de fugir. Lambic arranhou levemente com a unha no centro da porta, no ponto onde ela devia ter maior sonoridade.

Essa espécie de provocação não teve resultado e nada perturbou o silêncio que reinava no interior.

— Decididamente está dormindo — pensou de novo Lambic. — Qual o que, seu imbecil! — exclamou ele de repente; — Com certeza saiu, está no quarto da filha, senão eu o ouviria; e mesmo que estivesse dormindo eu o ouviria, pois ele dorme roncando.

Levado por uma curiosidade diabólica, o sargento manobrou cautelosamente a chave da porta, que girou nos gonzos sem chiar, permitindo-lhe introduzir a cabeça para dar uma vista de olhos ao quarto inteiro.

— Misericórdia!

Este brado de terror expirou nos lábios de Lambic, tolheram-no o frio e a imobilidade da morte e ele ficou entalado na abertura da porta, enquanto o barão, por sua vez mudo de espanto e surpreendido com tanta ousadia o fulminava com os olhos.

A má sorte perseguia sempre o desventurado Lambic, um gênio mau parecia encarniçar-se contra a sua pessoa, e quis a fatalidade que ele fosse interromper o barão no exato momento em que o endurecido pecador, ajoelhado aos pés do sacerdote, pedia uma absolvição antes de partir para a corte de Londres.

— Miserável! Tratante! Sacrilego infame! Espião do confessorário! enviado de Satã! Traidor vendido ao diabo! que vens tu fazer aqui? — gritou o barão quando pôde enfim respirar e abrir as comportas à sua fúria. — Quem é então neste castelo o amo e o criado? És tu o amo? Sou eu o criado? Corda no pescoço é o que vais ter, hás de ser pasto para os corvos! — não montarei a cavalo enquanto não tiveres subido a escada da minha força.

— Acalmai-vos, meu filho! — interveio o velho frade confessor. — Deus é misericordioso.

— Deus não pode ser servido por tais sacripantas! — prosseguiu o barão erguendo-se louco de furor. — Vem aqui, bandido! — acrescentou ele depois de ter dado uma volta ao quarto como uma hiena em sua jaula; — aqui de joelhos, no meu lugar, e confessa-te antes de morrer!

Lambic não despegava da soleira da porta, e embora tivesse perdido toda a faculdade de raciocínio tentava contudo aproveitar-se de alguma pausa na cólera do amo para arriscar qualquer justificativa. O barão, cujos pensamentos e palavras sucediam com a maior incoerência, ofereceu-lhe, sem o querer, uma ocasião para se desculpar.

— Que queres? — perguntou ele de repente. — Fala!

— Milorde, eu bati várias vezes à porta — respondeu humildemente o sargento, — imaginei que não havia aqui ninguém pensei...

— Ah! Pensaste em aproveitar-te da minha ausência para me roubar.

— Oh, milorde!...

— Para me roubar!

— Eu sou um soldado, milorde! — replicou Lambic com um fio de altivez.

Aquela acusação de roubo reanimou-lhe a coragem natural, fazendo com que ele não mais temesse a prisão, as bastonadas e a corda.

— Caramba! Que nobre indignação! — exclamou o barão rindo ironicamente.

— Sim, milorde, eu sou um soldado, um soldado ao serviço de Vossa Senhoria, e Vossa Senhoria nunca teve ladrões por soldados!

— A minha Senhoria pode quando quer, se lhe apraz, chamar ladrões aos seus soldados; a minha Senhoria não tem que se preocupar com as suas virtudes privadas; a minha Senhoria, enfim, dispõe de suficiente bom-senso para admitir que a sua visita, senhor Lambic, visita com que honrava justamente quando me supunha ausente, não tem outro fim senão provar-me que o senhor é um homem honrado. Em resumo: ladrão ou homem honrado, que vieste fazer aqui? Que tens a dizer-me a respeito do encarceramento do nosso jovem arqueiro?

Lambic estremeceu outra vez; a pergunta do barão provava-lhe que a fuga de Robin não era ainda conhecida, e ele temia uma crise das mais violentas quando explicasse ao barão a causa das queimaduras do seu rosto; ficou pois imóvel diante do terrível senhor, os olhos estupidamente arregalados, a boca aberta, os braços pendentes.

— Eh! De onde vens tu? — gritou de repente o barão observando o rosto de Lambic. — Por Deus! — ou tinha razão ainda há pouco de te chamar evadido do inferno; só fazendo uma visita ao diabo podes ter chamuscado desse modo o focinho!

— Foi uma tocha que me queimou, milorde.

— Uma tocha!

— Perdão, milorde; mas Vossa Senhoria não sabe que essa tocha...

— Que história é essa? Vamos logo; de que tocha estás falando?

— Da tocha de Robin.

— Outra vez Robin! — berrou o barão com voz trovejante, indo despendurar a sua espada.

— Bem! Aqui estou decididamente embalado e expedido para o outro mundo — pensou Lambic encolhendo-se instintivamente no vão da porta e aprontando-se para fugir ao primeiro bote que lhe atirasse o barão.

— Outra vez Robin! Onde está esse Robin? — gritou o barão sacudindo no ar a durindana; — onde está ele, para que eu vos atravessasse a ambos juntamente?

Lambic tinha já metade do corpo fora do quarto, e agarrava-se com as mãos à folha da porta, resolvido a puxá-la para si se a ponta do espadão o ameaçasse perto demais.

— Meu filho — interveio o velho frade, — os filisteus iam ser batidos, mas fizeram as suas orações a Deus e a espada reentrou na sua bainha.

Fitz-Alwine jogou a espada para cima da mesa e correu para Lambic que não dava a menor impressão de querer fugir.

— Estou perguntando — disse ele segurando-o pela gola do gibão e arrastando-o para o meio do quarto, — estou perguntando o que vieste fazer aqui. Desejo ainda saber que relações existem entre Robin, uma tocha e essa tua medonha cara. Responde prontamente e claramente, do contrário haverá aqui uma outra espada que a clemência não fará entrar na bainha.

Assim dizendo, Fitz-Alwine apontava com o dedo, num canto do aposento, a grossa e comprida bengala de castão de ouro, o junco quase fenomenal a que costumava apoiar-se nos seus passeios pela fortaleza.

— Milorde — replicou vivamente o sargento que acabava de inventar um expediente para se furtar a uma resposta categórica, — eu vinha, milorde, perguntar-lhe o que Vossa Senhoria conta fazer desse Robin Hood.

— Eh, com todos os diabos! Quero que ele permaneça no calabouço onde está encerrado.

— Quererá milorde dizer-me qual é esse calabouço, para que eu fique de sentinela?

— Então não sabes? Não o conduziste lá tu mesmo, não há ainda uma hora?

— Mas ele já lá não está, milorde. Eu tinha dado aos soldados ordem para o trazer à vossa presença, e pensei que Vossa Senhoria tivesse determinado outra prisão. E foi nesse calabouço, milorde, que ele me queimou o rosto.

— Ah! isso é demais! — rugiu Fitz-Alwine dando um passo na direção da bengala de castão de ouro, enquanto Lambic girava a meio a cabeça, calculando com olho inquieto se lhe ficaria tempo para fugir antes que a tempestade escalasse.

As bengaladas iam portanto desabar como um aguaceiro, porque apesar da sua gota o barão não era maneta, quando Lambic levado aos extremos, esquecido da inviolabilidade do seu senhor, pulou ao seu encontro, arrancou-lhe o junco das mãos, segurou-lhe ambos os braços à altura dos punhos, e com tanto respeito quanto o permitia a circunstância obrigou-o vivamente a recuar, empurrou-o para a sua vasta poltrona de gótico e largou a fugir a toda a pressa.

A toda a pressa também o velho Fitz-Alwine, a quem a excitação do momento devolvera uma certa agilidade, desejou perseguir o audacioso vassalo; mas os dois soldados que atravessavam da sua expedição à procura de Robin pouparam-lhe essa canseira, pois aos seus gritos de “Pára! pára!” barraram a passagem ao sargento, que ainda não saíra da antecâmara.

— Afastem-se! — disse o sargento empurrando os dois subordinados; — Afastem-se!

Mas Fitz-Alwine correu a fechar a porta de saída, e como desde então qualquer resistência se tornava inútil, o desgraçado Lambic esperou, mergulhado em sombria expectativa, que provesse ao seu alto e poderoso senhor manifestar-se a respeito da sua sorte.

Por um desses fenômenos curiosos, inexplicáveis, e que são tão vez na ordem moral o que são os seus análogos na ordem física da natureza, a cólera do barão pareceu diminuída após esse episódio de rebelião, do mesmo modo que um grande vento decai após uma chuva ligeira.

— Pede-me perdão — disse tranquilamente Fitz-Alwine, que arquejando de cansaço se deixou cair, agora voluntariamente, na sua vasta poltrona; — vamos, sargento Lambic, pede-me perdão!

O barão talvez não manifestasse essa tranquilidade, essa singular mansidão, senão porque já não dispunha de forças suficientes para manter a sua fúria no diapasão habitual; mas aquilo não podia ficar muito tempo assim, e à medida que as tímidas hesitações de Lambic se prolongavam, e à medida também que a respiração do tirano se regularizava, as efervescências da cólera iam aumentando de intensidade e a explosão dessa cólera tornava-se iminente.

— Ah! Recusas então pedir-me perdão! pois bem — acrescentou Fitz-Alwine num tom cruelmente sarcástico, — podes fazer o teu ato de contrição: é uma coisa muito útil antes da morte.

— Milorde, aqui está o que se passou, e estes dois homens poderão testemunhar a verdade.

— Dois marotos como tu!

— Eu não sou tão culpado quanto Vossa Senhoria pensa, milorde; eu ia fechar a porta do calabouço, quando Robin Hood...

Não acompanharemos o sargento no seu copioso relato, entrecortado de reticências em seu favor, pois os nossos leitores não recolheriam dele qualquer novo detalhe; o barão escutou-o, não sem alguns rugidos de furor, batendo com os pés no chão e agitando-se na cadeira tanto quanto o diabo, segundo dizem, quando uma pia de água benta lhe serve de banheira, e terminou por resumir as suas ameaças de castigo por esta frase de pavoroso laconismo:

— Se é verdade que Robin fugiu do castelo, vós outros não haveis de fugir; para ele a liberdade, para vós a morte.

De repente bateram com violência à porta do quarto.

— Entre! — gritou o barão.

Um soldado entrou dizendo:

— Que o muito honrado lorde me perdoe se ousou apresentar-me diante da sua muito honrada pessoa, sem ser mandado por sua muito alta Senhoria; mas o acontecimento que acaba de verificar-se é tão extraordinário, tão terrível, que eu acreditei cumprir um dever vindo anunciá-lo imediatamente ao muito honrado senhor deste castelo.

— Fala; mas sem esses intermináveis rodeios.

— Cumprirei as determinações de vossa muito alta Senhoria; a história que tenho para contar tem um fim, e procurarei que ela seja tão curta quanto é realmente apavorante; eu sei que um bom soldado deve dar tanto trabalho ao seu arco quanto deixar em descanso a sua língua, e como me considero um bom...

— Vamos logo à história, imbecil! Venha essa história! — gritou o barão furioso.

O soldado inclinou-se com toda a cortesia e prosseguiu:

— ... como me considero um bom soldado, não esqueço jamais esse princípio.

— Infernal tagarela! Cala essa boca se não tens outra coisa a dizer senão falar dos teus méritos, ou então conta logo a história.

O soldado inclinou-se mais uma vez e prosseguiu imperturbavelmente:

— Meu dever ordenava-me...

— O quê! Pois continuas? — vociferou Fitz-Alwine.

— Meu dever ordenava-me render a sentinela do santuário ...

— Ah! Até que enfim — pensou o barão dispondo-se a ouvir atentamente.

— De modo que me encaminhei para lá, há de haver uns cinco ou dez minutos, conforme aprouver a vossa muito honrada Senhoria; chegando à porta do santo lugar, não encontrei lá vestígios de sentinela; contudo era forçoso que ali estivesse uma, pois eu próprio ia rendê-la. “Deve haver uma por aqui — pensei eu, — o essencial é encontrá-la; procuremos”. Procurei, chamei, ninguém respondeu, ninguém apareceu. “Terá adormecido? Estará embriagada? Também pode ser” — pensei eu. “Vamos ao posto, vamos solicitar ajuda para prender o delinqüente, e a fim de que lhe seja infligida uma punição exemplar, à parte a punição que lhe infligirá meu chefe”. Cheguei ao posto, gritando: “Sargento, mande sair a guarda!”; ninguém saiu do posto; entrei: não havia ninguém lá dentro. “Oh! Oh! extraordinário!” — pensei eu...

— Vai para o diabo com os teus pensamentos, maldito tagarela! Conta logo o fato! — gritou o barão impaciente.

O soldado executou de novo a sua saudação militar e continuou com perfeita serenidade:

— Oh! Oh! Extraordinário! — pensei eu, — os deveres do soldado parece que são desconhecidos no castelo de Nottingham. A disciplina encontra-se relaxada e as conseqüências deste relaxamento...

— Com mil diabos! — trovejou o barão; — não acabarás de uma vez com essas divagações, cretino palrador, cão prolixo!

— Cão prolixo! — murmurou para si o soldado, interrompendo-se àquele epíteto; — cão prolixo! todavia eu, que sou um grande caçador, não conheço ainda essa raça de cães. Mas não tem importância, continuemos. As conseqüências desse relaxamento podem ser funestas; não me foi difícil encontrar os homens do posto abancados na cantina, e empreendemos imediatamente uma visita minuciosa e inteligente às proximidades do santo lugar e ao seu interior. Nas proximidades nada de especial, a não ser a ausência persistente da sentinela; mas no interior foi encontrada presente essa mesma Sentinela, e em que estado, grande Deus! presente como os mortos no campo de batalha, quero dizer deitada por terra, sem vida, banhada em seu sangue e com o crânio varado por uma flecha...

— Santo Deus! — exclamou o barão. — Quem poderia ter cometido semelhante crime?

— Ignoro-o, pois não estava presente; mas...

— Quem era esse morto?

— Gaspar Steinkoff... um valente soldado.

— E não sabes quem é o assassino?

— Já tive a honra de dizer a vossa alta Senhoria que não estava presente quando se verificou o crime; mas, com o intuito de facilitar as investigações de monsenhor, tive a idéia de me apoderar da flecha homicida... aqui está ela.

— Esta flecha não provém do meu arsenal — observou o barão depois de a ter examinado atentamente.

— Mas, com todo o respeito devido a vossa honrada Senhoria — continuou o soldado, — permitir-me-ei fazer-lhe notar que esta flecha, não provindo do seu arsenal, deve ter vindo de fora, e eu creio ter notado outras semelhantes no carcás que trazia esta noite um dos noviços escudeiros.

— Que noviço?

— Halbert. O carcás e o arco que vimos nas mãos desse jovem, pertencia a um dos prisioneiros de Sua Senhoria, a um que se não me engano usa o nome de Robin Hood.

— Depressa, vai buscar Halbert e traze-o à minha presença — ordenou o barão.

— Há pouco mais ou menos uma hora — acrescentou o mesmo soldado, — vi Halbert, acompanhado da senhorita Maude, encaminhando-se para os aposentos de *Lady Christabel*.

— Acende uma tocha e acompanha-me! — gritou o barão. Seguido de Lambic e da escolta, o barão, que não sentia mais a sua gota, marchou rapidamente para os quartos da filha. Chegado à porta, bateu; mas como não obtivesse resposta, abriu e precipitou-se para o interior. Profunda escuridão, silêncio completo. Em vão o barão percorreu o gabinete e as restantes dependências do apartamento: em toda a parte o mesmo silêncio e a mesma escuridão.

— Fugiu! Ela fugiu! — murmurou o barão angustiado; — e com voz desgarradora, chamou: — Christabel! Christabel!

Mas Christabel não respondeu.

— Fugiu! Fugiu! — repetia o barão torcendo as mãos e deixando-se cair sobre a mesma cadeira onde a surpreendera escrevendo a Allan Clare. — Fugiu com ele! Oh, minha filha, minha Christabel!

Entretanto, a esperança de alcançar ainda a filha em sua fuga restituiu ao pobre pai alguma energia.

— Vamos! Vós outros — gritou ele trovejando; — Vamos! Dividi-vos em dois grupos: um esquadrinhará o castelo de alto a baixo, ao longo e ao largo, procurando por toda a parte, sem esquecer absolutamente nada... o outro a cavalo, que nem um bosque, uma moita, um silvado de floresta de Sherwood escape às vossas investigações... Ide...

Os soldados movimentavam-se para sair, quando o barão pitou ainda:

— Digam a Herbert Lindsay, o porta-chaves, que venha aqui; foi Maude Jezabel, sua condenada filha, quem organizou a fuga, e ele vai pagar por ela. Digam também a vinte dos meus cavaleiros que selem os seus corcéis e se mantenham prontos a partir à primeira ordem. Depressa, depressa, miseráveis!

Os soldados partiram a toda a brida, e Lambic aproveitou a circunstância para se colocar fora do alcance das garras de seu irascível amo e senhor.

Uma vez sozinho, o barão entrou em sucessivas divagações, levado pelos frenesis da cólera e pelas desolações do coração. Amava sinceramente a filha, e a vergonha que sentia da sua fuga com um homem era menor ainda que a sua dor ao pensar que daí em diante não a veria mais, não a beijaria mais, e nem mesmo a tiranizaria mais.

Foi durante essas alternativas de furor e desespero que o velho Herbert Lindsay apareceu. Infelizmente para ele, chegava antes do fim de um acesso de cólera.

— Já que eles não sabem desempenhar o seu ofício de soldados — vociferava o barão, — eu os exterminarei a todos; não deixarei sobre a terra a sombra de um fantasma, de um só desses malditos, porque essa sombra poderia dizer: “Eu ajudei Christabel a enganar seu pai!” Sim, sim, juro-o Por todos os santos apóstolos e pelas barbas dos meus ancestrais, não pouparei um único!... Ah! Chegaste enfim, mestre Herbert Lindsay, guardião chaveiro do castelo de Nottingham! Chegaste enfim!

— Vossa Senhoria mandou-me chamar — disse o velho aparentando a maior calma.

O barão não lhe deu resposta, mas em compensação saltou-lhe ao pescoço como saltaria um animal feroz, e arrastando-o para o meio do aposento disse-lhe sacudindo-o com brutalidade:

— Bandido! Minha filha, onde está minha filha? Responde se não queres que te estrangule!

— Vossa filha, milorde? Mas eu não sei dela — respondeu Herbert mais surpreendido que assustado com a fúria do seu senhor.

— Mentos!

Herbert conseguiu libertar-se das mãos do barão e respondeu com grande frieza:

— Milorde, fazei-me a honra de me explicar o motivo da vossa estranha pergunta, e eu vos responderei... Mas deveis ficar sabendo, milorde, que eu não passo de um pobre homem honrado, franco e leal, que em toda a sua vida não teve de corar uma só vez de qualquer falta. Ainda que me matásseis aqui mesmo neste lugar, não me importaria de morrer sem confissão porque nada tenho a censurar-me; sois meu senhor e meu amo, interrogai-me e eu responderei a todas as vossas perguntas, não por temor, mas por dever e respeito...

— Quem saiu deste castelo nas últimas duas horas?

— Não o poderia dizer, milorde; justamente há duas horas entreguei as chaves ao meu ajudante Micael Walden.

— Estás falando a verdade?

— Tão verdade quanto vós serdes meu senhor e amo.

— Quem saiu enquanto tu ainda estavas de guarda?

— Halbert, o moço escudeiro, que me disse: “*Milady* está doente, tenho ordem de ir buscar um médico”.

— Ah! Eis aí a conspiração! — gritou Fitz-Alwine. — Ele mentiu-te. Christabel não estava doente e Hal saiu para preparar a sua fuga.

— Como! *Milady* abandonou-vos, monsenhor?

— Sim, essa ingrata abandonou seu velho pai, e tua filha fugiu juntamente com ela.

— Maude? Oh, não, monsenhor, isso não é possível! Eu vou procurá-la; deve estar em seu quarto. O sargento Lambic, que estava ansioso por mostrar o seu desvelo, entrou precipitadamente.

— Milorde! — exclamou ele, — Os vossos cavaleiros estão prontos. Em vão procurei Halbert por todo o castelo; ele voltou aqui juntamente comigo e com Robin, e não tornou a sair pela porta principal, é o que Micael Walden afirma sob juramento; ninguém passou a ponte levadiça nestas duas últimas horas.

— Agora nada disso importa! — volveu o barão. — A morte de Gaspar não é um crime inútil. Lambic!

— acrescentou Fitz-Alwine após um instante de silêncio.

— Milorde.

— Foste esta noite até à casa de um guarda chamado Gilbert Head, não longe de Mansfieldwoohaus?

— Fui, milorde.

— Pois bem! É lá que mora esse infernal Robin Hood, é sem dúvida lá que minha ingrata filha deve ter ido encontrar-se com um patife que... Mas não falemos disso... Lambic, monta a cavalo com os teus homens, corre a essa casa, apodera-te dos fugitivos e não voltes aqui senão depois de ter incendiado esse covil de malfeitores.

— Assim se fará, milorde.

E Lambic desapareceu. Herbert Lindsay, que regressara da sua busca alguns minutos antes, permanecia de pé, afastado, melancólico, silencioso, de braços cruzados e cabeça baixa.

— Meu velho servidor — disse-lhe Fitz-Alwine, — eu não quero que a raiva me faça esquecer que há longos anos vivemos um ao pé do outro; sempre me foste fiel, salvaste-me duas vezes a vida; não, meu velho irmão de armas, esquece as minhas cóleras, as minhas brutalidades, até mesmo as minhas injustiças, e se amas tua filha como eu amo a minha, empresta-me mais uma vez o socorro da tua coragem e da tua experiência para reconduzir ao aprisco as duas ovelhas desgarradas... porque Maude sem dúvida alguma fugiu com Christabel.

— Ai! Monsenhor, seu quarto está vazio — respondeu o pobre velho soluçando.

Essa sincera aflição devia provar a Fitz-Alwine que Herbert não era cúmplice da fuga das duas jovens; mas o singular gentil-homem, tão desconfiado quanto irascível, estava convencido de que um inferior procura sempre enganar o seu superior, o vilão ao nobre, o simples padre ao prelado, o soldado ao seu oficial, e assim por diante. De modo que supôs estender uma armadilha a Herbert, dizendo-lhe:

— Não existe nas passagens subterrâneas do castelo uma saída que dá para a floresta de Sherwood? O barão conhecia perfeitamente a existência dessa saída, todavia ignorava a sua exata posição; Herbert e sua filha estacam decerto melhor informados do que ele.

— Ah! — pensou ao fazer essa pergunta; — se a senhorita Maude guiou minha filha por baixo da terra, eu lhe paiarei à luz do dia, e generosamente, os gastos da condução.

Herbert, franco e leal como já o dissemos, estava no propósito de ajudar o amo a encontrar a jovem *lady*; era aliás tão interessado quanto o barão em apanhar as fugitivas, de maneira que se apressou a responder:

— Sim, milorde, os subterrâneos têm uma saída para a floresta, e eu conheço todas as voltas que lá vão dar.

— Maude também conhece esses caminhos?

— Não, milorde, pelo menos assim o penso.

— A não seres tu, nenhuma outra pessoa conhece então esse segredo?

— Três outras pessoas o conhecem, milorde: Micael Walden, Gaspar Steinkoff e Halbert.

— Halbert! — gritou o barão tomado de novo acesso de raiva; — Sempre Halbert! Então foi ele que lhes serviu de guia. Olá! Vós outros, uma tocha, muitas tochas, percorramos o subterrâneo!

Herbert fora recompensado pela sua franqueza; o barão não desconfiava mais dele, prodigalizando-lhe nomes amistosos e juramentos de eterna gratidão.

— Coragem, meu senhor! — dizia o velho enquanto se preparavam as tochas e os homens acorriam para compor a escolta; — coragem, Deus há de devolver-nos nossas filhas.

O desespero dos dois velhos era emocionante. Separados pelo nascimento, pelo orgulho de raça, pelo gênero de vida, uniam-se para conjurar uma desgraça comum, mostravam-se iguais na dor.

O barão e Herbert, seguidos de seis homens de armas, atravessaram a capela sem se deter diante do cadáver de Gaspar e mergulharam no subterrâneo. E mal tinham dado ainda alguns passos, quando um longínquo rumor de vozes chegou aos ouvidos de Fitz-Alwine.

— Ah! — exclamou ele, — Apanhamo-los! Avança, Herbert, avança!

Herbert caminhava à frente.

O rumor ouvido pelo barão recomeçou.

— Monsenhor — observou o velho porta-chaves, — o rumor que estais ouvindo não provém da passagem que leva à floresta.

— Não importa, devem ser eles; avança, avança logo. — A passagem bifurcava-se nesse ponto e o grupo

enveredou para o lado de onde vinha o ruído. Bruscamente esse ruído aumentou, ressoaram brados.

— Olha, olha, estão gritando por socorro! Estamos aqui minhas filhas, estamos aqui!

— Nesse caso enganaram-se no caminho — notou Herbert.

— Tanto melhor — voltou o barão, cuja paternal ternura ia já cedendo lugar a uma sede de vingança das mais ardentes; — tanto melhor!

Herbert, que marchava alguns passos adiante, deteve-se para escutar melhor.

— Milorde — tornou ele, — juro-vos que esses clamores não vêm dos fugitivos; nós deixamos o caminho certo indo por este lado, e o que estamos é perdendo tempo.

— Vem comigo! — gritou o barão atirando um furioso olhar ao porta-chaves, que recomeçava a suspeitar de inteligência com os fugitivos. — Vem comigo, e vós outros, esperai-nos aqui!

— Estou às vossas ordens, milorde — respondeu Herbert. Os dois velhos avançaram ao encontro dos rumores; de minuto em minuto os brados iam-se tornando mais distintos.

— Pela minha alma! — murmurava Herbert, meu amo está louco; ele acha então que quem foge faz um barulho desses? Quem quer que aí esteja berra a plenos pulmões e o que me parece é que eles vêm ao nosso encontro.

Mal acabava essas palavras quando dois soldados surgiram aos olhos espantados do barão.

— De onde vindes, marotos?

— De perseguir o preso Robin Hood — responderam os desgraçados, arquejando de fadiga e tremendo de susto. — Extraviamo-nos, milorde — acrescentaram eles; — estávamos certos de nos havermos perdido para sempre quando a providência enviou vossa honrada Senhoria em nosso socorro; ouvimos quando o grupo estava ainda longe, e corremos ao vosso encontro para vos poupar caminho.

Fitz-Alwine já não sabia a que diabo se apegar no seu desapontamento quando um dos soldados entendeu de lhe contar as peripécias da fuga de Robin Hood.

— Silêncio, silêncio, imbecis! — berrou ele. — Desde que vos perdêsteis neste subterrâneo, onde deveríeis ser condenados a morrer de fome, não ouvístes acaso algum rumor suspeito pelas galerias?

— Absolutamente nada, milorde.

— Corramos, Herbert, corramos é preciso recuperar o tempo perdido!

Justamente esse tempo perdido salvara os fugitivos. Um quarto de hora depois o pequeno grupo desembocava na floresta, e já não era possível duvidar que os fugitivos tivessem seguido esse caminho. A porta do subterrâneo, ordinariamente fechada, estava escancarada.

— Meus pressentimentos não me tinham enganado! — exclamou o barão. — Ide, soldados, ide, batei a floresta em todos os sentidos; prometo cem peças de ouro a quem reconduzir ao castelo *lady* Christabel e os infames que a levaram.

O barão, acompanhado apenas de Herbert, voltou para trás e meteu-se no quarto. Depois, em vez de se dar um breve repouso de que tão necessitado estava, revestiu uma cota de malha, cingiu o espadão, e brandindo a sua lança de pendão enfeitado com as cores da sua casa, montou à pressa a cavalo e lançou-se à frente de vinte homens pela estrada de Mansfeldwoohaus.

XIV

OS *dramatis personae* que já entraram nesta história percorrem neste momento a velha floresta de Sherwood.

Robin e Christabel tentam alcançar o ponto onde *sir* Allan Clare os deve esperar, e por consequência marcham em sentido contrário ao do sargento Lambic, que recebeu ordem de incendiar a morada do pai adotivo do jovem Robin.

Seguido de vinte boas lanças, o barão, remoçado por uma cólera persistente, acaba de lançar-se à procura da filha; deixemo-lo galopar a toda a brida pelos verdejantes atalhos da floresta, e vamos reunir-nos a *sir* Allan Clare que, ajudado por João-Pequeno, frei Tuck, Will Escarlata e pelos seis outros filhos do nobre *sir* Guy de Gamwell, se encaminha a toda a pressa para o vale de Robin Hood, enquanto Maude e Halbert buscam a cabana do velho guarda florestal.

Maude deixou de ser a criatura esperta, infatigável, corajosa e alegre de sempre. Maude repassa tristemente em sua memória as indicações que lhe deu Robin para se orientar entre os mil carreiros que se cruzam e entrecruzam. Maude, enfim, embora sob a proteção do intrépido rapaz, parece uma pobre abandonada, e suspira, suspira pelo fim dessa longa caminhada.

— Estamos ainda muito longe da casa de Gilberto? — Pergunta ela.

— Não, Maude — responde Hal jovialmente; — apenas seis milhas, creio eu.

— Seis milhas!

— Coragem, Maude, coragem! — tornou Halbert; — Estamos trabalhando para *Lady* Christabel... Mas

olha para além: não vês passar um cavaleiro acompanhado de um frade? — te alguns mateiros? É o senhor Allan, é frei Tuck. Salve Chores! Nunca um encontro foi tão a propósito!

— E *lady* Christabel e Robin, onde estão? — perguntou vivamente *sir* Allan reconhecendo Maude.

— Devem estar a caminho do vale para vos esperarem — respondeu Maude.

— Graças a Deus! — exclamou Allan depois de ter reclamado a Maude um relato minucioso de todas as peripécias da sua fuga do castelo. — Valente Robin! Devo-lhe tudo, minha bem-amada e minha irmã!

— Vamos prevenir o velho Gilberto dos motivos da ausência de Robin — disse Hal.

— E não poderias agora ir sozinho, irmão Hal? — perguntou Maude que ardia em desejos de se aproximar de Robin. — Minha ama deve estar precisando muito dos meus serviços.

Allan não viu nenhum inconveniente em aceitar a oferta de Maude e pôs-se de novo em marcha.

Frei Tuck, silencioso e isolado a princípio, não tardou a acercar-se da moça; tentou fazer-se amável, sorriu, falou menos bruscamente do que costumava, chegou quase a ter espírito; mas as tentativas do pobre frade foram acolhidas com extrema reserva.

Essa mudança nas maneiras de Maude, afligindo Tuck, tiraram-lhe todo o entusiasmo; afastou-se para um lado e pôs-se a caminhar olhando pensativamente a jovem, sempre tão pensativa quanto ele.

Enquanto isso, alguns passos atrás de Tuck avançava uma pessoa que parecia desejar vivamente um olhar de Maude; essa pessoa recompunha a desordem em que trazia as suas roupas, limpava com o antebraço as mangas e as abas da sua jaqueta, erguia a pena de garça que lhe enfeitava o gorro, alisava a densa cabeleira, enfim, entregava-se em plena floresta a esse pequeno trabalho de faceirice que todo o enamorado principiante executa por instinto.

A pessoa a que nos referimos outra não era que o nosso amigo Will Escarlata.

Maude resumia para ele o ideal da beleza; via-a pela primeira vez, mas era a ela que em seus sonhos escolhera para reinar em seu coração. Uma fronte branca e levemente arqueada, sublinhada por sobranceiras delicadas e escuras, uns olhos negros cujo brilho era amenizado pelo anteparo dos cílios longos e sedosos, faces róseas e aveludadas, um nariz como os modelavam os estatuários da antiguidade, uma boca entreaberta para deixar falar ou respirar o amor, lábios de comissuras onde se aninhavam sorrisos meigos e finos, um queixo cuja covinha prometia tão naturalmente o prazer como a cicatriz da semente promete a flor, um pescoço e uns ombros unidos por uma verdadeira linha serpentina, um talhe esbelto, movimentos flexíveis e pés pequeninos para os quais os caminhos da floresta deveriam cobrir-se de flores: tal era Maude, a linda filha de Herbert Lindsay.

William não era bastante tímido para se contentar com uma admiração silenciosa; o desejo, a necessidade de sentir os olhos da jovem erguerem-se para ele, fizeram com que não tardasse a aproximar-se.

— Conhece Robin Hood, senhorita? — perguntou Will.

— Conheço, sim senhor — respondeu graciosamente Maude.

Sem o saber, Will tocara a corda sensível e ganhava a atenção da linda Maude.

— E gosta muito dele?

Maude não respondeu mas as suas faces cobriram-se de rubor. Era preciso que Will fosse um verdadeiro principiante para interrogar assim à queima-roupa o coração de uma mulher; ele agia como um cego que caminhasse sem receio à beira de um precipício, e há muitas pessoas assim cuja valentia é apenas o resultado da ignorância.

— Estimo tanto Robin Hood — prosseguiu ele, — que a ficaria detestando, senhorita, se o não apreciasse.

— Sossegue, senhor; posso garantir-lhe que o acho um moço encantador. Conhece-o talvez há muito tempo?

— Somos amigos de infância, e preferia antes perder a minha mão direita do que a sua amizade; isto quanto à estima. Quanto ao apreço, acho que não há em todo o condado um arqueiro que se lhe compare; seu caráter é tão reto quanto as suas flechas; é valente, é bom, e a modéstia iguala nele a bondade e a bravura. Em companhia dele não temeria o universo inteiro.

— Que entusiasmo na expressão dos seus sentimentos, senhor! Não haverá algum exagero nesses elogios?

— Tão certo como eu me chamar William de Garnwell, e ser um moço honesto, estou falando a verdade, senhorita, nada mais que a verdade.

— Maude — perguntou Allan, — será que o barão já se apercebeu da fuga de *lady* Christabel?

— Com certeza, senhor cavaleiro; porque Sua Senhoria devia partir esta manhã para Londres com *milady*.

— Silêncio! Silêncio! — veio dizer João-Pequeno que ia adiante como batedor; — escondam-se no lugar mais espesso peste cerrado; ouço um rumor de cavalgada; se os que aí vem nos descobrirem, saltaremos sobre eles de improviso, e nossa contra-senha será o nome de Robin Hood... depressa, Escondam-se — insistiu João-Pequeno correndo ele próprio para trás de um tronco de árvore.

Imediatamente surgiu um cavaleiro montando um animal que transpunha todos os obstáculos, fossas, árvores derrubadas, moitas e valados, com fantástica velocidade; esse cavaleiro, a quem com grande dificuldade seguiam quatro homens igualmente a cavalo, estava acorçado mais do que sentado em seu

fogoso corcel; tinha perdido o chapéu, e os longos cabelos esparsos, sacudidos pelo vento, davam-lhe ao rosto onde se estampava o pavor, um aspecto estranho e diabólico — passou de raspão junto ao cerrado onde se escondera o pequeno grupo, e João-Pequeno avistou uma flecha cravada, como a baliza de um agrimensor, na garupa do cavalo.

O cavaleiro logo desapareceu nas profundezas da floresta, sempre seguido pelos seus quatro homens.

— Que o céu nos proteja! — gritou Maude. — É o barão!

— É o barão! — repetiram Allan e Halbert.

— E se eu não me engano — acrescentou Will, — a flecha que serve de leme ao seu cavalo saiu da aljava de Robin; hein, que dizes a isto, primo João-Pequeno?

— Sou da tua opinião, Will, e concluo daí que a jovem senhora e Robin estão correndo perigo. Robin é demasiado prudente para desperdiçar as suas flechas sem ser obrigado a isso; o melhor é apressarmos o passo.

Uma palavra para explicar a desagradável situação do nobre Fitz-Alwine, aliás excelente cavaleiro, não será inútil.

O barão, metendo-se pela floresta dentro, dera ordem ao seu melhor trotador para percorrer a grande estrada de Nottingham a Mansfeldwoohaus e de vir fazer-lhe um relato do que encontrasse numa certa encruzilhada. Já sabemos o que aconteceu ao trotador: Robin desmontou-o. O acaso quis que Robin e *Lady Christabel* entrassem por um dos caminhos que iam dar à encruzilhada escolhida como ponto de encontro, enquanto o barão lá chegava por outro. Os dois fugitivos tiveram a sorte de se esconder num pequeno bosque sem ser vistos, e o barão com os seus quatro escudeiros detiveram-se no meio da encruzilhada, numa eminência do terreno, aguardando o regresso do batedor.

— Procurai pelos arredores — ordenou o barão; — dois por aqui e dois por ali.

— Estamos perdidos — pensou Robin. — Que havemos de fazer? Como fugir? Se sairmos do bosque, os cavalos nos alcançarão em dois tempos; se tomarmos por uma picada interior, o barulho atrairá a atenção dos soldados; que fazer?

Enquanto assim refletia, Robin distendia o seu arco e escolhia na aljava uma flecha de ponta de ferro mais aguçada. *Christabel*, embora aniquilada pelo susto notou esses preparativos, e como a piedade filial sobrepujasse nela o desejo de se reunir a Allan, suplicou ao jovem que lhe poupasse o pai.

Robin sorriu, e fez com a cabeça um sinal afirmativo.

O sinal queria dizer: descanse, que hei de poupá-lo; o sorriso: lembre-se do cavaleiro desmontado.

Os soldados percorriam atentamente a orla da encruzilhada, mas o prêmio de cem escudos de ouro que lhes estimulava o zelo não tinha a virtude de lhes dar faro. Contudo a posição de Robin e *Christabel* ia-se tornando cada vez mais crítica, porque os cachorros policiais, saídos dois a dois de pontos postos para fazerem a volta da clareira, não podiam reunir-se sem os encontrarem.

Enquanto isso o velho Fitz-Alwine, postado como uma sentinela nas alturas que dominam o campo inimigo, entregava-se a um ensaio geral do terrível sermão que contava dirigir à filha quando ela reentrasse outra vez no domicílio paterno. Imaginava também os refinamentos dos diversos castigos a infligir a Robin, a Maude e a Halbert, e calculava quantas polegadas mais ou menos de altura devia ter a força de Allan; sonhava, o excelente senhor, com as convulsões daquele que ousara roubar-lhe *Christabel*. Deixaria apodrecer o seu cadáver no patíbulo durante o mês da lua de mel, e sorria já à idéia de ser avô no ano próximo por intermédio de *sir Tristão de Galdsborough*.

Mas de repente, em meio a esses encantadores devaneios, o cavalo do barão empinou-se, sacudiu as ancas, torceu o lombo, atirou coices e agitou vivamente o velho guerreiro, que em vão procurou dominá-lo como dominava outrora os indomáveis corcéis árabes. Baldadas tentativas! Homem e animal não se entendiam; Fitz-Alwine permaneceu tão firme na sela como a flecha que acabava de cravar-se na garupa do cavalo, e tanto o animal como os sonhos do barão tomaram o freio nos dentes e teve início pela floresta essa corrida desordenada, louca, fantástica, que os levou ao pé de Allan Clare e os arrastou não se sabe até onde. Os quatro escudeiros saíram em socorro do amo, e o hábil arqueiro, levando a companheira pela mão, atravessou a encruzilhada.

Que teria acontecido ao barão? Na verdade mal ousamos contar o episódio que deu fim a essa corrida desabalada, tão extraordinário e maravilhoso se nos afigura; mas as crônicas da época garantem-lhe a autenticidade, e aqui o relatamos: Os escudeiros logo perderam o barão de vista, e talvez ele tivesse sido arrebatado através da Inglaterra até à beira do Oceano, se o animal, passando sob um carvalho junto ao qual jazia um pedaço de tronco de árvore, não tivesse tropeçado.

O nosso barão, que não perdera a faculdade de raciocínio quis evitar uma queda cuja violência podia ser-lhe mortal, e deixando as rédeas segurou-se com ambas as mãos a um dos ramos do carvalho muito felizmente ao seu alcance. Esperava poder ao mesmo tempo conter o cavalo apertando-o entre os joelhos; mas o corcovo forçado do animal foi tão profundo que Fitz-Alwine teve de abandonar a sela e ficou suspenso pelas mãos ao ramo do carvalho, enquanto o cavalo se erguia outra vez aliviado e empreendia uma nova corrida.

Pouco habituado a ginástica, o barão mediu prudentemente a distância que o separava do chão antes de se deixar cair, quando de repente viu flamejar na meia obscuridade da manhã, e justamente debaixo dos seus pés, qualquer coisa incandescente como dois pedaços de carvão aceso. Esses dois pontos ígneos pertenciam a certa massa escura que se agitava, tornejava e se aproximava por instantes e por meio de saltos, das pernas do inditoso barão.

— Oh! É um lobo! — pensou o fidalgo sem poder conter um grito de pavor e esforçando-se por subir para se escarranchar no ramo; mas não o conseguiu e um suor gelado, o suor do medo inundou-o quando sentiu escorregar sobre o couro da sua bota e ranger no metal das suas esporas, os dentes do lobo que pulava, estendia o focinho, punha a língua de fora e farejava a sua presa à medida que se lhe iam inteirando os braços, ele tentava segurar-se pelo queixo ao ramo e encolhia as pernas até ao peito. A luta era desigual; o fio que retinha no ar aquela gulodice de animal feroz ia quebrar-se, o velho lorde estava no extremo das forças; assim, enviando um derradeiro pensamento a Christabel e recomendando a sua alma a Deus, fechou os olhos, abriu as mãos. .. e caiu.

Mas, ó milagre da Providência! Caiu como uma laje sobre a cabeça do lobo, que não esperava um tão pesado quinhão, e ao cair, o peso do seu corpo, tombando pelo lado em que apresenta maior amplidão, desconjuntou as vértebras cervicais do lobo e quebrou-lhe a espinal medula.

De modo que se os quatro escudeiros tivessem alcançado o local do sinistro encontrariam o seu amo desmaiado, estendido ao lado de um lobo morto; mas outras pessoas que não os escudeiros deviam trazer de novo à vida o nobre senhor de Nottingham.

Ao pé do velho carvalho cujos ramos se inclinam para o riacho que atravessa o vale de Robin Hood, estava sentada *lady* Christabel; de pé, alguns passos adiante, Robin Hood apoiava-se no seu arco, e ambos esperavam com alguma impaciência a chegada de *sir* Allan Clare e dos seus outros companheiros.

Depois de terem esgotado os temas de conversa a respeito da sua situação presente, puseram-se a falar de Mariana, e os ternos elogios que Christabel prodigalizou ao doce e encantador caráter da irmã de Allan foram ouvidos por Robin com a ardente sofreguidão do amor.

O jovem bem desejaria fazer uma pergunta a Christabel, perguntar-lhe se, como Allan Clare, Mariana não teria já dado o seu coração a algum formoso cavaleiro da nobreza, mas não se atrevia. “Se assim for — pensava ele, — estou perdido; que possibilidades terei de lutar contra semelhante rival, eu que não passo de um pobre filho da floresta?”

— *Milady* — disse ele de repente corando e com voz trêmula e emocionada, — lamento sinceramente *miss* Mariana se ela abandonou alguma terna afeição para acompanhar o irmão numa viagem tão cheia, se não de perigos reais, pelo menos de dificuldades e canseiras.

— Mariana — respondeu Christabel, — tem a desgraça, ou talvez a felicidade de não possuir outra afeição além da de seu querido Allan.

— Custa-me a acreditar nisso, *milady*; uma pessoa tão linda, tão sedutora como *miss* Mariana deve possuir o que *lady* Christabel possui, alguém que lhe seja devotado, como vos é devotado o cavaleiro Allan.

— Por muito estranho que isso lhe possa parecer, senhor, — respondeu a moça corando, — afirmo que Mariana ignora se existe algum amor que não seja o amor fraterno.

Esta resposta, dada num tom bastante frio, obrigou Robin a mudar de assunto.

O sol dourava já o cimo das grandes árvores, e Allan sem aparecer. Robin dissimulava a sua inquietação para não alarmar a moça, mas entregava-se a sombrias hipóteses sobre as causas de semelhante atraso.

Bruscamente uma voz sonora ressoou a distância, Robin e Christabel estremeceram.

— Será algum chamado dos nossos amigos? — perguntou ansiosamente a jovem.

— Infelizmente, não. Will, meu amigo de infância, e João-Pequeno seu primo, que acompanham o senhor Allan, conhecem perfeitamente o ponto onde os esperamos, e o caso em que estamos empenhados exige tanta prudência para ser levado a bom termo que eles não se divertiriam a brincar com os ecos da floresta.

A voz aproximou-se, e um cavaleiro com as cores de Fitz-Alwine atravessou rapidamente o vale.

— Vamos embora, *milady*, estamos aqui perto demais do castelo. Eu enterro esta flecha no chão ao pé deste carvalho, e se os meus amigos chegarem durante a nossa ausência, compreenderão ao vê-la que estamos escondidos pelas proximidades.

— Estou de acordo, senhor; entrego-me inteiramente à sua boa e leal guarda.

Os dois jovens acabavam de transpor algumas moitas à procura de um lugar conveniente para descansar, quando avistaram o corpo de um homem estendido, imóvel e como morto ao pé de um tronco de árvore.

— Misericórdia! — gritou Christabel; — É meu pai, meu pobre pai que está morto!

Robin tremeu, supondo-se culpado da morte do barão. Não teria a ferida do cavalo sido a causa principal desse desenlace?

— Virgem Santa! — murmurou Robin, — concedei-nos a graça de que ele esteja apenas desmaiado!

Dizendo essas palavras o moço arqueiro correu a ajoelhar-se ao pé do velho, enquanto Christabel, toda

entregue à sua dor e ao seu arrependimento, soltava longos gemidos. Um leve ferimento na fronte do barão deixava filtrar algumas gotas de sangue.

— Como! Será que ele teve de bater-se com um lobo? Ah! Ele matou o lobo! — exclamou alegremente Robin; — e está apenas desmaiado. *Milady, milady*, acredite-me, o senhor barão não tem senão uma arranhadura; *milady*, levante-se. Oh! — tornou Robin, — Não faltava agora senão isso, ela também desmaiou. Ah! Meu Deus! Meu Deus! Que fazer? Não a posso deixar aqui... e o velho leão que está acordando, já mexe os braços, já resmunga. Ah! Isto é de um homem ficar doido! *Milady*, responda-me alguma coisa! Mas não, ela está tão insensível quanto um tronco de árvore. Ah! Porque não tenho nos braços e nos rins a força que sinto no coração? Desse modo a levaria daqui como uma ama levaria a sua criança.

E Robin tentou levar Christabel.

Enquanto isso, ao voltar a si o pensamento do barão não foi para a filha, mas para o lobo, o único e último ser vivo que avistara antes de fechar os olhos; estendeu então os braços para segurar a fera, que imaginava ocupada a devotar-lhe uma perna ou uma coxa, embora não sentisse nenhuma dor das mordidelas, e agarrou-se à saia da filha jurando defender a vida até ao derradeiro suspiro.

— Monstro vil! — gritava o barão ao lobo estendido a alguns passos de distância, — monstro faminto da minha carne, sequioso do meu sangue, ainda há vigor nos meus cansados membros, como vais ver... Ah! Põe a língua de fora, eu estrangulo-o... Ah! Ah! Já estrangulei muitos outros!... Sim, sim, podem vir todos os lobos de Sherwood, podem vir!... Ah! Mais um, mais outro! Então estou perdido, meu Deus! Tende piedade de mim! *Pater noster qui es in...*

— Ele está louco, completamente louco! — dizia Robin consigo, colocado ansiosamente entre um dever a cumprir e sua segurança pessoal a garantir; se fugisse, abandonaria aquela que jurara conduzir até à presença de Allan; se ficasse, os rugidos do louco podiam atrair os homens que davam a batida à floresta. Muito felizmente o acesso do barão aplacou-se, e sempre de olhos fechados ele compreendeu que nenhuma presa de fera lhe dilacerava os membros; então quis levantar-se. Mas Robin, ajoelhado por trás da sua cabeça pesou-lhe fortemente sobre os ombros, desempenhando por assim dizer o papel de uma fadiga extrema que o mantivesse irremediavelmente estendido por terra.

— Por São Benedito! — murmurava o lorde, — parece-me sentir nos ombros o peso de cem mil libras... Oh, meu Deus e meu santo padroeiro! Juro mandar construir uma capela ao oriente da fortaleza se me conservardes a vida e me derdes forças para regressar ao castelo! *Libera nos, quoe-sumus, Domine!* Uma vez terminada a prece experimentou um novo esforço; mas Robin, que esperava ver Christabel recuperar os sentidos, pesou sobre ele, cada vez mais firme.

— *Domine exaudi orationem meam*, — continuou Fitz-Alwine batendo no peito, rompendo a seguir a gritos estridentes.

Como, porém, esses gritos não convinham a Robin, por serem perigosos demais para a segurança dos fugitivos, o quieto rapaz não sabendo como interrompê-los disse brutalmente:

— Cale-se!

Ao som dessa voz humana o barão abriu os olhos, e qual não foi o seu espanto ao reconhecer, inclinado sobre o seu rosto, o rosto de Robin Hood, e a lado deste, estendida no chão, sua filha desmaiada. Semelhante aparição varreu toda a loucura, febre e cansaço do irascível lorde, o qual, como se estivesse senhor da situação em seu castelo e cercado pelos seus soldados, bradou quase triunfante:

— Até que enfim te apanhei, jovem buldogue!

— Cale-se — voltou energicamente o imperioso Robin; — cale-se! nada de ameaças nem de gritarias fora de propósito; por enquanto quem o apanhou fui eu!

E Robin continuou a pesar com toda a força sobre os ombros do indignado barão.

— Com efeito! — disse Fitz-Alwine que não teve dificuldade em libertar-se da pressão do adolescente e se pôs enfim de pé; — com efeito pareceis mostrar os dentes, pedaço de cachorro!

Christabel continuava desfalecida, e nesse momento assemelhava-se a um cadáver tombado entre aqueles dois homens, pois Robin recuara imediatamente alguns passos e estava colocando uma flecha no seu arco.

— Mais um passo, milorde, e serás morto! — declarou o rapaz apontando à cabeça do barão.

— Ah! Ah! — exclamou Fitz-Alwine pondo-se lívido e recuando lentamente para se colocar atrás de uma árvore; — serás bastante covarde para matar, para assassinar um homem sem defesa?

Robin sorriu.

— Milorde — continuou ele visando-lhe sempre a cabeça, — prossiga no seu movimento de retirada; bem, agora está abrigado por essa árvore. Preste atenção ao que lhe vou ordenar, ou antes, ao que lhe vou pedir para fazer; atenção, não ponha o nariz para fora dessa árvore, nem mesmo um só dos cabelos da sua cabeça, tanto à direita como à esquerda; mantenha-se direito, senão... é a morte!

Sem tomar em consideração aquelas ameaças, o barão, bem protegido pela árvore, avançou para fora o dedo indicador ameaçando o jovem arqueiro; mas logo se arrependeu cruelmente, porque esse dedo foi em seguida levado por uma flecha.

— Assassino! Bandido miserável! Vampiro! Vassalo! — rugiu o ferido.

— Silêncio, barão, ou quer que lhe aponte à cabeça?

Fitz-Alwine, colado contra a árvore, vomitava a meia voz torrentes de maldições, mas escondia-se com a máxima cautela por imaginar Robin à espreita, a alguns passos dali, com o arco tenso e a flecha apontada, espiando o menor dos seus gestos arriscados para fora da perpendicular do tronco da árvore.

Mas Robin pondo o seu arco à bandoleira carregou docemente Christabel aos ombros e desapareceu através dos silvados.

No mesmo instante foi ouvido o rumor de uma cavalgada e quatro cavaleiros surgiram diante da árvore que servia de pára-choque ao desventurado barão.

— A mim, tratantes! — berrou ele, pois esses quatro homens outros não eram que os do seu esquadrão distanciados há muito tempo do cavalo que galopava de flecha na garupa. — A mim! Agarraí-me esse desgraçado que me quer assassinar e roubar minha filha!

Os soldados não atinavam com os motivos de semelhante ordem, não vendo ali por perto nem bandido nem mulher roubada.

— Além, além, não o vedes fugindo? — tornou o barão refugiando-se entre as pernas dos cavalos; — olhai, está dando a volta ao maciço.

Com efeito, Robin não tinha ainda vigor para levar rapidamente para longe um fardo da natureza do corpo de uma mulher, e apenas algumas centenas de passos o separavam dos seus inimigos.

Os cavaleiros saíram então no seu encalço, mas os gritos do barão feriram ao mesmo tempo os ouvidos de Robin e ele compreendeu que a sua salvação já não estava na fuga.

Dando portanto meia volta pôs um joelho em terra, deitou Christabel de través sobre a outra perna e gritou, com ambas as mãos no arco e visando novamente Fitz-Alwine:

— Parem! Juro pelo céu que se derem um passo mais na minha direção vosso senhor será morto!

Ainda Robin não tinha acabado essas palavras e já o barão estava escondido atrás da árvore que lhe servia de anteparo, embora continuando a gritar:

— Apanhem-no! Matem-no! Ele feriu-me!... Como! Hesitais então? Ah! Covardes! Mercenários!

A firme atitude do intrépido arqueiro intimidava realmente os interditos soldados.

Um deles, contudo, ousou rir desse receio.

— Não canta mal, o franguinho — disse ele, — mas não quer dizer nada; já ides ver como ele é brando e submisso.

E o soldado apeando-se do cavalo avançou para Robin.

Robin, além da flecha colocada em seu arco segurava uma outra nos dentes, de modo que disse num tom abafado mas imperioso:

— Já tive ocasião de pedir que ninguém se aproximasse mas agora ordeno-o... Desgraçado daquele que tentar impedir-me de continuar em paz o meu caminho.

O soldado pôs-se a rir com ar trocista e continuou avançando.

— Uma! Duas! Três! Pára!

O soldado continuou a rir e não parou.

— Morre então! — gritou Robin.

E o homem tombou, com o peito trespassado por uma flecha.

Só o barão usava uma cota de malha; os seus homens de armas estavam equipados como para uma caçada.

— Cachorros! Caiam sobre ele! — prosseguia vociferando Fitz-Alwine. — Oh! Os covardes, os covardes! Qualquer arranhão os assusta.

— Sua senhoria chama a isto um arranhão — murmurou um dos três cavaleiros, pouco desejoso de executar manobra igual à do seu defunto camarada.

— Olhem! — exclamou outro soldado erguendo-se nos estribos para ver melhor ao longe, — Parece que nos chega reforço. Por Deus! É Lambic, monsenhor.

Realmente, Lambic e a sua escolta chegavam a toda a brida.

O sargento estava tão contente e ao mesmo tempo tão apressado por contar ao barão o sucesso da sua expedição, que nem avistou Robin e gritou com toda a força dos pulmões:

— Não encontramos os fugitivos, monsenhor, mas em compensação a casa ficou em cinzas.

— Pois sim, pois sim! — respondeu impacientemente Fitz-Alwine; — mas olha para o ursinho que esses covardes não ousam submeter.

— Oh! Oh! — tornou Lambic reconhecendo o demônio da tocha e rindo com desprezo; — Oh! Oh! O franguinho selvagem, vou enfim passar-te um freio! Sabes, animalzinho indomável, que acabo de chegar da tua cocheira? Pensei encontrar-te lá, e com franqueza isso me contrariou; terias podido ver um magnífico fogo de vistas e dançar, na companhia de tua boa mamãe, uma jiga no meio das labaredas. Mas console-te; como tu não estavas lá, desejei poupar à pobre velha sofrimentos inúteis e mandei-lhe previamente uma flecha ao...

Lambic não acabou: um grito rouco lhe escapou dos lábios, e largando a rédea do cavalo ele desabou... uma flecha certa atravessara-lhe a garganta.

Um indizível terror cravou nos lugares onde se encontravam as testemunhas daquela vingança. Robin aproveitou-se disso, mau grado a violenta emoção que lhe causaram as derradeiras palavras de Lambic, e carregando Christabel aos ombros desapareceu no cerrado.

— Correi, correi! — gritava o barão no paroxismo da fúria; — correi, marotos! Se o não apanhardes sereis todos enforcados! Assim o juro, todos enforcados!

Os soldados jogaram-se abaixo dos cavalos e correram no encalço do rapaz. Robin, vergado sob o peso perdia em cada minuto uma parte do seu avanço; quanto maiores esforços fazia para se afastar, mais sentia que esses esforços se tornavam inúteis, e para cúmulo de desgraça, a moça, que começava a recuperar os sentidos, agitava-se convulsivamente e soltava agudos gritos. Esses movimentos desordenados entravavam a velocidade da marcha de Robin, e embora ele conseguisse esconder-se atrás de algum espesso matagal, os gritos de Christabel não deixariam de atrair os perseguidores.

— Bem! — decidiu ele; — se é forçoso morrer, morramos defendendo-nos.

E num relance de olhos Robin procurou um lugar propício para depositar Christabel, pronto a voltar em seguida sozinho para enfrentar os homens do barão.

Um olmeiro cercado de mato e de pequenos arbustos pareceu-lhe conveniente para servir de esconderijo à noiva de Allan, e sem revelar a Christabel os perigos que a ameaçavam Pousou-a junto a essa árvore, estendeu-se ao pé dela, conjurou-a a ficar imóvel e silenciosa, e deteve-se figurando em sua imaginação um espetáculo horrível: o incêndio da casinha onde vivera, depois Gilberto e Margarida expirando entre as labaredas.

xv

ENQUANTO isso os soldados iam-se aproximando sempre mas com cautela, parando a cada passo, abrigados por maciços de folhagem, para atender aos conselhos do barão que não queria que eles se servissem do arco a fim de não ferir a filha.

Essa ordem agradava pouco aos soldados, pois eles compreendiam que Robin não os deixaria aproximar-se bastante para empregarem a lança antes de ter morto alguns.

— Se eles tiverem a idéia de me cercar — pensou Robin, — então estarei perdido.

Uma aberta na folhagem não tardou a permitir-lhe avistar Fitz-Alwine, e o desejo da vingança mordeu-o no coração.

— Robin — murmurou então a jovem, — agora sinto-me forte. Que é feito de meu pai? Espero que não lhe tenha feito mal algum.

— Não, não lhe fiz mal nenhum, *milady* — respondeu Robin estremecendo: — mas...

E com o dedo fez brilhar a corda do arco.

— Mas, quê? — exclamou Christabel apavorada por aquele gesto sinistro.

— Ele é que me fez um grande mal. Ah! *milady*, se soubesse...

— Onde está meu pai, senhor?

— A poucos passos daqui — respondeu Robin com frieza, — e Sua Senhoria não ignora que nós também estamos a poucos passos dele; mas os seus soldados não ousam atacar-me, temem as minhas flechas.

Escute-me bem, *milady* — continuou Robin após um minuto de reflexão, — cairemos inevitavelmente em suas mãos se ficarmos aqui. Resta-nos apenas uma possibilidade de salvamento, a fuga, a fuga sem ser vistos, e para o conseguir necessitamos de muita coragem, muito sangue frio e sobretudo muita confiança na proteção divina. Preste bastante atenção: se continuar tremendo assim não compreenderá todas as minhas palavras; agora é a sua vez de agir; envolva-se na capa, cuja cor escura não desperta a atenção, e resvale por baixo da folhagem, bem rente ao chão, arrastando-se se tanto for preciso.

— Mas eu tenho ainda menos forças que coragem — respondeu chorando a pobre Christabel; — eles me matarão antes que eu tenha dado vinte passos. Salve-se, senhor, e não se preocupe mais comigo; o senhor já fez tudo quanto lhe era possível para me levar junto de meu amado: Deus não o permitiu, que seja feita a sua santa vontade e que a Sua santa bênção o acompanhe! Adeus, senhor... parta; diga ao meu querido Allan que meu pai não exercerá por muito tempo seu poder sobre mim... meu corpo está ferido como o meu coração; morrerei breve. Adeus!

— Não, *milady* — replicou o corajoso moço, — não, não agirei. Fiz uma promessa ao senhor Allan, e para cumprir essa promessa irei sempre adiante, até que a morte me detenha... Cobre ânimo. Allan talvez já tenha alcançado o vale, e vendo a minha flecha é possível que esteja por aí à nossa procura... Deus ainda nos não abandonou.

— Allan, Allan, querido Allan! Por que não vens? — exclamou Christabel desvairada.

Subitamente, e como em resposta a esse desesperado apelo, ressoou através do espaço o uivo prolongado de um lobo.

Christabel, ajoelhada, estendeu os braços para o céu de onde nos vem todo o socorro; mas Robin, com as faces animadas de um vivo rubor, levou ambas as mãos em concha à boca e produziu um uivo exatamente igual.

— Vamos receber ajuda — disse ele em seguida alegremente, — temos aí socorro, *milady*; esse uivo é um sinal combinado entre frequentadores da floresta; já respondi e nossos amigos não tardarão a aparecer. Bem vê que Deus não nos abandona. Vou dizer-lhes que se apressem.

E com uma só mão colocada a modo de funil diante dos lábios, Robin imitou o grito da garça perseguida por um abutre.

— Isso significa, *milady*, que nos encontramos em dificuldades.

Um grito semelhante de garça assustada se fez ouvir a pequena distância.

— É Will, é o meu amigo Will! — exclamou Robin. — Coragem, *milady*! esconda-se debaixo das folhas, ficará bem abrigada; pode surgir alguma flecha perdida.

O coração da moça batia com incrível violência; mas apoiada pela esperança de ver em breve Allan, obedeceu e correu a esconder-se, ágil como uma cobra, na espessura do "atado".

Para ganhar tempo Robin soltou um grande brado, ao sair do esconderijo, e de um só pulo foi colocar-se atrás de uma outra árvore.

Uma flecha veio imediatamente cravar-se na casca dessa árvore; o nosso herói, pronto à resposta, saudou o tiro com uma gargalhada cheia de ironia, e trocando flecha por flecha derrubou logo em seguida o infeliz soldado.

— Para a frente, imbecis! Covardes! para a frente! — vociferava Fitz-Alwine, — Do contrário ele vos matará a todos do mesmo modo, uns após outros.

O barão exortava assim a sua gente ao combate, fazendo um anteparo de cada árvore, quando uma saraivada de flechas anunciou a entrada em campo de João-Pequeno, dos sete irmãos Garnwell, de Allan Clare e de frei Tuck.

À vista daquele intrépido bando, a gente de Nottingham jogou as armas ao chão e pediu quartel. Só o barão não capitulou e correu para dentro do matagal, rugindo.

Robin, apercebendo os amigos lançou-se no encalço de Christabel, mas Christabel em vez de parar a pequena distância tinha continuado a correr, por terror invencível, por esquecimento dos conselhos de Robin, ou por fatalidade.

O jovem arqueiro descobria com facilidade os vestígios da passagem da moça, mas em vão a chamava, só o eco respondia à sua voz. Robin acusava-se já de imprevidência, quando bruscamente um gemido de dor lhe feriu os ouvidos. Pulou na direção de onde partira o gemido e avistou um cavaleiro do barão que segurava Christabel pela cintura e fugia com ela no seu cavalo.

Mais uma das suas flechas vingadoras partiu: o cavalo ferido em pleno peito empinou-se, e soldado e Christabel rolaram na poeira do caminho.

O soldado abandonou Christabel, buscando, de espada na mão, em quem vingar a morte da sua montada; mas nem sequer teve tempo de saber quem era o seu adversário, tombando por sua vez imóvel junto ao animal, e Robin arrancou Christabel de perto desse novo cadáver, receoso de que o sangue que lhe escorria de um ferimento na cabeça pudesse macular a jovem.

Quando Christabel abriu os olhos e deparou com a nobre fisionomia do jovem arqueiro debruçada sobre ela, corou e estendeu-lhe a mão com esta única palavra:

— Obrigada!

Mas essa única palavra foi dita com um tal sentimento de gratidão, com uma emoção tão profunda, que Robin, contido por sua vez, beijou com respeito a mão que lhe era tecida.

— Por que se afastou tanto e tão depressa, *milady*, e como se deixou surpreender por esse mercenário? Os outros depuseram as armas e pedem quartel ao senhor Allan.

— Allan!... Esse homem reconheceu-me, apoderou-se de mim gritando: “Cem escudos de ouro! Hurra! Cem escudos de ouro!” Mas o senhor diz que Allan...

— Repito que o senhor Allan está à sua espera.

A jovem tomou as mãos nos pés, já tão fatigados, mas deteve-se estupefata, interdita diante do cortejo que cercava o cavaleiro.

Robin tomou a mão de Christabel e ajudou-a a dar alguns passos na direção do grupo; mas apenas Allan a avistou, sem tomar em consideração a presença dos outros homens, também sem poder articular uma só palavra, correu ao seu encontro, apertou-a contra o peito e cobriu-lhe a fronte dos mais ternos beijos.

Christabel palpitante, inebriada de alegria, atenuada pelo excesso de felicidade, era apenas entre os braços de Allan uma forma humana; toda a força vital lhe afluía aos olhos, aos lábios frementes, às loucas palpitações do coração.

Enfim lágrimas e suspiros, suspiros de felicidade e lágrimas de alegria, correram livremente; ambos retomaram consciência dos seus estados e puderam entender-se por meio de longos olhares em que o fluido do amor substituíu o fluido luminoso.

A emoção dos espectadores daquele encontro, ou antes daquela fusão de duas almas, era enorme. Maude, como se experimentasse certa inveja, aproximou-se de Robin, tomou-lhe as duas mãos e quis sorrir-lhe; mas esse sorriso arrancou-lhe uma a uma grossas lágrimas que lhe escorriam pelas faces aveludadas, lágrimas que rolavam sem se desfazer como rolam as gotas de água sobre as folhas.

— E minha mãe, e Gilberto? — perguntou o moço apertando nas suas as mãos de Maude.

Maude confessou tremendo a Robin que não havia alcançado a sua casa, e que Halbert lá tinha ido sozinho.

— João-Pequeno — perguntou Robin, — viste meu pai esta manhã? Não lhe tinha acontecido mal nenhum?

— Nenhum mal, caro amigo, mas sucederam coisas estranhas que te hei de contar; deixei teu pai sossegado e bem disposto esta manhã, quero dizer, às duas horas da madrugada.

— Por que te hás de inquietar assim, Robin? — Perguntou Will aproximando-se do jovem arqueiro para ficar mais perto de Maude.

— Tenho motivos muito sérios para me preocupar: um sargento do barão Fitz-Alwine disse-me ter incendiado esta manhã a casa de meu pai e jogado minha mãe às chamas.

— E que lhe respondeste tu? — gritou João-Pequeno.

— Eu não lhe respondi: matei-o... Mas terá ele dito a verdade? Mentiu? Preciso ir certificar-me, quero ver meu pai e minha mãe — acrescentou Robin com a voz cheia de lágrimas; — irmã Maude, vamos embora...

— Miss Maude é tua irmã? — exclamou Will. — Na verdade não te sabia tão feliz há oito dias.

— Há oito dias eu ainda não tinha irmã, caro Will., hoje tenho a felicidade de ser irmão — voltou Robin diligenciando sorrir.

— Quanto a mim, apenas desejaria uma coisa a minhas irmãs — acrescentou alegremente Will, — é que elas em tudo se parecessem com esta senhorita.

Robin cravou em Maude um olhar curioso. A moça estava chorando.

— Onde está teu irmão Halbert? — perguntou Robin.

— Já lho disse, Robin, Hal está a caminho da morada de Gilberto.

— Pela salvação da minha alma, creio que o estou vendo! — interveio vivamente o frade Tuck; — Olhem...

Com efeito Hal chegava a toda a brida, montando o mais belo cavalo das cocheiras do barão.

— Vejam, meus amigos — gritou orgulhosamente o rapaz, — vejam, embora separado de vós bati-me muito bem; ganhei o melhor animal de todo o condado. Ah! Estão todos convencidos de que entrei num combate! Pois não! Apenas encontrei o cavalo sem cavaleiro, pastando a erva da floresta.

Robin sorriu reconhecendo a montada do barão, o animal que lhe servira de alvo.

Reuniram-se em conselho.

Nessa época em que os grandes possesores de feudos agiam como soberanos sobre os seus vassallos, guerreavam com os vizinhos e se entregavam à pilhagem, ao assalto, ao assassinio, sob o pretexto de exercerem os direitos de alta e baixa justiça, freqüentemente se desencadeavam lutas terríveis de castelo para castelo, entre uma povoação e outra, e uma vez acabada a batalha vencedores e vencidos retiravam-se cada para o seu lado, prontos a recomeçar tudo na primeira ocasião favorável.

O barão de Nottingham, derrotado nessa noite de férteis acontecimentos, podia portanto tentar nesse

mesmo dia uma desforra. Seus homens, que haviam recebido quartel, encaminhavam-se já para o castelo, ele possuía ainda bom número de lanças que não tinham saído a campo, e a gente do solar de Garnwell, únicos partidários de Allan Clare e de Robin, não constituíam força para lutar muito tempo contra um tão poderoso senhor; era pois preciso, a fim de conservar a vantagem, suprir a falta de braços pela prudência, pela astúcia, e tanto pela atividade como pela coragem.

Eis porque os nossos amigos se reuniram em conselho, no entanto o barão, acompanhado de dois ou três servidores, regressava lastimosamente ao seu castelo. A presença de Christabel impedia que alguém se preocupasse com a sua retirada.

Ficou resolvido que o cavaleiro Allan e Christabel se refugassem imediatamente no solar pelo caminho mais curto. Will Escarlata, os seis irmãos e o primo João-Pequeno os acompanhariam.

Robin, Maude, Tuck e Halbert iriam à morada de Gilberto Head. Durante a noite trocariam mensagens, e conservariam sempre prontos para o caso de terem de reunir-se em determinado ponto.

William não aprovava essas disposições, empregando toda a sua eloquência para convencer Maude da necessidade em que se achava de acompanhar a sua ama ao solar.

Maude, tomando seriamente a peito o seu novo título de irmã de Robin, não queria ouvir falar nisso; mas Will tanto insistiu que Christabel terminou por associar-se aos seus desejos sem lhes compreender o fim, e constrangeu Maude a segui-la.

— Robin Hood — disse Allan tomando nas suas as mãos do jovem arqueiro, — Robin Hood, foi arriscando duas vezes a tua vida que salvastes a minha e a de *lady* Christabel, portanto para mim mais do que um amigo, és um irmão. Ora, entre irmãos tudo é comum: são teus, pois, meu coração, meu sangue, minha fortuna, é teu tudo quanto eu possuo; quando eu deixar de te ser grato, é porque deixei de viver. Adeus!

— Adeus, cavaleiro!

Os dois homens abraçaram-se e Robin levou respeitosamente aos lábios os brancos dedos da formosa noiva de Allan.

— Adeus, vós todos! — gritou Robin enviando uma última doação aos Garnwell.

— Adeus! — responderam eles, agitando no ar os seus gorros.

— Adeus! — murmurou uma doce voz, — Adeus!

— Até à vista, querida Maude — tornou Robin; — até à vista! Não te esqueças de teu irmão!

Allan e Christabel, montados no cavalo do barão, foram os primeiros a partir.

— Que a Santa Virgem os proteja — disse Maude tristemente.

— O fato é que o cavalo agüenta bem — notou Halbert

— Criança! — sussurrou Maude; e um profundo suspiro lhe escapou dos lábios.

O nobre animal que transportava *Lady* Christabel e Allan Clare para o solar de Garnwell caminhava rapidamente, mas com uma brandura, uma infinita cautela de movimentos, como se adivinhasse a natureza do seu precioso fardo; a rédea fluuava-lhe sobre o pescoço graciosamente arqueado, mas ele não tirava os olhos do chão no receio de interromper, com um passo em falso, o diálogo dos dois apaixonados. De vez em quando Allan voltava a cabeça, e as suas palavras encontravam-se com as palavras de Christabel, que, para se manter na sela, segurava entre os braços a cintura do cavaleiro.

Que podiam eles dizer-se após uma tão terrível noite? Tudo o que o delírio da felicidade inspira, às vezes muito, outras vezes nada; uns têm a felicidade eloqüente, outros a têm silenciosa.

Christabel dirigia-se censuras por causa da conduta que tivera com o pai; via-se condenada, repelida pelo mundo por haver fugido com um homem, e perguntava-se se mais tarde o próprio Allan não viria a desprezá-la. Mas essas censuras, esses escrúpulos, esses temores, não os exprimia senão para ter o prazer de os ouvir reduzir a nada pela persuasiva eloquência do cavaleiro.

— Que seria de nós se meu pai tivesse o poder de nos separar, querido Allan?

— Não o há de ter por muito mais tempo, adorada Christabel; dentro em breve serás minha esposa, não somente diante de Deus como hoje, mas também diante dos homens. Eu também terei soldados — acrescentou orgulhosamente o jovem cavaleiro, e os meus soldados valerão os de Nottingham. Basta de preocupações, querida Christabel, abandonemo-nos ao gozo da nossa felicidade e à proteção divina.

— Deus faça com que meu pai nos perdoe!

— Se temes a proximidade de Nottingham, minha bem-amada, iremos viver para as ilhas do sul, onde há sempre um lindo céu, quentes raios de sol, flores e frutos. Dize apenas uma palavra, e eu encontrarei para ti um paraíso terrestre.

— Tens razão, querido Allan, nós seríamos mais felizes lá longe do que nesta fria Inglaterra.

— Deixarias então sem pesar a Inglaterra?

— Sem pesar?... Para viver contigo eu deixaria até o céu — acrescentou sentidamente Christabel.

— Pois bem! Logo que casarmos partiremos para o continente; Mariana irá conosco.

— Escuta! — bradou ela de repente, — Escuta... Allan, estamos sendo perseguidos.

O cavaleiro deteve o cavalo. Christabel não se havia enganado, o som de um tropel chegava até eles, e de

minuto em minuto, de segundo em segundo, esse rumor, a princípio distante, crescia de intensidade e aproximava-se.

— Fatalidade! porque viemos adiante dos nossos amigos de Garnwell? — murmurou Allan esporeando o cavalo para dar meia volta e mergulhar entre os arvoredos baixos, pois nessa altura encontravam-se à beira de um caminho.

Nesse momento um mocho, acordado pelo barulho, saiu de um tronco de árvore próxima, soltou um pio lúgubre e passou voando de raspão pelas narinas do cavalo que ia obedecer à espora. O cavalo assustado empinou-se, e em vez de fugir na direção escolhida por Allan, lançou-se a toda a brida ao longo do caminho.

— Ânimo, Christabel! — gritou o jovem lutando inutilmente contra a loucura do animal, — Ânimo! Segura-te bem! Um beijo, Christabel, e que Deus nos proteja!

Um bando de cavaleiros com as cores do barão apresentou-se em linha tomando toda a largura da estrada. A fuga era impossível voltando as costas aos cavaleiros, e só miraculosamente se poderia escapar forçando essa linha.

Allan viu o perigo e não teve outra idéia senão a de o enfrentar. Cravando então as rosetas das suas esporas nos flancos do cavalo, acometeu de cabeça baixa pelo meio dos homens de armas e passou... passou como o raio que atravessa a nuvem...

— Meia volta! Meia volta! — comandou o chefe do grupo exasperado com aquele gesto de audácia. — Visai o animal — rugiu ele, — e desgraçado de quem ferir *milady*!

Uma chuva de flechas caiu em redor de Allan; mas o nobre cavalo não diminuía a corrida, nem Allan perdia a coragem.

— Diabos do inferno! Vão escapar-nos! — uivava o chefe

— Aos jarretes, atirai aos jarretes!

Momentos depois os cavaleiros cercavam os dois amantes atirados sobre a relva pela queda mortal do pobre animal!

— Rendei-vos, cavaleiro! — disse o chefe com uma ironia cortês.

— Nunca! — respondeu Allan, que já de pé desembainhara a espada, — Nunca! Haveis matado *lady Fitz-Alwine* — acrescentou ele apontando Christabel desmaiada a seus pés. — Agora morrerei vingando-a. A luta desigual não foi de grande duração; Allan caiu varado de ferimentos, e os soldados retomaram o caminho de Nottingham, levando Christabel como uma criança adormecida.

William teve um rebate de consciência e foi juntar-se a Robin; acreditava poder ser-lhe útil, e prometeu a si mesmo regressar imediatamente ao solar para se entregar à admiração dos belos olhos de *miss Herbert Lindsay*.

Mas João-Pequeno, muito formalista, chamou-o.

— Convém — disse ele, — que sejas tu o introdutor no solar destes novos amigos. Eu acompanharei Robin.

William concordou; jamais lhe passaria pela cabeça recusar os deveres que lhe impunha a amizade.

Foi justamente durante esse curto diálogo que Allan e Christabel se distanciaram dos Garnwell, e o próprio Robin, pensando encurtar o seu caminho, marchou ainda algum tempo em companhia deles até encontrar um certo atalho muito seu conhecido.

Hal e Maude haviam também tomado a dianteira, mas frei Tuck demorara-se um pouco para esperar o grosso do bando.

Trocando idéias os jovens chegaram à pequena encruzilhada onde Robin devia separar-se deles, e não longe da qual frei Tuck esperava preguiçosamente deitado na relva; pensava na cruel Maude, o pobre frade!

Os últimos votos de boa caminhada repetiam-se pela milésima vez quando os olhos de alguns dos Garnwell descobriram a pequena distância o corpo ensanguentado de um homem estendido no chão.

— Uma vítima de Robin! — acrescentaram outros.

— Céus! uma espantosa desgraça aconteceu! — exclamou Robin que reconheceu imediatamente Allan Clare. — Ah! Meus amigos, vede... a erva pisada pelas patas dos cavalos. Houve luta aqui... Meu Deus! Meu Deus! Ele está talvez morto... Christabel, onde estará ela?

Todos os amigos formaram círculo em redor do corpo que parecia sem vida.

— Não está morto, sosseguem! — bradou Tuck.

— Bendito seja Deus! — repetiu o grupo.

— O sangue escorre desta grande ferida no alto da cabeça, o coração bate... Allan, senhor cavaleiro, está cercado de amigos, abra os olhos!

— Revistem os arredores — determinou Robin, — procurem *lady Christabel*.

Esse doce nome pronunciado por Robin reanimou em Allan a vida prestes a extinguir-se.

— Christabel! — murmurou ele.

— Está em segurança, senhor — respondeu o frade que se ocupava de colher algumas plantas úteis

naquelas circunstâncias.

— Responde por ele, frei Tuck? — perguntou Robin ao frade.

— Respondo; uma vez pensada a ferida levá-lo-emos para o solar numa padiola feita de ramos de árvore.

— Então, adeus, senhor Allan — disse Robin debruçado tristemente sobre o ferido; — em breve nos veremos.

Allan apenas pôde responder com um fraco sorriso.

Enquanto os robustos braços dos Garnwell transportavam lentamente para o solar o pobre Allan Clare, Robin, devorado pela inquietação, avançava com rapidez para a morada de seu pai adotivo. O infortúnio de Allan e seus receios pessoais comprimiam-lhe o coração; maldizia a distância, o espaço; desejaria voar mais rapidamente do que voam as andorinhas, desejaria varar a espessura da floresta, abraçar Margarida e Gilberto para ter a certeza de que eles ainda viviam.

— Tens pernas de gamo — disse-lhe João-Pequeno.

— Sempre as temos assim quando queremos — respondeu Robin.

Chegando ao vale dos álamos que levava à casa de Gilberto, os dois jovens constataram aterrados a espantosa veracidade das palavras de Lambic. Uma espessa nuvem de fumo turbilhonava ainda por cima das árvores, e os acres odores do incêndio impregnavam a atmosfera.

Robin lançou um grito de desespero, e seguido de João Pequeno, não menos penalizado, lançou-se a correr através da alameda.

A alguns passos dos negros escombros, lá onde na véspera sorria ainda pelas suas janelas iluminadas a alegre moradia estava ajoelhado o pobre Robin, e suas mãos apertavam convulsivamente as frias mãos de Margarida estendida à sua frente.

— Pai! Pai! — gritou Robin.

Uma surda exclamação partiu dos lábios de Gilberto; em seguida ele deu alguns passos ao encontro de Robin e caiu soluçando nos braços estendidos do jovem.

Contudo a energia natural do velho guarda florestal fez parar um momento os queixumes, as lágrimas e os soluços.

— Robin — começou ele num tom firme, — tu és o legítimo herdeiro do conde de Huntington; não te admires: é verdade... serás portanto um dia poderoso, e enquanto houver um sopro de vida em meu cansado corpo, ele te pertencerá... terás assim, por ti, a fortuna de um lado e o meu devotamento do outro. Agora bem! Olha-a morta, assassinada por um miserável, aquela que te amava ternamente, sinceramente, como teria amado o filho das suas entranhas.

— Sim, sim, ela amava-me! — murmurou Robin ajoelhado junto ao corpo de Margarida.

— Aqui está o que eles fizeram de tua mãe: um cadáver; aqui está o que eles fizeram da tua casa: uma ruína! Conde de Huntington, não vingará tua mãe?

— Descanse que eu a vingarei!

E erguendo-se altivamente o moço acrescentou:

— O conde de Huntington esmagará o barão de Nottingham, e a morada senhorial do nobre lorde será, como o humilde tugúrio do guarda florestal, devorada pelas chamas!

— Também por minha vez juro não dar repouso nem tréguas a Fitz-Alwine — disse João-Pequeno, — nem aos seus homens e vassalos.

No dia seguinte, o corpo de Margarida transportado para o solar por Lincoln e João-Pequeno, foi piedosamente dado à sepultura no cemitério da aldeia de Garnwell.

Os memoráveis acontecimentos dessa noite extraordinária haviam unido como uma só família, para se vingar do barão Fitz-Alwine, os diversos personagens da nossa história.

XVI

ALGUNS dias após o sepultamento da pobre Margarida, Allan Clare referiu a seus amigos porque concurso de circunstâncias inesperadas *lady* Christabel fora uma vez mais arrebatada ao seu amor. Halbert, enviado ao castelo pelo pobre apaixonado, tão fatalmente iludido em suas esperanças, veio anunciar que Fitz-Alwine partira para Londres com a filha, e que de Londres o barão devia dirigir-se à Normandia, onde alguns negócios importantes reclamavam a sua presença.

A fulminante notícia dessa partida tão súbita e imprevista causou ao moço fidalgo uma dor profunda, e essa dor tornou-se tão violenta que Mariana, Robin e os filhos de *sir* Guy esgotaram para o acalmar todas as consolações que inspiram a afeição e o devotamento. Um conselho do jovem Hood, conselho fortemente apoiado pela aprovação de todos os membros da família Garnwell, trouxe um raio de esperança ao coração de Allan.

Dizia Robin:

— Allan deve seguir Fitz-Alwine a Londres, de Londres à Normandia, e não parar senão onde por sua vez parar o furioso barão.

Esta idéia não tardou a mudar-se em projeto, e de projeto em execução. Allan preparou-se para a partida, e a instâncias do moço, a doce e resignada Mariana consentiu em esperar a sua volta na encantadora solidão do solar de Garnwell.

Deixaremos o senhor Allan seguir de Londres à Normandia os passos de *lady* Christabel e passaremos a ocupar-nos de Robin Hood, ou, para dizer mais exatamente, do jovem conde de Huntingdon.

Antes de iniciar as diligências legais de uma demanda tão difícil como a que tinha de propor no interesse de seu filho adotivo, Gilberto achou que devia submeter a questão a *Sir* Guy de Garnwell e dar-lhe a conhecer nos menores detalhes a estranha história contada por Ritson moribundo. Quando o velho terminou o relato da odiosa usurpação dos direitos de Robin, *sir* Guy confiou por sua vez a Gilberto que a mãe de Robin era filha de seu irmão Guy de Coventry. Por consequência dava-se o caso de que Robin era sobrinho do baronete, e não seu neto, como o tinham dado a entender a Gilberto as palavras de Ritson. Infelizmente, *sir* Guy de Coventry não existia, e seu filho, único rebento desse ramo mais novo da família dos Garnwell, estava nas cruzadas. “Mas — acrescentou o excelente fidalgo, — a ausência desses dois parentes não deve constituir um entrave às providências que você pretende tomar, valente Gilberto; meu coração, meu braço, minha fortuna e meus filhos pertencem a Robin. Desejo vivamente ser-lhe útil e quero vê-lo tomar posse aos olhos de todos de uma fortuna que lhe pertence aos olhos de Deus”.

A justa reclamação de Robin foi submetida aos tribunais e o processo instaurado. O abade de Ramsay,

adversário do moço, membro riquíssimo da todo-poderosa Igreja, repeliu energicamente a demanda e declarou fraco, mentiroso e perverso o relato de Gilberto. O xerife ao qual o senhor de Beasant confiara o dinheiro necessário à defesa do sobrinho foi chamado à presença dos juízes, mas, homem vendido de corpo e alma ao audacioso detentor dos bens do conde de Huntingdon, negou o depósito e recusou reconhecer Gilberto.

A única testemunha do pretendente, seu único protetor e protetor tratado de louco e visionário, era portanto seu pai adotivo, apoio demasiado débil, há de convir para lutar com vantagem contra um adversário tão bem colocado na sociedade com era o abade Ramsay. É verdade que *sir* Guy de Garnwell assegurou por meio de juramento que a filha de seu irmão desaparecera de Huntingdon na época indicada por Ritson; mas a isso se limitava, sobre o conhecimento dos fatos, o depoimento do velho. Ainda que Robin conseguisse interessar os juízes, ainda que conseguisse tirar-lhes toda a dúvida moral a respeito da legitimidade dos seus direitos, em compensação era-lhe muito difícil, para não dizer impossível, vencer os obstáculos materiais que se opunham ao triunfo da sua causa.

A distância que separa Huntingdon de Garnwell, a carência de poderio militar impediam Robin de conquistar os seus direitos pela força das armas, ação permitida nessa época ou pelo menos tolerada; foi portanto constringido a suportar com paciência as insolentes bravatas do inimigo, e obrigado a procurar um meio pacífico e legal, desde que nenhum julgamento fora ainda proferido, para entrar sem luta no gozo de seus bens. Esse meio foi encontrado por *sir* Guy, e após o conselho do velho, Robin recorreu diretamente à justiça de Henrique II. Enviada a mensagem, esperou, antes de tomar qualquer nova determinação, a resposta favorável ou desfavorável de Sua Real Majestade. Decorreram seis anos, seis anos que foram absorvidos pelas agonias de um processo abandonado e retomado segundo o capricho dos juízes ou dos advogados. Devorados pelas preocupações da expectativa, esses seis anos não tiveram para os habitantes do solar de Garnwell mais que a duração de um dia. Robin e Gilberto continuaram na hospitaleira casa de *sir* Guy; mas a despeito da afeição e dos ternos cuidados do filho, Gilberto, o alegre Gilberto não era mais que a sombra de si mesmo. Margarida levava consigo a alma e a alegria do velho. Mariana contava-se igualmente entre os hóspedes de Garnwell. © A gentil criatura de fronte coroada pelas rosas desabrochadas das suas vinte primaveras, estava ainda mais encantadora do que no dia em que o apaixonado Robin tanto e tão ingenuamente se extasiara diante dos encantos do seu lindo rosto. Amada dos homens com respeito, querida das mulheres com um sentimento de abnegada ternura, apenas faltava para a felicidade de Mariana a presença do irmão. Allan morava em França, e nas raras cartas que enviava não falava nunca de felicidade presente nem de regresso próximo. Melhor do que ninguém no solar, e sobretudo mais do que ninguém, Robin admirava, apreciava e encarecia as perfeições físicas e morais de Mariana; mas essa admiração, vizinha da idolatria, não se exprimia por olhares, por palavras ou gestos. O isolamento em que vivia a jovem tornava-a aos olhos de Robin tão digna de respeito como uma presença de mãe; além disso, a incerteza do seu futuro interditava à delicadeza do moço a confissão de um amor que a sua posição presente lhe não permitia sancionar pelos sérios liames do casamento. Poderia a nobre irmã de Allan Clare descer até Robin Hood?

Por outro lado teria sido impossível, mesmo ao observador mais atento, dar-se conta dos pensamentos íntimos da jovem; ter-lhe-ia sido impossível descobrir nas ações de Magana, nas suas palavras ou nos seus olhares, não somente a parte que ela dava de seu coração a Robin, mas até mesmo se ela compreendia o ardente amor de que a cercava o devotado e silencioso jovem.

A doce voz de Mariana tinha indistintamente para todos as mesmas musicais modulações. A ausência de Robin não punha calor na sua face nem devaneio em seus olhares; seu regresso imprevisto em nada lhe alterava a cor do rosto, e não mantinha com ele conversas particulares ou encontros fortuitos. Melancólica sem tristeza, Mariana parecia viver com a recordação do irmão, com a esperança de vir a saber que amado de Christabel, Allan podia abertamente deixar ler no semblante o orgulho e a alegria que lhe acarretava esse amor.

Os habitantes do solar de Garnwell formavam em redor de Mariana mais uma corte do que uma sociedade; porque, sem ser para ninguém fria, orgulhosa ou altiva, a jovem colocara--se involuntariamente acima dos que a cercavam. A irmã de Allan Clare parecia ser a rainha do solar. Rainha já pela beleza, dir-se-ia ainda que um título mais sério lhe dava a esse os direitos, e esse título era uma superioridade incontestável, reconhecida e respeitada. As maneiras aristocráticas da jovem, a sua conversação inteligente e séria, erguiam-na muito visivelmente acima dos seus hospedeiros para que na sua leal e rústica franqueza eles não fossem os primeiros a reconhecer-lhe o mérito.

Maude Lindsay, cujo pai morrera quase cinco anos antes, ficara impossibilitada de regressar ao castelo ou de acompanhar a sua ama a França. Morava pois no solar de Garnwell e procurava tornar-se útil na medida das suas forças.

O irmão colação de Maude, o gentil Halbert, continuava desempenhando no castelo as funções de guarda. Mais de uma vez, apressemo-nos a dizê-lo, o desejo de mandar às urtigas a libré do barão assaltara o espírito do rapaz; mas uma razão mais poderosa que o seu desejo, uma razão fortemente apoiada pelo

coração, retinha Hal acorrentado ao velho barão; essa razão chamava-se Graça May, e a eloquência dos belos olhos que brilhavam a pequena distância de Nottingham reduzia sempre a nada os viris projetos da almejada emancipação. O enamorado Hal suportava pois a servidão com um misto de alegria e de tristeza, e para se consolar fazia de vez em quando uma longa visita a Garnwell. Os alegres filhos de *sir* Guy haviam notado que as primeiras palavras do rapaz entrava no solar eram invariavelmente estas:

— Querida irmã Maude, trago-te um beijo da minha formosa Graça.

Maude aceitava o beijo. O dia passava-se em diversões, risos, festins e conversas; depois, no momento de despedida, Hal tornava a dizer no mesmo tom que empregara à chegada:

— Querida Maude, dá-me para Graça May um beijo dos teus lábios.

Maude concedia o beijo de despedida como já recebera o da chegada, e Hal partia alegremente.

Amava tanto a sua noiva, o alegre e bom rapaz! O nosso amigo Giles Sherborne, o jovial frei Tuck, térmita por compreender a indiferença do coração expressa pelos olhos friamente polidos da linda Maude. Os primeiros dias que se seguiram a essa desoladora descoberta foram empregados por Tuck em gemer sobre a inconstância das mulheres em geral e de Maude em particular. Quando os queixumes, lamentações e os arrependimentos acalmaram a efervescência da sua dor, Tuck jurou renunciar ao amor; jurou nunca mais amar outra coisa que não fosse a bebida, os prazeres da mesa e uma paulada bem aplicada, acrescentando *in petto* que preferiria eternamente dar estas últimas em vez de as receber. O juramento de Tuck foi apoiado pelo reforço de um bom almoço, pela absorção de uma prodigiosa quantidade de cerveja, à qual se juntaram ainda uma larga meia dúzia de copos de vinho velho. Terminado gloriosamente esse vasto banquete, Tuck abandonou a hospitaleira sala sem se dignar erguer os olhos para Maude, pensativamente debruçada a uma janela, esquecido de apertar a mão aos seus generosos hospedeiros, e envolto na sua resolução como numa ampla capa, afastou-se com majestade do solar de Garnwell.

Maude amara, Maude amava ainda Robin Hood. Mas quando a pobre moça veio a conhecer Mariana, quando o feipo e um contato diário lhe revelaram as raras qualidades da irmã de Allan Clare, compreendeu a fidelidade de Robin e perdoou-lhe os descasos da sua indiferença; e não somente lhe perdoou, a boa e devotada moça, não somente compreendeu a sua inferioridade, mas ainda aceitou, resignando-se a desempenhá-lo sem qualquer idéia preconcebida, sem qualquer esperança futura, talvez até sem pesar, o seu papel de irmã. Com a sutil perspicácia da mulher realmente apaixonada, Maude adivinhou o segredo de Mariana. Esse segredo, oculto aos próprios olhos daquele a quem interessava, não ficou sendo por muito tempo um mistério para Maude, que leu nos olhos calmos e aparentemente tão indiferentes de Mariana este pensamento que faria, em duas palavras, a felicidade do pobre rapaz: “Amo Robin!”

Maude empreendeu afogar o seu sonho sob o peso esmagador desta realidade; tentou expulsar do coração a imagem ferida e tão ternamente acalentada que simbolizava a felicidade e se chamava Robin Hood; tentou mostrar-se aos olhos de todos descuidada e alegre: quis esquecer, e não conseguiu senão chorar e recordar-se. Essa luta interior, luta sem tréguas, que punha constantemente em presença um do outro o coração e a razão, terminou por deixar vestígios da fadiga nos belos traços da encantadora Maude. A mimosa e risonha filha do velho Lindsay não tinha dentro em pouco mais de si mesma que um retrato meio apagado e onde se procuraria com emocionada surpresa o seu belo e sorridente rosto. Reagindo exteriormente, aquele sofrimento moral lançara sobre as faces de Maude uma tocante palidez, e essa aparência doentia foi atribuída à tristeza que lhe acarretara a morte do pai.

No número das pessoas que diligenciavam distrair Maude da sua dor, no número dos que constantemente lhe testemunhavam benevolência e bondade, podia-se notar um gentil rapaz, de temperamento vivo e alegre, maneiras amáveis e atenciosas, que se preocupava mais sozinho em debelar as tristezas de Maude do que certamente o faria um dono de casa obrigado a distrair sessenta convidados. Durante o dia inteiro viam correr da casa para os jardins, dos jardins para os campos e destes para a floresta, o fiel amigo de Maude. Esse perpétuo vaivém, essas infatigáveis idas e vindas não tinham outro propósito que a busca de alguma coisa preciosa ou nova para dar a Maude, outro fim que a descoberta de um contentamento a oferecer-lhe, de uma surpresa a proporcionar-lhe. Esse gentil amigo, tão jovialmente atencioso, outro não era que o nosso antigo conhecido, o excelente Will Escarlata.

Uma vez por semana, e isso com uma regularidade e uma constância dignas de melhor sorte, William fazia a Maude a sua declaração de amor. Com uma regularidade e uma constância em nada inferiores às do rapaz, Maude recusava essa declaração.

Pouquíssimamente intimidado e sobretudo nada desanimado com as pacientes recusas da jovem, Will resignava-se a amá-la em silêncio desde segunda-feira até domingo; mas nesse dia o seu amor, mudo durante a inteira duração de uma semana, não podendo mais conter-se chegava ao paroxismo. As calmas recusas de Maude lançavam uma pouca de água fria sobre aquele incêndio devorador, e William calava-se até ao domingo seguinte, dia de descanso que lhe permitia entregar-se sem constrangimento às expansões do seu coração.

O jovem Garnwell não compreendia a estranha delicadeza de sentimentos que interdizia a Robin a confissão do seu amor por Mariana. William considerava uma tolice essa delicadeza, e longe de lhe imitar a reserva, espreitava todas as ocasiões favoráveis para uma confissão já cem vezes feita, para a confidência de alguma palavra que tivesse a missão de assegurar a Maude que ela era amada, bem ternamente amada por William de Garnwell.

Maude era para esse apaixonado da vida, a única mulher que lhe seria possível amar. Maude era o alento de William, sua alegria, a sua felicidade, o seu prazer, o seu sonho, a sua esperança. Will dera o nome de Maude ao seu cachorro de caça favorito; as suas armas preferidas tinham igualmente esse nome; seu arco chamava-se Maude; sua lança, a branca maude; suas flechas, as finas Maude. Insaciável em seu amor pelo nome da sua bem-amada, William ambicionava a posse do cavalo do enamorado de Graça May, e isso unicamente porque esse cavalo tinha o nome do seu ídolo. Hal recusou abertamente as ofertas fabulosas que William lhe fez para conseguir esse cavalo, e o nosso amigo correu imediatamente a Mansfeld, comprou uma égua magnífica e deu-lhe o nome da incomparável Maude. O lindo nome de *miss Lindsay* logo se tornou conhecido nas vizinhanças de Garnwell, andando como andava sem cessar nos lábios de Will; ele pronunciava-o vinte vezes por hora e sempre com uma expressão de crescente simpatia. Não satisfeito com dar aos objetos que o cercavam dos quais diariamente se servia, o nome da sua amada, William batizava ainda com ele todas as coisas que de qualquer modo agradavam à moça.

Maude era de tal maneira idealizada no coração do entusiástico rapaz que já não parecia surgir-lhe sob a forma de uma mulher, antes spb o aspecto de um anjo, de uma fada, de um ser superior a todos os seres, menos perto da terra do que do céu; numa palavra, *miss Lindsay* era toda a religião de Will.

Se somos obrigados a reconhecer que o impetuoso filho do baronete de Garnwell amava a linda Maude de um modo tão rude quanto sincero, somos igualmente obrigados a dizer que esse amor, tão curioso na sua expressão, não deixava de exercer certa influência no coração de *miss Lindsay*.

As mulheres raramente detestam os homens que as amam, quando encontram um coração realmente devotado, quase sempre devolvem uma parte do amor que inspiram. Cada dia dava lugar a uma cortesia, uma gentileza, uma amabilidade da parte de Will, gestos que todos tinham por efeito e recompensa a alegria de Maude. Sucedeu enfim que essa ruidosa ternura, misto de paixão, de respeito e de platonismo, fez brotar no coração da moça uma viva gratidão. Se as provas do amor de William não eram cercadas da delicadeza de forma que os espíritos sensíveis julgam essencialmente necessária a sua manifestação, isso se devia apenas a que a brusquidão natural do seu temperamento e das suas maneiras não podia conceber nem admitir essa delicadeza.

Maude conhecia o gênio fogoso e arrebatado de Will. Aliás, qual é a mulher que não compreende imediatamente a força e a grandeza de uma bondade que tem a sua nascente no coração?

Por gratidão, talvez também por um sentimento de generosidade, Maude tentou merecer por sua vez a gratidão de Will, mas para conseguir essa gratidão não empregou de nenhum modo uma faceirice orlada de esperança. Não, essa conduta enganosa era indigna de tal jovem; ela teve para William cuidados de mãe, atenções de amiga, cortesias de irmã. Infelizmente as amabilidades de Maude foram mal interpretadas por Will, que à mais insignificante palavra afetuosa, perante o mais ligeiro olhar de cordial amizade, caía em êxtases de adoração, em transportes de amor insensato.

Depois de lhe ter jurado um amor eterno, depois de lhe ter oferecido o seu nome, o seu coração e a sua fortuna, William terminava invariavelmente as suas apaixonadas declarações por esta simples e ingênua pergunta:

— Maude, tardarás ainda muito a amar-me? Poderei esperar ser amado algum dia?

Não querendo dar esperanças ao rapaz nem desejando tirar-lhe as ilusões de uma correspondência futura, Maude iludia a pergunta.

A conduta de *miss Lindsay* não era guiada, como já dissemos, por um sentimento de tola vaidade, e menos ainda pelo desejo, sempre lisonjeiro para a vaidade de uma mulher, de conservar um adorador. Maude, que se sabia apaixonadamente amada, que conhecia o irrefletido arrebatamento do caráter de William, temia com toda a razão as perigosas conseqüências de uma recusa séria e irrevogável. Nos primeiros momentos de dor, Will poderia sofrer cruelmente com essa decepção amorosa. De resto, é preciso confessar com toda a franqueza que os receios de receber uma recusa inapelável jamais tinham perturbado o coração ou a idéia do moço. O pobre rapaz acreditava firmemente que se Maude recusava hoje o seu amor, terminaria por aceitá-lo amanhã. Já havia perguntado trezentas vezes à jovem se ela tardaria muito a amá-lo, e já lhe tinha dito seiscentas vezes que a adorava, e trezentas vezes Will fora brandamente repellido. Mas isso tinha importância, o rapaz pretendia renovar mais outras trezentas vezes as suas ofertas.

O coração de Maude, contudo, não era de natureza a repelir um assédio tão prolongado, pois era um coração bom, franco e fiel. William sabia isso e esperava que uma bela manhã, por ocasião da sua milésima declaração de amor, Maude lhe estendesse a pequenina mão branca, a fronte pura e lhe dissesse enfim: “William, eu te amo!”

Esquecemo-nos de acompanhar o olhar de Maude quando jovem o erguia, com afetuosa gratidão, para o seu apaixonado servidor. Nosso amigo tinha, tanto no físico como no moral, imperfeições que ordinariamente não são o apanágio dos heróis dos nossos romances modernos, nem por isso essas imperfeições tinham o direito ou o poder de afastar o amor. Will era alto, bem proporcionado; seu rosto oval de traços finos não era prejudicado pela coloração vermelha de uma frescura juvenil posta em relevo pelo emoldurado de uma cabeleira de um encarnado um tanto vivo. Essa curiosa tonalidade, que já lhe valera a alcunha de Escarlata, podia contudo ser considerada um defeito, somos obrigados a reconhecê-lo. Mas devemos acrescentar que os cabelos de William eram naturalmente encaracolados e lhe caíam sobre os ombros com uma graça digna de admiração. A mãe de Will concebera a esperança, ao acariciar a cabeça do filho, de que o tempo daria à cor singular dos seus cabelos uma tonalidade mais escura; mas, longe de realizar a esperança da boa senhora, o tempo dera-se ao prazer de os recobrir de uma camada carmim ainda mais vivo, e William tornou-se uma segunda edição de Guilherme o Ruivo. Encantadoras belezas físicas e preciosas qualidades morais compensavam amplamente esse estranho capricho da natureza; porque Will tinha olhos azuis talhados em amêndoa, de expressão umas vezes cheia de ternura, outras vezes cintilando ímalícia. Ao meigo olhar desses belos olhos vinha juntar-se um ar de bom humor tão franco, tão afetuoso e tão amável que melhorava consideravelmente o conjunto um tanto bizarro do nosso querido amigo. Estimada pela família Garnwell, adorada por Willie, desejosa de agradar a todos, Maude chegou enfim a prender-se ao rapaz; mas havia tantas vezes repellido a oferta do seu amor que, sentindo-se agora desejosa de lhe corresponder, já não sabia como se comportar. Eis portanto a situação em que se encontravam os nossos personagens no ano de 1182, seis anos após o assassinio da doce Margarida.

Durante uma bela noite dos começos de junho, uma expedição noturna foi preparada por Gilberto Head. Essa expedição, que tinha por fim apanhar um bando de homens pertencentes ao barão Fitz-Alwine, devia, sendo bem sucedida, facilitar os desígnios do velho, porque o esposo de Margarida não havia de modo algum renunciado aos seus projetos de vingança. As informações que haviam prevenido Gilberto da passagem desses homens pela floresta de Sherwood davam a entender que eles iam acompanhando o seu senhor ao castelo de Nottingham, e a intenção de Gilberto era vestir o seu bando com a libré dos soldados do barão e introduzir-se no castelo sob esse disfarce. Somente lá dentro teriam lugar as represálias, represálias impiedosas, que cobriam assassinio por assassinio e incêndio por incêndio. Mais tagarela do que prudente, Hal satisfizera todas as perguntas de Gilberto. O ingênuo rapaz não percebera que as suas respostas indiscretas faziam correr nuvens de tormenta nos olhos do sombrio e atento velho.

Robin e João-Pequeno haviam jurado a Gilberto ajudá-lo a castigar o barão, e fiéis a esse juramento tinham-se colocado ambos à sua disposição. A pedido de Gilberto, João-Pequeno armou um grupo de homens ousados e corajosos, incluiu nas suas fileiras os filhos de *sir* Guy, e essa pequena tropa, formada de combatentes resolvidos a vencer, pôs-se às ordens do velho guarda florestal.

Gilberto queria matar pelas próprias mãos o barão Fitz-Alwine, porque na extrema exasperação da sua dor encarava essa morte como um tributo a pagar aos amados restos da sua inditosa companheira. Robin não tinha a tal respeito as mesmas idéias de seu pai adotivo, e sem se considerar faltoso ao juramento que fizera diante do cadáver de Margarida, tinha a intenção de defender o barão da fúria do velho.

Um pensamento de amor devia interpor-se como um escudo entre a arma de Gilberto e o peito do barão Fitz-Alwine.

“Meu Deus! — dizia-se mentalmente Robin, — concedei-me a graça de preservar esse homem dos golpes de meu pai; a doce criatura que habita junto de vós não reclama vingança. Concedei-me a graça de tocar o coração de Fitz-Alwine, de ficar sabendo por ele a sorte de Allan Clare, a fim de dar alguma felicidade àquela que amo”.

Alguns minutos antes da hora marcada para a partida Robin dirigiu-se a um quarto que ficava próximo do aposento de Mariana, com a intenção de se despedir da jovem.



De mãos unidas... juraram um ao outro amor constante e eterno...

Ao entreabrir sem ruído a porta desse quarto, Robin avistou Mariana encostada a uma janela e falando consigo mesma, como sucede freqüentemente às pessoas que vivem num isolamento repleto dos seus sonhos.

Interdito e perturbado, Robin estacou em silêncio, de chapéu na mão, no limiar da porta.

— Santa mãe de Deus — murmurava a jovem numa voz entrecortada, — ajudai-me, protegei-me, dai-me forças para suportar a esmagadora monotonia desta existência! Allan, meu irmão, meu único protetor, meu único amigo, porque me abandonaste? As tuas esperanças de felicidade eram a minha única alegria, Christabel e tu éreis toda a minha vida! Partiste há seis anos, meu irmão, e como uma flor esquecida no jardim de uma casa deserta, tenho crescido longe de ti. As pessoas a quem a tua ternura confiou o cuidado da minha vida são boas, boas demais talvez, porque a sua generosidade me acabrunha, faz com que eu sinta ainda mais o meu isolamento e o meu abandono. Sinto-me desgraçada, Allan, bem desgraçada, e para cúmulo do meu infortúnio, uma paixão devoradora empolgou todo o meu ser, meu coração não me pertence mais.

Acabando estas dolorosas palavras, Mariana escondeu a cabeça entre as brancas mãos e rompeu a chorar amargamente.

— “Meu coração não me pertence mais”, — repetiu Robin estremecendo de angústia, enquanto um profundo rubor lhe fazia compreender que fora uma testemunha indiscreta das lágrimas da formosa criatura... — Mariana! — exclamou vivamente Robin avançando para o meio do quarto, — quererá consentir em conversar alguns instantes comigo?

Mariana surpreendida teve um ligeiro grito.

— De boa vontade, senhor — respondeu ela com brandura.

— Mariana — prosseguiu Robin de olhos baixos e voz trêmula, — acabo de cometer involuntariamente uma falta imperdoável. Apelo para a sua extrema indulgência a fim de que ouça esta confissão sem cólera. Encontro-me no limiar desta porta há alguns instantes, as suas palavras tão profundamente tristes tiveram um ouvinte.

Mariana enrubescceu.

— Ouvi sem querer, — apressou-se a acrescentar Robin, acercando-se timidamente da moça.

Um meigo sorriso entreabriu os lábios da encantadora *lady*.

— Senhorita — continuou Robin animado por esse divino sorriso, — permita-me responder a algumas das suas palavras. *Miss Mariana* não tem parentes, vive afastada de seu irmão e quase sozinha no mundo. Minha vida ressent-se das mesmas dores, também eu sou órfão. Exatamente como *milady* tenho o direito de queixar-me da sorte, como *milady* tenho o direito de chorar, não pelos ausentes, mas por outros que já não existem. Todavia não choro, porque o futuro e Deus são a minha esperança. Coragem, Mariana, confie e espere: Allan voltará, e com ele a nobre e bela Christabel. E enquanto não chega a hora sem dúvida próxima desse feliz regresso, conceda-me a graça de lhe servir de irmão; não me repila, Mariana, e em breve compreenderá que a sua confiança repousa num homem que dará a sua vida para a fazer feliz.

— Sois generoso, Robin — respondeu a moça num tom profundamente emocionado.

— Tenha confiança em mim, querida *lady*; e sobretudo não pense que a oferta de meu coração, da minha vida e dos meus cuidados lhe seja feita irrefletidamente. Ouça, Mariana — acrescentou o rapaz num tom de voz mais expressivo e menos trêmulo, — vou dizer-lhe a verdade inteira: amo-a desde o dia em que pela primeira vez nos encontramos.

Uma exclamação, misto de alegria e de surpresa, escapou dos lábios de Mariana.

— Se lhe faço hoje esta confissão — tornou Robin emocionado, — se lhe abro o meu coração há seis anos fechado sobre a sua imagem, não é de modo algum com a esperança de obter a sua afeição, mas apenas para lhe fazer compreender quanto sou devotado à sua querida pessoa. As suas palavras tão involuntariamente ouvidas feriram-me o coração. Não lhe pergunto o nome daquele a quem ama... quando me julgar digno de substituir seu irmão, dignar-se-á então nomeá-lo. Escolha-o bem, Mariana, e eu respeitarei essa escolha, aliás tão digna de inveja... Já me conhece há seis anos e deve ter-lhe sido fácil julgar-me pelas minhas ações. Mereço o título sagrado de seu protetor. Não chore, Mariana, dê-me a sua mão e diga-me que eu serei um dia seu amigo e seu confidente.

Mariana atendeu ao jovem inclinado para ela as suas duas mãos trêmulas.

— Escuto as suas palavras, Robin — respondeu ela, — com um sentimento de admiração tão vivo que me torna impotente para lhe exprimir a minha felicidade. Conheço-o há vários anos, e cada dia tem contribuído para melhor o apreciar-lhe, durante a ausência de Allan o senhor tem desempenhado junto a mim os deveres do melhor dos irmãos, e isso ocultamente, em silêncio e quase sem agradecimentos. Sinto-me profundamente emocionada, caro amigo, pelo generoso sacrifício que deseja fazer dos seus sentimentos em benefício da pessoa desconhecida a quem pertence meu coração. Pois bem! Não me agradaria ser ultrapassada em grandeza de alma, nem mesmo por si, Robin. Quero mostrar-me tão sincera quanto o senhor tem sido devotado à minha pessoa.

Um vivo rubor tingiu as faces de Mariana, que se manteve em silêncio por alguns instantes.

— Não faça má opinião do meu recado de mulher — tomou a jovem com voz comovida, — se em recompensa de todas as suas bondades para comigo declaro ser a si mesmo que o meu coração pertence. Aliás, creio não dever envergonhar-me desta confissão, pois ela é um testemunho da minha gratidão e da minha lealdade.

Não repetiremos aqui as fervorosas palavras que se escalparam, como uma torrente, do coração daqueles jovens; seis Imos de um amor silencioso haviam acumulado nele tesouros de ternura.

De mãos unidas, olhos cheios de lágrimas e sorriso nos lábios, juraram um ao outro amor constante e eterno, amor que não devia evoluir-se para o céu senão com o derradeiro alento das suas vidas.

XVII

— MAUDE, Maude, miss Maude! — gritava uma voz alegre perseguindo a moça que passeava sozinha e pensativa nos jardins de Garnwell... Maude, encantadora Maude! — repetia essa voz com um assento de ternura impaciente, — onde está?

— Estou aqui, William, estou aqui — respondeu *miss Lindsay* avançando com uma pressa benevolente ao encontro do rapaz.

— Sinto-me muito feliz por a encontrar, Maude — disse jovialmente Will.

— Eu também me sinto muito satisfeita com este encontro, visto que ele lhe dá tanto prazer — respondeu a moça com infinita graça.

— Certamente que ele me dá um imenso prazer, Maude. Que linda noite, não é verdade?

— Lindíssima, William; mas não tem para me dizer nada mais do que isso?

— Peço perdão, Maude, tenho outra coisa a dizer-lhe — respondeu William rindo; — mas a calma deliciosa deste crepúsculo faz-me pensar que ele seria propício a um passeio pelo bosque.

— Não será intenção sua ir preparar os caminhos de uma caçada para amanhã?

— Não, Maude, nós não vamos à floresta com essa pacífica intenção; vamos... Ah! Ia-me esquecendo... não devo falar disso a ninguém. Contudo, vou fazer uma coisa da qual talvez me possa resultar uma perna que... Estou dizendo tolices, Maude, não faça caso. Vim desejar-lhe uma boa, uma feliz noite, e dizer-lhe adeus...

— Adeus, Will! Que significa essa expressão? Vai por acaso empreender alguma perigosa expedição?

— Bem! Se assim fosse, com um arco e um bordão solidamente preso à mão firme, facilmente se consegue a vitória. Mas... caluda!... Todas as minhas palavras são ociosas, não significam absolutamente nada.

— Parece querer enganar-me, William; está fazendo segredo da sua sortida noturna.

— Assim o exige a prudência, queridíssima Maude; uma palavra inconsiderada poderia tornar-se muito perigosa. Os soldados... Ah! Estou ficando louco... louco de amor pela sua encantadora pessoa, Maude. Aqui está simplesmente a verdade: João-Pequeno, Robin e eu vamos percorrer a floresta. Antes de sair quis dizer-lhe adeus, Maude, um adeus bem terno porque talvez nunca mais possa ter a felicidade de... Estou falando criancices, Maude, nada mais que criancices. Vim dizer-lhe adeus unicamente porque me é impossível afastar-me do solar sem lhe apertar as mãos; esta é a verdade, Maude, a grande verdade, asseguro-lhe.

— Com efeito, isso é verdade, Will.

— E por que motivo lhe digo eu sempre adeus ou até à vista, Maude?

— Não compete a mim explicá-lo, Will.

— Ah! Está claro, Maude — voltou o rapaz num tom jovial, — não é a si que compete explicá-lo! Ignora porventura esse motivo, Maude? Ignora talvez que a amo mais do que amo meu pai, meus irmãos, minhas irmãs e meus bons amigos? Posso deixar o solar com a intenção de ficar longe dele semanas inteiras sem dizer adeus a ninguém, com exceção talvez de minha mãe, e é impossível afastar-me de si, ainda que apenas por algumas horas, sem apertar nas minhas as suas pequeninas mãos brancas, sem levar comigo, à maneira de uma bênção, estas doces palavras: “Boa viagem e breve regresso, Will”. Contudo, Maude não me ama — acrescentou quase com tristeza o pobre rapaz. Mas essa nuvem não escureceu os olhos de Will, porque logo em seguida ele prosseguiu num tom mais alegre: — Espero que me venha a amar um dia, Maude; espero-o e tenho paciência para esperar até que a minha linda Maude a isso se resolva; não se apresse, não se atormente, não imponha ao seu coração um sentimento que ele não quer aceitar. Isso acontecerá, querida Maude, e um belo dia dirá enfim a si mesma: “Está bem! amo William, amo-o um pouco... um pouquinho”. Depois, ao cabo de alguns dias, de algumas semanas, de alguns meses, querer-me-á mais ainda. E o seu amor irá crescendo progressivamente até que chegue a igualar em força e em paixão a imensidade do meu. Mas isso não será possível, Maude, não acontecerá jamais. Amo-a tanto que seria insensato pedir ao céu, quanto mais rezar-lhe, para que lhe ponha no coração um amor semelhante. Há de amar-me conforme puder, segundo a sua fantasia, conforme o seu capricho, e um dia me dirá: “Will, amo-o!” Então eu lhe responderei... Ah! Ah! Ah! Não sei o que lhe irei responder, Maude; mas com certeza pularei de alegria, beijarei minha mãe, ficarei louco de felicidade Oh! Maude! Diligencie amar-me, comece por um ligeiro sentimento de preferência e amanhã talvez me ame um pouco depois de amanhã mais, e no fim da semana decerto me dirá “Will, amo-o!”

— Ama-me então sinceramente, Will?

— Que deverei fazer para lhe dar a prova? — voltou o moço num tom grave. — Que deverei fazer? Diga-me... Desejo provar-lhe que a amo de todo o coração, com toda a minha alma, com todas as minhas forças, desejo provar-lho visto que o não sabe ainda.

— Suas palavras e suas ações são provas que não necessitam ser apoiados por novos testemunhos, caro William, e a pergunta não tem outro fim senão o de provocar entre nós uma séria explicação, não dos seus sentimentos, que já me são conhecidos, mas dos que me enchem o coração. Sei que me ama, Will, que me ama sinceramente; mas se atraí a sua atenção, não devemos esquecê-lo, foi sem o querer; jamais procurei inspirar-lhe amor.

— Bem o sei, bem o sei, Maude é tão modesta quanto bela; eu amo-a porque a amo, eis tudo.

— Will, — prosseguiu a moça com uma certa ansiedade no olhar, — nunca imaginou então que eu já podia ter dado meu coração mesmo antes de o conhecer?

Aquela assustadora idéia que nunca viera perturbar os sonhos de William nem alterar a doce quietação do seu paciente amor, o rapaz sentiu no coração um choque tão doloroso que empalideceu, e prestes a desmaiar se encostou a uma árvore.

— Espero que ainda não tenha dado a ninguém seu coração, Maude! — murmurou ele num tom suplicante.

— Acalme-se, caro William — tornou docemente a jovem, — acalme-se e escute. Creio em seu amor como creio em Deus, e de todo o coração desejaria poder corresponder-lhe, caro e bom Will.

— Não me diga que lhe é impossível amar-me, Maude! — bradou violentamente o rapaz; — Não me diga isso, porque eu sinto pelas palpitações do meu coração, pelo calor do sangue que corre nas minhas veias como uma lava ardente, sinto que me seria impossível ouvi-la, escutar as suas palavras.

— Deve contudo ouvi-las, Will, e solicito-lhe a graça de me prestar alguns momentos de atenção. Conheço as dores do amor sem esperança, meu amigo, já lhes sofri uma a uma todas as torturas; não existe na terra dor comparável à que lança no coração um amor desdenhado. Desejo ardentemente poupar-lhe as cruéis angústias de uma tal situação.

— Will; escute-me, peço-lhe, sem amargura e sobretudo sem cólera. Antes de o conhecer, antes de ter deixado o castelo de Nottingham, eu tinha dado meu coração a uma pessoa que me não ama, que nunca me amou e jamais virá a amar-me.

William estremeceu.

— Maude — disse ele com voz palpitante, — Maude, se assim o quiser esse homem a amará, ele a amará, Maude — Insistiu o pobre rapaz com os olhos cheios de lágrimas. — Pela santa missa! Esse homem precisa tornar-se seu escravo, precisa tornar-se seu escravo ou eu o espancarei todos os dias. Sim Maude, eu o espancarei até que ele a ame.

— Não espancará ninguém, Will — respondeu Maude sorrindo sem o querer do singular expediente que pretendia empregar o pobre rapaz, — não somente o amor não se impõe, especialmente de tão rude maneira, mas ainda a pessoa de que lhe falo não merece de nenhum modo esse indigno tratamento. Deve compreender, William, que eu não aguardo nem espero a afeição desse homem, e compreenderá melhor ainda que seria necessário não ter coração nem alma para ficar insensível e indiferente aos testemunhos do seu afeto. Pois bem, Will, meu caro Will! profundamente tocada pelas suas generosas palavras, quero exprimir-lhe a minha gratidão pelo dom da minha mão, pela segurança de um afeto que empregará toda a sua força em conquistar, em merecer, em igualar o seu.

— Agora escute-me por sua vez, Maude — respondeu o moço com voz trêmula. — Sinto-me envergonhado por ter acalentado a esperança de merecer um dia o seu amor, envergonhado por não haver compreendido as razões da sua indiferença. Peço-lhe que me perdoe a confissão arrancada ao seu coração. Por bondade de alma, Maude, consente em aceitar o nome do pobre William, por bondade de alma ainda consente em sacrificar-se para a felicidade dele. Mas não esqueça, Maude, que essa mesma felicidade é a perda das suas esperanças, talvez até a do seu sossego. Eu não posso nem devo aceitar semelhante sacrifício. Não somente não creio ser digno dele, como ainda me envergonharia de lhe falar mais longamente do meu amor. Perdoe-me os aborrecimentos que lhe tenho causado, perdoe-me o tê-la amado e continuar a amá-la ainda, perdoe-me que eu juro nunca mais lhe falar acerca dos meus sentimentos.

— William, William, onde estás? — interveio de repente uma voz forte e sonora.

— Estão-me chamando, Maude, adeus! Que a Virgem Maria se digne velar por si, que a sua divina proteção a preserve de todo o mal! Seja feliz, Maude; mas se não me tornar a ver, se eu nunca mais voltar, lembre-se algumas vezes do pobre Will, pense naquele que a ama e que para sempre a há de amar. Acabando estas palavras, ditas num tom de voz entrecortada pelas lágrimas, o jovem abraçou Maude pela cintura, apertou contra o coração a jovem criatura palpitante, beijou-a apaixonadamente, e fugiu sem voltar a cabeça, sem responder a uma doce voz que tentava retê-lo.

— Ele não me deu tempo de lhe exprimir de um modo claro a delicadeza da minha confissão — murmurou Maude toda triste com a brusca partida de William. — Amanhã lhe direi que o meu coração não tem nenhuma saudade do passado; e ele ficará bem feliz, esse caro William.

Mas aí! O dia seguinte devia ser precedido de longos dias de melancólica espera.

Uma vintena de robustos vassalos armados de lanças, espadas, arcos e flechas, cercava a uma distância respeitosa um grupo de homens composto dos filhos de *sir* Guy de Garnwell, de João-Pequeno seu sobrinho e de Gilberto Head.

— Estou muito admirado de ver que Robin se faz esperar tanto — disse o velho aos seus jovens companheiros; — não está nos hábitos de meu filho ser preguiçoso

— Paciência, mestre Gilberto — respondeu João Pequeno erguendo a sua alta estatura para lançar ao largo um olhar investigador; — Robin não é o único a faltar à hora combinada, meu primo Will também se está fazendo esperar. Não é sem algum motivo, sou capaz de apostar, que eles estão atrasando a nossa partida de alguns minutos.

— Aí estão eles! — gritou um dos homens. Will e Robin aproximaram-se rapidamente.

— Como, meus filhos, esquecêsteis a hora do encontro? — perguntou Gilberto estendendo a mão aos dois rapazes.

— Não, meu pai, e peço-lhe desculpa por o ter feito esperar.

— Vamos então! — exclamou Gilberto. — João-Pequeno, — acrescentou ele voltando-se para o moço, — teus amigos conhecem bem claramente o fim da nossa expedição?

— Perfeitamente, mestre Gilberto, e juraram segui-lo com coragem e servi-lo com fidelidade.

— Posso portanto ter toda a confiança no apoio deles?

— Toda a confiança.

— Muito bem. Apenas mais uma palavra: a fim de alcançar Nottingham pelo caminho mais curto, nossos inimigos atravessarão Mansfeld, enveredarão pela grande estrada que divide em duas a floresta de Sherwood, e atingirão uma encruzilhada junto à qual ficaremos de emboscada. .. Creio que não preciso dizer-te mais nada, João-Pequeno, tu conheces as minhas intenções.

— Perfeitamente — respondeu o moço. — Rapazes! — gritou João-Pequeno a um sinal do velho, —

tereis bastante coragem para enterrar os vossos dentes saxônios nos corpos desses lobos normandos?

Tereis ânimo para vencer ou morrer?

Um enérgico brado afirmativo respondeu à dupla pergunta formulada pelo jovem.

— Escutem, meus valentes, avante!...

— Hurra! pela guerra! — exclamou William acompanhando com Robin o belicoso bando.

— Hurra! Hurra! — gritaram alegremente os homens. O eco da negra floresta repetiu ao longe:

— Hurra! Hurra! Hurra!

— Que tens tu, amigo Will? — perguntou Robin segurando o é braço ao pensativo camarada. — Dir-se-ia que uma nuvem de negra melancolia escurece o teu rosto jovial. Será que os brados dos combater-tes já não possuem mais harmonia para o simpático William, temerá ele os perigos da nossa incursão?

— Estas me fazendo uma pergunta bem estranha, Robin — respondeu William voltando para o amigo um olhar carregado de melancolia. — Pergunta ao lebréu se ele gosta de perseguir o cervo, ao falcão se lhe agrada arremessar-se do alto das nuvens sobre o modesto pássaro, mas não me perguntes se eu receio o perigo.

— Minha pergunta tinha por fim distrair o teu espírito dos sombrios pensamentos que o ocupam, caro Will — tornou Robin; — esses sombrios pensamentos apagaram o brilho dos teus olhos e espalharam na tua fronte uma inquietadora palidez. Tens uma tristeza, amigo Will, uma verdadeira tristeza; confia-ma, que para isso sou teu amigo.

— Não tenho tristeza alguma, Robin, sou hoje o que era ontem e o que serei amanhã; como de costume verás que hei de ser o primeiro na luta que se travar.

— Não duvido absolutamente da tua coragem, caro Will, mas duvido muito, isso sim, da tranqüilidade da tua alma; há alguma coisa que te entristece, tenho a certeza. Sê franco amigo, posso talvez ser-te de alguma utilidade, carregar cônego o fardo dos teus desgostos, e por isso mesmo torná-los menos pesados. Se tens alguma questão com alguém é só dizer-mo, as tuas razões serão as minhas.

— O motivo da minha tristeza não é bastante importante nem bastante sério, caro Robin, para continuar por muito tempo um mistério. Se eu me tivesse dado ao trabalho de raciocinar, não teria ficado surpreendido nem aflito com o que me sucede... Perdoa a minha hesitação, mas há em mim um sentimento que, embora contra a vontade, fecha o meu coração a toda a confidência. Será orgulho ou timidez? Não sei; mas um amigo como tu é como se fosse um desdobramento dó meu ser. As tuas perguntas encontram em mim um eco, a tua amizade triunfa da minha falsa vergonha, eu...

— Não, não, caro Will — atalhou vivamente Robin, — guarda o teu segredo: o sofrimento tem o seu pudor, e peço-te que me perdoes a amistosa impertinência das minhas interrogações.

— É a mim que compete pedir perdão pelo egoísmo da minha dor, caro Robin — voltou Will entrecortando as palavras de um riso mais triste do que um pranto. — Eu sofro, sofro verdadeiramente, e quero sondar diante de ti a ferida que rasga a minha alma. Serás o confidente da minha primeira mágoa como foste o companheiro dos meus primeiros brinquedos; porque nós estamos mais estreitamente ligados pela amizade do que o estaríamos pelos laços do sangue, e eu quero ser enforcado, Robin, se a minha afeição por ti não é a do mais dedicado dos irmãos.

— Tuas palavras são verdadeiras, Will, o afeio tornou-nos irmãos. Onde estão os dias da nossa bela infância? A felicidade que então gozamos não voltará mais.

— A felicidade ainda virá para ti, Robin, mas sob outras formas; trará outras roupas, outro nome, mas será sempre a felicidade. Eu por mim nada mais espero, não desejo mais nada, meu coração está desfeito. Conheces, Robin, o amor que tenho dedicado a Maude Lindsay... não encontro palavras que possam realmente fazer-te compreender a paixão invencível que ligou minha vida ao simples nome dessa criatura. Pois bem! agora sei, agora sei...

Uma dolorosa suspeita atravessou o espírito de Robin.

— Então? Agora sabes o quê? — perguntou ele num tom cheio de ansiedade.

— Quando me foste procurar ao jardim do solar — continuou William, — eu estava ao pé de Maude, acabava de repetir-lhe o que todos os dias lhe repito há muito tempo' que o meu mais caro sonho seria dá-la por filha a minha mãe» por irmã a minhas irmãs. Perguntei a Maude se ela não queria tentar amar-me um pouco, e Maude respondeu-me que antes de vir para o solar de Garnwell já havia dado a outro a sua afeição. Então, Robin, vi destruírem-se todas as minhas esperanças, senti que alguma coisa estalava dentro de mim: era o meu coração, Robin, era o meu coração; agora podes compreender como sou bem desgraçado.

— Maude confiou-te o nome daquele a quem ama? — perguntou cautelosamente Robin.

— Não — respondeu Will, — disse-me apenas que esse homem a não ama. Podes compreender uma coisa destas, Robin? Existe um homem que não ama Maude e é amado por ela! um homem a quem o seu olhar procura e que foge desse olhar! Que insigne estúpido! Que miserável! Ofereci a Maude apoderar-me dele, obrigá-lo a dar o amor que recusa. Ofereci-me para lhe dar umas surras, mas ela recusou. Oh! Ela ama-o, ela ama-o! Depois de ter acabado esta triste e penosa confissão — acrescentou William, a pobre e

generosa Maude ofereceu-me a sua mão. Naturalmente recusei. A razão, a lealdade e a honra impuseram silêncio ao meu amor... Dize adeus ao risonho e alegre Will, Robin; ele está morto e bem morto.

— Vamos, vamos, William, uma pouca de coragem — interveio Robin carinhosamente; — teu coração está enfermo, é preciso tratá-lo, é preciso curá-lo, e eu quero ser o seu primeiro médico. Conheço Maude melhor ainda do que tu; ela te amará um dia, se é que já te não ama. Asseguro-te, William, que interpretaste muito mal as confidências dessa moça; elas foram ditadas por um sentimento de extrema delicadeza, deviam fazer-te compreender as felicidades passadas e ao mesmo tempo tornar-te mais preciosa uma oferta tão consideradamente recusada. Acredita-me, William, Maude é uma jovem encantadora, tão honesta quanto formosa e verdadeiramente digna do teu amor.

— Isso sei eu! — exclamou o rapaz.

— Não debes pois exagerar a profundidade das mágoas de *miss Lindsay*, meu amigo, nem atormentar o teu espírito com suposições quiméricas. Maude já te quer muito bem, tenho a certeza, e um dia há de amar-te ainda mais.

— Pensas isso, Robin, meu querido Robin? — exclamou Will agarrando-se com avidez àquele raio de esperança.

— Assim penso; somente, peço-te que me deixes falar sem ser interrompido; repito-te, e hei de repetir-to todas as vezes que perderes a coragem, Maude ama-te; a oferta da tua mão não era um devotamento ou um sacrifício, mas antes um impulso do coração.

— Acredito-te, Robin, quero acreditar-te! — exclamou Will; — amanhã perguntarei outra vez a Maude se ela realmente quer dar outra filha a minha mãe.

— És um excelente rapaz, William; agora retoma coragem e apressemos o passo, pois estamos pelo menos um quarto de milha atrás dos nossos companheiros, e francamente, esta lentidão de marcha não nos empresta um ar suficientemente marcial.

— Tens razão, amigo, e até já me parece ouvir a voz resmungona do nosso general chefe.

Quando o pequeno grupo atingiu o ponto designado por Gilberto como sendo propício a uma emboscada, o velho distribuiu seus homens, deu a cada um novas e breves explicações, ordenou a toda a linha um profundo silêncio e foi pessoalmente colocar-se atrás de um tronco de árvore a alguns passos de distância de João-Pequeno, cujos ouvidos já estavam alertas para qualquer ruído.

Um pio de ave acordada, o canto melodioso do rouxinol, o murmúrio da brisa passando entre a folhagem, eram os únicos sons perturbando o calmo silêncio da noite. Mas a esses murmúrios indistintos veio em breve juntar-se um rumor de passos, ainda afastado, um rumor quase imperceptível e que só o apurado ouvido dos homens da floresta podia distinguir entre os rumores harmoniosos dos queixumes do vento, da voz das aves e do estalar das ramagens.

— É um viajante a cavalo — disse Robin a meia voz; — parece-me reconhecer o passo curto e rápido de um pônei das nossas terras.

— Tua observação é perfeitamente justa — respondeu João-Pequeno no mesmo tom de prudência; — o viajante é algum amigo, ou então um transeunte inofensivo.

— Atenção, em todo o caso!

— Atenção! — repetiram os homens uns aos outros.

A pessoa que desse modo excitava a inquieta curiosidade do pequeno bando, prosseguia alegremente o seu caminho, entoando com voz forte uma balada composta em sua própria honra e sem dúvida alguma por ela mesma.

— Maldito sejas tu! — gritou de repente o cantor dirigindo ao seu cavalo aquela frase amável. — Pois quê! animal sem gosto, enquanto verdadeiras torrentes de harmonia se desprendem dos meus lábios, não ficas em silêncio, embevecido e maravilhado? Em vez de ergueres as compridas orelhas e de me ouvires com a gravidade que convém, moves a cabeça para a direita e para a esquerda, misturas á minha a tua falsa voz, gutural e desafinada? Mas és uma fêmea, e portanto de temperamento impicante, rebelde, teimoso e obstinado. Se desejo ver-te marchar a um lado da estrada, imediatamente te diriges para o lado oposto, fazes constantemente o que não debes fazer e não fazes nunca o que é necessário e imperioso. Sabes que te estimo, desavergonhada, e é justaste por teres adquirido a certeza dessa afeição que gostas de contrariar o teu dono. És como ela, como são enfim todas mulheres, caprichosa, inconstante, voluntariosa e cheia de vaidades.

— Por que motivo declamas assim contra as mulheres, gringo? — disse João-Pequeno que saíra silenciosamente do esconderijo, segurando de improviso as rédeas do cavalo.

Parecendo pouco assustado, o desconhecido replicou:

— Antes de responder, teria muito gosto em saber o nome daquele que assim faz parar um homem pacato e inofensivo, o nome de quem acrescenta a essa atitude de malfeitor a impertinência de chamar amigo a um homem que lhe é muito superior — acrescentou orgulhosamente o desconhecido.

— Pois fica sabendo, reverendo clérigo de Copmanhurst, pois a ruidosa gritaria dos teus cantos me revela o teu nome, que estás detido, não por um malfeitor, mas por um homem muito difícil de intimidar, e que

se coloca em relação a ti a sua altura igual à que momentaneamente te empresta o teu cavalo — respondeu num tom calmo e frio o sobrinho de *sir* Guy de Garnwell.

— Fica sabendo tu, cão vadio da floresta, porque a grosseria das tuas maneiras também me revela o teu nome, que estás interrogando um homem pouco habituado a responder a perguntas impertinentes, um homem que te dará o devido castigo se não largares imediatamente as rédeas do seu cavalo.

— As pessoas que muito falam realizam quase sempre muito pouco — respondeu o moço com um ar de infinita ironia, — e eu vou responder às tuas ameaças apresentando-te um jovem mateiro que te obrigará a pedir misericórdia com teu próprio bordão.

— Obrigar-me a pedir misericórdia com o meu próprio bordão! — gritou o desconhecido completamente furioso; — seria um caso raro, se não fosse impossível. Traz lá o teu amigo, traze-o aqui neste instante. E acabando de vociferar estas últimas palavras, o viajante saltou do seu cavalo.

— Bem! Onde está então esse lutador profissional? — Continuou o desconhecido dardejando a João-Pequeno olhares indignados. — Onde está ele? Quero abrir-lhe o crânio a fim de ter em seguida o prazer de te castigar, idiota de pernas altas.

— Vai depressa, Robin — interveio Gilberto, — vai depressa que o tempo urge; dá a esse tagarela insolente uma rápida e boa lição.

Ao ver o desconhecido, Robin tomou João-Pequeno pelo braço e disse-lhe em voz baixa:

— Então não reconheces esse viajante? É frei Tuck o nosso alegre frade.

— O quê! Será mesmo?

— Sem dúvida, mas não digas nada; há muito tempo que desejo trocar umas bordoadas com esse valente Gil, e como esta meia luz noturna me garante o incógnito quero aproveitar este curioso encontro. As formas elegantes e afeminadas de Robin arrancaram um sorriso desdenhoso aos lábios do estranho.

— Meu rapaz — disse ele rindo, — estás certo de ter o crânio bastante duro para agüentar sem morrer a saraivada de golpes que merece a tua impudência?

— Meu crânio é sólido, embora não tenha a espessura do seu, senhor estrangeiro — respondeu o moço falando o dialeto de Yorkshire a fim de dissimular o tom da sua voz; — em todo o caso resistirá aos seus golpes, caso eles consigam atingi-lo, possibilidade que ponho em dúvida com tanta confiança quanta fanfarronice o senhor põe em proclamá-la.

— Vamos ver como te arranjas, espécie de pega descarada. E agora chega de palavras que os fatos são mais eloqüentes. Em guarda!

Como o intuito de assustar o seu jovem adversário, Tuck realizou com o seu bordão um pavoroso molinete e deu a impressão de querer dirigir a primeira pancada às pernas de Robin; mas o rapaz, demasiado esperto para desconhecer as reais intenções do frade, parou o bordão no momento em que, guiado por mão firme ele ia bater-lhe na cabeça. Em seguida, não contente com essa hábil parada, assestou nos ombros, nos rins e na cabeça de Tuck uma girândola de golpes, tão rápida, tão violenta e tão metodicamente aplicada, que o monge, atordado, moído, com os olhos cegos, pediu, não propriamente misericórdia mas uma suspensão da luta.

— Manejas bastante bem o cacete, meu jovem amigo — disse o frade arquejante, tentando dissimular a sua fadiga, — e parece que as pauladas ressaltam sobre os teus membros flexíveis sem os ferir.

— Talvez ressaltassem se eu as recebesse, senhor — respondeu jovialmente Robin; — mas até este momento ainda só senti o contato do seu famoso bordão.

— É o teu orgulho que fala, rapaz, porque com certeza te toquei mais de uma vez.

— Esqueceu então, frei Tuck, que esse mesmo orgulho sempre me impediu de mentir? — voltou Robin tornando à sua voz natural.

— Quem és tu? — berrou o frade.

— Olhe para o meu rosto.

— Ah! Por São Benedito, nosso bem-aventurado patrono! É Robin Hood, o hábil arqueiro.

— Eu mesmo, alegre Tuck.

— Alegre Tuck, alegre Tuck, sim, mas antes da época em que me roubaste a minha namorada, a linda Maude Lindsay.

Ainda o eco dessas palavras se não perdera e já o braço de Robin era empolgado com violência por mão de ferro, e sua voz furiosa murmurava surdamente:

— O que ele está dizendo é verdade?

Robin voltou a cabeça e viu, pálido, os lábios trêmulos, os olhos injetados de sangue, o medonho rosto de Will.

— Silêncio, William — respondeu brandamente Robin, — silêncio que eu responderei daqui a pouco à tua pergunta. Meu caro Tuck — prosseguiu ele, — eu não roubei aquela a que tão levemente chamou a sua namorada. Miss Maude, como digna e honesta moça, repeliu um amor que não podia partilhar. A sua saída do castelo de Nottingham não foi um mau passo, mas apenas o cumprimento de um dever: ela acompanhou sua ama, *Lady* Christabel Fitz-Alwine.

— Eu não proferi votos monásticos, Robin — tornou o frade à maneira de desculpa, — e poderia oferecer o meu nome a *miss Lindsay*. Se a caprichosa moça repeliu o meu amor devo atribuí-lo ao teu lindo rosto, ou antes à inconstância de coração peculiar às mulheres.

— Basta, frei Tuck! — exclamou Robin; — caluniar as mulheres é uma infâmia; nem mais uma palavra! *Miss Maude* é órfã, *miss Maude* é infeliz, *miss Maude* tem direito à veneração de todos nós.

— *Herbert Lindsay* morreu? — perguntou Tuck com tristeza. — Deus vele pela sua alma!

— Sim, Tuck, morreu. Muitas coisas extraordinárias se passaram; mais tarde lhe contarei tudo. E enquanto espera a possibilidade de uma larga conversa, ocupemo-nos do motivo que provocou o nosso encontro. Estamos necessitando de sua ajuda.

— Para quê? — perguntou Gil.

— Vou explicar-lho do modo mais breve possível, O barão Fitz-Alwine mandou queimar pelos seus esbirros a casa de meu pai, como é do seu conhecimento; minha mãe morreu entre os escombros do incêndio, e Gilberto quer vingar a sua morte. Nós estamos aqui esperando o barão, que volta do estrangeiro e regressa a Nottingham. A nossa intenção é penetrar a seguir, e de surpresa, no interior do castelo. Se está desejoso de trocar umas boas cacetadas, não pode haver ocasião melhor.

— Ótimo! Eu nunca recuso uma satisfação, mas não esperem que eu pense em conseguirmos a vitória, porque o nosso corpo de exército não é forte se apenas se compõe destes belos rapazes, além de nós ambos.

— Meu pai e um forte grupo de mateiros estão de emboscada no mato a vinte passos daqui.

— Nesse caso seremos vencedores! — exclamou o frade fazendo girar o seu bordão com entusiasmo.

— Que estrada usou para chegar à floresta, meu reverendo padre? — perguntou João-Pequeno.

— A de Mansfeld a Nottingham, meu frágil amigo — respondeu o monge. — Na verdade — acrescentou ele, — não posso perdoar a cegueira dos meus olhos e aperto-te as mãos de todo o coração, meu caro João-Pequeno.

O sobrinho de *sir Guy* respondeu com afeto aos amistosos cumprimentos do frade.

— Por acaso não avistou pelo caminho uma cavalgada militar? — perguntou-lhe o rapaz.

— Um bando de homens chegados da terra santa estava descansando num albergue de Mansfeld; mas esse bando, embora parecesse muito disciplinado, era composto de homens meio mortos de cansaço, esgotamento e privações. Acreditais que ele faça parte da escolta que acompanha o barão Fitz-Alwine?

— Sem dúvida, porque esses cruzados que estão sendo aguardados no castelo de Nottingham são homens dele. Quer dizer que o encontro com esses ilustres personagens não tardará. Frei Tuck, trate de se esconder no mato ou atrás de alguma árvore.

— De bom grado; mas onde hei de colocar esta teimosa égua? Ela tem tantos defeitos como uma mulh... cala-te, boca!... Apesar disso sou-lhe muito afeiçoado.

— Vou conduzi-la para um lugar seguro; pode deixá-la a meu cargo e trate de se esconder.

João-Pequeno amarrou o animal pelas rédeas a uma árvore pouco distante da estrada e veio em seguida juntar-se aos Camaradas.

A agitação nervosa de Will não lhe permitiu aguardar um momento propício para uma explicação; e apoderando-se de Robin, com boa vontade ou sem ela, o impetuoso rapaz obrigou o amigo a fazer-lhe um relato minucioso dos acontecimentos ligados à fuga de Nottingham.

Robin foi verídico, sincero, e sobretudo generoso em relação à linda Maude.

Will escutou de coração palpitante, e quando o amigo terminou o relato, perguntou-lhe:

— Não houve mais nada?

— Mais nada.

— Obrigado.

E os dois excelentes corações apertaram-se ternamente um a mão do outro.

— Eu sou apenas seu irmão — acrescentou Robin.

— Pois eu serei seu marido! — declarou William alegremente. — E agora, ao combate!

Pobre William!

A espera dos mateiros prolongou-se muito pela noite a dentro, e não foi senão as três horas da manhã que um relinchar de cavalo varou as profundezas da floresta. A égua de Tuck respondeu amavelmente àquela voz fraterna.

— A minha jovem amiga está-se saindo — observou Tuck; — deixaste-a bem amarrada, João-Pequeno?

— Pelo menos assim o creio — respondeu o rapaz.

— Silêncio! — atalhou Robin; — estou ouvindo passos de cavalos.

Alguns minutos depois, uma tropa que não parecia fazer mistério algum da sua aproximação, porque os homens, menos fatigados do que julgara Tuck, riam, conversavam e cantavam, surgiu na encruzilhada. No mesmo instante o cavalo de Tuck precipitou-se para fora da mata, passou como uma flecha pela frente do seu amo e galopou deliberadamente ao encontro dos soldados.

O frade ensaiou um movimento para correr atrás da desertora.

— Está louco? — murmurou João-Pequeno segurando o frade pelo braço; — se der um passo à frente liquido-o.

— Mas eles vão-me tomar o meu pônei — gemeu Tuck; — deixa-me, eu vou...

— Cala-te, desgraçado! Vais denunciar a nossa presença; pôneis há muitos, meu tio te dará um...

— Sim, mas não terá sido benzido pelo abade do nosso convento, como o foi a minha gentil Mary; larga-me imediatamente. Que significa esta violência, amigo torreão? Eu quero o meu cavalo, quero o meu cavalo e ninguém me impede de o ir buscar!

— Pois vai então! — rosnou João-Pequeno empurrando o frade; — vai, fanfarrão estouvado, cabeça desmiolada!

Tuck ficou escarlate, seus olhos despediram raios e ele berrou com a voz trêmula de cólera:

— Escuta, torreão, campanário andante, coluna ambulante, depois da luta receberás a sova que mereces!

— Ou talvez sejas tu a levar a sova — respondeu João-Pequeno.

Tuck lançou-se à estrada, e enquanto corria para os soldados viu a sua égua caracolar, empinar-se, levantar em torno de si nuvens de poeira e resistir aos esforços dos que pretendiam pôr um freio às suas joviais loucuras.

Um soldado atingiu o pônei com a lança; mas o golpe foi-lhe devolvido com usura por Tuck, pois o pobre diabo resvalou da montada soltando um grito de dor.

— Mary, Mary, devagar, minha filha — dizia Tuck; — vem cá, queridinha, vem...

Aquela voz conhecida fez erguer as orelhas ao cavalo que relinchou alegremente e trotou logo em seguida ao encontro do dono.

— Que é isso, seu patife! — berrou o chefe do bando num tom furioso; — então massacras os meus homens?

— Mais respeito por um membro da Igreja — respondeu Tuck aplicando na cabeça do cavalo montado pelo chefe uma violenta bastonada.

O animal pulou para trás, o chefe cambaleou e perdeu o apoio dos estribos.

— Não vês o hábito que eu uso? — prosseguiu Tuck num tom que pretendia ser imponente.

— Não! — rugiu o chefe, — Não! Não vejo o teu hábito mas vejo a tua insolente ousadia. Sem respeito por um e sem clemência pela outra, vou abrir-te a cabeça.

O golpe de lança alcançou Tuck e a dor exasperou tão loucamente o bom frade que este se atirou ao chefe da cavalgada gritando com toda a fúria de que era capaz:

— A mim, Hood! Hood, a mim! A mim!

Mas os clamores de Tuck não assustaram o chefe. Seu bando, composto de uns quarenta homens podia socorrê-lo ao menor sinal, e por muito destro e vigoroso que fosse o frade, tratava-se de um inimigo bastante fácil de vencer.

— Para trás, maroto! — bradou ele num tom de voz terrível, — Para trás!

E a sua lança repeliu Tuck, enquanto que, violentamente puxado pelo seu cavaleiro, o cavalo se jogou contra o frade.

O beneditino deu um salto prodigioso, e com uma formidável bordoadada fendeu a cabeça do chefe. Vinte lanças e outras tantas espadas ameaçaram logo a vida do intrépido religioso.

— Socorro, Hood, socorro! — berrava Tuck indo encostar-se, como um leão acuado, ao tronco de uma árvore.

— Hurra! Hurra pelos de Hood! — gritaram furiosamente os mateiros; — Hurra! Hurra!

E o grupo comandado por Gilberto lançou-se como um só homem em socorro do frade.

Vendo correr sobre eles aquele bando armado e de atitudes hostis, os soldados romperam num brado de reunião, ocuparam a estrada em toda a sua largura e preparavam-se para derrubar o inimigo, esmagando-o sob as patas dos seus cavalos.

Uma revoada de flechas conteve o ímpeto dessa primeira manobra de defesa, e meia dúzia de soldados rolaram feridos de morte no campo de batalha.

Percebendo que o número de inimigos era bem superior ao seu pequeno grupo, Gilberto determinou que se concentrassem à beira do talude da estrada a fim de aproveitarem a proteção das trevas e a muralha constituída pelas árvores.

Essa manobra hábil deixava os soldados entregues aos impactos mortíferos das flechas, pois os mateiros não erravam nunca o alvo, tão grande era a precisão e a eficácia de tiro que o hábito lhes dera.

— Desmontem! — gritou o homem cuja autoridade o levava a assumir automaticamente o lugar de chefe. Os cruzados obedeceram e o bando de Gilberto avançou intrepidamente ao encontro deles. Travou-se então uma luta corpo a corpo, uma luta mortal onde só a força imperava.

— Hood! Hood! — bradavam os mateiros; — Vingança! Vingança!

— Que não haja quartel! Abaixo os cães saxões! Abaixo os cães! — vociferavam os soldados.

— Acautelai-vos contra os dentes desses cães! — berrou Will cravando uma flecha no peito do atrevido que acabava de soltar esse brado de morte.

João-Pequeno, Robin e Gilberto batiam-se do mesmo lado, os Garnwell realizavam maravilhas de destreza e de coragem; quanto ao valente frade, cada movimento do seu prodigioso bordão fazia rolar por terra um homem.

William corria de um lado para outro como um gamo derrubando um soldado aqui, abrindo além a cabeça de um outro, mas velando sempre pela vida dos amigos, sobretudo pela de Robin, que em duas ocasiões diferentes salvou de um perigo quase mortal.

A despeito de todos estes esforços, a despeito da coragem individual de cada um e da força combinada de uma resistência coletiva, o resultado vitorioso da luta inclinava-se visivelmente para o lado da tropa pertencente ao barão. Essa tropa, bem disciplinada, acostumada às fadigas e em número dobrado em relação aos mateiros, recuperava de minuto a minuto o terreno que perdera ao iniciar a luta. João-Pequeno avaliou num relance a situação quase desesperada, e no momento em que a efusão de sangue se estava tornando apenas uma carnificina inútil, convenceu-se de que era imprescindível dar-lhe um paradeiro. Não ousando, porém, agir sem a autorização de Gilberto, saiu à sua procura.

As proezas de William haviam atraído sobre ele a atenção de quatro soldados reunidos em conselho para se apoderarem de um dos chefes dos mateiros; consideraram como sendo um desses chefes o terno apaixonado da linda Maude, e apesar da sua enérgica resistência conseguiram derrubá-lo. Robin percebeu o resultado do ataque, e obedecendo apenas ao seu bom coração, varou com um golpe de lança o peito de um dos adversários, levantou William com mão vigorosa, e auxiliado pelo amigo pôs em prática uma tentativa de retirada vitoriosa para o corpo de mateiros já reunidos por João-Pequeno.

O perigo que Will corra parecia estar conjurado, e ele ia, sempre ajudado por Robin, juntar-se ao grupo amigo que erguia uma muralha diante dos soldados, quando um grito de Robin, grito de furioso desespero, fez perder de vista ao ousado rapaz os soldados que não haviam sucumbido na luta.

— Meu pai! Meu pai! — gritava Robin; — eles vão matar meu pai!

O jovem arqueiro lançou-se em socorro de Gilberto, e William novamente agarrado e arrastado, mal teve tempo de ver Robin cair de joelhos ao pé de Gilberto, cujo crânio fora aberto por um golpe de machada. Em meio aos clamores erguidos pela morte do ancião e pela pronta desforra que dela tirou Robin matando o soldado assassino, o rapto de William passou despercebido.

O combate, um momento abrandado, tornou-se mais terrível. Robin e Tuck feriam de morte todos os que procuravam atingi-los, e João-Pequeno secundou eficazmente os esforços desesperados do amigo para fazer retirar o corpo de Gilberto.

Um quarto de hora após a partida do triste cortejo, Robin gritou com voz potente:

— Para o bosque, rapazes!

Os mateiros dispersaram-se como um bando de aves escuraçadas, e os soldados lançaram-se em perseguição deles, bradando:

— Vitória! Vitória! Agarremos os cães! Matemos os cães!

— Os cães não se deixarão matar sem morder! — gritou Robin; e os arcos tensos despediram nova chuva de mortíferas flechas.

Mas a ousada perseguição logo se patenteou impossível e os soldados tiveram o bom-senso de o admitir. Faltavam seis homens no grupo de João-Pequeno, Gilberto Head estava morto e William contava-se entre o número dos desaparecidos.

— Eu não abandonarei William — disse Robin fazendo parar o grupo; — continuai o vosso caminho, meus valentes, que eu vou procurar Will: ferido, morto ou prisioneiro, preciso encontrá-lo.

— Eu acompanho-te — interveio imediatamente João-Pequeno.

Os homens continuaram a sua marcha e os dois jovens refizeram a toda a pressa o caminho que acabavam de percorrer.

O campo de batalha já não oferecia aos olhos deles nenhum vestígio de combate. Os mortos, soldados ou mateiros, haviam desaparecido todos. Algumas pegadas de cavalos indicavam aqui e ali a passagem de uma tropa numerosa, mas nada mais: destroços de armas, varas de flechas e outros vestígios de luta, tudo os cruzados haviam recolhido e levado consigo.

Contudo um ser vivo errava ainda pela encruzilhada, atirando à direita e à esquerda olhares inteligentes de uma ansiosa busca: esse ser era o cavalo do frade.

À vista daqueles jovens, o pônei trotou ao encontro deles com ar de satisfação; mas reconhecendo aquele que o havia amarrado, relinchou, empinou-se e desapareceu.

— A gentil Mary proclamou a sua independência — observou João-Pequeno, — e com certeza antes do amanhecer tornar-se-á propriedade de algum fora da lei.

— Tentemos apoderar-nos dela — propôs Robin; — com a sua ajuda talvez me seja possível alcançar os soldados.

— E fazer-te matar por eles, meu amigo — respondeu sabiamente o sobrinho de *sir* Guy; — essa tentativa seria garanto-te, tão inútil quanto imprudente, o melhor é regressarmos ao solar, amanhã veremos o que nos cumpre fazer.

— Pois sim, regressemos ao solar — concordou Robin — um doloroso dever exige a minha presença lá hoje mesmo!

No dia seguinte àquela funesta jornada, o corpo de Gilberto, junto ao qual frei Tuck piedosamente rezou, foi amortalhado e posto em condições de ser transportado para a sua derradeira morada.

Robin, que pedira insistentemente para ficar sozinho junto aos restos do querido e bom velho, orou com fervor pelo descanso eterno daquele que tanto bem lhe quisera na vida.

— Adeus para sempre, meu querido pai — disse ele, — adeus, tu que acolheste em tua casa o menino estranho e sem família; adeus, tu que tão nobremente deste a essa criança uma extremosa mãe, um pai devotado e um nome sem mácula, adeus, adeus, adeus!... A morte que separa os nossos corpos, não separa contudo as nossas almas. Ó meu pai! Viverás eternamente em meu coração, e nele viverás amado, respeitado e honrado do mesmo modo que Deus. Nem o tempo, nem as vicissitudes da vida, nem mesmo a felicidade diminuirão a minha filial ternura. Muitas vezes me disseste, ó meu venerado pai! Que a alma dos justos guarda e protege aqueles que ela amou. Vela pelo teu filho, por aquele a quem deste um nome que sempre será conservado digno de ti. Juro-te, meu pai, com a minha mão na tua mão, e os olhos postos no céu, juro-te que Robin Hood jamais cometerá uma ação, se for boa que não seja guiada por ti, se for má que não seja atenuada pela recordação da tua leal justiça.

A estas palavras sucederam alguns minutos de calma, em seguida o moço ergueu-se, chamou os amigos, e de cabeça descoberta, seguido por todos os membros da família Garnwell, acompanhou os restos mortais do velho guarda florestal.

Atrás do triste cortejo caminhava Lincoln, mais pálido que o morto, e por fim um cachorro manquejante, um pobre cachorro que ninguém via e no qual ninguém pensava, um pobre cachorro fiel até ao exílio final da tumba.

Quando o corpo, vestido e amortalhado num lençol, foi estendido em sua última morada, quando as armas de Gilberto foram colocadas a seu lado, o bom e velho Lance acercou-se da beira da cova, uivou tristemente e saltou para junto do corpo.

Robin ainda quis retirar o animal.

— Deixe o velho servidor junto ao seu dono, senhor Robin — interveio gravemente Lincoln, — dono e cachorro estão mortos.

O ancião dissera a verdade, Lance deixara de existir.

Tapada a cova Robin ficou sozinho, porque as grandes dores não querem consolações nem testemunhas. O sol escondia-se num manto de púrpura, as primeiras estrelas cintilavam no céu, os doces raios da lua vinham iluminar a solidão de Robin quando duas sombras brancas surgiram a poucos passos do mancebo. O leve contacto de duas mãos simultaneamente pousadas em seus ombros arrancou Robin a esse torpor do desespero, mais triste que os soluços.

Ele então ergueu a cabeça; de um lado estava Maude em lágrimas, do outro Mariana pensativa.

— A esperança, a recordação e o meu afeto pertencem-te doravante, Robin — disse Mariana num tom de voz comovido. — Quando Deus nos dá a dor, dá-nos igualmente forças para a suportar.

— Eu cobrirei esta tampa com as flores da saudade, Robin — acrescentou Maude, — e juntos recordaremos sempre aquele que já não existe.

— Obrigado, Mariana; obrigado, Maude — respondeu Robin.

E não podendo traduzir em palavras a sua profunda gratidão, o jovem ergueu-se, apertou as mãos de Maude, inclinou-se diante de Mariana e afastou-se precipitadamente.

As duas moças ajoelharam no mesmo lugar onde estivera Robin e puseram-se a rezar silenciosamente.

XVIII

NA manhã seguinte, às primeiras horas do dia, Robin e João-Pequeno entravam num albergue da pequena cidade de Nottingham, com o intuito de fazer a sua primeira refeição. A sala do albergue estava na ocasião repleta de soldados, ao serviço, conforme indicavam os seus trajes, do barão Fitz-Alwine.

Enquanto almoçavam, os dois amigos prestaram ouvido atento às conversas dos soldados.

— Ainda não sabemos — dizia um dos homens do barão, — com que espécie de inimigos os cruzados tiveram de haver-se. Sua Senhoria imagina que os atacantes eram proscritos, ou então vassalos comandados por algum seu inimigo. Felizmente para monsenhor, a sua chegada ao castelo atrasou-se de algumas horas.

— Os cruzados ficarão por muito tempo no castelo, Gofredo? — perguntou o dono da casa àquele que estava falando.

— Não; creio que partem amanhã para Londres, para onde vão escoltar os prisioneiros.

Robin e João-Pequeno trocaram um olhar eloquente.

Algumas palavras sem importância para os nossos dois amigos seguiram-se a essa resposta; depois os soldados continuaram a beber entretidos no jogo.

— William está no castelo — murmurou Robin quase ininteligivelmente; — precisamos ir lá procurá-lo ou esperar a sua saída, precisamos usar de força, de astúcia, de agilidade, enfim, precisamos absolutamente libertá-lo.

— Estou pronto para o que for preciso — respondeu João-Pequeno no mesmo tom de voz.

Os dois jovens ergueram-se dos seus lugares e Robin foi pagar a conta.

No momento em que os dois amigos atravessavam o círculo formado pelos soldados, em direção à porta, o indivíduo designado pelo nome de Gofredo disse a João-Pequeno:

— Por São Paulo, amigo! A tua cabeça parece ter uma singular simpatia pelas traves do teto, e se tua mãe consegue beijar-te o rosto sem te fazer ajoelhar a seus pés, merece sem dúvida alguma um posto de relevo nas cruzadas.

— Será que a minha alta estatura ofende os teus olhos, soldado amigo? — voltou João-Pequeno com um ar de condescendência.

— Não me ofende absolutamente, orgulhoso estrangeiro; mas devo dizer-te com toda a franqueza que me surpreende muitíssimo. Até hoje sempre me considerei o homem mais desenvolvido e vigoroso do condado de Nottingham.

— Pois sinto-me muito feliz em poder dar-te uma visível prova do contrário — respondeu jovialmente João-Pequeno.

— Aposto um cangirão de cerveja — tornou Gofredo dirigindo-se aos que o rodeavam, — em como a despeito da força aparente, este homem não será capaz de me tocar com o seu bordão.

— Aceito a aposta! — gritou um dos assistentes.

— Bravo! — exclamou Gofredo.

— Mas, caro amigo — voltou por sua vez João-Pequeno, nem sequer me perguntas se eu aceito o desafio?

— Não serias capaz de recusar um quarto de hora de distração a quem, sem te conhecer, apostou por ti — interveio o homem que aceitara a aposta de Gofredo.

— Antes de responder à amistosa proposta que me é feita — replicou João-Pequeno —, gostaria de fazer ao meu adversário o seguinte aviso: eu não estou propriamente convencido da minha força, contudo devo dizer que não encontrei quem lhe resistisse; devo acrescentar ainda que pretender lutar comigo é ir em busca de uma derrota, às vezes de uma desgraça, freqüentemente de uma ferida de amor-próprio. Até hoje nunca fui vencido.

O soldado pôs-se a rir escancaradamente.

— A meus olhos não passas do maior fanfarrão deste mundo, caro estrangeiro — disse ele num tom de zombaria —, e se não queres que eu acrescente o qualificativo de covarde ao de orgulhoso, consentirás em bater-se comigo sem demora.

— Visto que assim o desejas absolutamente, vou satisfazer-te com a melhor vontade, mestre Gofredo. Mas antes de te dar as provas da minha força, permite-me dizer algumas palavras a meu companheiro. Tão depressa fique livre, prometo utilizar o meu tempo de modo a castigar devidamente o teu atrevimento.

— Espero que não vás fugir — voltou Gofredo com um tom de escárnio na voz.

Os assistentes romperam às gargalhadas.

— Se eu fosse normando — respondeu João-Pequeno cheio de cólera, — talvez agisse desse modo: mas sou saxão. Se não aceitei imediatamente o teu desafio belicoso, foi apenas por bondade. Mas visto que não tomas em consideração os meus escrúpulos, estúpido tagarela, visto que me desembaraças de toda a consideração por ti, chama o estalajadeiro, paga a tua conta e trata já de conseguir ligaduras; porque tão certo como tu dares o nome de cabeça a essa vã bola de sebo que se balança entre os teus ombros, não passará muito tempo antes que precisas grandemente delas. Meu caro Robin — prosseguiu ele indo ao encontro do amigo, que se detivera a poucos passos do albergue, — dirige-te a casa de Graça May, onde sem dúvida encontrarás Halbert. Seria perigoso para ti, e sobretudo muito comprometedor para o salvamento de Will, se viesses a ser reconhecido por algum servidor do castelo. Eu sou obrigado a dar uma lição a esse soldado idiota; a lição será curta e boa, podes ficar certo, e convém que te ponhas ao abrigo de qualquer encontro desagradável.

Robin obedeceu contra a vontade aos prudentes conselhos de João-Pequeno, pois afastou-se sem dizer que teria grande contentamento em assistir ao espetáculo de uma luta da qual o seu amigo devia triunfar com toda a facilidade.

Quando Robin desapareceu, João-Pequeno regressou à estalagem. O número de bebedores tinha aumentado consideravelmente, porque a notícia de uma luta entre Gofredo o forte, e um estranho que nada lhe ficava a dever em vigor e audácia, corra já a pequena cidade e atraía os amadores desse

gênero de combates.

Depois de haver percorrido a multidão com um olhar indiferente e tranqüilo, João-Pequeno aproximou-se do adversário.

— Estou à tua disposição, normando — disse ele.

— E eu à tua — respondeu Gofredo.

— Antes de começar a luta — acrescentou João-Pequeno, — desejo agradecer a amabilidade do generoso amigo, que fiado numa desconhecida competência, se arriscou a perder uma aposta. Quero ainda, respondendo à cortesia da sua confiança, jogar também cinco *shillings* e apostar que não somente te farei medir o chão em todo o comprimento do teu corpo, mas ainda que te alcançarei a cabeça com o meu bordão. Quem ganhar os cinco *shillings* oferecerá as bebidas a esta jovial assembléia.

— Aceito — respondeu Gofredo com alegria, — e até por minha vez me ofereço para dobrar a soma, caso possas conseguir ferir-me ou derrubar-me no chão.

— Hurra! — gritaram os espectadores, certos de que naquelas combinações tinham tudo a ganhar e nada a perder.

Tumultuosamente acompanhados pela multidão, os dois adversários retiraram-se da sala e foram colocar-se um em frente do outro, no centro de um vasto relvado cujo felpudo tapete convinha admiravelmente à circunstância.

Os espectadores formaram um largo círculo em redor dos combatentes, e um profundo silêncio sucedeu à algazarra reinante.

João-Pequeno nenhuma alteração fizera nos seus trajes, contentando-se em pegar nas armas e arrancar as manoplas; Gofredo foi mais cuidadoso nas suas disposições. Desembaraçou-se da parte mais pesada das suas roupas e exibiu o busto estreitamente apertado num gibão de cor escura.

Os dois homens examinaram-se um momento com persistente fixidez. O rosto de João-Pequeno apresentava uma expressão calma e sorridente; o de Gofredo revelava, ainda que ele o não quisesse, uma vaga inquietação.

— Estou aguardando — disse o jovem saudando o soldado.

— Estou às suas ordens — respondeu Gofredo com não menor polidez.

Num movimento simultâneo ambos se estenderam as mãos, um aperto cordial os aproximou durante um segundo.

A luta começou. Não tentaremos descrevê-la, apenas nos limitaremos a dizer que não foi de longa duração. A despeito dos vigorosos esforços para uma enérgica resistência, Gofredo perdeu o equilíbrio e, por um movimento de inesperada força e uma agilidade até então nunca vista, João-Pequeno retirou o adversário por cima da cabeça obrigando-o a ir rolar a vinte passos de distância.

O soldado, furioso com aquela vergonhosa derrota, ergueu-se ao som dos alegres clamores de todos os assistentes, que gritavam e jogavam os bonés ao ar:

— Hurra! Hurra pelo belo mateiro!

— Ganhei honestamente a primeira parte da nossa aposta, Senhor soldado — declarou João-Pequeno, — e estou pronto para dar início à segunda.

Vermelho de cólera, Gofredo respondeu a essa observação Por um aceno afirmativo.

Procedeu-se à medição dos bordões de ambos os homens, e a luta recomeçou mais viva, mais encarniçada, mais ardente.

Gofredo foi outra vez vencido.

Os aplausos entusiásticos da multidão celebraram as triunfantes proezas de João-Pequeno, e um mar de cerveja espumou nos copos em honra do valente mateiro.

— Não guardemos rancor, intrépido soldado — disse João-Pequeno estendendo a mão ao adversário.

Gofredo recusou a oferta amistosa que lhe era feita e replicou em tom amargo:

— Não preciso da ajuda do teu braço nem das tuas ofertas de amizade, senhor mateiro, e aconselho-te a não pôr tanto orgulho nas tuas maneiras. Eu não sou homem para suportar passivamente a vergonha de uma derrota, e se os deveres do meu serviço me não chamassem ao castelo de Nottingham, devolver-te-ia uma a uma as pancadas recebidas.

— Vamos, meu corajoso amigo — insistiu João-Pequeno que apreciava em seu devido valor a real intrepidez do soldado, — não te mostres descontente nem despeitado. Sucumbiste diante de uma força superior à tua: o mal não foi grande, e tenho a certeza de que logo encontrarás meios de reabilitar a tua reputação de sangue frio e destreza. Faço o maior empenho em reconhecer, e consente-me até que o proclame, que não somente és muito forte na arte de manejar um bordão, como és ainda o atleta mais difícil de derrubar que pode desejar um coração firme e um braço poderoso. Acolhe, pois, com sinceridade, a oferta da minha mão, que te é estendida com a máxima lealdade e franqueza.

Aquelas palavras, ditas num tom de real apreço, pareceram demover o rancoroso normando.

— Aqui está a minha mão — disse ele estendendo-a ao adversário; — ela reclama da tua um aperto de amigo. E agora, meu rapaz — acrescentou Gofredo num tom de esforçada amabilidade, — concede-me a

graça de conhecer o nome do meu vencedor.

— Não posso por agora aceder ao que me pedes, mestre Gofredo; mais tarde me darei a conhecer.

— Esperarei para quando o julgares oportuno, estrangeiro; mas antes de te deixar sair deste albergue, creio ser de meu dever advertir-te de que qualificando-me de normando cometes um erro: eu sou saxão.

— Caramba! — exclamou alegremente João-Pequeno, — fico contentíssimo em saber que pertences à mais nobre raça que pisa o solo inglês; isso redobra a estima e a simpatia que me inspiras. Não tardaremos a encontrar-nos de novo, e então serei contigo mais explícito e confiante. Agora até à vista, os assuntos que me trouxeram a Nottingham estão reclamando a minha partida.

— Como! Queres então deixar-me tão depressa, nobre mateiro? Não o consentirei e vou acompanhar-te até onde necessitas ir.

— Peço-te, amigo soldado, que me deixes a liberdade de ir ao encontro do meu companheiro; já perdi um tempo precioso.

A notícia da partida de João-Pequeno correu de boca em boca e levantou um verdadeiro tumulto. Vinte vozes gritaram:

— Estrangeiro, nós vamos acompanhar-te, queremos proclamar por toda a parte a tua grandeza de alma e a tua valentia!

Pouco desejoso de receber os ameaçadores testemunhos daquela súbita popularidade, João-Pequeno, que via aproximar-se com verdadeira preocupação a hora marcada para o seu encontro com Robin, disse vivamente dirigindo-se a Gofredo:

— Queres prestar-me um serviço?

— Com a melhor vontade.

— Ajuda-me então a desembaraçar-me discretamente deste bando de beberões. Quero afastar-me sem chamar a atenção de ninguém.

— Perfeitamente — respondeu Gofredo, que acrescentou após um instante de reflexão: — Para conseguir o que desejas, dispomos apenas de um meio a empregar.

— Qual?

— Este: acompanha-me até ao castelo de Nottingham, que eles não ousarão seguir-nos além da ponte levadiça. Depois que estivermos dentro do castelo eu te levarei a um atalho deserto que, após algumas voltas, te deixará à entrada da cidade.

— O quê! — exclamou João-Pequeno; — não será possível encontrar outro meio para me libertar da companhia desses imbecis?

— Não vejo outro. Tu não conheces, amigo, a estúpida vaidade desses tagarelas; eles farão um cortejo atrás de ti, não por ti mesmo mas para serem vistos em tua companhia, e poderem dizer aos vizinhos, aos parentes e aos conhecidos: "Passei agora duas horas com o valente moço que derrotou o forte Gofredo; ele é meu amigo, entramos juntos na cidade não há muito tempo; aliás vocês devem ter-me visto, eu estava à sua direita, ou à sua esquerda, etc, etc".

João-Pequeno viu-se, bem contra a vontade, constrangido a seguir o conselho de Gofredo.

— Aceito a tua proposta — disse ele; — vamos então embora o mais depressa possível.

— Estarei contigo dentro de um segundo. Meus amigos! — gritou Gofredo dirigindo-se à multidão, — preciso voltar ao castelo e este digno mateiro vai acompanhar-me. Peço-vos, portanto, que nos deixeis sair tranquilamente; se algum dentre vós se permitir seguir-nos, ainda que seja à distância de vinte passos, considerarei essa teimosia como um verdadeiro insulto, e, por São Paulo! Farei com que se arrependa cruelmente.

— Mas — arriscou uma voz, — a minha casa encontra-se no caminho que ides seguir e eu preciso de voltar a minha casa.

— Não precisarás regressar antes de dez minutos — replicou Gofredo. — De modo que, bom dia para todos e lembranças para cada um!

Dito isto Gofredo deixou a sala, e um formidável hurra! acompanhou João-Pequeno até ao limiar da porta.

Foi assim que João-Pequeno penetrou na morada senhorial do barão Fitz-Alwine.

Depois de ter deixado João-Pequeno, Robin encaminhara-se para a casa de Graça May. A linda noiva de Halbert era uma desconhecida para Robin, no sentido de que ele jamais, a não ser pelos olhos do seu devotado amigo, admirara os encantos da bela moça; e se nos é permitido falar com o coração de Robin, devemos acrescentar que um sentimento de viva curiosidade o atraía para a residência de Graça May. Por muito tempo bateu à porta sem lograr a menor resposta de quem quer que fosse; depois, cansado de esperar, pôs-se a cantarolar a meia voz o estribilho de uma cantiga que lhe ensinara o pai.

Aos primeiros murmúrios desse canto melancólico um passo rápido e vivo acordou os adormecidos ecos da velha morada, e a porta bruscamente aberta deu passagem a uma jovem que, sem se dar ao trabalho de olhar o visitante, rompeu num tom alegre:

— Eu bem sabia, querido Hal, que virias esta manhã; até disse a minha mãe... Ah! perdão, senhor —,

acrescentou a esperta moça, que outra não era senão Graça May, — mil vezes perdão!
E enquanto assim se desculpava diante de Robin, Graça corava até à raiz dos cabelos; a vivacidade irrefletida dos seus movimentos motivava esse rubor, pois ela atirara-se inadvertidamente aos braços do atônito Robin.

— É a mim senhorita — respondeu o jovem num tom de voz muito meigo, — é a mim que compete pedir-lhe perdão por não ser aquele que certamente esperava.

Atrapalhada e confusa Graça May acrescentou:

— Posso saber, senhor, a que motivo devo atribuir a inesperada honra da sua visita?

— Senhorita — voltou Robin, — eu sou um amigo de Halbert Lindsay e desejava falar-lhe. Um motivo sério e que seria muito longo de explicar, impede-me de o ir procurar ao castelo; ficar-lhe-ia, pois, muito reconhecido, se me quisesse conceder a permissão de esperar aqui que ele a venha visitar.

— De muito boa vontade, senhor; os amigos de Hal são sempre bem acolhidos na casa de minha mãe; pode entrar.

Robin inclinou-se cortesmente diante de Graça e entrou com ela numa vasta sala do andar térreo.

— Já almoçou, senhor? — perguntou a jovem.

— Sim, senhorita, muito obrigado.

— Permita-me que lhe ofereça um copo de cerveja; a que temos em casa é excelente.

— Aceito para ter o prazer de beber em honra de Hal, meu amigo muito feliz — disse Robin galantemente.

Os olhos da linda Graça brilharam de alegria.

— É muito amável, senhor — agradeceu ela.

— Sou apenas um sincero admirador da beleza, senhorita; nada mais do que isso.

A moça corou.

— O senhor está chegando de longe? — perguntou ela como para dar outro curso à conversação.

— Com efeito, senhorita, estou chegando de uma pequena aldeia situada nos arredores de Mansfeld.

— Não será da aldeia de Garnwell? — acrescentou Graça com vivacidade.

— Justamente. Conhece por acaso essa aldeia? — perguntou Robin interessado.

— Conheço, sim senhor — respondeu a jovem sorrindo, — conheço-a muitíssimo bem, apesar de nunca lá ter ido.

— Como é possível então?...

— Oh! É muito simples: a irmã de leite de Halbert, *miss Maude Lindsay*, mora no castelo de *sir Guy*. Halbert vai freqüentemente visitar a irmã, e no regresso fala-me dela e conta-me as notícias da aldeia, levando-me desse modo — acrescentou graciosamente a jovem, — a conhecer e estimar os hóspedes de *sir Guy*. Entre esses hóspedes há sobretudo um de que Halbert me fala com extrema simpatia.

— Qual? — perguntou o moço rindo.

— O senhor mesmo; porque, se a memória não me falha, posso com toda a certeza cumprimentá-lo pelo nome de Robin Hood. Hal fez-me do senhor um retrato tão parecido que não posso ter-me enganado. Descreveu-me Robin Hood — prosseguiu a jovem com volubilidade, — como um senhor alto, bem proporcionado, de grandes olhos negros, cabelos magníficos, um ar de nobreza.

Um sorriso de Robin conteve a expansiva descrição de Graça May; ela calou-se e baixou os olhos.

— O bom coração de Hal deu-lhe relativamente a mim uma grande indulgência de apreciação, senhorita; a seu respeito, contudo, mostrou-se mais severo, e verifico que tudo o que ele me disse de si está longe da verdade.

— Em todo o caso tenho a certeza de que ele nada disse que me possa melindrar — voltou Graça com essa admirável confiança que dá o amor retribuído.

— Não, disse-me apenas que a senhorita é uma das mais encantadoras jovens de todo o condado de Nottingham.

— E o senhor não acreditou nas suas palavras?

— Perdoe-me, mas acabo de verificar que cá num grande logro acreditando-o.

— Como! — exclamou alegremente a moça; — estou encantada de o ouvir falar com tanta sinceridade.

— Com toda a sinceridade. Disse-lhe ainda há pouco que Hal se mostrou muito severo a seu respeito, e acrescentei que designando-a como uma das mais encantadoras jovens de todo o condado estava-me induzindo a laborar num grande erro.

— Realmente, senhor; mas é preciso perdoar os exageros de um coração que os sentimentos inclinam à parcialidade.

— Mas é que não houve exagero, senhorita, houve cegueira; não se trata de uma das mais formosas jovens de todo o condado, mas seguramente da mais formosa de todas.

Graça pôs-se a rir.

— Permita-me — continuou ela, — não ver nas suas palavras mais do que um amável galanteio, e estou certa de que se cometesse a loucura de acreditar nelas o senhor me consideraria, uma louquinha. Maude

Lindsay é uma beleza perfeita, e acima de Maude há no castelo de Garnwell uma outra jovem dama que o senhor com certeza acha cem vezes mais linda do que Maude, mil vezes mais linda do que eu; sucede, porém, que o senhor é tão discreto quanto amável, e não ousa dizer abertamente o que pensa.

— Não receio jamais falar com franqueza, senhorita — respondeu Robin, — e estou dizendo a verdade quando lhe asseguro que no seu gênero de beleza a senhorita está acima de todas as moças de Nottingham. A jovem dama a que alude tem, como a senhorita, direito à primeira categoria no tipo do seu gracioso rosto. Mas parece-me que a nossa conversa está entrando no terreno da lisonja — acrescentou Robin, — e eu não quero que o meu amigo Hal me possa acusar de lhe dirigir galanteios.

— Tem razão, senhor; conversemos como amigos.

— De acordo. *Miss Graça*, responda francamente à pergunta que lhe vou fazer: como sucedeu que, sem mesmo ter tempo de ver o meu rosto, a senhorita se jogou em meus braços?

— A sua pergunta é realmente embaraçosa, *sir Robin* — disse Graça, — mas eu vou tentar responder-lhe. O senhor trauteava uma canção que está sempre na boca de Hal, e naturalmente pareceu-me reconhecer a voz dele. Hal é um amigo de infância, fomos por assim dizer educados juntos nos joelhos de minha mãe; tenho para com Hal familiaridades de irmã, nós vemo-nos todos os dias. Isso lhe explica o motivo porque me mostrei tão expansiva. Peço-lhe que me desculpe.

— Não precisa absolutamente desculpar-se, *miss Graça*. Agora que tive o prazer de a ver sinto na verdade inveja de Hal, e já não me admirarei de o ouvir proclamar-se a toda a hora o homem mais feliz da terra.

— *Sir Robin* — tornou alegremente a moça, — apanhei-o mais uma vez em flagrante delito de mentira. Essa felicidade de que o senhor se declara tão invejoso, não a trocaria por aquela que é o alvo de todas as suas esperanças.

— Minha encantadora Graça — respondeu tranquilamente Robin, — quando sucede a um homem ou a uma mulher depositar a sua afeição num coração honesto, nunca mais a recuperamos, e tenho a certeza de que se me viesse à idéia tentar suplantar Halbert em seu coração, eu seria mal recebido.

— Oh! não — replicou ingenuamente Graça; — mas eu não gostaria de revelar a Halbert o fundo real do meu pensamento, pois ele ficaria muito orgulhoso.

A conversa tão alegremente iniciada prolongou-se ainda por mais uma hora.

— Parece-me — atalhou de repente Robin, — que Hal está demorando muito; os apaixonados são sempre impacientes e ordinariamente antecipam-se à hora do encontro.

— É coisa muito natural, não acha? — perguntou Graça.

— Sim, muito natural.

Por fim ouviu-se a aldrava da porta; a ária cantada por Robin subiu no ar, e Graça, dando ao jovem um olhar que parecia dizer-lhe: “Como vê, o meu equívoco era perfeitamente perdoável”, correu ao encontro do recém-chegado.

A presença de Robin não impediu a vivaz criatura de ralar com Hal sobre o seu atraso na chegada, e de o beijar fingindo-se um pouco amuada.

— Como! Por aqui, senhor Robin? — exclamou Hal. — E Maude, a minha querida irmã Maude? Dê-me notícias da sua saúde.

— Maude está um pouco adoentada.

— Irei visitá-la. Mas não é nada de grave, hein?

— Absolutamente nada.

— Não me admiro de o ver por aqui — tornou Halbert. — Soube, ou antes, adivinhei que tivesse vindo a Nottingham, e aqui está por que motivo. Tendo ido à cidade a serviço do castelo, ouvi dizer que ia ter lugar uma luta de bordão entre Gofredo, o forte, conhece-o, não é verdade, Graça? E um mateiro. Imediatamente me ocorreu ir divertir-me um pouco nessa pequena festa.

— E eu aqui à sua espera, senhor — interveio Graça estendendo num amuo o lindo lábio rosado.

— Não era minha intenção ficar mais do que alguns instantes entre os espectadores. Cheguei ao terreiro no momento em que João-Pequeno atirava Gofredo por cima da cabeça, Gofredo, o forte, Gofredo, o gigante, como nós lhe chamamos no castelo; imagina, Graça, que esplêndido feito! Ia pedir notícias suas a João-Pequeno, mas foi impossível aproximar-me dele. Então percorri a cidade, e por fim, nada mais tendo a fazer para a minha misteriosa busca, fui procurá-lo ao castelo.

— Ao castelo! — exclamou Robin; — e procuraste-me pelo meu nome?

— Não, não, sossegue. O barão regressou ontem, e se eu cometesse a tolice de revelar a sua presença em suas terras, o senhor seria perseguido como um animal feroz.

— Meu caro Hal, o meu receio era uma verdadeira criancice; conheço a tua prudência e sei que sabes guardar um segredo. O fim da minha viagem era em primeiro lugar encontrar-me contigo e em seguida pedir-te informações a respeito dos prisioneiros que se encontram no castelo. Sabes naturalmente o que se passou esta noite na floresta de Sherwood.

— Sim, sei; o barão está furioso.

— Tanto pior para ele. Voltemos aos prisioneiros; entre eles encontra-se um rapaz que desejo salvar a

qualquer preço: William Escarlata.

— William! — exclamou o outro; — e como se explica a presença dele no bando de proscritos que atacou os cruzados?

— Meu caro Hal — prosseguiu Robin, — não houve encontro algum com proscritos, e sim com valentes rapazes que cometeram a tolice de agir sem discernimento, supondo atacar, não a cruzados, mas ao barão Fitz-Alwine e aos seus soldados.

— Éreis vós! — bradou o pobre Hal dolorosamente surpreendido.

Robin fez um sinal afirmativo.

— Agora compreendo tudo; é da vossa destreza que falam os cruzados, dizendo haver um homem no bando que disparava a morte na ponta de cada uma das suas flechas. Ah! Meu pobre Robin, o resultado dessa luta foi-vos bem funesto.

— Sim, Hal, bem funesto — concordou Robin tristemente; — meu pai foi morto.

— Morto, o digno Gilberto! — exclamou Halbert com lágrimas na voz; — Ah! Meu Deus!

Por um momento ambos ficaram em silêncio, mergulhados numa dor comum. Graça já não sorria; perturbavam-na a tristeza de Hal e o desespero de Robin.

— E o caro Will caiu então nas mãos dos soldados do barão? — tornou Halbert tentando reconduzir as idéias de Robin para a sorte do pobre amigo.

— É verdade — respondeu Robin, — e eu vim justamente procurar-te, meu caro Hal, na esperança de que consintas em prestar-me o teu auxílio para entrar no castelo. Não sairei de Nottingham antes de ter devolvido a liberdade a William.

— Conte comigo, Robin, — respondeu vivamente o rapaz, — farei tudo o que de mim depender para lhe prestar uma ajuda nesta dolorosa circunstância. Vamos voltar ao castelo, não me será difícil introduzi-lo lá dentro; mas quando lá estiver precisará cuidar de si mesmo, ter paciência e mostrar-se prudente.

Desde que o barão regressou, a vida tornou-se um verdadeiro inferno para todos nós; ele grita, pragueja, anda de um lado para outro, acabrunhando-nos com a sua presença.

— *Lady Christabel* regressou com ele?

— Não, ele trouxe apenas o confessor; os soldados que o acompanharam são estrangeiros.

— Não conseguiste saber nada a respeito da sorte de Allan Clare?

— Nem uma palavra; não há ninguém no castelo a quem seja possível pedir notícias. Quanto a *lady Christabel* está na Normandia e, segundo todas as probabilidades, num convento. É portanto de presumir que o senhor Allan se mantenha nas proximidades desse convento.

— Não deves andar longe da verdade — respondeu Robin — pobre Allan! Seu fiel amor será recompensado, assim o espero.

— Sem dúvida — interveio Graça; — há uma providência para os apaixonados.

— Confio-me à bondade dessa boa providência — disse Halbert lançando um terno olhar à sua noiva.

— Eu também — acrescentou Robin, com o coração palpitante à lembrança de Mariana.

— Caro Robin — continuou Hal, — se nos for possível tentar alguma coisa para a salvação de William, precisamos agir esta mesma tarde; os prisioneiros devem partir para Londres cerca da meia-noite, a fim de serem julgados e condenados conforme aprouver ao rei.

— Então apressemo-nos, apressemo-nos; eu prometi a João-Pequeno ir esperá-lo à entrada da ponte levadiça do castelo.

— Querida Graça — disse Hal timidamente, — não brigarás amanhã comigo por te haver deixado hoje tão depressa?

— Não, não, Hal, podes, ficar sossegado. Vai corajosamente em socorro do teu amigo e não te preocupes comigo; eu vou rezar ao céu para que ele vos ajude.

— És a melhor e a mais amada das mulheres, querida Graça, — volveu Hal beijando as faces vermelhas da noiva.

Robin saudou graciosamente a moça e os dois amigos lançaram-se em passo rápido na direção do castelo.

— Com efeito — respondeu Robin, — é João-Pequeno. Que poderá significar essa aparente intimidade?

— Aposto a minha cabeça — continuou Hal, — em como Gofredo se tomou de súbita amizade por João-Pequeno, e o leva ao castelo com a intenção de lhe oferecer de beber. Gofredo é um excelente rapaz, mas muito imprudente. Está ao serviço do barão há pouco tempo ainda, e haverá barulho na certa se ele se entregar levianamente ao prazer de esvaziar garrafas.

— Podemos depositar toda a confiança na costumada sobriedade de João-Pequeno — respondeu Robin;

— ele obrigará o companheiro a manter-se nos limites razoáveis.

— Preste atenção, Robin — disse vivamente Hal; — João-Pequeno já nos viu e acaba de lhe fazer um sinal.

Robin dirigiu os olhos para o lado do amigo.

— Ele aconselha-me a esperar — tornou Robin; — vai ao castelo; mas eu vou dar-lhe a entender que estou em tua companhia e que nos encontraremos lá dentro em qualquer pátio.

— Muito bem. Acompanhe-me até à cantina, direi que é um dos meus amigos. Lá procuraremos descobrir, através da tagarelice dos soldados, em que parte do torreão estão encerrados os presos e o nome do encarregado de velar por eles; se conseguirmos roubar as chaves do castelo, poremos William em liberdade; mas para sair será absolutamente necessário atravessar outra vez os subterrâneos. Chegados à floresta...

— Consentirei que nos persigam e até que nos alcancem, se puderem! — terminou alegremente Robin. A ponte levadiça desceu a pedido de Hal e Robin não tardou a encontrar-se no interior do castelo de Nottingham.

Vendo-se obrigado a acompanhar Gofredo, João-Pequeno resolveu aproveitar-se, no interesse do primo, da brusca simpatia que lhe testemunhava o soldado normando.

Foi fácil ao mateiro conduzir a conversa para os sucessos da noite; Gofredo prestou-se com a melhor vontade do mundo ao desejo do seu novo amigo e confiou-lhe que estava encarregado da vigilância dos três prisioneiros.

— Entre eles, — acrescentou, — encontra-se um bonito rapaz, que tem verdadeiramente uma aparência notável.

— Ah! — disse João-Pequeno com ar de indiferença.

— Com efeito; talvez você nunca visse em sua vida cabelos de uma cor tão extraordinária: são quase vermelhos; apesar disso é muito bonito, tem uns olhos magníficos, e dir-se-ia que eles contêm agora uma brasa do inferno, tão brilhantes se tornaram por efeito da cólera. Monsenhor fez uma visita ao pobre moço enquanto eu estava de sentinela; mas não pôde arrancar-lhe uma só palavra, e saiu furioso jurando que o mandaria enforcar dentro de vinte e quatro horas.

— Pobre Will! — disse para si João-Pequeno. — Será que o infeliz moço está ferido? — perguntou em voz alta.

— Passa tão bem quanto você e eu — respondeu Gofredo; — o que está é de muito mau humor.

— Os calabouços dão então para as muralhas? — tornou a perguntar João-Pequeno; — é coisa bastante rara.

— Você está enganado, estrangeiro; aqui na Inglaterra sucede isso em vários castelos.

— Em que ponto estão situados, nos ângulos?

— Na maioria dos casos, mas nem todos são habitáveis, por exemplo, aquele onde está encerrado o rapaz de que lhe falo, e que se acha a oeste, não é mau; é possível viver lá dentro sem grande sofrimento. Olhe — acrescentou Gofredo, — pode-se ver daqui o ponto onde ele está situado: ali, ao pé da barbacã, está vendo?

— Estou.

— Pois em cima há uma abertura bastante larga para dar passagem ao ar e à luz, por baixo daquela porta.

— Estou vendo; então o moço de cabelos vermelhos está lá dentro?

— Sim, para sua desgraça.

— Pobre diabo! É triste, hein, amigo Gofredo?

— Tristíssimo, amigo estrangeiro.

— Quando a gente pensa — continuou João-Pequeno com o ar de quem estivesse fazendo uma simples reflexão, — que se acha ali entre quatro paredes, atrás de uma porta chapeada de ferro, um moço vigoroso e bem parecido, que afinal de contas não fez grande mal, e que sem dúvida esgota as suas forças em vão esforços! Está guardado à vista por sentinelas?

— Não, está sozinho; se ele tivesse amigos, não lhe seria muito difícil evadir-se. O ferrolho da porta é do lado de fora; seria suficiente puxá-lo, e, *crac!* A porta rolaria nos gonzos; o difícil, senão impossível, seria atravessar a muralha do lado oeste.

— Por quê?

— Porque ela é a todo o instante percorrida pelos soldados, ao passo que a do lado leste, estando abandonada, seria um caminho de toda a segurança.

— Desse lado não há guardas?

— Não; essa parte do castelo está completamente vazia; dizem que é freqüentada por almas do outro mundo, de modo que um sentimento de terror afasta de lá toda a gente.

— Caramba! — exclamou João-Pequeno, — Eu nunca induziria o preso a tentar os azares de uma fuga tão incerta, pois mesmo que ele conseguisse sair do calabouço, como se arranjaria para transpor os muros de semelhante fortaleza?

— Uma pessoa estranha, e que naturalmente ignora as passagens secretas, seria agarrada antes de ter dado dez passos; mas eu, por exemplo, se tentasse fugir, dirigir-me-ia para o lado leste das muralhas, em direção a um quarto desabitado cuja janela abre sobre as fossas; próximo a essa janela, à distância de um braço, encontra-se um velho arcobotante que pode servir de degrau. Daí pode-se descer para um estrado de madeira que flutua sobre a água; essa ponte volante deve ter servido, penso eu, para os homens do barão que regressavam ao castelo depois da hora do cobre-fogo. Uma vez do outro lado resta apenas

reclamar a salvação à agilidade das próprias pernas.

— Para tudo isso o pobre preso necessitaria de um amigo muito inteligente — observou João-Pequeno.

— Sim, mas não o tem.

— Não o tem — repetiu João-Pequeno como um eco.

— Bom mateiro — atalhou Gofredo, — vais consentir que te deixe sozinho alguns instantes, pois tenho deveres a cumprir; se quiseres percorrer o castelo tens a minha permissão, e se por acaso te interrogarem dá a palavra de passe, que é *de boa vontade e honestamente*, e assim todos saberão que és um amigo.

— Agradeço-te, mestre Gofredo — disse João-Pequeno verdadeiramente reconhecido.

— Em breve terás de me agradecer ainda mais, cachorro saxão! — resmungou Gofredo saindo do aposento onde se encontravam. — Na verdade este camponês toma-me por um dos seus iguais; eu sou normando, um autêntico normando, e vou dar-lhe a prova de que Gofredo o forte não é impunemente derrotado. Ah! Maldito mateiro, fizeste dobrar diante de ti um homem que nunca sentiu pesar sobre os ombros o bastão de um adversário; mas fica tranqüilo; hás de arrepender-te da tua imprudência. Ah! Ah! Ah! — exclamou Gofredo entre duas gargalhadas, — Caíste na armadilha, meu robusto mateiro; vieste certamente com o intuito de salvar os teus amigos, porque foram bandidos da tua espécie que atacaram os cruzados. Pois bem, farás uma viagem ao serviço de Sua Majestade, se antes disso a minha faca te não entrar no coração. Como ele mordeu depressa o anzol! Aposto a minha vida em como daqui a pouco o encontrarei na muralha de leste; será uma boa oportunidade para lhe pagar de uma só vez tudo quanto lhe devo.

Assim resmungando, Gofredo pensava encarecer o mérito da sua vigilância junto ao barão, e ao mesmo tempo vingar-se de João-Pequeno.

Logo que se viu sozinho, o nosso amigo João pôs-se a refletir.

— Este Gofredo é talvez um homem — pensou o sobrinho de *sir Guy*, — pode ter boas intenções; mas eu não acredito na sua honestidade nem na sua benevolência. Não é comum a um indivíduo de tão ínfima categoria ter a grandeza de alma de perdoar, mais do que isso, de experimentar um sentimento de interesse por um adversário triunfante; de modo que Gofredo engana-me, fui evidentemente apanhado numa rede. Preciso sair dela e velar pela salvação de William.

João-Pequeno saiu do quarto, e sem outro guia além do acaso, encaminhou-se por uma vasta galeria cuja extremidade devia provavelmente conduzir a leste das muralhas.

Depois de haver percorrido durante uma boa meia hora uma enfiada de corredores e passagens completamente desertas, encontrou-se diante de uma porta. João-Pequeno abriu-a e avistou um velho, debruçado sobre um cofre no qual amontoava com cuidado pequenas sacolas cheias de peças de ouro. Entretido nos cálculos da sua operação, o velho não se apercebeu da insólita presença do estranho.

João-Pequeno estava perguntando a si próprio que resposta devia dar à inevitável pergunta do ancião, quando este, erguendo a cabeça, viu diante de si o gigantesco intruso. Uma expressão de visível espanto se lhe pintou no rosto; deixou cair um dos sacos, e o ouro, chocando-se contra o soalho, produziu um som que fez estremecerão seu proprietário.

— Quem és tu? — perguntou ele com voz trêmula. — Eu dei ordem para que proibissem a entrada em meus aposentos! Que me queres?

— Sou um amigo de Gofredo; estava a caminho da muralha de oeste, mas parece que me enganei.

— Ah! Ah! — exclamou o velho, com um estranho sorriso nos lábios; — És então um amigo de Gofredo o forte, o valente Gofredo? Escuta, belo mateiro, porque em verdade és o mais belo mocetão que ainda vi em toda a minha vida; queres trocar a tua roupa de camponês pelo uniforme de um soldado? Eu sou o barão Fitz-Alwine.

— Ah! Sois o barão Fitz-Alwine? — exclamou João-Pequeno.

— Sou, e um dia te felicitarás, se tiveres a boa idéia de aceitar a minha proposta, por teres tido a sorte de me encontrar.

— Mas que proposta? — perguntou João-Pequeno.

— A de entrar ao meu serviço.

— Antes de responder, permita-me também que lhe faça algumas perguntas — disse João-Pequeno indo com ar muito pacato fechar com duas voltas a porta do aposento.

— Que estás fazendo, belo mateiro? — perguntou o barão tomado de súbita inquietação.

— Estou prevenindo interrupções indiscretas, ponho um obstáculo a visitas que poderiam ser importunas — respondeu o moço num tom perfeitamente calmo.

Um clarão de furor atravessou os olhinhos cinzentos do ladrão.

— Estais vendo isto? — perguntou o mateiro colocando sob os olhos de Sua Senhoria uma comprida correia de pele de veado.

O velho, sufocado pela cólera, contentou-se em responder a essa inquietadora pergunta por um aceno afirmativo.

— Então escutai-me com atenção — prosseguiu o moço; — tenho uma graça a pedir-vos, e se acontecer

que sob um pretexto qualquer vos recuseis a conceder-ma, sereis enforcado sem misericórdia na cornija desse móvel que estou vendo além. Ninguém acudirá aos vossos gritos, pela melhor das razões: porque vos impedirei de gritar. Possuo armas, uma vontade de ferro, uma coragem igual à minha vontade, e sinto-me com forças para defender contra vinte soldados a entrada desse quarto. De qualquer maneira, compreendei bem, sois um homem morto se recusardes obedecer-me.

— Bandido miserável! — pensou o barão, — eu te farei moer à pancada se conseguir libertar-me do teu infernal domínio. — Que desejais, bravo mateiro? — perguntou Sua Senhoria com voz dulçorosa.

— Desejo a liberdade...

Nesse momento um passo rápido se fez ouvir ao longo do corredor, e uma pancada violenta abalou as ombreiras da porta. João-Pequeno arrancou da cintura uma faca de lâmina afiada, segurou o débil velho e disse-lhe em voz baixa e num tom ameaçador:

— Se soltares um grito, se disserdes uma palavra que seja perigosa para a minha segurança, mato-vos. Perguntai quem é que está batendo à porta.

O barão, apavorado obedeceu.

— Quem está aí?

— Sou eu, monsenhor.

— Tu, quem, imbecil? — soprou João-Pequeno.

— Tu, quem, imbecil? — repetiu o barão.

— Gofredo.

— Que queres, Gofredo?

— Monsenhor, venho comunicar-lhe uma notícia muito importante.

— Que notícia?

— Tenho em meu poder o chefe dos bandidos que atacaram os vassallos de Vossa Senhoria.

— Ah! Conseguiste? — murmurou João-Pequeno com sarcasmo.

— Ah! Conseguiste? — repetiu o pobre barão.

— Sim, milorde, e se Vossa Senhoria me permite, eu lhe contarei porque astucioso meio logrei apoderar-me desse malfeitor.

— Agora estou ocupado, não posso receber-te; volta daqui a meia hora.

O barão mastigou por assim dizer as palavras dessa resposta, que lhe era soprada por João-Pequeno.

— Daqui a meia hora será tarde demais —olveu Gofredo num tom de visível mau humor.

— Obedece, maroto! Vai-te embora; torno a repetir-te que estou muito ocupado.

O barão, louco de furor, daria com satisfação os sacos de ouro que guardava no cofre para ter a possibilidade de reter Gofredo e de o chamar em seu socorro. Infelizmente este último, forçado a obedecer à ordem peremptória que lhe fora dada, afastou-se tão rapidamente como tinha vindo, e o barão encontrou-se sozinho com o seu gigantesco inimigo.

Quando o rumor dos passos do soldado se perdeu na profundidade dos corredores, João-Pequeno tornou a guardar a faca na cintura e disse a lorde Fitz-Alwine:

— Agora, senhor barão, vou dizer-vos o que pretendo. Na noite passada houve um combate na floresta de Sherwood entre os vossos soldados que regressavam da Terra Santa e uma companhia de valentes saxões. Seis homens foram feitos prisioneiros: pretendo a liberdade desses seis homens, e quero ainda que ninguém os acompanhe ou siga; detesto a espionagem e não consinto que a façais.

— De boa vontade concordaria em ser-te agradável nesse ponto, belo mateiro, mas...

— Mas não o quereis. Escutai, senhor barão, eu não disponho de tempo para dar ouvidos às vossas falsidades, nem paciência para lhes suportar a monotonia. Dai-me a liberdade desses pobres rapazes, ou não respondo pela vossa vida, mesmo por um quarto de hora que seja.

— És muito exigente, rapaz! Está bem: vou obedecer-te. Aqui está o meu selo: procura uma das sentinelas da fortaleza, mostra-lhe este sinete e dize-lhe que te concedi a graça desses patifes... desses prisioneiros. A sentinela te levará à presença do encarregado de vigiar os teus protegidos, e imediatamente te será aberta a porta da cela onde os mantenho fechados; porque esses valentes rapazes não estão presos nos calabouços.

— As vossas palavras parecem-me muito sinceras, senhor barão — respondeu João-Pequeno; — em todo o caso não me sinto animado a aceitá-las com muita confiança. Esse sinete, essa sentinela, esse vaivém de um lugar para outro, tudo isso me parece tão confuso que receio não poder desembaraçar-me com facilidade. Por conseqüência, o melhor que tendes a fazer é acompanhar-me, de boa ou má vontade, à presença do homem que está encarregado dos meus amigos; dar-lhe-eis a ordem para os deixar em liberdade, e em seguida nos deitareis sair tranquilamente do recinto deste senhorial castelo.

— Duvidas da minha palavra? — perguntou o barão com um modo escandalizado.

— Inteiramente; e até acrescento que se, por uma palavra, um gesto, um aceno, tentardes fazer-me cair numa armadilha, vos cravarei no próprio instante e sem qualquer aviso prévio, a minha faca no coração. As ameaças de João-Pequeno eram feitas num tom tão decidido, a sua face exprimia uma resolução tão

imutável que não seria lícito duvidar um só momento de que das palavras ao fato medeasse apenas o gesto.

O barão encontrava-se numa situação muito perigosa, e isso por sua culpa. Habitualmente uma companhia de soldados velava pela sua segurança, quer junto aos seus aposentos, quer ao alcance de uma chamada fácil. Mas nesse dia, desejoso de ficar sozinho a fim de poder arrumar secretamente a prodigiosa quantidade de ouro amontoada em seus cofres (nessa época não existiam banqueiros), ele afastara os seus guardas e proibira que, sob nenhum pretexto alguém ousasse aproximar-se dele. Desesperadamente convencido da sua solidão, o orgulhoso fidalgo não se atrevia a infringir a proibição formal de João-Pequeno, e com espantosos clamores abafados na garganta, conservava um profundo silêncio. Lorde Fitz-Alwine apegava-se singularmente à vida, e o desejo de ir reunir-se aos seus ancestrais ainda não chegara para ele. Entretanto parecia bem próximo de realizar essa melancólica viagem, porque a luta que ia travar com João-Pequeno tinha poucas probabilidades de sucesso: a liberdade prometida e tão imperiosamente exigida dos jovens saxões era um fato irrealizável, pela simples razão de que, às primeiras horas da madrugada, acorrentado uns aos outros e confiados à guarda de um grupo de vinte soldados, os prisioneiros haviam partido para Londres. Dizimado pelas guerras desastrosas da Normandia, o exército de Henrique II estava muito debilitado, e embora o reino estivesse em plena paz, Henrique II fazia recrutar, tanto quanto lhe era possível, os moços de saúde robusta e alta estatura.

A fim de atender ao desejo do rei, os senhores suzeranos enviavam para Londres bom número dos seus vassallos, e lorde Fitz-Alwine apenas voltara a Nottingham para escolher entre os seus homens um grupo digno de enfileirar nesse corpo de exército. A boa presença de João-Pequeno, a sua aparência viril e o vigor hercúleo de toda a sua pessoa, haviam subitamente inspirado ao barão o desejo de o remeter para Londres. E era com essa secreta intenção que propusera ao moço para entrar para o seu serviço e revestir o capote militar. Constrangido a obedecer a uma nova imposição de João-Pequeno, o barão decidiu esconder-lhe a verdade, e levá-lo sob o pretexto de uma visita aos prisioneiros, a um ponto do castelo onde seria possível obter pronto socorro.

— Estou disposto a atender ao teu pedido — disse ele erguendo-se da cadeira.

— Asseguro-vos que andais com o máximo juízo — voltou o jovem, — e se pretendeis adiar para uma época ainda longínqua a visita que deveis a Satanás, apressemo-nos a deixar esta sala. Ah! Ainda uma palavra — acrescentou João-Pequeno.

— Podes dizer — gemeu o barão.

— Onde está vossa filha?

— Minha filha? — exclamou Fitz-Alwine no cúmulo da surpresa; — Minha filha!

— Sim, vossa filha, *Lady Christabel*.

— Na verdade, belo mateiro, é essa uma estranha pergunta que me fazes. Não importa; respondi com franqueza. *Lady Christabel* está na Normandia.

— Em que parte da Normandia?

— Em Rouen.

— Isso é verdade?

— A pura verdade; mora num convento dessa cidade.

— Que foi feito de Allan Clare?

O rosto do barão cobriu-se de súbito rubor, os seus dentes mordendo os lábios trêmulos abafaram um grito de raiva e ele cravou no rapaz um olhar de indizível cólera. João, que com a sua imponente estatura dominava aquele fraco inimigo, repetiu lentamente a pergunta.

— Que foi feito de Allan Clare?

— Não sei.

— Mentos! — gritou João-Pequeno furioso; — Mentos! Ele deixou-nos há seis anos para seguir *Lady Christabel*, e estou certo de que sabes o que foi feito desse desventurado moço. Onde está ele?

— Não sei.

— Não o viste então em todo o decorrer destes seis anos?

— Vi-o, sim, esse misero obstinado!...

— Nada de injúrias, por favor, senhor barão. Onde o visteis?

— O primeiro encontro que tivemos — prosseguiu lorde Fitz-Alwine em tom amargo — verificou-se num lugar que devia ser interdito a esse vagabundo sem pudor. Encontrei-o no aposento de minha filha, encontrei-o ajoelhado aos pés de *lady Christabel*. Nessa mesma noite minha filha entrou para um convento; no dia seguinte ele teve a audácia de se apresentar diante de mim e de me pedir a mão de minha filha. Mandeí-o expulsar pelos meus homens; a partir de então não o tornei a ver, mas soube ultimamente que ele entrou para o serviço do rei de França.

— Por vontade própria? — perguntou João.

— Sim, a fim de preencher as condições de um tratado feito entre nós ambos.

— Que tratado? A que se comprometeu Allan? Que lhe haveis prometido?

— Ele comprometeu-se a restaurar a sua fortuna, a reentrar na posse das suas terras, seqüestradas em virtude das ligações do seu pai com Tomás Becket. Eu prometi-lhe a mão de minha filha se durante sete anos ele se mantivesse afastado e sem procurar vê-la. Se ele faltar à palavra, disporei de *lady Christabel* como melhor entender.

— A que data remonta esse compromisso?

— Foi tomado há três anos.

— Muito bem. Agora ocupemo-nos dos prisioneiros. Vamos pô-los em liberdade.

O peito do altivo fidalgo encerrava um verdadeiro vulcão; ardia, mas o seu pálido rosto nada revelava dos sinistros projetos que lhe ocupavam a mente. Antes de seguir João-Pequeno fechou com dupla volta a preciosa caixa, assegurou-se de que não deixava qualquer vestígio revelador dos seus imensos tesouros, e disse ao outro num tom de grande serenidade:

— Vamos, corajoso saxão.

João-Pequeno não era homem para aceitar cegamente o itinerário escolhido pelo barão, e foi-lhe fácil perceber que lorde Fitz-Alwine enveredava por um caminho oposto àquele que deveria desembocar nas muralhas.

— Senhor barão — disse ele assentando a robusta mão no ombro do velho, — parece-me que escolheis um caminho que nos distancia do ponto onde queremos chegar.

— Como sabes? — perguntou o barão.

— Porque os prisioneiros estão encerrados nos calabouços da muralha.

— Quem te deu essa informação?

— Gofredo.

— Ah! O patife!

— Sim, é um patife; pois não contente com dizer-me em que parte do castelo estão os meus amigos, ainda me indicou um meio para os fazer evadir.

— Sim senhor! — exclamou o barão. — Não me esquecerei de o recompensar pelos seus bons serviços. Mas, embora traindo-me ele divertiu-se à custa da tua credulidade: afinal, os prisioneiros não estão nessa parte do castelo.

— É possível, mas desejo certificar-me disso em vossa companhia.

Por baixo da galeria em que se encontravam os nossos dois personagens, fez-se de repente ouvir um ruído de marcha que denunciava o passo de vários homens. Apenas uma escada separava lorde Fitz-Alwine daquele socorro providencial; bruscamente, aproveitando-se da distração do mateiro, ocupado em dar-se conta do lugar onde iriam ter as profundezas daquela galeria, ele lançou-se com uma agilidade extraordinária para a sua idade em direção à porta cuja abertura mergulhava na escada. Ali chegado, e no momento em que ia descer os degraus de quatro em quatro, sentiu como um punho de ferro segurá-lo pelo ombro. O desditoso ancião soltou um grito estridente e precipitou-se pela escada abaixo. Impassível e limitando-se a estender o passo, João-Pequeno seguiu o barão na sua corrida insensata, tornada a cada minuto mais viva e mais rápida. Levado pela esperança de encontrar algum socorro, o barão prosseguia loucamente na corrida, gritando e clamando por alguém. Mas esses gritos entrecortados ficavam sem eco e perdiam-se na interminável solidão das galerias. Por fim, após um quarto de hora daquela estranha fuga, o barão deteve-se diante de uma porta, e empurrou-a com tanta força que os dois batentes se escancararam e ele foi cair desorientado nos braços de um homem que correu ao seu encontro.

— Salva-me! Salva-me! É um assassino! — gritou o barão; — Agarra-o! Mata-o! — E acabando de vociferar esses apelos furiosos, lorde Fitz-Alwine, esgotadas as suas forças, escorregou de entre as mãos que tentavam segurá-lo e caiu estendido no soalho.

— Para trás! — bradou João-Pequeno procurando repelir o protetor do barão; — para trás!

— Que é isso, João-Pequeno — disse uma voz conhecida — será que a cólera te cega a ponto de não reconheceres os amigos?

João-Pequeno teve uma exclamação de surpresa.

— Como! Pois és tu, Robin? Viva Deus! Eis um acaso grandemente feliz para esse traidor; porque se não fosse este outro, juro que teria chegado a sua última hora.

— Mas quem é este desgraçado a quem persegues tão encarniçadamente, meu bravo João?

— É o barão Fitz-Alwine — segredou Halbert ao ouvido de Robin, procurando esconder-se atrás do jovem arqueiro.

— O barão Fitz-Alwine! — exclamou Robin; — Estou verdadeiramente encantado com este encontro, que me vai permitir fazer-lhe algumas perguntas da mais alta importância a respeito de certas pessoas da minha particular estima.

— Não vale a pena dares-te ao incômodo de interrogar Sua Senhoria — interveio João-Pequeno; — já soube dele tudo o que queria saber, tanto sobre a sorte de Allan Clare, como sobre a situação dos nossos amigos; eles estão presos aqui, e o barão ia-me conduzindo ao calabouço a fim de os pôr em liberdade, ou antes, o traidor fingia levar-me até lá, porque se aproveitou de um minuto de distração para tentar fugir.

O pesar de o não ter conseguido arrancou ao barão um gemido lúgubre.

— Quando te prometeu a liberdade dos nossos amigos, caro João, ele não fazia senão enganar-te: os pobres rapazes já iam a caminho de Londres quando nós ainda almoçávamos na estalagem.

— Não é possível! — bradou João-Pequeno.

— É perfeitamente exato —olveu Robin Hood; — Hal acaba de ter a confirmação disso e nós andávamos à tua procura para te fazer sair da caverna do leão.

Ouvindo pronunciar o nome de Halbert, o barão ergueu a cabeça, lançou um olhar furtivo ao rapaz, e inteiramente edificado a respeito da fidelidade do seu guia regressou à sua posição de vencido, resmungando para si mil imprecações contra o pobre Hal. O movimento do barão não escapara à inquieta preocupação de Halbert.

— Robin — disse ele, — Sua Senhoria acaba de me dardejar uns olhos que me prometem grandes recompensas pela amizade que vos dedico.

— Sim, com efeito — murmurou surdamente lorde Fitz-Alwine; — não hei de esquecer a tua traição.

— Pois bem, meu caro Hal — respondeu Robin, — visto que a tua permanência aqui se tornou impossível, visto que a nossa presença no castelo se tornou inútil, o melhor que temos a fazer é retirarmos-nos todos.

— Espera um pouco — interveio João-Pequeno, — eu acho que prestarei um grande serviço a todo o condado libertando-o para sempre da tirânica dominação deste maldito normando. Vou expedi-lo a Satã. Esta ameaça fez pular o barão, que logo se endireitou nas suas magras pernas.

Hal e Robin foram fechar as portas.

— Bom mateiro — murmurou o velho, — honrado arqueiro, meu pequeno Hal, não vos mostreis impiedosos! Eu não tenho culpa da desgraça que sucedeu aos vossos amigos; eles atacaram os meus homens, os meus homens defenderam-se, não é uma coisa natural? Esses valentes rapazes que caíram em minhas mãos, em vez de serem enforcados como devi... como mereci... quero dizer como seria de esperar, foram poupados e remetidos para Londres. Eu não podia adivinhar que vós viríeis hoje pedir-me a sua liberdade; se o tivesse previsto, certamente os bons rapazes... não teriam a esta hora nada mais a desejar. Deveis proceder com reflexão; em vez de vos deixardes levar pela cólera, sede juízes e não carrascos. Juro-vos que pedirei o indulto de vossos amigos. Também vos juro perdoar a Halbert a indigni... a levandade da sua conduta e conservar-lhe o bom lugar que desempenha junto de mim.

Enquanto assim falava o barão prestava ouvidos ao menor ruído, esperando, mas em vão, um socorro que lhe não chegava.

— Barão Fitz-Alwine — disse gravemente João-Pequeno, — devo agir segundo as leis que regem as nossas florestas: ides morrer.

— Não! Não! — suplicou Sua Senhoria.

— Peço-vos que escuteis, senhor barão. Estou falando sem rancor. Há seis anos passados mandásteis incendiar a casa deste moço; sua mãe foi morta por um dos vossos soldados, e foi sobre o corpo dessa pobre mulher que juramos punir o seu assassino.

— Tende piedade de mim! — gemeu o velho.

— João-Pequeno — interveio Robin, — poupa este homem em atenção à angélica criatura que lhe dá o nome de pai. Milorde — acrescentou Robin voltando-se para o barão, — prometei-me conceder a Allan Clare a mão daquela a quem ele ama, e tereis a vida salva.

— Fica prometido, jovem arqueiro.

— Mantereis a vossa palavra? — perguntou João-Pequeno.

— Manterei.

— Deixa-o livre, João; o juramento que ele acaba de fazer fica registrado no céu. Se ele o trair, votará a alma à condenação eterna.

— Para mim ela já está condenada, amigo — respondeu João, — e não posso resignar-me a deixá-lo assim sem nenhum castigo.

— Não vês então que ele já está meio morto de medo?

— Vejo, vejo; mas tão depressa estejamos a cem passos daqui ele nos mandará perseguir por toda a sua tropa. Precisamos dificultar essa perigosa hipótese.

— Fechemo-lo neste quarto — sugeriu Hal.

Lorde Fitz-Alwine enviou ao rapaz um olhar carregado de ódio.

— É isso mesmo — concordou Robin.

— E os gritos que ele soltará logo que se vir sozinho? O alvoroço que fará? Já pensásteis nisso?

— Nesse caso amarra-o a uma poltrona — disse Robin, — com a faixa de pele de veado que vos serve de cinturão, e amordaça-o com o cabo do seu próprio punhal.

João-Pequeno apoderou-se do barão, que não ousou resistir, e amarrou-o fortemente ao espaldar do cadeirão.

Tomada essa precaução, os três jovens ganharam a toda a pressa o pátio onde estava a ponte levadiça, e o

guarda, que era amigo de Hal, não fez qualquer dificuldade para os deixar passar. Enquanto os nossos amigos se dirigiam rapidamente para a morada de Graça May, Gofredo, irritado pela impaciência subia aos aposentos do barão.

Ao chegar diante da porta começou por bater bem levemente; mas depois, não recebendo resposta, bateu com mais força. Ninguém respondeu. Assustado com aquele silêncio, Gofredo chamou o barão, mas o eco da sua própria voz foi a única resposta que obteve. Então, com a ajuda dos seus poderosos ombros meteu a porta dentro.

O quarto estava vazio.

Gofredo percorreu salas, corredores, passagens, galerias gritando com todas as forças:

— Monsenhor! Monsenhor! Onde estais?

Enfim, após uma longa busca, Gofredo teve o prazer de se encontrar em presença do amo.

— Milorde! Senhor! Que aconteceu? — exclamava Gofredo enquanto desamarrava o barão.

Este, pálido de furor, respondeu numa voz sufocada pela indignação:

— Manda erguer a ponte levadiça! Que não deixem sair ninguém! Percorre o castelo, descobre-me o patife de um enorme mateiro que deve estar escondido por aí, amarra-o e traze-o à minha presença; manda prender Hal. Depressa, imbecil, anda logo!

O barão arrastou-se para o seu quarto, esgotado pela fadiga, e Gofredo, com o coração animado da sedutora esperança de se apoderar de João-Pequeno, foi dar as ordens múltiplas que acabava de receber. Uma hora depois, e enquanto esquadrihavam o castelo para encontrar João-Pequeno, Hal, que fora despedir-se da linda Graça May, atravessava com seus amigos a floresta de Sherwood, na direção de Garnwell.

XIX

QUANDO o barão Fitz-Alwine se sentiu inteiramente refeito do terror e das fadigas, ordenou à sua gente que fizesse uma investigação na cidade de Nottingham a fim de descobrir vestígios da passagem do mateiro. É claro que o barão esperava obter uma ruidosa desforra do insulto inadmissível que lhe havia sido feito.

Gofredo contou ao barão a fuga de Halbert, e ao receber essa derradeira notícia a cólera do castelão atingiu o cúmulo da intensidade.

— Bandido miserável! — gritou ele a Gofredo, — Se cometeres ainda a inépcia de deixar escapar o malfeitor que se apresentou diante de mim com o título de teu amigo, serás enforcado sem piedade!

Ansioso por recuperar a estima e a confiança de seu amo, o robusto servidor entregou-se conscienciosamente à busca do mateiro. Percorreu a cidade, esquadrihou os arredores, interrogou os estalajadeiros da região, e de tal modo se movimentou que chegou a saber que o primeiro guardião da floresta de Sherwood, *sir* Guy de Garnwell, tinha um sobrinho cujos sinais correspondiam em tudo aos do guapo mateiro. Gofredo soube ainda que esse jovem morava na casa do tio, e que a julgar pela descrição feita pelos cruzados, o chefe desse bando noturno, esse indivíduo parente de *sir* Guy de Garnwell outro não era que o antagonista do barão e o vencedor de Gofredo.

O homem que deu ao soldado essas preciosas informações acrescentara ainda que um moço arqueiro, cuja

destreza no arco se tornara por assim dizer lendária, chamado Robin Hood, habitava igualmente o solar de Garnwell.

Como é fácil de supor, Gofredo correu a toda a pressa a comunicar ao barão o que acabava de saber.

Lorde Fitz-Alwine escutou com calma o prolixo relato do seu servidor, o que revelava da sua parte uma grande dose de paciência, e imediatamente teve a compreensão de tudo o que se passava. Lembrou-se de que Maude, ou Isabel, como ele chamava muitas vezes a aia da filha, encontrara asilo no solar de Garnwell, e que sem dúvida ali se teriam reunido

Robin Hood, o chefe do bando, bem como João-Pequeno e os homens que compunham o atrevido grupo. Novas informações vieram confirmar a exatidão do relato de Gofredo e Lorde Fitz-Alwine resolveu sem perda de tempo depor aos pés do trono de Henrique II uma severa queixa contra os guardas florestais.

O momento era bem escolhido. Nessa época, Henrique II que se ocupava ativamente da polícia interior do seu reino, procurando introduzir nele o respeito pela propriedade territorial, ouvia com atenção as narrativas de roubos e pilhagens que lhe eram feitas pelos seus informadores.

Por ordem do rei, os culpados, apanhados em flagrante delito, começavam por ser encarcerados; depois das prisões do Estado passavam, ou para os postos subalternos do exército, ou para as cobertas dos navios em cruzeiro.

Lorde Fitz-Alwine obteve uma audiência da justiça de Henrique II, e expôs ao rei, exagerando-a muito, a causa dos seus agravos contra Robin Hood. Esse nome atraiu vivamente a atenção do príncipe, que pediu novas explicações, vindo então a saber que esse mesmo Robin Hood era aquele que reivindicava os direitos ao título e aos bens do derradeiro conde de Huntingdon, pretendendo descender em linha direta de Waltheof, a quem o condado de Huntingdon fora concedido por Guilherme I. O pedido de Robin Hood, como se sabe, fora recusado, e o seu adversário, o abade de Ramsay, continuava de posse da herança do jovem.

Percebendo que o agressor do barão outro não era que o pretenso conde de Huntingdon, o rei tomou-se de grande cólera e condenou Robin Hood à proscrição. Decretou além disso que a família Garnwell, protetora declarada de Robin Hood, fosse despojada dos seus bens e expulsa do seu território.

Um amigo de *sir* Guy, informado da cruel sentença decretada contra o pobre ancião, apressou-se a enviar-lhe uma mensagem. A desastrosa notícia espalhou a consternação no pacato solar de Garnwell; os aldeões, imediatamente informados da desgraça que acabava de ferir o seu senhor, reuniram-se à volta do castelo e instaram com *sir* Guy para que defendesse as proximidades do solar, confessando-se dispostos a morrer combatendo antes de cederem uma polegada de terra. *Sir* Guy possuía uma bela propriedade no condado de Yorkshire; sabendo disso e aconselhado por João-Pequeno, Robin Hood suplicou ao velho que abandonasse Garnwell e levasse a sua família para esse retiro seguro.

— Pouco me preocupam os dias que ainda me restam para viver — respondeu o baronete enxugando com mão trêmula as lágrimas que lhe avermelhavam as pálpebras. — Sou como esses velhos carvalhos das nossas florestas, aos quais a mais ligeira brisa arrebatava uma a uma as derradeiras folhas. Meus filhos poderão abandonar hoje mesmo esta casa em ruínas, mas eu por mim não tenho forças nem coragem para desertar do teto que cobriu meus pais. Aqui nasci, aqui hei de morrer. Não peças a minha partida, Robin Hood: o lar de meus ancestrais há de servir-me de túmulo; como eles dormirei no torrão que me viu nascer, como eles defenderei a minha porta contra toda a invasão estranha. Levai minha esposa e minhas filhas... Meus filhos, tenho a certeza, não abandonarão seu velho pai; com ele defenderão o berço da nossa raça.

A insistência de Robin e as súplicas de João-Pequeno esbarraram contra a determinação do velho fidalgo; foi preciso renunciar à esperança de o afastar de Garnwell, e como as circunstâncias reclamavam uma grande rapidez de ação, ocuparam-se imediatamente em organizar a partida de todas as senhoras da casa. *Lady* Garnwell, suas filhas, Mariana, Maude e as criadas da casa, entregues a um grupo de fiéis aldeões, deviam, ao cair da noite, retirar-se do solar.

Quando os preparativos para essa dolorosa retirada ficaram prontos, a família reuniu-se no enorme salão, e Robin Hood, depois de se certificar da ausência de Mariana, encaminhou-se a toda a pressa para os aposentos da moça.

— Robin! — exclamou de repente uma voz entrecortada pelos soluços. — Robin!

O rapaz voltou a cabeça e deparou com *miss* Maude desfeita em lágrimas.

— Caro Robin — tornou a moça, — desejo falar consigo antes de deixar o solar. — Ai, meu Deus!

Talvez nunca mais nos tornemos a ver!

— Querida Maude, peço-te que sossegues, e não te deixes dominar por uma idéia tão triste. Juro-te que dentro em breve estaremos outra vez reunidos.

— Gostaria de poder acreditar nisso, Robin, mas não me é possível: conheço o perigo que nos ameaça, a defesa que ides tentar apresenta dificuldades quase intransponíveis. A hora da despedida aproxima-se; permita-me, Robin, testemunhar-lhe a minha gratidão pelas constantes bondades que tem tido comigo.

— Querida Maude, repito que não deve existir jamais entre nós reconhecimento ou gratidão; lembra-te do

pacto de amizade que fizemos juntos há seis anos: eu comprometi-me a estimar-te como um irmão e tu me prometeste a ternura de uma irmã. Devo acrescentar que tens mantido a tua palavra e chegaste a ser para mim a mais carinhosa das amigas e a melhor das irmãs. A partir dessa época, cada dia tens crescido mais na minha estima.

— Estima-me realmente, Robin?

— Sem dúvida, Maude; deves ver em mim um irmão devotado à tua completa felicidade.

— Sempre agiu de modo a convencer-me da sua afeição, caro Robin; e é por sentir bastante confiança na lealdade do seu caráter que desejo dizer-lhe...

Sem poder acabar o que dizia, a moça desfez-se em lágrimas.

— Vamos, Maude, que tens tu? Fala, bobinha; na verdade pareces tão tímida como um pequenino corço. A jovem, com a cabeça escondida nas mãos, continuava a soluçar.

— Vamos, Maude, vamos, coragem! Que significa esse desespero? Que desejas dizer-me? Estou ouvindo, fala sem receio.

Maude deixou cair as mãos, ergueu os olhos, tentou um sorriso e disse por fim:

— Sofro muito... Estou muito preocupada por causa de uma pessoa que tem sido para mim cheia de amabilidades e atenções...

— É William que te preocupa? — interrompeu vivamente Robin.

A moça corou intensamente.

— Bravo! — exclamou Robin. — Ah! Maude querida, amas então esse valente moço, graças a Deus! Daria tudo no mundo para ver William ajoelhado a teus pés. Ele seria felicíssimo ouvindo-te dizer: “William, amo-te!”

Maude tentou negar que amava William tanto quanto Robin parecia pensar, mas viu-se coagida a confessar que, à força de ouvir o moço chegara a experimentar por ele um vivo sentimento de afeição. Depois dessa penosa confissão, difícil de fazer sobretudo a Robin, Maude interrogou-o a respeito da ausência de William.

Robin respondeu que essa ausência, determinada por um assunto importante nada tinha de inquietadora, e que dentro de poucos dias William regressaria para junto de sua família.

Essa carinhosa mentira devolveu a calma e a serenidade ao coração de Maude; ela estendeu a Robin as faces coloridas pelas lágrimas, e depois de haver recebido o seu beijo fraternal apressou-se a descer novamente à sala. Por outro lado, Robin penetrou nos aposentos de Mariana.

— Querida Mariana — começou ele tomando entre as suas as delicadas mãos da jovem, — estamos a ponto de nos separar, e talvez por muito tempo. Permite-me, antes que nos separemos, falar-te com toda a sinceridade da minha alma.

— Estou pronta a ouvir-te, caro Robin — respondeu afetuosamente a jovem.

— Sabes muito bem, Mariana — prosseguiu o rapaz num tom fremente, — que te amo de todo o coração.

— As tuas ações diariamente o têm provado, meu amigo.

— Tens confiança em mim, não é verdade? Tens uma fé inteira, completa, absoluta, na sinceridade do meu amor, na terna abnegação do meu devotamento?

— Sem dúvida que tenho; mas porque motivo me perguntas se te considero um homem honesto, um valente coração, um verdadeiro amigo?

Em lugar de responder à pergunta de Mariana, Robin pôs-se a sorrir tristemente.

— A verdade é que me estás assustando, Robin; fala, suplico-te. A séria expressão do teu rosto, a gravidade das tuas maneiras e as estranhas perguntas que me diriges, fazem-me recear o anúncio de alguma desgraça ainda maior do que as que há tanto tempo me acabrunham.

— Tranquiliza-te, Mariana — disse Robin docemente, — graças a Deus não tenho qualquer má notícia a comunicar-te. O que tenho a dizer-te é a respeito de ti mesma, e se me torno insistente não deves querer-me mal por isso. Mau grado todo o raciocínio o amor é egoísta, e o meu amor vai ficar submetido a uma rude prova. Vamos separar-nos, Mariana, e talvez para sempre.

— Não, Robin, precisamos ter confiança na infinita bondade de Nosso Senhor.

— Ah! Querida Mariana, vejo tudo desabar em torno de mim e meu coração está partido. Repara nessa digna e hospitaleira família: porque ela me estendeu a sua mão caridosa quando eu vivia errante e sem asilo, condenam-na ao banimento, confiscam-lhe os bens, expulsam-na da sua casa. Vamos defender o solar, e enquanto houver uma pedra sobre outra pedra na aldeia de Garnwell, eu ficarei de pé ao lado dela. A providência da qual esperas um socorro nunca me abandonou em momentos de perigo, e como tu, Mariana, confio nela; lutarei, e ela me protegerá. Mas pensa bem Mariana, uma ordenação do rei proscreve-me do reino, posso ser enforcado em qualquer árvore à beira de qualquer estrada, ou enviado ao patíbulo por qualquer espião, porque a minha cabeça está posta a prêmio. Robin Hood, conde de Huntingdon — acrescentou orgulhosamente o jovem, nada mais é. Pois bem, Mariana! Persistes em continuar acreditando em mim, juras vir a ser a minha amada companheira?

— Juro, Robin, juro!

— Esse juramento, querida Mariana, quero apagá-lo do meu coração; essa promessa desejo votá-la ao esquecimento. Mariana, minha adorada Mariana, devolvo-te a liberdade, aqui te desligo de todo o compromisso.

— Oh, Robin! — exclamou a jovem num tom de censura.

— Eu seria indigno do teu amor, Mariana, — continuou Robin — se na situação em que me encontro conservasse a esperança de vir a chamar-te minha esposa. Deixo-te portanto livre de dispor da tua mão, apenas te pedindo que penses algumas vezes com amizade no desventurado proscrito.

— Tens uma bem triste opinião do meu caráter, Robin — voltou a jovem num tom magoado. — Como pudeste acreditar um só momento que aquela que te ama fosse a esse ponto indigna do teu amor? Como pudeste acreditar que a minha afeição mudasse ao sopro da desgraça?

Acabando essas palavras, Mariana desfez-se em lágrimas.

— Mariana! Mariana! — gritou Robin desvairado, — Pelo amor de Deus, escuta-me sem ressentimento. Amo-te tão ardentemente que sinto vergonha de te condenar a partilhar o meu desgraçado destino.

Imaginas que não me sinto profundamente humilhado pela cruel desonra ligada ao meu nome, e que a idéia de me separar de ti não penetra a minha alma de um amargo sofrimento? Se não fosse o teu amor, Mariana, eu já teria mergulhado um punhal em meu coração; o teu amor é o único laço que me prende à vida. Tu que estás acostumada ao luxo, querida Mariana, virias a sofrer cruelmente ao contacto da pobreza, se tivesses de tornar-te a esposa de Robin Hood, e eu juro que preferia perder-te para sempre a saber-te desgraçada em minha companhia.

— Sou tua esposa diante de Deus, Robin, e tua vida será a minha. Agora consente que te faça algumas recomendações. Cada vez que puderes, em segurança, dar-me notícias tuas, envia-me uma mensagem, e se tiveres possibilidade de vir ver-me, não deixes de o fazer que me darás uma grande felicidade. Meu irmão regressará para junto de nós, e por meio dele, assim o espero, conseguiremos fazer revogar o injusto decreto que te condenou.

Robin sorriu com tristeza.

— Querida Mariana — voltou ele, — não debes embalar o coração em esperanças quiméricas. Eu nada espero do rei. Tracei-me uma linha de conduta e tomei a firme resolução de jamais me afastar dela. Se ouvires dizer mal de mim, Mariana, fecha os teus ouvidos à calúnia; porque, pela minha santa mãe te juro ser sempre merecedor da tua estima e do teu amor.

— Que mal poderei ouvir dizer de ti, Robin, e quais tão esses projetos de que falas?

— Não me interrogues a esse respeito, querida Mariana; eu acho que as minhas intenções são honestas; se o futuro demonstrar que elas o não são, serei o primeiro a reconhecer meu erro.

— Sei que és um homem leal e valente, Robin, e pedirei a Deus que te proteja em todos os teus empreendimentos.

— Obrigado, minha adorada Mariana; e agora adeus — acrescentou Robin limpando as lágrimas que lhe banhavam as pálpebras.

Enlaçada pelos braços do seu desditoso amigo, a jovem ao ouvir aquela palavra de despedida sentiu que as últimas forças a abandonavam. Escondeu o rosto em pranto nos ombros de Robin e rompeu a soluçar desgarradamente.

Durante alguns instantes os dois jovens assim permaneceram mudos e desorientados. Por fim, uma voz que chamava Mariana veio arrancá-los àquele derradeiro abraço.

Desceram juntos, e Mariana que já envergava um traje de amazona, saltou para o cavalo que lhe fora destinado.

Lady Garnwell e suas filhas estavam de tal modo perturbadas pela dor que mal podiam manter-se em suas selas.

As criadas da casa, em sua maioria casadas, seus filhos alguns velhos, completaram a cavalgada. Após uma cena altamente emocionante, as portas do solar fecharam-se sobre os fugitivos, os quais, acompanhados de um bando de homens resolutos, tomaram o caminho da floresta.

Decorreu uma semana. Cada dia dessa semana de ansiosa expectativa foi empregado em fortificar *Garnwell*. Os moradores do povoado viviam por assim dizer nas torturas o receio, pois cada hora lhes trazia o pavor do dia seguinte. Sentinelas foram postadas em redor do solar, e sob a direção de Robin foram erguidas duas linhas de barricadas que deviam servir, senão para deter a marcha do inimigo, ao menos para por à sua aproximação os entraves de uma séria defesa.

Essas barricadas, construídas à altura de um homem, permitiam aos camponeses proteger-se contra as flechas assassinas dos inimigos, dando-lhes ao mesmo tempo oportunidade para uma certa pontaria. Contudo não devemos imaginar que *sir Guy* tinha ilusões a respeito do sucesso das suas defesas, que ele sabia inúteis, além de perigosas; mas o nobre e valente saxão não queria render-se sem haver combatido. Robin era a alma daquele pequeno exército; vigiava os trabalhos, animava os aldeões, fabricava armas, multiplicava-se por todos os lugares e atividades. A aldeia de *Garnwell*, outrora tão calma e tranqüila, estava agora cheia de animação e de vida, o terror cedera lugar ao entusiasmo e os pacíficos habitantes

mostravam-se orgulhosos e contentes por entrar em luta aberta com os normandos. Quando todos os preparativos do combate ficaram terminados, uma espécie de torpor caiu sobre Garnwell; dir-se-ia que a calma, expulsa pelo eco dos clamores guerreiros, regressara àquelas pacíficas paragens; mas esse silêncio comparava-se ao que se estende sobre a natureza alguns minutos antes da borrasca. Os olhos permanecem inquietos, o ouvido atento, esperam-se com angústia os ribombos do trovão.

O inimigo ainda tardou dez dias.

Enfim, um dos vigias da estrada que haviam sido postados na floresta veio anunciar a aproximação de um bando de homens a cavalo.

A notícia voou de boca em boca, o sino tocou a rebate e os camponeses lançaram-se como um só homem aos diferentes postos que lhes tinham sido designados. Escondidos por trás das paredes das suas barricadas, conservaram-se mudos, de arco estendido, atentos a seguir com um olhar a rápida marcha do inimigo.

Não avistando ninguém, não ouvindo ruído algum que pudesse revelar uma tentativa de defesa, o chefe dos soldados de Henrique II esfregava alegremente as mãos na persuasão em que estava de surpreender os moradores de Garnwell. Todavia esse chefe, que conhecia o temperamento dos saxões, que sabia por experiência, tendo-o aprendido à sua própria custa, que esses homens valentes se batiam muito bem, preparara-se para encontrar obstáculos em sua marcha. O silêncio que reinava na planície causava-lhe portanto um vivíssimo prazer, levando-o a crer que poderia chegar de improviso.

A tropa normanda compunha-se de uns cinquenta homens, os aldeões eram em número de cem; como se vê, a força destes últimos era bem superior à do inimigo, sem contar a excelência da sua posição. Sempre convencido de que ia cair sobre a aldeia como o faz a ave de rapina sobre um pássaro inocente, o chefe normando ordenou aos seus homens que ativassem a marcha nos cavalos. Estes obedeceram, e num passo vivo subiram rapidamente a colina.

Mal tinham, porém, atingido o alto dessa colina, quando uma revoada de flechas, de dardos e de pedras os envolveu dos pés à cabeça. A surpresa dos soldados foi tão grande que uma segunda nuvem de flechas os alcançou antes mesmo que eles tivessem pensado em responder ao inesperado ataque.

A queda de três ou quatro soldados mortalmente atingidos provocou nos normandos um grito de indignação; só então avistaram as barricadas, se lançaram contra a primeira e carregaram com verdadeiro furor.

Valentemente recebidos e repelidos com violência pelos saxões, invisíveis nos seus esconderijos, os soldados compreenderam não lhes restar outro partido senão o de se baterem com coragem. Conseguiram apoderar-se da primeira barreira; atrás dessa encontrava-se uma segunda, e havia ainda uma terceira para os deter. Tinham já perdido vários homens, e para cúmulo de decepção era-lhes impossível constatar se chegavam a abater ou não alguns dos seus inimigos. Os saxões, que na sua maior parte eram arqueiros muito experimentados, não erravam nunca o alvo e as suas flechas semeavam a morte e a destruição em meio ao pequeno exército.

Os soldados, furiosos por não poderem encontrar-se frente a frente com o inimigo, começavam a lamentar-se. O chefe, que apanhou no ar aqueles murmúrios de descontentamento, ordenou aos seus homens que operassem uma falsa retirada, a fim de obrigar os saxões a abandonar o seu secreto asilo. Esse ardil de guerra foi imediatamente posto em prática: os normandos fingiram retirar-se em ordem, e encontravam-se já a uma certa distância das barricadas quando um grande brado anunciou a aparição dos vassalos de *sir Guy*.

Sem deter a marcha da sua tropa, o chefe normando lançou um olhar à retaguarda.

Os aldeões corriam tumultuosamente e em aparente desordem em perseguição dos seus inimigos.

— Não vos volteis, rapazes! — gritou o chefe; — deixai que eles se aproximem mais. Nós os apanharemos! Atenção! Muita atenção! Continuai a retirada.

Os soldados, animados pela esperança de uma desforra espetacular, continuaram a afastar-se.

Mas de repente, para a grande surpresa do chefe normando, os saxões em vez de tentarem diminuir a distância que os separava dos soldados, acomodaram-se de novo na primeira barricada que lhes havia sido arrebatada, e desse posto despediram, com incomparável destreza, uma outra nuvem de flechas contra os fugitivos.

O chefe, exasperado, reconduziu os seus homens para o caminho já percorrido, e num salto furioso do seu cavalo, colocou-se à dianteira da pequena tropa.

Subitamente uma chuva de flechas disparadas por mãos hábeis cobriu o desventurado normando; ele vacilou na sela, e sem exalar um grito rolou qual massa inerte aos pés do seu cavalo, que, ferido também, pulou para fora das fileiras e foi cair morto a alguns passos do cadáver do dono.

Abatidos já pelo insucesso dos seus esforços, os soldados ficaram completamente desmoralizados diante daquela nova desgraça. Recolheram o corpo do chefe, e sem se darem ao trabalho de contar os mortos e de levar consigo os feridos, retiraram-se do campo de batalha tão depressa quanto o permitiam os seus

vigorosos cavalos.

Depois de haverem celebrado com gritos de júbilo a fuga dos soldados, os camponeses ocuparam-se, não a segui-los, mas a recolher os feridos e a dar sepultura aos mortos. Dezoito normandos tinham sucumbido na luta, inclusive o chefe levado pelos seus homens.

Os bons aldeões ficaram tão contentes com a vitória alcançada que já pensavam em mandar reconduzir as suas mulheres para Garnwell, mas João-Pequeno deu claramente a entender aos seus ingênuos companheiros que o rei não limitaria a sua vingança a essa única remessa de soldados, e que necessitavam preparar-se para receber a visita de um número de homens mais considerável.

Como servidores devotados de *sir* Guy, os vassalos submeteram-se aos conselhos daquele jovem chefe, e dedicaram-se a fortificar as barreiras e a fabricar novas armas. Graças aos cuidados de João-Pequeno, o solar foi aprovisionado de uma grande quantidade de víveres e colocado em situação de agüentar as conseqüências de um verdadeiro cerco. Uns trinta outros camponeses, aliados e amigos dos proprietários de Garnwell, vieram juntar-se à tropa defensora, e armados até aos dentes, de espírito alerta, constantemente na defensiva, os valentes saxões ficaram aguardando a volta dos sanguinários normandos. O mês de julho ia chegando ao fim, e havia quinze dias que os aldeões esperavam os seus perigosos visitantes; prepararam-se para ser atacados às primeiras horas da manhã, por isso que, segundo toda a probabilidade, os normandos fatigados por uma rápida marcha em um tempo de calor, tomariam em Nottingham uma noite de repouso.

Uma tarde, dois habitantes da aldeia que acabavam de chegar de Mansfeld, onde tinham ido fazer algumas compras, anunciaram aos seus amigos que uma tropa de soldados composta de trezentos homens chegara nesse dia a Nottingham, onde tencionava passar a noite a fim de alcançar sem fadiga o solar de Garnwell.

Essa notícia produziu, como era de esperar, uma grande emoção, mas essa emoção logo deu lugar a um sentimento de vigilante entusiasmo.

No dia seguinte ao romper da manhã, os aldeões, reunidos em torno de frei Tuck, ouviram piedosamente a missa, e João-Pequeno que unira as suas preces às daqueles homens, instalou-se no meio deles, e com voz branda e sonora assim se exprimiu:

— Meus amigos, desejo falar-vos antes de nos dirigirmos todos ao posto onde o dever nos chama; mas eu sou um homem pouco letrado e a eloquência não pertence ao número das minhas escassas virtudes. Todo o homem possui uma inclinação especial para uma dada atividade, a minha consiste em saber manejar um bordão e em disparar habilmente uma flecha. Desculpai-me, portanto, se me exprimo mal, e escutai-me com atenção. O inimigo aproxima-se: não deveis sair dos vossos esconderijos a não ser em caso de extrema necessidade. Se fordes forçados a atacar o inimigo corpo a corpo, procedei com calma, sem precipitação; lembrai-vos bem de que, se vos acontecer a desgraça de perderdes o vosso sangue frio, descuidar-vos-eis, inevitavelmente, dos atos mais importantes da vossa defesa pessoal. Sabeis muito bem, meus amigos, que uma coisa que precisa de ser bem feita não pode ser realizada às pressas. Disputai passo a passo cada polegada de terreno, empenhai sem cólera as vossas armas e cuidai de não falhar um só dos vossos tiros, porque a perda da vida será o resultado do vosso erro. Mostrai aos nossos inimigos que cada palmo da nossa terra natal vale a existência de um cachorro normando. Mais uma vez vos repito, meus rapazes, sede calmos, valentes e firmes, vendei por alto preço aos soldados de Henrique as vantagens que a força do número e das armas lhes pode fazer conseguir. Hurra por Garnwell e pela nossa coragem de saxões.

— Hurra! — gritaram alegremente os vassalos.

Com mão firme todos apanharam as suas armas, com o olhar brilhante todos esperaram ao longe a aparição do inimigo.

— Meus amigos! — exclamou Robin correndo por sua vez para o lugar que João-Pequeno acabava de ocupar, — não esqueçais que vos bateis pelos vossos lares, recordai-vos de que defendeis o teto que abriga as vossas mulheres, que cobre o berço dos vossos filhos; lembrai-vos de que os normandos são os vossos opressores, que marcham sobre as nossas cabeças, que tiranizam os fracos, e que jamais estendem a mão a não ser para incendiar, matar ou destruir! lembrai-vos de que esta foi a morada dos nossos ancestrais, e que estais na obrigação de a defender contra qualquer ataque. Batei-vos com entusiasmo, meus camaradas, batei-vos enquanto vos restar nos lábios um sopro de vida!

— Sim, sim, nós nos bateremos com entusiasmo! — responderam os homens com uma só voz.

Três horas após o nascer do sol, o som de uma trompa anunciou a aproximação do inimigo.

Os batedores de estrada regressaram a Garnwell, e dentro em pouco, do mesmo modo que no ataque anterior os defensores do solar se fizeram invisíveis.

O corpo inimigo avançava lentamente, e era fácil avaliar, pela extensão de terreno que ocupava, que se compunha na verdade de duzentos ou trezentos homens.

Os cavaleiros reuniram-se ao pé da colina que era necessário subir antes de avistar Garnwell, e após um conciliábulo de alguns minutos a tropa dividiu-se em quatro partes.

A primeira lançou-se a galope em direção à colina, a segunda desmontou e seguiu os cavaleiros, a terceira rodeou a colina pelo lado esquerdo e a última encaminhou-se para a direita.

Essa manobra, que havia sido prevista, foi devidamente enfrentada; defesas tinham sido erguidas junto às árvores existentes no alto da colina, e os intervalos entre essas árvores estavam erigidos de silvas e ramagens tão naturalmente entrelaçadas que os soldados se felicitavam pelo encontro de um abrigo ao pé do qual lhes seria permitido reunirem-se tão depressa chegassem ao alto da colina.

Ao aproximarem-se dessas árvores protetoras os normandos receberam uma revoadada de tiros de flecha, que, ao mesmo tempo que feria os homens fazia empinar os cavalos, lançou a confusão entre os soldados e obrigou essa parte da tropa a descer a colina muito mais rapidamente do que a havia subido.

Os grupos enviados pelos dois lados opostos da colina, receberam uma acolhida tão desastrosa quanto a dos seus companheiros. Em consequência disso ficou decidido que o avanço, tornado impossível com os cavalos, passaria a ser feito a pé.

Os soldados abandonaram as suas montarias, e protegidos pelos escudos enveredavam resolutamente pelos três caminhos designados pelo seu chefe, enquanto uma parte da tropa, deixada em reserva, devia esperar na base da colina o resultado de um primeiro ataque contra as barreiras.

Os normandos atingiram rapidamente as defesas, que, de uma altura de sete pés, eram de espaço a espaço cortadas de seteiras para a passagem das flechas. Em lugar de perderem um tempo precioso a visar um inimigo protegido contra os seus disparos, puseram-se a escalar aquela muralha vegetal.

Os aldeões não tentaram opor uma resistência que seria inútil, e contentaram-se em passar para a segunda barreira; os normandos, excitados por esse primeiro sucesso, lançaram-se confusamente em perseguição dos camponeses e atacaram a nova barricada com indizível furor. Por um momento os dois partidos lutaram quase corpo a corpo, e a luta ia-se tornando sangrenta quando um sinal chamou os saxões levando-os a recuar para o abrigo da terceira barricada.

Essa retirada fez então compreender aos normandos que eles perdiam a cada instante o terreno ganho.

O capitão reuniu os seus homens a fim de se entender com eles sobre um novo plano de ataque, e depois de lhes ter ouvido a opinião, pôs-se a olhar atentamente em redor de si.

Garnwell achava-se colocada no centro de uma vasta planície, e a colina que de alguma sorte lhe servia de proteção era ao mesmo tempo um caminho impraticável para os cavalos e cheio de perigos para os homens.

O capitão perguntou aos seus soldados se não haveria entre eles algum que conhecesse a localidade.

Essa pergunta do capitão, correndo de boca em boca, levou à sua presença um camponês que pretendia conhecer a aldeia de Garnwell onde tinha um parente.

— Tu és saxão, rapaz? — perguntou-lhe o oficial carregando o sobrolho.

— Não, meu capitão, sou normando.

— Esse teu parente é aliado dos rebeldes?

— Penso que sim, capitão, porque ele é saxão.

— Então como diabo é ele teu parente?

— Porque se casou com minha cunhada.

— Conheces a aldeia?

— Conheço, meu capitão.

— Podes guiar os meus homens até Garnwell por outro caminho que não seja este?

— Posso, meu capitão; há no sopé da colina um atalho que conduz diretamente ao solar de Garnwell.

— Ao solar de Garnwell? — interrogou o oficial. — Onde está situado esse solar?

— Lá adiante, à sua esquerda, meu capitão; é aquele grande edifício, cercado de árvores. É lá que mora *sir Guy*.

— O velho rebelde a quem viemos sujeitar? Com a breca! O rei Henrique bem poderia dar-me uma tarefa mais fácil que a de fazer sair da sua toca esse cachorro saxão. Dize cá, maroto, posso ter confiança em ti?

— Absoluta confiança, meu capitão; e se seguir as minhas indicações, verá que não lhe estou mentindo.

— Faço votos de que assim seja para garantia das tuas orelhas — respondeu o oficial num tom ameaçador.

— Creio que já lhe prestei algum serviço guiando-o até este ponto — volveu o homem.

— Sem dúvida, sem dúvida; mas por que motivo não me indicaste desde logo esse caminho?

— Porque os saxões se teriam apercebido do movimento da tropa e tomariam precauções para lhe deter a marcha. Um punhado de valentes pode proteger esse atalho contra um milheiro de homens.

— Dizes tu que ele está situado no sopé da colina? — tornou a perguntar o chefe.

— Justamente, meu capitão, na orla da floresta.

O oficial, encantado com aquela informação, ordenou a uma parte da sua tropa que se preparasse para seguir o guia, enquanto ele, a fim de chamar para outro ponto a atenção dos saxões, ia dar início a um novo ataque de diversão.

Mas os projetos do capitão estavam destinados ao fracasso.

O cunhado do guia, que com efeito se contava entre os defensores de *sir* Guy, reconheceu o parente, e mostrando-o a João-Pequeno fez-lhe notar a espécie de conciliábulo que parecia ter lugar entre ele e seu chefe.

João-Pequeno adivinhou imediatamente a traição do camponês, e chamando mais ou menos uns trinta homens, colocados sob o comando de um dos seus primos, mandou-os vigiar as proximidades do caminho que supunha ameaçado de invasão.

Tomada essa precaução, João-Pequeno mandou chamar Robin Hood.

— Caro amigo — disse-lhe ele, — poderás atingir com uma das tuas flechas um objeto qualquer visível no alto da colina?

— Acho que sim — respondeu modestamente o jovem.

— Bem, para melhor dizer, tens a certeza disso — voltou João-Pequeno. — Pois bem! Segue o meu olhar. Estás vendo aquele homem colocado à esquerda do soldado que traz na cabeça uma grande penacho? Esse homem, caro amigo, é um traidor de primeira, e estou convencido de que deu ao seu chefe as indicações necessárias que o farão alcançar Garnwell pelo atalho da floresta. Trata de derrubar esse miserável.

— Com a melhor vontade.

Robin estendeu o seu arco, e dois segundos depois o homem apontado por João-Pequeno deu um pulo de dor, soltou um grito e caiu para não mais se levantar.

O chefe normando reuniu prontamente os seus homens e decidiu tomar de assalto as barreiras.

Os saxões defenderam-se com a maior bravura, mas sendo inferior em número não puderam impedir a escalada e retiraram-se em ordem na direção de Garnwell.

Transpostas as barricadas, os normandos facilmente ganharam terreno; penetraram na aldeia, e uma espécie de terror pânico se apoderou dos camponeses. Estes preparavam-se já para fugir, quando uma voz potente lhes gritou a plenos pulmões:

— Saxões, parai! Aquele que tiver coragem seguirá o seu chefe! Avante! avante!

Essa voz, que era a de João-Pequeno, levantou os ânimos combalidos dos aldeões apavorados, os quais voltando-se envergonhados da sua fraqueza, se dispuseram a seguir o chefe.

Este precipitou-se como um leão ao encontro de um homem de alta estatura que partilhava com o chefe principal o comando da tropa, e que pela violência dos seus golpes causara o pavor dos camponeses.

Ao avistar João-Pequeno, que avançava ao seu encontro derrubando como caniços flexíveis os soldados que tentavam opor-se à sua passagem, o homem de que falamos armou-se de um machado e correu ousadamente a enfrentá-lo.

— Até que enfim nos encontramos novamente, senhor mateiro! — gritou o homem que outro não era senão Gofredo. — Posso agora vingar-me com um só golpe de todo o mal que me tens feito.

João-Pequeno sorriu desdenhosamente, e quando Gofredo, depois de ter feito rodopiar a sua machada, tentou fazê-la descer sobre a cabeça do adversário, este, num gesto rápido como o pensamento, arrancou-lha das mãos arremessando-a a vinte passos de distância.

— Não passas de um miserável — bradou João-Pequeno, — e merecias a morte; mas ainda uma vez tenho piedade de ti: defende a tua vida!

Os dois homens, ou para melhor dizer os dois gigantes, porque Gofredo o forte, como todos devem estar lembrados, era de uma estatura tão surpreendente quanto a de João-Pequeno, deram início a um terrível combate. Muito tempo durou a luta, e a vitória, que por largo espaço se manteve incerta, decidiu-se bruscamente a favor de João-Pequeno, o qual, concentrando todo o seu vigor num supremo esforço, assestou um poderoso golpe de espada no ombro de Gofredo, fendendo-lhe o corpo até à espinha dorsal. O vencido caiu sem exalar um grito, e os dois campos rivais, que haviam assistido em silêncio a esse estranho combate, olhavam com um espanto misturado de horror o terrível ferimento causado pela mortífera cutilada.

João-Pequeno não se demorou diante do corpo do rival; ergueu com mão firme acima da cabeça a espada coberta de sangue e atravessou as fileiras normandas como se fosse o próprio deus da guerra, da devastação e da morte.

Ao chegar a uma elevação do terreno o moço olhou então para trás de si, percebendo que apesar de toda a sua coragem, cercados pelos normandos, os vassalos se encontravam na impossibilidade de resistir.

Imediatamente empunhou a sua trompa e deu uma ordem de retirada, e precipitando-se outra vez contra as fileiras inimigas abriu caminho para os seus homens. A sua fulminante espada manteve durante alguns instantes os soldados em respeito, e os saxões, secundando os esforços do seu chefe, foram pouco a pouco alcançando o pátio do solar. Reunidos num só corpo e batendo-se com desespero conseguiram transpor as portas do castelo, preparados já para resistir aos ataques de um cerco.

Os normandos atiraram-se às portas de machada na mão, mas essas portas, de carvalho maciço, resistiram ao furioso assalto. Puseram-se então a correr em redor da vasta construção, na esperança de descobrir uma entrada mal defendida. Mas essas tentativas, além de inúteis não tardaram a revelar-se perigosas,

porque os saxões jogavam do alto das janelas pedras imensas e varavam-nos de flechas.

O capitão normando, aterrado com os claros que faziam entre seus homens os projéteis lançados pelos sitiados, chamou-os a si, e depois de ter colocado uma centena deles em redor do solar, desceu para a aldeia. Como se sabe, as casas de Garnwell estavam vazias. Os soldados, com a permissão do chefe, esquadriharam todas as moradias; mas para sua grande mortificação encontraram-nas não somente desertas como também vazias de toda a presa e munição de boca.

Contando com os recursos resultantes de uma pronta vitória eles não tinham trazido víveres, de modo que se encontravam agora em tremendo embarço. As manifestações de descontentamento logo se produziram. Imediatamente o chefe remeteu para a floresta uma dúzia de homens reputados como bons caçadores, a fim de tentarem a captura de alguns veados. A caçada teve um êxito brilhante; os esfaimados conseguiram refazer-se, e o capitão, que estabelecera o seu acampamento na aldeia, deu ordem para que metade da tropa descansasse, enquanto a outra metade preparava as armas para um ataque noturno ao edifício onde se abrigavam os saxões.

Mais felizes do que os seus inimigos, os camponeses tinham feito um excelente repasto e dormido um pouco depois de haverem recolhido os seus mortos e cuidado dos feridos.

Ao cair da noite uma forte claridade revelou aos saxões a derradeira manobra dos seus inimigos: a aldeia estava em chamas.

— Observa, meu caro João-Pequeno — disse Robin Hood mostrando ao seu camarada o lúgubre clarão, — aqueles miseráveis estão queimando sem piedade as cabanas dos nossos camponeses.

— E sem dúvida também porão fogo ao solar, meu amigo — respondeu João-Pequeno com tristeza; — precisamos preparar-nos para suportar essa nova desgraça. A velha mansão está cercada de árvores e arderá como um monte de palha.

— Com que resignação dizes isso! — estranhou Robin. — Não haverá um meio qualquer de prevenir essa odiosa tentativa?

— Empregaremos todos os meios que estiverem ao nosso alcance, meu caro Robin; mas não tenhas muitas ilusões, o fogo é um inimigo difícil de vencer.

— Olha, João, lá está outra cabana ardendo; será que eles pretendem incendiar toda a povoação?

— Pois ainda tens alguma dúvida, meu caro Robin? Sim, eles destruirão a nossa querida Garnwell, e quando tiverem acabado lá a sua obra diabólica, virão tentar pôr fogo aqui.

Os camponeses, desesperados, observavam aquele espetáculo soltando indignadas exclamações; queriam sair do solar e satisfazer naquele mesmo instante o violento desejo de vingança que lhes mordida o coração; mas João-Pequeno, avisado por um dos primos, correu para o meio deles e disse-lhes num tom emocionado:

— Compreendo o vosso furor, valentes companheiros, mas por quem sois, esperai! Se conseguirmos defender-nos até ao romper do dia, sairemos vencedores. Esperai, esperai, dentro de um quarto de hora esses miseráveis estarão aqui.

— Já aí estão! — exclamou Robin.

Com efeito os normandos avançavam para o castelo, soltando grandes gritos e carregando às mãos ambas tições inflamados.

— Cada qual para o seu posto, meus valentes, cada qual para o seu posto! — berrou o sobrinho de *sir* Guy; — dirigi as vossas flechas com atenção, apontai com cuidado para não perderes um único tiro. Tu, Robin, fica ao pé de mim para ferir de morte aqueles que eu designar.

Os normandos cercaram o edifício, e mantendo-se a uma relativa distância das janelas e das barbacas atiraram contra as portas as suas tochas acesas; mas as tochas, imediatamente atingidas pelas torrentes de água que os camponeses despejavam, extinguíam-se sem causar qualquer dano apreciável.

O fogo foi impedido e uma espécie de alegre rugido vindo dos soldados atraiu a uma janela Robin e João-Pequeno.

Precedidos do chefe, uma dezena de soldados arrastava um instrumento que, segundo toda a probabilidade, devia destinar-se a arrombar a porta. No momento em que, sob a direção do capitão, os normandos iam instalar a máquina no lugar que ela devia ocupar, João-Pequeno disse a Robin:

— Manda-me uma flecha àquele maldito capitão; vejo que não há outro remédio.

— Não desejo outra coisa; mas será difícil atingi-lo mortalmente porque ele está revestido de uma cota de malha, e só mesmo acertando-lhe no rosto.

— Muita atenção, Robin — disse João, — prepara o teu arco... atira, atira agora! Estás vendo a face dele iluminada pelo clarão da tocha? A morte desse homem nos salvará.

Robin, que acompanhava os movimentos do chefe, disparou no momento exato. A flecha partiu. O capitão, atingido entre as sobrancelhas, caiu para trás. Os soldados perplexos reuniram-se confusamente em torno do chefe e uma espantosa desordem lhes dispersou as fileiras.

— Agora, saxões! — bradou João-Pequeno com voz vibrante, — mandai uma nuvem de flechas sobre aqueles incendiários!

Essa nova descarga foi de tal modo destruidora que os soldados que ficaram de pé se sentiram perdidos. Iam fugindo todos quando um normando, servindo-se da própria autoridade para se colocar à frente dos companheiros, lhes propôs empregarem um derradeiro meio para obrigar os camponeses a sair da fortaleza. Um pequeno grupo de árvores, principalmente composto de pinheiros, achava-se colocado diante da fachada interior do edifício, isto é, do lado dos jardins. Os normandos conduzidos pelo seu novo chefe, cortaram ao meio os troncos das árvores mais próximas do telhado da residência, depois de terem previamente ateado fogo aos ramos mais altos. João-Pequeno que observava, tomado de verdadeira angústia, os rápidos progressos dessa infernal artimanha, deixou escapar um brado de furor e disse a Robin:

— Eles encontraram um meio para nos obrigar a sair; as árvores vão comunicar fogo ao teto, e dentro de alguns instantes o solar estará envolvido pelas chamas. Robin, precisas derrubar os portadores das tochas, e vós, meus amigos, não poupeis as vossas flechas. Morte aos lobos normandos! Morte aos lobos! As árvores, rapidamente esbraseadas, tombaram sobre o teto com espantoso fragor, e um clarão vermelho em breve coroou o cimo do edifício.

João-Pequeno reuniu os seus homens no grande salão, dividiu-os em três partes, colocou-se juntamente com Robin Hood à frente da primeira, entregou a frei Tuck o comando da segunda, confiou a terceira à direção do velho Lincoln e cada um dos grupos preparou-se para sair do solar por uma porta diferente. *Sir Guy* assistiu com atitude impassível aos preparativos para essa retirada; mas quando o sobrinho o veio convidar a deixar a sala com ele, o velho fidalgo exclamou:

— Desejo morrer sob as ruínas da minha casa.

João-Pequeno, Robin e os jovens Garnwell debalde suplicaram ao velho que saísse, em vão lhe apontaram a rubra labareda que projetava na sala uma sangrenta claridade, em vão lhe falaram da mulher e das filhas queridas; o velho saxão permaneceu surdo a todas as preces, insensível a todas as lágrimas.

— Cuidado! Cuidado! — gritou subitamente Robin Hood; — o teto não tardará a cair!

João-Pequeno segurou o tio, apertou-o em seus braços, e a despeito dos protestos do velho e das suas lamentações, carregou-o para fora do perigoso salão.

Mal os saxões haviam transposto as portas do solar quando um sinistro fragor se fez ouvir: os soalhos sobrecarregados com o peso do teto desabaram uns após outros, e a velha morada senhorial lançou pelas suas aberturas turbilhões de fogo e de fumaça.

João-Pequeno entregou *sir Guy* aos cuidados de alguns homens escolhidos, ordenando-lhes que tomassem a toda a pressa o caminho sabido de Yorkshire.

Com o espírito tranqüilo desse lado, o invencível João-Pequeno armou-se novamente da sua triunfante espada e lançou-se contra o inimigo gritando:

— Vitória! Vitória! Pedi quartel! Pedi misericórdia!

A aparição de Tuck, envergando o seu hábito de monge, espalhou um terror pânico entre os normandos; nenhum deles ousou defender-se contra um membro da santa Madre Igreja, e tomados de súbito pavor romperam a fugir, perseguidos pelos saxões, para o ponto onde estacionavam os cavalos, saltaram agilmente para as selas e afastaram-se a toda a brida. Dos trezentos normandos que haviam chegado de manhã restavam apenas setenta. Os aldeões, embriagados pela vitória cercaram João-Pequeno, o qual depois de ter mandado recolher os feridos e mortos assim falou aos seus companheiros de luta:

— Saxões! Destes hoje a prova de que sois dignos de usar este nobre nome; mas, ai! Apesar da vossa incontestável valentia, os normandos alcançaram o fim que se propunham; incendiaram as vossas cabanas, fizeram de vós uns pobres banidos. A vossa permanência aqui tornou-se desde agora impossível; em breve um novo bando de soldados porá cerco a estas ruínas, precisais portanto afastar-vos delas.

Resta-nos ainda um meio de salvação: a floresta oferece-nos um asilo. Qual de vós, meus amigos, não dormiu ainda sobre o musgo do bosque e sob a ondeante cortina das verdes folhas das suas árvores?

— Vamos para a floresta! Vamos para a floresta! — gritaram vozes numerosas.

— Sim, vamos para a floresta — repetiu João-Pequeno; — lá poderemos viver juntos, trabalharemos uns para os outros; mas para que a nossa felicidade possa apoiar-se na segurança de uma harmonia estável, indispensável se torna que nomeeis um chefe.

— Um chefe? Podes muito bem ser tu, João-Pequeno.

— Viva João-Pequeno! — responderam os vassalos num brado unânime.

— Meus caros amigos — tornou o jovem mateiro, — agradeço-vos infinitamente a honra que acabais de fazer-me, mas não a posso aceitar. Consenti que vos apresente imediatamente aquele que é na verdade digno de ser colocado à vossa frente.

— Quem é ele? Onde está ele? — perguntaram.

— Ei-lo aqui — respondeu João-Pequeno poisando a mão no ombro de Robin Hood. — Robin Hood, meus amigos, é um verdadeiro saxão e o mais valente de todos. A sua prudência e faculdade de julgar igualam a sabedoria de um velho. Robin Hood é o próprio conde de Huntingdon, o descendente de Waltheof, filho idolatrado da Inglaterra. Os normandos, que lhe roubaram os bens, disputam-lhe ainda os

seus títulos de nobreza, e o rei Henrique proscreveu Robin Hood. Agora, meus valentes, respondi à minha pergunta: quereis receber como chefe o sobrinho de *sir* Guy de Garnwell, o nobre Robin Hood? — Queremos, queremos! — bradaram os camponeses, orgulhosos de ter por chefe o conde de Huntingdon.

O coração de Robin Hood pulsava de alegria, os seus planos secretos tinham enfim uma esperança de realização. Sentia-se orgulhoso, e, digamo-lo também, sabia-se digno de realizar a difícil missão que lhe era destinada pelo afeto do amigo. Depois de ter passeado pelos saxões um olhar fulgurante, descobriu-se, e com a mão apoiada no braço de João-Pequeno disse num tom comovido:

— Meus amigos, sinto-me feliz ao ver que me aceitais por chefe, e a todos vos agradeço do mais íntimo da alma. Farei, podeis ficar certos disso, tudo o que estiver ao meu alcance para merecer a vossa estima e a vossa afeição. A minha excessiva mocidade poderia ser para vós um motivo de receio e de desconfiança se eu não tomasse o cuidado de vos dizer que os meus pensamentos, os meus sentimentos e as minhas ações são os de um homem que sofreu, e por conseqüência de um homem feito. Encontrareis em mim um irmão, um camarada, um amigo, e só um chefe em caso de absoluta necessidade. Conheço bem a floresta, nossa futura morada, e comprometo-me a encontrar para vós, dentro dela, um asilo seguro, e a tornar-vos a existência feliz e agradável. O segredo desse asilo não deverá jamais ser confiado a ninguém; nós seremos os nossos próprios guardiões, e serão indispensáveis e discrição e a prudência. Preparai-vos para partir, vos conduzir-vos a um retiro inacessível aos nossos inimigos. Mais uma vez, queridos irmãos saxões, agradeço a vossa confiança; ela será merecida, e eu estarei sempre convosco tanto nas horas de tristeza como nas de alegria.

Os preparativos da partida não foram muito demorados, porque os normandos nada tinham deixado aos infelizes proscritos.

Três horas depois, Robin Hood e João-Pequeno, seguidos dos aldeões, penetravam num espaçoso subterrâneo situado no meio da floresta. Essa espécie de caverna, perfeitamente seca, tinha no teto largas aberturas que permitiam ao ar e à luz circular livremente em toda a sua extensão.

— Na verdade, Robin Hood, — disse João-Pequeno — eu que conheço a floresta tão bem como tu, estou maravilhado com a tua descoberta; como é possível que a floresta de Sherwood contenha um lugar tão confortável para morar?

— É provável — respondeu Robin, — que ela tenha sido construída no tempo de Guilherme I pelos refugiados saxões.

Alguns dias após a instalação dos nossos amigos na floresta de Sherwood, dois homens do seu bando que tinham ido fazer compras a Mansfeld, trouxeram a Robin a notícia de que uma força composta de quinhentos normandos acabara, na impossibilidade de fazer outra coisa, por demolir as paredes da hospitaleira mansão que havia sido o solar de Garnwell.

xx

PASSARAM-SE cinco anos.

O bando de Robin Hood, confortavelmente instalado na floresta aí vivia em segurança, embora a sua existência fosse conhecida dos normandos, seus inimigos naturais. Utilizara a princípio, para se nutrir, os produtos da caça, mas com o tempo esse recurso poderia tornar-se insuficiente, o que levou Robin Hood a prover de um modo mais certo às necessidades da sua gente.

Em consequência, tendo mandado guardar os caminhos que em todos os sentidos atravessavam a floresta de Sherwood, fizera cobrar um imposto sobre a passagem dos viajantes. Esse imposto, por vezes exorbitante se o estrangeiro surpreendido pelo bando era um grande senhor, reduzia-se a pouquíssima coisa nos casos opostos. Aliás, essas extorsões cotidianas não tinham de modo algum a aparência de um roubo, sendo feitas com tanta equidade quanta cortesia.

Eis de que maneira os homens de Robin Hood faziam parar os viajantes:

— Senhor estrangeiro — diziam eles tirando polidamente o barrete que lhes cobria a cabeça, — nosso chefe, Robin Hood, espera Vossa Senhoria para começar a sua refeição.

Esse convite, que não podia ser recusado, era ao contrário acolhido com um sentimento de gratidão.

Levado, sempre cortesmente, à presença de Robin Hood, o estrangeiro sentava-se à mesa com o seu anfitrião, comia bem, bebia ainda melhor, e ao chegar à sobremesa era inteirado da importância dos gastos que haviam sido feitos em sua honra. É claro que a soma era proporcional ao valor financeiro do convidado. Se estava bem provido de dinheiro, ele pagava; se tinha apenas consigo uma importância insuficiente, dava o nome e o endereço de sua família, à qual era pedido um forte resgate. Neste último caso o viajante, enquanto prisioneiro, era tão bem tratado que esperava sem o menor aborrecimento a hora da sua libertação. O prazer de jantar com Robin Hood custava muito caro aos normandos, que todavia se não queixavam jamais de ter sido a isso constrangidos.

Duas ou três vezes uma companhia de soldados foi enviada contra esses moradores da floresta; mas, sempre vergonhosamente batida, regressava declarando que o grupo de Robin Hood era invencível. Se os grandes senhores eram largamente despojados, em compensação a gente pobre, saxões ou normandos, recebia uma acolhida amistosa. Na ausência de Tuck permitiam-se de vez em quando prender um frade; se ele consentia de bom grado em rezar uma missa para o bando, era generosamente recompensado.

O nosso velho amigo Tuck achava-se demasiado feliz em tão alegre companhia para ter tido um único instante a idéia de se separar dela. Fizera construir uma ermida nos arredores da caverna e vivia lautamente dos melhores produtos da floresta. O digno frade bebia vinho sempre que tinha a sorte de conseguir algumas garrafas, cerveja forte à falta de vinho, e aí! Água pura quando a fortuna inconstante lhe retirava os seus favores. Mas neste último caso o pobre Gil fazia uma careta de desgosto declarando nauseabunda a água límpida dos regatos. O tempo não parecia ter melhorado o caráter do valente frade. Era sempre o mesmo homem, tagarela, ruidoso, fanfarrão e de réplica pronta. Acompanhava o bando nas suas excursões através da floresta, e era um gosto encontrar esses alegres camaradas de faces risonhas e animada conversa, que mesmo detendo os viajantes nunca perdiam o bom humor. Mostravam-se a todos que os encontravam tão visivelmente felizes, tão encantados com a sua maneira de viver, que a voz pública lhes chamou com simpatia “os alegres homens da floresta”.

Decorridos quase cinco anos ninguém mais tornara a ouvir falar de Allan Clare ou de *Lady Christabel*; sabia-se apenas que o barão Fitz-Alwine acompanhara Henrique II à Normandia.

Quanto ao pobre Will Escarlata fora engajado numa companhia.

Halbert, que desposara Graça May, vivia com sua mulher na pequena cidade de Nottingham, e já era pai de uma encantadora menina de três anos.

Maude, a linda Maude, como dizia o gentil William, continuava a fazer parte da família Garnwell, que, como tivemos oportunidade de dizer, se retirara secretamente para uma propriedade do Yorkshire.

O velho baronete encontrara junto da mulher e dos filhos o esquecimento da sua desgraça; recuperara as forças e a sua florescente saúde prometia-lhe uma longa vida.

Os filhos de *sir* Guy tinham-se tornado companheiros de Robin Hood, e viviam com ele na verde floresta. Uma grande mudança se operara na pessoa do nosso herói; crescera, seus membros tinham-se fortalecido, a delicada beleza dos seus traços tomara, sem prejuízo de uma perfeita distinção, as formas da virilidade. Com vinte e cinco anos de vida, Robin Hood parecia ter alcançado os trinta; a audácia brilhava nos seus grandes olhos negros; os seus cabelos de sedosos caracóis emolduravam uma fronte pura, apenas levemente dourada das carícias do sol; a boca e os bigodes de um negro de azeviche davam à sua

encantadora face uma expressão de seriedade, mas a severa aparência da fisionomia em nada prejudicava a jovialidade do seu temperamento. Robin Hood, que excitava ao mais alto ponto a admiração das mulheres, não se mostrava com isso orgulhoso nem fátuo: seu coração continuava pertencendo a Mariana. Amava a formosa criatura tão ternamente como no passado e ia frequentemente visitá-la ao castelo de *sir* Guy. O recíproco amor dos dois jovens era conhecido da família Garnwell, e para realizar o casamento apenas se esperava o regresso de Allan ou a notícia da sua morte.

Entre os hóspedes cordialmente acolhidos em Barnsdale (nome da propriedade do baronete saxão) encontrava-se um homem que adorava Mariana. Esse homem, próximo vizinho de *sir* Guy (o parque do seu castelo vinha até às divisas de Barnsdale), regressara havia apenas alguns meses de Jerusalém, onde tinha acompanhado uma cruzada pertencente à ordem dos Templários.

Sir Huberto de Boissy era cavaleiro, e por consequência votado ao celibato.

Certa manhã, ao voltar de um passeio a cavalo pelos arredores, *sir* Huberto avistou Mariana a uma janela do solar do seu vizinho. Achou-a formosa, desejou tornar a vê-la e informou-se de quem era. Soube-o. Imediatamente se apresentou à porta do baronete, anunciando-se como um vizinho desejoso de sociabilidade, ofereceu a sua amizade ao velho e tratou de ganhar-lhe a confiança. Era, entretanto, uma conquista difícil; o velho saxão, que detestava os normandos, manteve-se reservado e acolheu com extrema frieza as tentativas do senhor de Boissy. Não se deixando impressionar por esse primeiro insucesso, o cavaleiro voltou à carga. Então, aconselhado pela prudência, *sir* Guy mostrou-se mais tratável. Alguns dias após esse segundo encontro, Huberto fez uma visita às senhoras de Garnwell, e uma vez admitido no círculo da família mostrou-se tão franco, tão afetuoso, tão amável, que *sir* Guy, a quem ele contava histórias maravilhosas, viu dissipar-se pouco a pouco o sentimento de desconfiança que lhe inspirara o simples aspecto do normando.

As visitas de Huberto tornaram-se mais assíduas, o cavaleiro conduziu-se com tanta habilidade que ganhou completamente, se não a confiança, pelo menos a simpatia e a amizade do velho, para o qual se tornou um companheiro muito agradável.

Galante com as jovens mas sem se tornar importuno, dividia igualmente com elas as suas amabilidades e atenções. Não era possível queixarem-se da sua assiduidade, que parecia cordial e desinteressada; Mariana estava tão certa disso que nem lhe veio à idéia falar a Robin nesse caso. Contudo a moça devia temer um encontro fortuito entre os dois homens no salão do castelo, e esse encontro podia levar Robin a cometer alguma imprudência, pois era de presumir que o impetuoso jovem não veria com ânimo tranquilo a intimidade de um saxão com um inimigo da sua raça.

Huberto de Boissy era um desses homens que, sem possuir grandes qualidades físicas ou morais, têm o talento de agradar às mulheres e de se fazerem amar. Com a brandura do seu temperamento sempre fizera crer na bondade do seu coração, experimentara em sociedade verdadeiros sucessos. Essa inexplicável predileção determinou-lhe muita fatuidade e uma dose de impudência que lhe não permitia admitir uma recusa séria da parte de qualquer mulher honrada com a sua atenção.

As regras da ordem a que pertencia Huberto, interditando-lhe o casamento, submetiam-no aos deveres de uma vida casta; mas, a bem dizer, a maioria dos Templários imitava a conduta de Huberto, que, acostumado ao luxo de uma vida principesca, vivia na sociedade e levava uma existência de rapaz inteiramente livre de dispor do seu coração, da sua fortuna e dos seus ócios.

O primeiro olhar que obteve da inocente Mariana fez nascer no coração do cavaleiro uma paixão intensa, e essa paixão dissimulada a todos os olhos, ignorada daquela mesma que a causara, tornou-se um suplício para Huberto. Mantido a distância pela fria atitude da jovem, exasperado no seu vivo desdém pelos usurpadores normandos, tomou-se por Mariana de um amor rancoroso, ao mesmo tempo feito de desejo e de execração.

O cavaleiro tinha bastante finura e experiência para compreender que, excetuado o excelente *sir* Guy, toda a família suportava com relativo desagrado a sua presença. Ele próprio se sentia pouco à vontade junto daqueles a quem dava o nome de amigos, e contra os quais meditava covardemente uma cruel vingança.

A despeito da generosa bondade do seu temperamento, sucedia por vezes ao velho baronete deixar transparecer o seu desprezo pelos normandos e mimoseá-los com epítetos injuriosos. Huberto continha o ódio mortal que lhe causavam esses insultos; sorria com ar indulgente, levando não raro a sua duplicidade até fingir partilhar as opiniões do seu anfitrião, não entretanto sem ter experimentado combatê-las a fim de inspirar para si mesmo um sentimento de misericórdia e simpatia.

Huberto possuía uma inteligência notável, julgava depressa e bem quando o interesse das suas paixões exigia uma grande rapidez de visão. Fora-lhe portanto fácil, na primeira entrevista que o colocara em situação de julgar *sir* Guy, perceber que o excelente velho era um homem simples, leal, sincero e incapaz de supor nos outros os maus pensamentos que nunca lhe ocorriam.

Dois meses depois da sua primeira visita ao castelo, achou-se pelo menos na aparência tratado como um verdadeiro amigo.

Winifred e Bárbara, as duas filhas do baronete, mostravam-se polidamente amáveis com o normando; mas o mesmo não sucedia por parte de Mariana, que desconfiava instintivamente da falsa bonomia do cavaleiro do Templo.

Huberto soubera do próximo casamento de Mariana, mas fora-lhe impossível descobrir o nome do seu futuro esposo.

Um espírito menos ardente que o do cavaleiro teria recuado diante da glacial reserva de Mariana; mas, para dizer a verdade, Huberto obedecia mais a um sentimento de vingança do que à irresistível atração de um verdadeiro amor. Aguardava a hora propícia para uma repentina declaração; propunha-se cair de joelhos aos pés da moça e confessar-lhe em tom humilde a ardente paixão que sentia por ela. Mas, enquanto espreitava com paciente perseverança o momento de se encontrar frente a frente com Mariana, Huberto tentava surpreender o segredo do seu amor, prometendo-se, se viesse a consegui-lo, pisar aos pés esse perigoso obstáculo.

Interrogados pelos criados de Huberto, os vassalos de *sir* Guy deram a respeito do noivo de Mariana erradas informações; atribuíram-lhe um nome fantástico, e o cavaleiro, a despeito dos seus ardis e habilidades pesquisas, permaneceu na mais completa ignorância.

Chegou contudo a saber que o futuro esposo de Mariana era saxão, jovem e de extraordinária beleza; soube ainda que eram cercadas de mistério as visitas que ele fazia ao castelo. O cavaleiro ficou de emboscada a fim de surpreender a vinda do rival e matá-lo quando passasse; mas essa generosa intenção foi ludibriada, o moço esperado não veio.

Estavam as coisas assim, Huberto não havia revelado ainda a intensidade da sua paixão por Mariana nem o ódio que sentia por toda a família Garnwell, quando a festa de uma aldeia situada a pouca distância do solar ali chamou todos os membros dessa família. Huberto solicitou permissão para acompanhar as senhoras e essa permissão foi-lhe graciosamente concedida.

Winifred, Maude e Bárbara esperavam divertir-se bastante nessa pequena excursão; Mariana, porém, que esperava a visita de Robin Hood, pretextou uma violenta dor de cabeça para ter a oportunidade de ficar sozinha no castelo.

A família saiu, os vassalos com os seus trajes domingueiros seguiram-na, e à exceção de um homem de guarda e de duas crianças, todos os moradores do solar se afastaram de Barnsdale.

Logo que se viu sozinha Mariana subiu para o seu quarto, alindou-se o melhor que pôde e foi colocar-se ao pé de uma janela de onde podia avistar os diferentes caminhos que vinham dar à mansão. A cada momento lhe parecia ouvir o som melodioso da trompa aérea, que anunciaria a aproximação do seu bem-amado. Então a sua encantadora cabeça inclinava-se levemente para fora, um rápido clarão brilhava em seus pensativos olhos, seus lábios sérios murmuravam um nome e todo o seu ser palpitava de alegria, de ansiedade e esperança. O som, entretanto não se fazia ouvir, a sombra entrevista não alongava a sua mancha elegante sobre a areia dourada do caminho, e Mariana nada vendo com seus olhos, olhava para dentro de si mesma a fim de ver com o coração.

A espera foi longa e acabou por tornar-se dolorosa. Mariana esquadrinhava o horizonte, varou a profundidade das alamedas do parque, prestou ouvido a todos os ruídos, e desiludida em sua ardente esperança pôs-se tristemente a chorar.

Sentada numa poltrona com a cabeça apoiada numa das mãos, entregava-se com sinceridade ao seu desespero, quando um leve ruído a fez erguer os olhos.

Huberto estava à sua frente.

Mariana soltou um grito e quis fugir.

— Por que todo esse receio, *miss* Mariana? Tomais-me por algum filho de Satanás? Graças a Deus, creio ter o direito de supor que a minha presença no quarto de uma mulher não constituirá para ela um espantalho.

— Desculpe-me, senhor — balbuciou Mariana com voz trêmula; — não o ouvi abrir a porta. Estou sozinha... e...

— Creio que aprecia muito a solidão, encantadora Mariana, e quando sucede a um amigo surpreendê-la em seu retiro, mostra-lhe uma fisionomia tão descontente como se ele tivesse cometido a falta de interromper algum idílio amoroso.

Mariana, um instante dominada pelo pavor, logo recuperou a calma peculiar à sua natureza tranqüila. Ergueu altivamente a cabeça e num passo firme encaminhou-se para a porta. O cavaleiro de Boissy impediu-lhe a passagem.

— *Miss* Mariana — disse ele, — desejo conversar consigo; conceda-me, por favor, alguns momentos. Na verdade, sempre pensei que a minha visita seria melhor acolhida.

— Sua visita, senhor — voltou desdenhosamente a jovem, — é-me tão desagradável quanto foi inesperada.

— Realmente! — exclamou Huberto; — Sinto-me muitíssimo penalizado. Mas então, Mariana, é preciso saber sofrer o que não se pode evitar.

— Creio estar em presença de um fidalgo que deve conhecer os costumes da sociedade, *sir* Huberto; deve por isso permitir-me que o convide a deixar-me sozinha.

— Sou um fidalgo, minha linda senhorita — respondeu o cavaleiro num tom irônico, — mas aprecio tanto uma boa companhia que necessito uma razão mais forte que um simples capricho para me decidir a deixá-la.

— Está faltando a todas as leis da galantaria cavalheiresca, senhor — tornou Mariana. — Quer então permitir-me que o deixe num lugar aonde veio sem ser chamado nem desejado?

— Senhorita — replicou insolentemente Huberto, — acho preferível deixarmos hoje de lado a polidez, pois não tenho a intenção de me retirar, e muito menos a de a deixar sair. Já tive a honra de lhe dizer que desejo conversar consigo, e como as oportunidades para um encontro destes são tão raras como a sua beleza, ficar-me-ia muito mal não aproveitar a que consegui, pretextando, conforme o seu exemplo, uma forte enxaqueca. Escute-me pois. Há muito tempo que a amo.

— Chega, senhor — interrompeu Mariana, — recuso-me terminantemente a ouvir-lhe uma palavra mais. — Amo-a — repetiu Huberto.

— Oh! — exclamou Mariana, — Se *sir* Guy de Garnwell estivesse junto de mim o senhor não ousaria falar-me desse modo.

— Evidentemente — respondeu o Templário com insolência. Uma intensa palidez cobria a face da pobre criatura. — A senhorita possui espírito e inteligência — prosseguiu Huberto, — tornando-se portanto inútil que eu perca o meu tempo a enchê-la de tolos elogios. Essa maneira de agir teria decerto uma feliz influência sobre outra moça fútil e vaidosa, mas consigo seria ociosa e de mau gosto. A senhorita é muito linda e eu amo-a; como vê, vou direito ao fim: quer devolver-me uma pequena parte que seja do meu afeto?

— Nunca! — respondeu Mariana com firmeza.

— Eis uma palavra que seria prudente não pronunciar, quando sucede a uma jovem encontrar-se sozinha com um homem perdidamente apaixonado pela sua beleza.

— Oh! Meu Deus! Meu Deus! — exclamou Mariana juntando as mãos num movimento de súplica.

— Quer ser minha esposa? Se consentir nisso tornar-se-á uma das mais importantes senhoras do Yorkshire.

— Infeliz! — bradou Mariana, — O senhor falta vergonhosamente aos juramentos que fez. Oferece-me a sua mão, sabendo que a não tem livre; o senhor pertence à ordem dos Templários, e o sacramento do matrimônio está-lhe interdito.

— Posso ser desligado dos meus votos — tornou o cavaleiro, — e se concorda em aceitar o meu nome nada poderá opor-se à nossa felicidade. Juro-lhe pela salvação da minha alma, Mariana, que será feliz; amo-a com todas as forças do meu coração, serei seu escravo, e não terei outro pensamento que não seja o de a tornar a mais invejada das mulheres. Responda-me, não chore assim; quer permitir-me esperar o seu amor?

— Nunca! Nunca! Nunca!

— Outra vez essa palavra, Mariana — tornou Huberto num tom melífluo. — Não se comporte levemente, reflita antes de responder. Eu sou rico, possuo as mais belas propriedades da Normandia, vassalos numerosos; eles serão seus criados, verão em si a esposa bem-amada de seu amo, será o ídolo desses domínios. Cobrirei os seus cabelos de finas pérolas, far-lhe-ei os dons mais preciosos. Mariana, Mariana, juro-lhe que será feliz em minha companhia!

— Não jure, senhor, porque faltará a esse novo juramento como faltou ao que o liga ao céu.

— Não, Mariana, hei de ser-lhe fiel.

— Bem desejaria acreditar em suas palavras, — tornou a jovem num tom mais conciliador — mas não posso corresponder aos desejos que elas exprimem: meu coração já me não pertence.

— Tinham-me dito isso mas recusei acreditar, de tal modo esse pensamento me é odioso. Será verdade? Será realmente verdade?

— É verdade, senhor — respondeu Mariana corando.

— Está bem! Seja! Respeitarei o segredo do seu coração se me conceder de vez em quando uma palavra benevolente, se me disser que posso esperar o título de seu amigo. Amá-la-ei ternamente, Mariana, ser-lhe-ei inteiramente devotado.

— Não quero ter um amigo, senhor, não poderia reconhecer direitos a uma afeição que me é impossível partilhar. Aquele que ocupa os meus pensamentos possui as únicas riquezas cuja conquista ambiciono: um nobre coração, um espírito cavalheiresco e um caráter leal. Ser-lhe-ei eternamente fiel, eternamente sujeita.

— Mariana, não me atire ao desespero onde perderei a razão. Desejo conservar-me calmo e manter-me diante de si nos limites do respeito; mas se continuar a tratar-me com tanta insensibilidade, acabarei não podendo dominar a minha cólera. Mariana, escute-me; não é possível que esse homem que consegue viver afastado de si a ame tão apaixonadamente como eu. Oh! Mariana, seja minha! A que se resume a

sua existência aqui? Ao isolamento no meio de uma família estranha. *Sir Guy* não é seu pai, Winifred e Bárbara não são suas irmãs. O sangue normando, sei-o perfeitamente, corre-lhe nas veias, e o desdém que me testemunha é apenas um reflexo da gratidão que a prende a esses saxões. Venha, minha bela Mariana, venha comigo, eu lhe darei uma vida de luxo, de prazer e de festas.

Um desdenhoso sorriso entreabriu os lábios de Mariana.

— Senhor —olveu ela, — queira retirar-se; as ofertas que me faz nem sequer merecem a delicadeza de uma resposta. Tenho a honra de lhe comunicar que sou noiva de um nobre saxão.

— Repele então, despreza as minhas propostas, orgulhosa senhorita? — perguntou Huberto com a voz alterada.

— Perfeitamente, senhor.

— Duvida da sinceridade das minhas palavras?

— Não, cavaleiro, e até agradeço as suas boas intenções; somente, pela derradeira vez lhe peço que me deixe sozinha; a sua presença em meu quarto causa-me um vivíssimo desgosto.

Em resposta a esse pedido, o cavaleiro apanhou um escabelo e foi sentar-se perto de Mariana.

A jovem ergueu-se então, e de pé no meio do aposento esperou, de fisionomia calma e olhos baixos, a retirada de Huberto.

— Volte para junto de mim — disse ele após um instante de silêncio; — não pretendo fazer-lhe mal, quero apenas obter uma promessa que, sem a obrigar a romper o seu noivado com esse misterioso desconhecido a quem ama tão ternamente, me dê forças para suportar a lembrança dos seus desdém. Estou pedindo, quando me assistia o direito de exigir, Mariana — acrescentou Huberto avançando para a jovem que, sem aparente precipitação, mas com passo firme, se dirigia para a porta. — Essa porta está fechada, *miss* Mariana, e as suas lindas mãos inutilmente se magoariam contra a fechadura. Eu sou homem precavido, minha querida senhorita; não há ninguém nesta casa, e se lhe viesse a fantasia de clamar por socorro, os meus homens que estão postados a alguns passos de Bamsdale tomariam os seus gritos pela ordem de trazer ao pátio excelentes cavalos selados, e com a sua anuência ou sem ela a levariam para longe daqui.

— Senhor — disse Mariana com a voz entrecortada de soluços, — tenha piedade de mim; pede-me coisas que me é impossível conceder-lhe, e a violência nada obterá do meu coração. Deixe-me sair; como vê, não grito nem chamo ninguém, considero-o bastante para não acreditar que as suas ameaças de rapto tenham alguma coisa de sério; o senhor é um homem de honra e nem sequer lhe ocorreria a idéia de cometer uma ação tão covarde. *Sir Guy* estima-o, *sir Guy* dispensa-lhe amizade e consideração, não é admissível que o senhor tenha a coragem de trair tão horivelmente a generosa acolhida que ele lhe dispensou. Pense, toda a família Garnwell ficaria em desespero, e eu própria?! Eu me mataria, cavaleiro. E acabando estas palavras, Mariana desfez-se em lágrimas.

— Jurei que há de ser minha, Mariana.

— Pois fez um juramento insensato, senhor, e se algum dia o seu coração palpitou de amor por uma mulher, pense em que dolorosa situação ela se encontraria se, amada por um homem pretendesse obrigá-la a renegar esse amor. Talvez possua uma irmã, cavaleiro, pense nela; eu tenho um irmão, e ele não sobreviveria à minha desonra.

— Será minha esposa, Mariana, minha esposa querida, respeitada, venha comigo.

— Não, senhor, não, nunca!

Huberto que se aproximara lentamente de Mariana, quis envolvê-la em seus braços. A moça esquivou-se a essa odiosa tentativa, e correndo para a extremidade do aposento gritou com quanta energia tinha:

— Socorro! Socorro!

Huberto, pouco impressionado com um apelo que sabia muito bem sem conseqüências, pôs-se a sorrir cruelmente e conseguiu segurar as mãos da jovem. Mas no momento em que tentava atrair Mariana para si, num gesto rápido como o pensamento a moça arrancou um punhal suspenso no cinturão de Huberto e correu para a janela que ficara aberta. A pobre criatura desvairada ia ferir-se ou precipitar-se, quando o som de uma trompa atravessou com as suas notas harmoniosas o silêncio da planície. Mariana, meio debruçada no parapeito da janela, estremeceu imperceptivelmente; em seguida ergueu a cabeça, e com a mão sempre armada, o ouvido tenso, o seio palpitante, pôs-se à escuta. O som, a princípio vago e indistinto fez-se pouco a pouco ouvir claramente, para terminar dentro em breve numa torrente de notas alegres. Huberto, subjugado pelo encanto daquela melodia inesperada, não fizera qualquer movimento ofensivo na direção da jovem, mas quando o som da trompa deixou de se fazer ouvir, tentou afastá-la da janela.

— Socorro! Robin, socorro! — gritou Mariana com voz vibrante; — Socorro! Depressa, depressa, Robin, meu querido Robin, é o céu que te envia!

Huberto, fulminado de surpresa ao ouvir pronunciar aquele nome temível, quis abafar os gritos de Mariana; mas a jovem debateu-se com uma força e uma energia extraordinária.

Bruscamente o nome de Mariana retumbou do lado de fora e o rume de uma luta que deu a esse apelo; em

seguida a porta do quarto onde se encontrava a moça voou em pedaços, e Robin Hood apareceu no limiar.

Sem soltar um grito, sem dizer uma palavra, Robin pulou sobre o cavaleiro, segurou-o pelo pescoço e atirou-o aos pés de Mariana.

— Miserável! — trovejou o rapaz colocando o joelho sobre o peito de Huberto, — procuras então violentar uma mulher?

Mariana tombou, chorando, nos braços do noivo.

— Sê bem-vindo, querido Robin — disse ela; — acabas de salvar-me mais do que a vida, salvaste-me a honra.

— Minha querida Mariana — respondeu o moço, — eu não peço a Deus outra graça senão a de me encontrar junto de ti nas horas de perigo. A santa providência guiou meus passos, bendita seja ela.

Acalma-te, daqui a pouco me contarás o que se passou antes da minha oportuna chegada. Quanto a ti, desavergonhado patife — prosseguiu Robin voltando-se para o cavaleiro que acabava de erguer-se, — sai imediatamente daqui; tão grande é o meu respeito pela nobre jovem que tiveste a audácia de insultar que nem sequer me permito castigar-te diante dela. Sai...

Não tentaremos descrever a raiva do infame sedutor, que atingia os limites da loucura. Seus olhos lançaram sobre o jovem par um olhar carregado de ódio; rosnou algumas palavras indistintas, e desarmado, ridículo, insultado, desonrado, encaminhou-se para a porta, desceu cambaleando a escada que havia transposto com tanta alegria e afastou-se do solar.

Robin Hood tinha Mariana apertada contra o peito e a pobre criatura continuava a chorar, tentando mostrar ao seu salvador toda a alegria que lhe dava a sua presença.

— Mariana, querida e adorada Mariana — dizia Robin emocionado, — nada mais tens a temer, aqui estou contigo. Vamos, ergue para mim a face encantadora; desejo ver nela uma expressão tranqüila e sorridente. Mariana quis obedecer ao terno pedido do seu amado, mas não pôde pronunciar uma só palavra, tão grande era a sua comoção.

— Quem é esse homem, minha querida? — perguntou Robin após um curto silêncio, obrigando Mariana ainda trêmula a sentar-se a seu lado.

— Um cavaleiro normando cujas propriedades confinam com Barnsdale — respondeu atemorizadamente a jovem.

— Um normando! — exclamou Robin. — Como é possível que meu tio receba em sua casa um homem que pertence a essa raça maldita?

— Meu querido Robin — respondeu Mariana, — *sir Guy*, como sabes, é um velho prudente e avisado; não julgues a sua conduta sob a influência do sentimento de cólera que neste momento te anima. Se ele recebeu as visitas do cavaleiro Huberto de Boissy, acredita que um motivo sério o colocava nessa obrigação. Tanto como tu, talvez mais ainda, *sir Guy* detesta os normandos. Além da razão de prudência que levou teu tio a acolher as tentativas do cavaleiro, há ainda a astúcia, a habilidade, a untuosa velhacaria com a qual ele conseguiu insinuar-se nas boas graças de toda a família. *Sir Huberto* mostrava-se tão respeitoso, tão humilde e devotado que todo o mundo se deixou iludir pela aparente lealdade do seu caráter.

— E tu, Mariana?

— Eu — respondeu a moça, — não o julguei; mas descobri em seu olhar qualquer coisa de falso que devia repelir a confiança.

— Como conseguiu ele introduzir-se em teu quarto?

— Não sei. Eu estava chorando porque... — e a adorável criatura enrubescou baixando os olhos.

— Por quê? — insistiu carinhosamente Robin.

— Porque tu não vinhas — terminou Mariana com um meigo sorriso.

— Minha adorada!...

— Como um leve ruído atraísse a minha atenção, ergui a cabeça e deparei com o cavaleiro. Ele tinha deixado *sir Guy* pretextando qualquer coisa, afastou sem dúvida as criadas de serviço e mandou guardar pelos seus homens as proximidades da casa.

— Sei disso — interrompeu Robin, — tive de derrubar dois homens que tentaram impedir-me a passagem.

— Oh, querido Robin, salvaste-me! Sem ti eu estaria morta; ia apunhalar-me quando ouvi o som da tua trompa.

— Onde é a residência desse miserável? — perguntou Robin com os dentes cerrados.

— A poucos passos daqui — respondeu a moça levando Robin para junto da janela; — vem — acrescentou ela; — estás vendo esse edifício cujo teto domina as árvores do parque? Pois bem! É o castelo do senhor de Boissy.

— Obrigado, querida Mariana; mas não falemos mais desse homem, sofro à simples idéia de que as suas mãos infames puderam tocar as tuas mãos. Falemos de nós, dos nossos amigos; temos boas notícias para

te dar, Mariana, notícias que te deixarão bem contente.

— Ai! Robin — interrompeu tristemente a moça, — Estou tão pouco habituada à alegria que mal posso crer ainda na esperança de um acontecimento feliz.

— E estás errada, minha amiga. Vamos, esquece o que acaba de passar-se e trata de adivinhar o segredo das minhas boas notícias.

— Querido Robin! — exclamou Mariana; — Tuas palavras fazem-me pressentir alguma alegria inesperada. Recebeste porventura o teu indulto? Estarás livre, não serás mais obrigado a ocultar-te ao olhar dos homens?

— Não, Mariana, não é nada disso; continuo sendo um pobre proscrito; não é de mim que quero falar.

— Será então de meu irmão, de meu querido Allan? Onde está ele, Robin, quando virá visitar-me?

— Não tardará muito a vir, assim o espero — respondeu Robin; — recebi notícias suas por um homem que se associou ao meu bando. Esse homem, feito prisioneiro pelos normandos na época fatal do nosso encontro com os cruzados na floresta de Sherwood, foi obrigado a entrar para o serviço do barão Fitz-Alwine. O barão chegou ontem com *lady Christabel* ao seu castelo de Nottingham. Naturalmente o saxão feito soldado regressou com ele, e o seu primeiro pensamento foi reunir-se a nós. Deu-me então a notícia de que Allan tem um posto distinto no exército do rei de França, e que está prestes a receber uma licença para vir passar alguns meses em Inglaterra.

— Eis com efeito uma excelente notícia, querido Robin — disse Mariana; — como sempre, és o anjo bom da tua pobre amiga. Allan já te aprecia muito, mas quanto mais há de estimar-te quando eu lhe disser a que ponto tens sido generoso e bom para aquela que, sem o apoio do teu carinho protetor, teria morrido de tédio, de melancolia e de inquietação!

— Querida Mariana — voltou o moço, — dirás a Allan que fiz tudo o que estava ao meu alcance para te ajudar a suportar pacientemente a dor da sua ausência; dir-lhe-ás que tenho sido para ti um irmão carinhoso e devotado.

— Um irmão! Ah! Muito mais que um irmão — murmurou docemente Mariana.

— Minha adorada — sussurrou Robin apertando a jovem contra o coração, — dize-lhe que te amo apaixonadamente e que a minha vida inteira te pertence.

A doce entrevista dos dois jovens prolongou-se por muito tempo, e se aconteceu a Robin apertar com demasiada vivacidade entre as suas as delicadas mãos da sua formosa noiva, essa afetuosa carícia teve a casta reserva de um amor respeitoso.

No dia seguinte, ao romper da manhã, Robin Hood montou a cavalo, e sem avisar ninguém da sua partida precipitada, correu a toda a pressa para a floresta de Sherwood. Mediante as suas ordens meia centena de homens, colocados sob o comando de João-Pequeno, dirigiram-se a Barnsdale, e escondidos nas proximidades da aldeia aguardaram as derradeiras instruções do jovem chefe.

Nessa mesma tarde, Robin Hood conduziu os seus homens a um pequeno bosque que fazia frente ao castelo de Huberto de Boissy, e contou-lhes em poucas palavras a infame conduta do cavaleiro normando.

— Acabo de saber — acrescentou Robin, — que Huberto de Boissy se prepara para tirar uma desforra terrível; reuniu os seus vassallos, que são em número de quarenta, e esta noite deve fazer uma sortida ao castelo do nosso caro parente e amigo *sir Guy de Garnwell*; propõe-se a incendiar os prédios, a matar os homens e a raptar as mulheres. Pois bem, meus rapazes! Ele não contou conosco; defenderemos o ataque a Barnsdale, e a vitória não pode ser posta em dúvida. Eficiência, coragem, e avante!

— Avante! — gritaram com entusiasmo os alegres homens da floresta.

Às primeiras trevas da noite, as portas do castelo de Huberto deram passagem a um bando de homens que tomou silenciosamente o caminho de Barnsdale. Mas ainda mal tinha transposto os limites da propriedade do normando, quando um brado de guerra lhes passou sobre as cabeças e os gelou de terror.

Huberto lançou-se para o meio dos seus homens, e encorajando-os com a voz e com o gesto, precipitou-se para o lado de onde viera esse alarmante clamor. Imediatamente os homens da floresta deixaram o bosque e caíram sobre a exígua tropa.

A violenta luta que se travou ia tornar-se sangrenta, quando Robin Hood se encontrou frente a frente com o cavaleiro de Boissy.

O combate foi terrível. Huberto defendeu-se valentemente; mas Robin Hood, cujas forças estavam triplicadas pela cólera, fez prodígios de valor e mergulhou a espada até aos copos no coração do cavaleiro normando.

Os vassallos pediram quartel e Robin foi generoso; morto o seu inimigo, deu ordem para que o combate terminasse. O castelo de Boissy foi entregue às chamas e o senhor desse magnífico domínio enforcado numa árvore da estrada.

Mariana estava vingada.

(1) As Aventuras de Robin Hood continuam no volume intitulado *Robin Hood, o Proscrito*.

• *Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas de SARAIVA S. A., à Rua Sampson, 265, São Paulo (Brasil) em setembro de mil novecentos e cinqüenta e oito, 404º Ano da Fundação da Cidade de São Paulo.*

Este livro é distribuído GRATUITAMENTE pela equipe DIGITAL SOURCE e VICIADOS EM LIVROS com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de apreciar mais uma manifestação do pensamento humano.

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!"

Se quiser outros títulos nos procure.

Será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>